

ELOISA HELENA CAPOVILLA DA LUZ RAMOS

O TEATRO DA SOCIABILIDADE

**Um estudo dos clubes sociais como espaços de
representação das elites urbanas alemãs e teuto-
brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em História ao Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, sob orientação do *Prof. Dr. René Ernaini Gertz.*

Porto Alegre, janeiro de 2000

ELOISA HELENA CAPOVILLA DA LUZ RAMOS

O TEATRO DA SOCIABILIDADE

**Um estudo dos clubes sociais como espaços de
representação das elites urbanas alemãs e teuto-
brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930**

Agradecimentos

Agradeço

Ao prof. Dr. René Gertz, meu orientador, pela paciência, tranqüilidade e franqueza com que me tratou ao longo da orientação. Agradeço-lhe, ainda, pelo respeito ao meu ritmo de trabalho;

Aos professores do PPG em História da UFRGS, com quem aprendi muito do que hoje sei;

À prof^a Dr^a Sandra Pesavento, coordenadora do PPG, pelo incentivo permanente e disponibilidade para nos ajudar;

Aos professores do Curso de História da UNISINOS e do PPGH pela amizade e pelo apoio, em especial aos professores Dr. Arthur Blásio Rambo e Dra. Marli Moreira, pelo incentivo ao estudo dos "alemães da cidade", e ao prof. Dr. Martin Dreher, pela disponibilidade;

Ao Prof. Dr. Jean-Pierre Blay, pelas inúmeras discussões metodológicas, que foram fundamentais para o desenvolvimento desta tese;

À Direção do Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, professores Dr. José Ivo Folmann, Dr. Danilo Streck, Dra. Flávia Werle, e depois Dra. Jussara Martini, pela "corrente positiva" e apoio quando necessário;

Às secretárias do Centro de Ciências Humanas, Sidnara, Raquel, Eunice e Márcia, pela múltipla ajuda do começo ao fim da tese;

Aos colegas Coordenadores, "pela força";

Ao Diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), Pe. Pedro Ignácio Schmitz, que possibilitou a pesquisa no Deutsches Volksblatt;

À Sra. Renata Rotermund, por me permitir a pesquisa na Deutsche Post;

À Direção do ILEA/UFRGS, por me permitir consultar o Deutsche Zeitung no Arquivo Mentz, que recém se reorganizava;

À Direção do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC), onde consultamos a Deutsche Zeitung e o Correio do Povo;

Ao Diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), prof. Telmo Lauro Müller, por possibilitar a pesquisa de inúmeros acervos referentes aos Clubes Sociais e a outros aspectos de São Leopoldo;

Aos Diretores da Sociedade Orpheu, André de Alexandri e José Carlos Eggers, que me franquearam os acervos da Sociedade para um trabalho que deu origem a esta pesquisa;

Aos diretores das Sociedades Ginástica e Tênis Clube de São Leopoldo, que nos permitiram pesquisar em seus acervos;

Aos bolsistas Mirtes e Nívea, que trabalharam com a documentação da Sociedade Orpheu; Rosela, Evandro, César e Cláudio Humberto, que em diferentes tempos muito contribuiram para o êxito desta tese, pesquisando no AHRS e em diferentes acervos localizados em São Leopoldo ou organizando a documentação encontrada;

À Margarete von Mülhen, responsável pela leitura dos jornais alemães, pela sensibilidade e extrema presteza com que desenvolveu sua tarefa. Foi fundamental o seu trabalho para o bom êxito desta tese.

Ao Gabriel e à Lelê, pelo abstract na madrugada;

A todos os amigos que torceram pelo meu sucesso;

Ao Julio Dorneles e ao Ronei Baldissera, pela paciência e disponibilidade, além da competência em digitar o trabalho;

À FAPERGS, que financiou o primeiro ano de pesquisa deste Doutorado (1995/96);

À UNISINOS, que me concedeu bolsa-auxílio de 20 horas no último semestre do Doutorado (1999/1).

Entre os colegas, amigos e familiares que merecem o meu especial agradecimento, cito

A professora Dra. Helga Piccolo, pelo papel fundamental que desempenhou na minha formação de historiadora da UNISINOS à UFRGS e pela amizade. Obrigada, Helga;

Miriam e Medianeira, que foram colegas de doutorado e amigas. Comigo, formaram "as Cajazeiras". Obrigada pelo apoio incondicional, amizade, ajuda, carinho. Obrigada por existirem;

José Alberto Baldissera, amigo e colega. Pela contribuição com leituras, críticas e sugestões, cuja ajuda, na reta final, foi condição "sine qua non" para que esta tese viesse a lume;

Tatiana, Paula, Jacqueline e Sirlei, que ouviram, leram, discutiram, aconselharam, ajudaram. Foram amigas em todas as horas;

Flávia Werle, cuja amizade e apoio foram fundamentais para o final do meu trabalho;

Meu pai, que aos 80 anos ainda é curioso o suficiente para continuar a me fazer perguntas e a me contar "coisas da história";

Minha família. O Genito, que depois da tese redescobriu os domingos; a Cecília, que teve "toda a paciência do mundo" para me agüentar durante a escritura da tese e a Julinha, que foi minha ajudante competente e também uma dedicada assistente na reta final deste trabalho;

Minha irmã Elaine, que fez parte do mutirão dos leitores no final da tese.

RESUMO

A tese é um estudo sobre os clubes sociais como espaços de representação da elite urbana alemã e teuto-brasileira em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul no período compreendido entre 1850 e 1930.

Para desenvolvê-la, analisei clubes e outros espaços sociais urbanos como espaços de sociabilidade e de lazer, como espaços de “ver e ser visto” e também como espaços de representação política em quatro momentos distintos: 1858, quando foi fundada a Sociedade Orpheu, a primeira sociedade da área urbana da então vila de São Leopoldo – nesse tempo, o espaço social era o único que se apresentava para as representações de afirmação social da elite teuto-brasileira, porque o espaço político ainda não lhes estava acessível; 1885, quando já se fizera a afirmação sociopolítica da elite teuta na vida da cidade, o que foi expressado pela criação de outros clubes e, conseqüentemente, pelo aumento das práticas de lazer e sociabilidade, bem como pela participação dos teuto-brasileiros na vida política local; 1917, quando o processo de nacionalização brasileira apresentou o seu lado mais duro até então contra as populações imigrantes, entre as quais a alemã, que vinha, por sua vez, num processo

crescente de germanização e ufanismo desde a criação da nação alemã em 1871; e, 1927, quando a cidade expressa um certo cosmopolitismo, e a elite leopoldense, agora uma fatia da elite rio-grandense, busca novos espaços de representação social e política através de um novo clube social: o Recreio Juvenil.

A centralidade do trabalho está, portanto, no estudo dos clubes sociais e de outros espaços urbanos vistos como espaços de representação social e política de uma elite étnica que, ao se constituir, esteve excluída do processo político, dele se apropriando mais tarde.

Levando em conta, ainda, que se trata da construção de espaços sociais dentro da cidade e que é na cidade que o espaço social se transforma em lugar de observação das representações sociais de um determinado grupo, o trabalho insere-se, também, no campo da história urbana.

ABSTRACT

The thesis is a study of the social clubs as spaces of representation of the German and German-Brazilian urban elite in São Leopoldo in Rio Grande do Sul from 1850 to 1930, analyzed from the French historiography, especially by Maurice Agulhon and Roger Chartier.

To develop it, I analyzed clubs and other urban social spaces as spaces of sociability and leisure in four different periods of time: 1858, when Orpheu Society, the first society in the urban area in the then called São Leopoldo Village, was founded – that social space was the only one available for the representation of social affirmation of the German-Brazilian elite; 1885, when the German elite's affirmation had already taken place, which was demonstrated through the creation of other clubs and, consequently, through the increase of leisure and sociability's practice as well as by means of the participation of German-Brazilians in the local political life; 1917, when the process of Brazilian nationalization presented its hostility against immigrant populations, and the Germans were among them; and 1927, when the city expresses a certain cosmopolitanism and the

leopoldense elite seeks for new spaces of representation through a new social club: the Recreio Juvenil.

The focus of this paper is, therefore, the study of social clubs and other urban spaces seen not only as spaces of political representation of an elite that was initially excluded from the political process.

Also taking into consideration that the study deals with the construction of social spaces within the city and that it is in the city that the social space is converted in a place of observation of the social representations of a certain group, the paper is also inserted in the field of urban history.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: LISTA DE MORADORES DO CENTRO DE SÃO LEOPOLDO – 1848	277
ANEXO 2: ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE CANTO “ORPHEUS” - 1858	297
ANEXO 3: RELATÓRIO FESTIVO DO CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE ORPHEUS	302
ANEXO 4: MEMBROS DA ANTIGA SOCIEDADE DE ATIRADORES DE SÃO LEOPOLDO	319
ANEXO 5: LISTA DE SÓCIOS DA SOCIEDADE GINÁSTICA LEOPOLDENSE	322
ANEXO 6: OS FESTEJOS EM SÃO LEOPOLDO EM HONRA DO DR. GASPAR DA SILVEIRA MARTINS – “A”	327
ANEXO 7: OS FESTEJOS DE SÃO LEOPOLDO EM HONRA DO DR. GASPAR DA SILVEIRA MARTINS – “B”	339
ANEXO 8: RECEPÇÃO A SS AA EM SÃO LEOPOLDO	344
ANEXO 9: VISITA DO GOVERNADOR EM SÃO LEOPOLDO	350
ANEXO 10: COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADOR – 1887	355
ANEXO 11: COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADO ALEMÃO – 1916	361
ANEXO 12: COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADOR EM SÃO LEOPOLDO E NOVO HAMBURGO (1917)	363
ANEXO 13: UMA PALAVRA PARA A ORIENTAÇÃO POLÍTICA SOBRE A PESSOA DO INTENDENTE WILHELM GAELZER	366
ANEXO 14: ACTA DA REUNIÃO PARA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE SÃO LEOPOLDO	369
ANEXO 15: COMEMORAÇÕES OFICIAIS DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ – 20 A 23 DE SETEMBRO DE 1924	372
ANEXO 16: COMEMORAÇÃO DO 101º ANIVERSÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM SÃO LEOPOLDO EM 25 DE JULHO	380
ANEXO 17: HISTÓRICO DO PASSO - PARA DESTACAR OS 70 ANOS DA FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE ORPHEU	386
ANEXO 18: TÊNIS CLUBE SÃO LEOPOLDO	399
ANEXO 19: COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ESTATUTOS DO CLUBE RECREIO JUVENIL	401
ANEXO 20: HYMNO DO JUVENIL	402
ANEXO 21: EVENTOS DO CLUBE RECREIO JUVENIL	403

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACISL** - ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SÃO LEOPOLDO
- AHRS** - ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL
- AHSO** – ARQUIVO HISTÓRICO DA SOCIEDADE ORPHEU
- APRS** - ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL
- IAP** – INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISA
- MCSHJC** – MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA
- MHVSL** - MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO
- NETB** - NÚCLEO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIRO (UNISINOS)
- PPGH** – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (UNISINOS)
- SGSL** – SOCIEDADE GINÁSTICA SÃO LEOPOLDO
- SOGIPA** - SOCIEDADE GINÁSTICA PORTO ALEGRE
- TCSL** – TÊNIS CLUBE DE SÃO LEOPOLDO

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE ANEXOS.....	xi
LISTA DE SIGLAS.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE 1 - CENÁRIOS DO SOCIAL ENTRE 1850 E 1930.....	30
1. DO CENÁRIO OCIDENTAL AO CENÁRIO REGIONAL.....	32
2. O CENÁRIO LEOPOLDENSE: UM RECORTE LOCAL.....	65
PARTE 2 – ATORES E AÇÕES.....	83
3. O CLUBE DE CANTO ORPHEUS.....	84
4. OS ATIRADORES E A GINÁSTICA.....	119
5. OS CLUBES E AS "MARCAS" DA BRASILIDADE.....	151
6. O CLUBE RECREIO JUVENIL.....	183
PARTE 3 - A CENA ILUMINADA.....	229

7. O TEATRO DA SOCIALIDADE.....	231
EPÍLOGO.....	240
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	260
ANEXOS.....	277

INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresento tem sua origem em um livro, ou melhor, em um convite para escrever um livro e em seus desdobramentos. O livro chamou-se *“Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube”*.¹ A pesquisa tem como título “O teatro da sociabilidade” e também estuda os clubes sociais. Entre ambos, fiz a descoberta de um mundo novo em termos de abordagem histórica e de documentação. Para a abordagem histórica, busquei subsídios principalmente nos escritos de historiadores franceses como Maurice Agulhon, Roger Chartier, Alain Corbin e Christophe Charle, entre outros. Para a documentação, alarguei meu campo de ação e incluí nele desde os Estatutos aos *carnets de bal*. Nessa caminhada por São Leopoldo, fiz o registro de instituições, clubes, formas de lazer, identidades e outras tramas sociais e descobri, enfim, a sociabilidade da elite alemã e teuto-brasileira que se formara na vila/cidade para onde tinham imigrado homens e mulheres de origem teuta a partir de 1824.

¹ RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz, FIALCOW, Miriam Zeltzer, EGGERS, José Carlos. *Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube*. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1998.

Por essa razão, a pesquisa está inscrita na temática mais abrangente da imigração alemã, mas também na temática da sociabilidade e das representações sociais urbanas. Ela fala daqueles imigrantes alemães e teuto-brasileiros que, formando uma elite etnicamente definida, construíram ou se apropriaram² de espaços públicos e privados da cidade, como os clubes sociais, as chácaras e os bares, para neles se representarem, isto é, o estudo aponta como essa elite se mostrou diante de seus pares e diante da sociedade nacional e, ainda, como chegou a ser uma fração dessa sociedade nacional mais tarde.

Para desenvolver o trabalho, destaco do texto, primeiramente, a fração da sociedade que estou chamando de elite. O termo elite, originariamente designa os “melhores” (optmi). Mesmo com essa noção ampliada nas sociedades atuais, a idéia de que a elite tem “poder e competência” continua em voga.³ Elite é, também, uma palavra polissêmica, mas, na sua definição, autores das mais variadas tendências teórico-metodológicas descrevem-na como “uma classe superior”, “os que são influentes”, “o ponto mais alto”, “a nata”. Deixam muito claro, porém, que não é única a palavra nem é único o seu sentido, já que existem muitos tipos de elite, como por exemplo a econômica, a política, a administrativa, a

² “Apropriaram-se” é usado no texto em sentido figurado, isto é, no sentido de ocupar os espaços de sociabilidade e lazer já existentes na cidade, aos quais a elite deu visibilidade com sua presença, tornando-os seus espaços. Exemplos de vários tempos são o salão do Hotel Koch, o Café Comercial e a Chácara Schmidt, entre outros. Não são, na origem, espaços populares. São espaços públicos.

³ BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 283-286.

intelectual.⁴ Tais estudos, a meu juízo, não conseguem dar conta do que ocorre em São Leopoldo. Ampliando um pouco mais a análise encontramos que

Elite seria um termo empregado em um sentido amplo e descritivo, com referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o 'topo' de 'estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos'. Entender-se-ia por esta palavra, diz Flávio Heinz, citando Scott, os 'dirigentes', as pessoas 'influentes', os 'abastados' ou os 'privilegiados', e isto, na maior parte dos casos, sem outra forma de justificação, uma vez que o 'poder' da elite impõe-se por si próprio e prescinde de maiores explicações.⁵ Para dar conta do termo, porém, é necessário ter presente que as elites ocupam diferentes lugares ao mesmo tempo. Para Flávio M. Heinz, o que vai ajudar a definir as elites é o exercício concomitante de múltiplas atividades e, por conseguinte, a ocupação de espaços diversos de poder econômico e social.⁶

Considerando esses estudos, mas tentando tornar mais inclusivo o conceito de elite, busco, neste trabalho, definir elite a partir das

⁴ Entre os autores consultados, destaco ALBERTONI, Ettore. *Doutrina da classe política e teoria das elites*. Rio de Janeiro: Imago: 1990; BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Linha Gráfica Editora, 1991; CHARLE, Christophe. *Histoire Sociale, Histoire Globale?* Actes du colloque des 27-28 janvier 1989. Paris, Maison des sciences de l'homme, 1993; CHARLE, Christophe. *Les elites de la République. 1880-1900*. Paris: Fayard, 1987; GRANGE, Cyril. *Les gens du Bottin Mondain*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996; BRELOT, Claude-Isabelle, et al. *Les élites*. Bulletin n°4. Centre Pierre Léon d'histoire économique et sociale, 1995; MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

⁵ SCOTT, John. Les élites dans la sociologie anglo-saxonne. In: SULEIMAN, Ezra, MENDRAS, Henri. *Le recrutement des élites en Europe*. Paris: Editions la Découverte, 1995, Apud HEINZ, Flávio Madureira. Considerações acerca de uma história das elites. *Logos*, v. 11, n°1, História e Política. Canoas: ULBRA, maio de 1999, p. 42.

⁶ HEINZ, 1999, p. 43.

considerações feitas por Needell⁷ e do que diz Nicole Verney-Carron. Para o primeiro, que estudou a elite do Rio de Janeiro na *belle époque*, uma definição de elite pode surgir a partir de fontes primárias, grupos e instituições, estando identificada a uma definição mais ampla de poder – *derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, bem como da posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes fatores*. Numa cidade como São Leopoldo é preciso ter presente que um grupo de elite não pode ser comparado em potencial econômico com a elite da capital da República, por exemplo. Na vila/cidade, como em muitos lugares pequenos, temos também a elite de prestígio – não só a do dinheiro/poder -. A elite de prestígio em geral não tem capital econômico mas é bem nascida, é filha dos pioneiros, dos fundadores do lugar e traz o nome de família como distinção. Já os jornalistas, pastores, padres, professores e advogados têm outro tipo de capital que os coloca no grupo da elite: o conhecimento, o dom da palavra, isto é, o capital simbólico.

De acordo com Verney-Carron, elite designa *o ter posição, participar de um certo modo de vida, possuir e observar certos ritos e códigos, [...] se apropriar e defender os valores adotados pelas gerações fundadoras e transmitir esses valores a seus descendentes*.⁸ É uma definição um pouco mais alargada, mais abrangente, que inclui também um modo de vida e uma prática social. Falo aqui, então, de elite como aquele

⁷ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle époque tropical : Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 275.

⁸ VERNEY-CARRON, Nicole. A propos de l'exemple stéphanois: quelques réflexions sur l'histoire des elites provinciales aux XIXe. Siècle. *Les elites*. Bulletin n°4. Lyon: Centre Pierre Leon d'Histoire Économique et Sociale, 1995, p. 28-32.

grupo que possui não só influência, mas poder de decisão na sociedade à que pertence, e que serve de modelo social pelo seu modo de vida. Com isso, estou incluindo na elite os possuidores de prestígio social e os detentores de capital simbólico, dentre os quais, os filhos/netos de famílias pioneiras e os intelectuais, como o regente do coral, o professor, o pastor, o padre, o jornalista.

Christophe Charle⁹ alerta para o fato de as elites não serem iguais em todas as épocas. Para perceber as diferenças de que fala ou as nuances locais das diferentes elites, é preciso elaborar, diz ele, um código para a definição de um modelo de base. Neste, os aspectos “geográfico” e “social” são os pontos mais importantes. Com base nessa observação, uso, como critério de análise para determinar a fração que chamo de “elite leopoldense” nos momentos estudados, a sua inserção e participação nas sociedades e associações (as listas de nomes e cargos me permitem verificar a origem econômica e o grau de participação na vida política local e regional dessas elites). Para determinar a vida econômica do grupo utilizo relatos diversos, notícias e propagandas dos jornais. Utilizo também inventários, listas de casamentos e batizados da Igreja evangélica, (principalmente no século XIX), isto é, uso o “critério social”. O “critério geográfico”, no caso, já está definido a priori, pois trabalho só com a área urbana de São Leopoldo.

⁹ CHARLE, 1987, p. 14-23.

Posso dizer, então, que todos os homens e mulheres que são citados neste trabalho pertencem, por definição, à elite urbana de São Leopoldo. Ela será olhada, aqui, como um grupo que desde a segunda metade do século XIX vem-se distinguindo no âmbito político-econômico e social e, concomitantemente, no senso do que há de melhor, de mais distinto e mais apto a servir de modelo a ser seguido em uma sociedade. É nesse contexto que a elite enfocada buscou distintos espaços de atuação e representação, ao mesmo tempo em que, no exercício da prática social, reafirmou ou diluiu a sua identidade étnica.

Já o tema da sociabilidade, que é uma tradição da escola francesa de História Social e cujo tratamento temático iniciou-se com o livro de Maurice Agulhon,¹⁰ é abordado no trabalho com a questão da participação na vida coletiva e das formas de consumo do tempo anterior à era dos lazeres. Trata-se do estudo dos momentos que ficavam livres depois do tempo consagrado ao trabalho, à família ou ao culto religioso. Incluída na historiografia francesa como micro-história (*clubes, cafés, associações diversas [...] são estudadas na micro-história*¹¹), a sociabilidade foi estudada por Maurice Agulhon a partir de 1966, quando intitulou de “*sociabilidade meridional*” um estudo em que o subtítulo é que precisava o seu conteúdo: *confrarias e associações da Provence oriental na segunda metade do século*

¹⁰ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Paris: Armand Colin, 1977.

¹¹ *Ibid.*, p. 12.

XVIII.¹² Nesses termos, M. Agulhon foi o primeiro historiador a fazer da sociabilidade uma categoria histórica.

Em sua origem, a sociabilidade se apresentou primeiramente na forma de associações voluntárias e informais, passando depois para associações formais, isto é, com estatutos. Outros trabalhos, escritos a partir dos de Agulhon, passaram a alargar a noção de sociabilidade e a considerar a vida associativa como parte de um conceito mais amplo. Sob esse ângulo, pode-se dizer que a sociabilidade é um dos desdobramentos da história da civilização na época contemporânea (fins do século XVIII aos nossos dias). Maurice Agulhon diz que *a história da sociabilidade é um pouco a história conjunta da vida cotidiana intimamente ligada à da psicologia coletiva*.¹³

Forma típica da sociedade burguesa, a sociabilidade é definida por Catherine Pellissier como *o conjunto das formas concretas, das modalidades, das estruturas e dos processos de comunicação e de socialização dos indivíduos numa dada sociedade*.¹⁴ Em sua concretude, portanto, a sociabilidade inclui a habilidade de viver em sociedade, mas, mais do que isso, inclui também *os múltiplos modos de ligar os homens pelo seu todo*.¹⁵

¹² AGULHON, Maurice. *La sociabilité méridionale: confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du XVIIIe. siècle*. Aix-en-Provence: La pensée universitaire, 2 vol, 1966 e *Pénitents et francs-maçons de l'ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale*. Paris: Fayard, 1968.

¹³ AGULHON, 1977, p. 11.

¹⁴ *Ibid.*, p. 5.

¹⁵ GURVITCH, G. D. La vocation actuelle de la Sociologie. *Apud* BOURDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993, p. 1135.

Ligado à sociabilidade, está o uso do tempo livre. Ao longo do século XIX, o uso do tempo foi-se modificando paulatinamente e ao binômio trabalho/ócio propunha-se cada vez mais o tempo do lazer. Este, na medida em que a Revolução Industrial avançava, foi ficando cada vez mais necessário. Para a elite, personagem principal deste trabalho, surgiram várias modalidades de uso desse tempo, quer durante o ano, nas cidades, quer nas atividades programadas para o período das férias.

Como consequência da criação dessa necessidade, posso dizer, por exemplo, que a melhoria das condições de vida de alemães e teuto-brasileiros de São Leopoldo, geralmente os comerciantes, permitiu-lhes um tempo de ócio, de não-trabalho, que, junto com outros motivos, levou-os a construir no final dos anos 50 do século XIX um espaço onde pudessem se reunir para cantar. Se, de um lado, temos na fundação do Clube a tradição germânica do canto, de outro, temos também a busca da organização do tempo livre para o lazer e a sociabilidade como uma necessidade de seu tempo. O artigo 1º do Estatuto que dá origem à Sociedade Orpheu de São Leopoldo, datado de 1858, diz:

[...] a Sociedade debaixo da denominação Orpheus é uma sociedade de homens que tem por fim exercitar, cultivar e enobrecer o canto alemão, influindo e animando o gosto por ele, a fim de, por meio dele, promover uma verdadeira vida sociável e harmoniosa entre os patrícios alemães.¹⁶

Além de trabalhar com a questão da sociabilidade, esta pesquisa propõe-se a realçar as relações políticas estabelecidas pela elite

¹⁶ ESTATUTO da Sociedade Orpheu. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1858, Art. 1º.

nesses lugares de sociabilidade para apreender em que medida eles funcionavam como seus espaços de representação.

Representação é entendida aqui não só como o ato de ver e ser visto, como ato de exibição, isto é, como teatro, mas, também como a forma pela qual algo que está presente ao espírito se faz 'ver', ou ainda, como uma prática que perpassa a ação política. Nesse contexto, não posso perder de vista que a política é uma forma de representação, nem deixar de considerar que política e representação se interpenetram. De uma maneira geral, diz Maria Eunice Maciel,¹⁷ representação remete à *tradução mental de uma realidade exterior percebida*,¹⁸ ligada ao processo de abstração, e é, como diz Sandra Pesavento, a *re-apresentação de algo que se encontra ausente no tempo e no espaço*.¹⁹ No presente estudo cito o canto em alemão e o culto aos Imperadores alemães (pós 1871) como exemplos de representações da Alemanha entre os imigrantes de São Leopoldo.

Estudando as representações sociais do ponto de vista das relações entre os grupos, Sandra Jovchelovitch mostra que as *representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora*

¹⁷ MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio Pereira (orgs). *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, p. 78.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire médiéval*. Paris: Gallimard. Bibliothèque des Histoires, 1985, p. 1, citado por MACIEL in: FÉLIX; ELMIR (orgs.), 1998.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra J. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Revista Cultura Vozes*, nº 5, set./out., Petrópolis, 1995.

*pertença a todos, transcende a cada um individualmente.*²⁰ Na passagem, já transparece a questão da identidade, mas também a questão da alteridade, isto é, explicita-se a dinâmica das relações entre “nós” e “os outros”.

Para Roger Chartier, as representações do mundo social são também componentes da realidade social e *toda representação se apresenta como representação de alguma coisa*²¹. Ele retoma os estudos de Durkheim e Mauss sobre o conceito de representações coletivas, a partir dos quais abre uma dupla via de interpretação da sociedade. Uma delas

*[...] pensa a construção das identidades sociais como resultado de uma relação de forças entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear, e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma.*²²

Uma identidade étnica é *sempre e inevitavelmente um produto de atos significativos de outros grupos.*²³ *Ela se constrói na relação entre a categorização pelos não-membros e a identificação com um grupo étnico particular.*²⁴ Aqui se pode exemplificar com as nomeações que se dão aos grupos, chamando-os, por exemplo, de alemães ou teuto-brasileiros, isto é, dando-lhes uma identidade, estabelecendo uma diferenciação entre esses grupos e os outros. Dependendo do contexto, essa nomeação pode ou não

²⁰ JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 81.

²¹ CHARTIER, Roger. *Au bord de la falaise: l'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel S.A, 1998, p. 178.

²² GINSBURG, C. Les batailles nocturnes. Sorcellerie et rituels agraires en Frioul, XVIe-XVIIIe. *Apud* CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 11(5), 1991, p. 183.

²³ DRUMMOND, *apud* POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 142.

²⁴ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 142.

gerar resistências, ou seja, determinar em que medida *a definição imposta pelo outro deixa uma margem de liberdade aos grupos categorizados desta forma para estabelecer seu próprio critério de definição.*²⁵ A outra via considera o recorte social objetivado como *a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.*²⁶ Nesse caso, Chartier aponta tanto para a delimitação interna do grupo quanto para o seu reconhecimento externo, que são, também, característicos da identidade étnica. *A nomenclatura, neste caso, [...] é, por si própria, produtora de etnicidade.*²⁷ Pierre Bourdieu caminha nessa mesma linha quando diz que *o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido como distinto,*²⁸ ou seja, o grupo se distingue pelo pertencimento e marca a sua diferença pelas suas características próprias. A percepção da distinção respaldada no coletivo funciona como verdade para o grupo. Assim, quero dizer que a pesquisa se inscreve, em última instância, também no âmbito das representações, desenvolvidas no bojo da sociabilidade, tendo como pano de fundo a questão da identidade étnica. Esta, expressa na etnicidade, será trabalhada nesta pesquisa a partir das idéias de Fredrik Barth. Para ele, *a etnicidade é uma forma de organização social baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha*

²⁵ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 142-143.

²⁶ BOLTANSKI, L. Les cadres. La formation d'un groupe social, *apud* CHARTIER, Roger, 1998, p. 178.

²⁷ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 143.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996, p. 112.

*validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.*²⁹ Ampliando a análise, Philippe Poutignat diz que *a existência e a realidade de um grupo étnico só pode ser atestada pelo fato de que o próprio grupo se designa e é designado por seus vizinhos por intermédio de um nome específico [...], pois o fato de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos, a despeito do que estes, assim nomeados, pensam do seu pertencimento a uma dada coletividade.*³⁰ Poutignat destaca ainda que o fenômeno é particularmente visível nas situações migratórias, quando os *da terra* tendem a englobar os que chegam numa identificação comum, mesmo que os recém-chegados se percebam como culturalmente diferenciados. Ao comentário de Lopreato, de que os migrantes *não deixam a Itália como italianos, mas como genoveses, venezianos, sicilianos e que só descobrem quem são depois de sua chegada à América*³¹, posso apor o meu comentário a propósito dos imigrantes teutos. Eles chegaram ao Brasil e ao Rio Grande do Sul como meklemburgueses, renanos, pomeranos, prussianos, westfalianos, silesianos. Aqui identificavam-se assim, mas serão nomeados alemães pelos luso-brasileiros que já ocupavam estas terras. Terão, nesse caso, uma identidade atribuída.

*O que se pode observar nestas situações é que o fato de serem coletivamente nomeados acabou por produzir uma solidariedade real entre as pessoas assim designadas, talvez porque, em decorrência desta denominação comum, eles fossem coletivamente o objeto de um tratamento específico.*³²

²⁹ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 141.

³⁰ *Ibid.*, p. 144-145.

³¹ *Ibid.*, p. 144.

³² *Ibid.*, p. 145.

Isso significa dizer que no início da colonização alemã no Rio Grande do Sul, por exemplo, esses imigrantes, mesmo em sua heterogeneidade, eram vistos como alemães, em oposição ao grupo luso-brasileiro já existente aqui. O resultado dessa nomeação é que, ao mesmo tempo em que tiveram que se constituir em um grupo homogêneo, os imigrantes se constituíram também como os diferentes, como “os outros”.

O que marca, finalmente, é que o contato entre indivíduos de origens diferentes, ocasionado pelas migrações, desencadeia o processo de formação da identidade étnica que é construída pelo grupo transmigrado durante seu processo de interação com outros grupos que lhe estão próximos. Para F. Barth, ainda, as identidades étnicas estão associadas a valores culturais que servem como critérios para avaliar a pertença.³³ Na medida em que acredito que o processo de formação da identidade alemã foi alcançado a partir de valores culturais e que o desdobramento desse processo chegou às áreas de imigração, creio também que na bagagem trazida pelos alemães para o Rio Grande do Sul tenha vindo incluída uma visão de mundo fundamentada em valores teutos. No contato com os rio-grandenses, os imigrantes desenvolverão a idéia de pertencimento a uma etnia e a uma cultura própria, internamente delimitada e externamente reconhecida. Portanto, *não é o viver numa região de colonização alemã ou possuir um tipo físico germânico que confere a alguém identidade étnica, pois esta é culturalmente construída.*³⁴ Isso quer dizer que trabalhar com a

³³ *Ibid*, p.132.

³⁴ MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 5.

identidade étnica teuto-brasileira em São Leopoldo é também trabalhar com representações e que possuir determinados costumes ou práticas de lazer evidencia a existência de símbolos que foram construídos em diferentes épocas para marcar diferenças da sociedade alemã diante da brasileira, assim como para marcar diferenças internas do/no próprio grupo estudado.

Neste estudo, quero afirmar ainda que o recorte espaço-temporal priorizado é a vila e depois cidade de São Leopoldo por ser ela o núcleo inicial da colonização alemã no Rio Grande no Sul e no Brasil³⁵ em um tempo compreendido entre a segunda metade do século XIX e os primeiros trinta anos do século XX. Nesse longo período, os recortes serão quatro. Primeiramente, o ano de 1858, quando a elite funda o primeiro clube social na área urbana de São Leopoldo, a Sociedade Orpheus.³⁶ Nesse momento, ela estava em busca de um espaço de afirmação. A seguir, o ano de 1885, quando surgem os clubes de Tiro, a Sociedade dos Atiradores e a Sociedade Ginástica de São Leopoldo, reafirmando e alargando o lugar que a elite ocupava na cidade. O terceiro tempo marcado é o ano de 1927, quando é fundada a Sociedade Recreio Juvenil como um novo espaço de representação da elite urbana de São Leopoldo e quando já ocorria um processo de interação com a sociedade rio-grandense. Finalmente, destaco

³⁵ Cronologicamente, São Leopoldo não foi a primeira área a receber imigrantes alemães no Brasil, mas, como diz Giralda Seyferth, “[...] a maioria dos autores e a própria população teuto-brasileira utilizam como marco inicial (da imigração), [...] a data da fundação de São Leopoldo, 25 de julho de 1824”. SEYFERTH, Giralda. In: MAUCH; VASCONCELLOS, 1994, p. 12.

³⁶ Essa sociedade foi fundada com o nome de Clube de Canto Orpheus (Gesellschaft), passando, depois, a se chamar Sociedade Orpheus. No período da II Guerra Mundial, durante a campanha de nacionalização, teve seu nome aportuguesado para *Sociedade Orpheu*. Permaneceu com a grafia antiga, só perdendo o “s”. Isso, creio, se deveu ao fato

o ano de 1917, um recorte imposto de fora para dentro, liderado por autoridades governamentais e fortalecido pelo desenrolar da I Guerra Mundial. É um tempo que se propõe, grosso modo, a abrasileirar as regiões de imigração e que vê em tais áreas os clubes sociais e outras instituições como espaços que precisam se nacionalizar (falar português). Cada um desses momentos corresponde a uma etapa da história local, embora inseridos no contexto da história regional e nacional. Tais tempos, sabemos, são arbitrários como todo recorte o é. Entretanto, são eles que vão-me permitir compreender o significado dos clubes sociais não só como espaços de sociabilidade e lazer, mas também como espaços de representação política da elite teuto-brasileira. Com isso, quero dizer que não pretendo vê-los só como o teatro da política partidária, mas, principalmente, como espaços de representação da trama e da urdidura social na qual se inclui a política. Em tal recorte, São Leopoldo será olhada enquanto espaço que se constrói e reconstrói permanentemente, oferecendo para seus habitantes não só lugares de trabalho e enriquecimento, mas também de lazer e sociabilidade. A cidade será, portanto, o *locus* privilegiado de representação da elite alemã e teuto-brasileira neste trabalho. Sob essa perspectiva, a pesquisa insere-se no campo de estudo da história urbana, porque leva em conta que se trata da construção do espaço social dentro da cidade e que é na cidade que o espaço social se transforma em lugar de observação das representações sociais de um determinado grupo.

de que, em português, nessa época, a grafia da letra “f” era feita com “ph”. O aportuguesamento do nome da Sociedade mudou-lhe também a pronúncia.

Desenhado o cenário e estabelecidos os suportes sobre os quais vou me debruçar, é mister destacar os questionamentos que me propus a responder com este trabalho. O estudo se articulará em torno das questões que seguem:

- Quem pertencia à elite urbana de São Leopoldo em cada um desses períodos, ou seja, quem fundava clubes e associações e por que o fazia?
- Através de que elementos, representações, práticas, circunstâncias ou processos essa elite construiu/afirmou sua particular identidade étnica alemã ou teuto-brasileira?
- Em que medida a dinâmica da vida urbana atuou como fator de preservação da identidade étnica da elite teuta?

Os questionamentos acima remetem-me a duas hipóteses que pretendo testar ao longo do trabalho:

(1) A elite urbana alemã e teuto-brasileira de São Leopoldo da segunda metade do século XIX até os anos 30 do século XX, descrita ao longo do trabalho, criou e/ou se apropriou de espaços de sociabilidade e neles se representou social e politicamente;

(2) A dinâmica da vida urbana nem sempre atuou como fator de preservação da identidade étnica (resistência) da elite teuta no período estudado.

Os passos necessários para comprovar essas hipóteses são, em primeiro lugar, investigar a origem (sociopolítica, econômica, religiosa, cultural) da elite urbana de São Leopoldo para verificar quem fazia parte dela e, sobretudo, para compreender quais eram os critérios de inclusão/exclusão dessa elite em cada período estudado. Em segundo lugar, é necessário apontar os espaços de sociabilidade criados por essa elite e também aqueles existentes na vila/cidade e verificar em que medida esses espaços foram usados pelas elites como espaços de representação social e política. Para tanto, é necessário estudar os elementos, representações, práticas, circunstâncias e processos através dos quais essas elites afirmavam sua particular identidade étnica alemã ou teuto-brasileira. Finalmente, tem-se que determinar em que medida a dinâmica da vida urbana atuou como fator de preservação dessa identidade e representatividade das elites no período estudado. Esses passos serão desenvolvidos ao longo da pesquisa.

Existem, entretanto, algumas questões que são pontuais em cada tempo estudado, não se repetindo noutros momentos. São essas questões que permitirão a comparação entre os diferentes momentos da história da vila/cidade.

Entre os fatores que, por sua importância, me levaram ao tema, cabe destacar os seguintes:

- pertinência da inclusão de novas temáticas, como as do lazer e da sociabilidade e seus desdobramentos, nos estudos históricos. Inseridas no recorte da História Social, essas temáticas fazem parte dos novos objetos

de estudo da História, conforme Le Goff e Nora.³⁷ Aqui cabe uma referência à obra de Norbert Elias,³⁸ cujo fio condutor transita pelo ângulo da sociabilidade, já que seu trabalho está centrado no estudo *do desenvolvimento dos modos de conduta, na 'civilização dos costumes'*.³⁹ estando, como o trabalho de Maurice Agulhon, perpassado pelas atitudes desenvolvidas na vida cotidiana e ligado também à da psicologia coletiva;

- contribuição para o crescimento dos estudos de história comparada, sob diferentes enfoques, entre as áreas de imigração regionais, nacionais ou internacionais. Para que se possa fazer esse tipo de história, é preciso comparar resultados de pesquisa, não só estabelecendo convergências e diferenças na organização das sociedades e/ou dos lares, mas delas tirando conclusões. A comparação pode ser de tempos diferenciados em uma mesma cidade, ou de tempos, lugares e imigrantes diferenciados, como a pesquisa que apresentamos em outro trabalho.⁴⁰ Como diz Bóris Fausto, a história comparada é *um recurso cada vez mais utilizado nos estudos sobre imigração efetuados no exterior*,⁴¹

- necessidade de alargar os estudos sobre a imigração alemã nas áreas urbanas. A bibliografia consultada mostra que, na sua maioria, os estudos sobre imigração no Brasil ou são análises gerais, onde se inclui a

³⁷ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1995.

³⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

³⁹ *Ibid.*, v.1, p. 10.

⁴⁰ BLAY, Jean-Pierre; RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz. *Sociabilidade e comunidades estrangeiras: os ingleses de Chantilly, os alemães de São Leopoldo no século XIX - Um ensaio de história social comparada*. In: SBPH : Anais da XVIII Reunião Anual. Curitiba: SBPH, 1999, p. 299-301.

questão da mão-de-obra para a lavoura do café, ou são temas pontuais, incluindo aí a colônia alemã como um todo. Pode-se dizer que o enfoque dado é muito mais ligado à área rural do que à urbana, ou então aos pioneiros e ao sucesso que tiveram no desenvolvimento da colonização. Essa é uma afirmação que serve também para o Rio Grande do Sul, onde estudos sobre a vida urbana em todos os seus desdobramentos são pouco freqüentes para as áreas de imigração. Exemplos para o Brasil são as obras de Maria Tereza Schorer Petrone.⁴² Na análise da imigração, a autora examina-a ligada às necessidades das fazendas de café. Nos estados do Sul, Maria Tereza Petrone dá ênfase ao desenvolvimento da pequena propriedade rural. Sobre o imigrante urbano, muito pouco ela fala. A mesma autora trata, em outro volume⁴³, do imigrante e da pequena propriedade. Nesse livro, ela centra sua análise na organização da pequena propriedade rural no centro-sul do Brasil e nos resultados da colonização com imigrantes. Aponta algumas dificuldades para a análise do imigrante urbano, assim como do imigrante que não teve sucesso, tema que não é priorizado pelos estudiosos. Paula Beiguelman,⁴⁴ ao trabalhar com a crise do escravismo no Brasil, faz toda uma retrospectiva da imigração, especialmente na lavoura do café de São Paulo, mostrando as fases pelas quais passou até a I Guerra Mundial e as leis criadas em torno dessa temática.

⁴¹ FAUSTO, Bóris. Apresentação da obra de TRUZZI, Oswaldo M. S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁴² PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In: FAUSTO, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1978, cap. 3, p. 93-133.

⁴³ PETRONE, Maria Tereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁴⁴ BEIGUELMAN, Paula. *A crise do escravismo e a grande imigração*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Alencastro e Renaux⁴⁵ escrevem um capítulo sobre a imigração no segundo volume da *História da vida privada no Brasil*. Nele, levantam a existência de duas correntes que, em nível de Parlamento, discutem a imigração, posta nos seguintes termos:

*[...] resumindo os interesses em jogo, podem-se definir as diferentes correntes que se enfrentavam na imprensa e no Parlamento no terreno da política imigrantista. No fundo, antes de responder à pergunta: “Quem virá trabalhar em nosso país?” os responsáveis pela política governamental deveriam ter resolvido uma questão prévia: “Para quem se virá trabalhar em nosso país?” Se o imigrante viesse trabalhar por conta de outra pessoa, para os fazendeiros, poderia ser de qualquer raça. Em compensação, se viesse cultivar terras por conta própria, deveria preencher as características étnicas e culturais desejadas pelos funcionários do Império. Tais eram as alternativas que se apresentavam.*⁴⁶

Por essa discussão passavam, portanto, as questões relativas à imigração de chineses e às dificuldades advindas da relação inicial com os colonos alemães, portugueses ou italianos. Entretanto, concluem os autores, esses grupos imigrantes satisfaziam, ao final do império, as duas correntes, pois eram pobres, substituíam de alguma forma os escravos nas fazendas e lavouras, eram brancos e, em grande parte, católicos, o que os colocava como parte integrante do projeto “civilizatório” nacional.

Esses são alguns dos autores mais usados na escrita da história da imigração no Brasil. Longe de duvidar de sua importância, o que

⁴⁵ ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luíza. Caras e modos dos imigrantes. In: NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil: Império*. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 293.

quero destacar são os aspectos sobre os quais se fala e aqueles sobre os quais se faz silêncio nessa historiografia.

Quanto à temática da sociabilidade e das representações da elite imigrante a partir dos clubes sociais, objeto central da pesquisa que desenvolvo, a historiografia referente à imigração no Brasil ou no Rio Grande do Sul não lhe dedica mais do que algumas linhas.⁴⁷ O mesmo fenômeno se repete quanto a São Leopoldo. Os escritos locais que podem ser enquadrados dentro da temática da sociabilidade são descrições sobre o modo de vida, informações sobre a cidade, episódios pitorescos, relatos de bailes e festas. Por outro lado, os estudos sobre as sociedades recreativas como matrizes para o estudo da elite e de suas representações políticas, têm sido ainda muito pouco contemplados. O que fica patente é que, na perspectiva em que abordo o tema, os escritos são esparsos, necessitando de (re)leituras.

A partir dessas constatações, optei por analisar obras que, falando da imigração, fizessem abordagens que considero como fundamentais para a pesquisa, no todo ou em parte, com o propósito de ter um panorama, o mais amplo possível, para dar suporte à mesma. Daí a heterogeneidade do grupo de autores analisado.

⁴⁷ Sobre a temática da mulher, incluindo-se nela a sociabilidade, cito o livro de RENAUX, Maria Luíza. *O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: Ed. da FURB, 1995. Cito ainda a dissertação publicada de FÁVERI, Marlene. *Moços e moças para um bom partido : A construção das elites – Itajaí, 1929 - 1960*. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.

Entre as obras de caráter geral, destaco a de E. Hobsbawm,⁴⁸ cujo texto, ao apontar para o grande movimento das populações para todas as partes do mundo, principalmente na segunda metade do século XIX, realça a questão da imigração alemã para a América. Para ele, os movimentos populacionais e a industrialização andam juntos, assim como andam juntas também migração e urbanização. A visão desse autor sobre a problemática imigração/ burguesia/ nacionalismo se completa na obra “*A era dos impérios: 1875-1914*”.⁴⁹ Outro tipo de obra de caráter geral é a que resulta de Simpósios ou Seminários e que traz um grande número de estudos especializados de diferentes países e de determinadas épocas. É o caso do estudo publicado sob a coordenação de Maria Beatriz Nizza da Silva.⁵⁰ A obra situa o estágio dos estudos sobre a emigração portuguesa na América do Norte e no Brasil nos séculos XIX e XX. Os textos trazem reflexões sobre as questões da imigração, destacando-se os de Paulo Filipe Monteiro⁵¹ e de Ana de Saint- Maurice.⁵² Incluo entre esses também a obra coordenada por Bóris Fausto, *Fazer a América*,⁵³ por propor diferentes abordagens sobre o tema das migrações na América Latina.

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, cap. 5 e 11.

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, cap. 6 e 7.

⁵⁰ NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz *et al.* (orgs.) *Emigração/imigração em Portugal*. Actas do Colóquio Internacional sobre emigração e imigração (século XIX e XX). Algés: Editora Fragmentos Ltda., 1993.

⁵¹ MONTEIRO, Paulo Filipe. Emigrantes emigrados: da Lousã ao Connecticut uma investigação em dois tempos. *In* NIZZA DA SILVA, p. 323-347.

⁵² SAINT-MAURICE, Ana de. Cabo-verdianos residentes em Portugal – imagens a preto e branco. *In*: NIZZA DA SILVA *et al*, 1993, p. 392-406.

⁵³ FAUSTO, Bóris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Ed. da USP, 1999.

Em se tratando de autores que escrevem sobre a imigração no/para o Brasil, o critério de seleção foi semelhante. Os estudiosos da imigração caracterizam-se por fazer um apanhado histórico das suas causas e um panorama dos lugares onde ela se localizou, concluindo com a importância do grupo para a economia brasileira e/ou para a sua vida social e política. Os estudos estão centrados, preferencialmente, no eixo Rio-São Paulo. Entre os autores lidos, alguns centram-se nessa visão mais geral.⁵⁴ Já os estudos mais regionalizados e/ou temáticos sobre a imigração apresentam recortes importantes, como fez Maria Luiza Renaux,⁵⁵ que, em sua tese publicada, enfatizou a história da mulher de origem alemã no Vale do Itajaí. Ao fazê-lo, abordou também a história da imigração em Santa Catarina, especialmente a permeada pelo mundo feminino alemão. A mulher apareceu, nesse contexto, como guardiã da memória. Marlene de Fáveri⁵⁶ é outra catarinense que escreveu sobre sua terra, Itajaí, destacando a formação da elite da cidade a partir do estudo do Bloco dos XX, entre os anos de 1929-1960. Não é, necessariamente, um estudo sobre imigração, situando-se mais no contexto dos trabalhos sobre a formação das elites. Tendo também Santa Catarina como matriz de suas pesquisas, Giralda Seyferth⁵⁷ tem-se destacado em estudos sobre a imigração alemã,

⁵⁴ FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974; WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

⁵⁵ RENAUX, 1995.

⁵⁶ FÁVERI, 1999.

⁵⁷ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1990; _____. Etnicidade, pluralismo e imigração no Brasil, in: REICHEL, Heloisa e GUTFREIND, Ieda (orgs). *América Platina e historiografia: história agrária, imigração e etnia, história política e mentalidades*. São Leopoldo: PPGH/UNISINOS, 1996; _____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica, in: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*.

priorizando a temática da identidade étnica teuto-brasileira e outros temas correlatos.

Sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, há muitos trabalhos escritos. Algumas abordagens têm sido mais gerais, estudando a imigração como um todo. Outras trabalham com o assunto de forma temática, dentre elas, as que enfocam os operários, os Mucker, as canções, a escola, a Igreja, o nacionalismo, o associativismo, a germanidade, o fascismo, a mulher e outros temas menos votados. Nesses trabalhos temáticos, há diferentes tipos de abordagens. Alguns são descritivos e informativos, outros, analíticos, mas ambos os tipos, em seu todo, formam um importante conjunto de fontes e de análise e mostram, também, em que áreas há poucos estudos, isto é, as carências de pesquisa sobre a imigração alemã. Em minha avaliação, repete-se em nível regional aquilo que aponto em nível nacional.

Do conjunto de obras analisadas, destaco, entre outras, as de Leopoldo Petry,⁵⁸ de Aurélio Porto⁵⁹ e do Pe. Balduino Rambo.⁶⁰ Tomados em seu conjunto, tanto Petry quanto Porto ou Rambo querem mostrar a pujança da colônia, o acerto do Governo em trazer alemães e o quanto estes eram trabalhadores e ordeiros. Seus trabalhos estão inscritos em períodos

Canoas: Ed. ULBRA, 1994; _____. Etnicidade e ascensão social: estudo de caso entre teuto-brasileiros. Caxambu: XXI Encontro Anual da ANPOCS (fotocópia); _____. Pluralismo, etnia e representação política, in: PALMEIRA, Moacir; GOLDMANN, Márcio (orgs.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

⁵⁸ PETRY, Leopoldo. *O Município de São Leopoldo*. São Leopoldo: Rotermond, 1923.

⁵⁹ PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. 1ª reedição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996.

⁶⁰ RAMBO. Balduino. A imigração alemã. *Enciclopédia Rio-grandense*, v. 1. O Rio Grande Antigo. Canoas: Editora Regional Ltda. 1956.

em que era importante trazer à luz essas populações “esquecidas” na e pela historiografia oficial do Rio Grande do Sul ou sofridas com as Guerras Mundiais (um tempo em que o salientado era a não-integração e o combatido era o pertencimento à nação alemã). Nesses períodos, não se olhava o já conseguido; ressaltava-se o não-acontecido.

Outra obra de importância nesse contexto foi a de Jean Roche,⁶¹ para quem a colonização alemã foi um “enxerto vigoroso” na vida rio-grandense porque *transformaram primeiro sua economia, depois, sua sociedade, enfim, seu corpo cívico.*⁶² No que tange à sociabilidade na área urbana das colônias alemãs, Jean Roche diz que as sociedades somente apareceram quando os comerciantes adquiriram certa prosperidade e os *Brummer* despertaram o *Deutschtum*, o germanismo. Muitos outros autores também trabalharam com distintos aspectos dessa imigração.⁶³ Quanto aos

⁶¹ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

⁶² *Ibid.*, p. 771.

⁶³ Sem esgotar a lista, incluo entre os estudiosos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, PICCOLO, Helga Iracema Landgraf (org.). Levantamento e apreciação da problemática de São Leopoldo no período de 1824-1889. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo: Unisinos, 1974; _____. A colonização alemã em Nova Petrópolis: apontamentos para a história do Município. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*, ano 1, nº 1, 2º semestre/1973; _____. (org.) *Coletânea de discursos parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: 1835/1889*. v. 1 e 2. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1998; DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1983; RAMBO, Arthur Blásio. A sociedade união popular. *Perspectiva econômica*, v. 27, nº 79, Série Cooperativismo, nº 32. São Leopoldo: UNISINOS, 1992, p. 31-56; _____. O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil. *Perspectiva Econômica*, v. 23, nº 62-63 e Cooperativismo nº 24-25. São Leopoldo: UNISINOS, 1988; _____. As contribuições dos imigrantes vindos da Europa Central e do Norte. *Estudos Leopoldenses*, v. 29, nº 132, abril/maio de 1993, p. 47-79; _____. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994; _____. Nacionalidade e cidadania, in: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994; GERTZ, René E.. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991; _____. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. AMADO, Janaina. *Conflito social no Brasil: a revolta dos 'Mucker'*. São Paulo: Símbolo, 1978; DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias. Um estudo dos Mucker e seu tempo*. Tese de doutorado apresentada no PPGAS da FFLCH da USP. São Paulo, 1996 (fotocópia).; TRAMONTINI, Marcos Justo. *A colônia de São Leopoldo*. A

pesquisadores cujo tema de pesquisa é a “Colônia Alemã de São Leopoldo” e seu entorno em uma perspectiva histórica ou a cidade de São Leopoldo, seus estudos podem ser centrados em dois pólos: o primeiro, representado pelo grupo de pesquisadores do Instituto Histórico Visconde de São Leopoldo;⁶⁴ o segundo, formado por dissertações e teses defendidas no PPGH da UNISINOS.⁶⁵

Além da bibliografia consultada e das fontes impressas, busquei outros suportes para a pesquisa, entre os quais, a possível documentação existente nos clubes sociais de São Leopoldo. O que se sabia, concretamente, é que boa parte da documentação desses clubes, escrita em alemão, havia sido destruída no período da II Guerra Mundial.

organização social dos imigrantes na fase pioneira. Tese de doutorado em História, apresentada à PUC de Porto Alegre. Porto Alegre: 1998 (fotocópia); PESAVENTO, Sandra Jatthy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988; _____. O imigrante na política rio-grandense, in: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sérgio (orgs) *et al.. RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; _____. De como os alemães se tornaram gaúchos pelos caminhos da modernização, in: MAUCH; VASCONCELLOS, 1994, p. 199-220. LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1981; FLORES, Hilda Agnes H. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1983; WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí, in: MAUCH; VASCONCELLOS, 1994, p. 105-117.

⁶⁴ Dos trabalhos e pesquisas do grupo ligado ao MHVSL, destaco os de MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã, 160 anos de história*. São Leopoldo: Rotermond, 1984; _____. *Herança de geração em geração*. São Leopoldo: Rotermond, 1988. _____. *Sociedade Ginástica: cem anos de História*. São Leopoldo: Rotermond, 1986; MÜLLER, Telmo Lauro (organizador). Anais do 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 10º Simpósios de História da Imigração e Colonização Alemãs. São Leopoldo: MHVSL, 1974-1986; UNISINOS, 1992; e os de MOEHLECKE, Germano Oscar. *O Vale do Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermond, 1978; _____. *Vida Social: usos e costumes*. São Leopoldo: s.n., 1997.

⁶⁵ Entre outros trabalhos, cito os de MEYRER, Marlise Regina. *Evangelische stift: uma escola para “moças das melhores famílias”*. Dissertação de Mestrado em História apresentada na UNISINOS em maio de 1997. São Leopoldo: UNISINOS, 1997; SILVA, Haiké Roselane K. da Silva. *Representações do humor no imaginário teuto-brasileiro*. Dissertação de Mestrado apresentada na UNISINOS em maio de 1996 (fotocópia). São Leopoldo: UNISINOS, 1996; SPERB, Angela Tereza. *Mais que nunca é preciso cantar: as sociedades de canto em Hamburgerberg (São Leopoldo - Brasil) e Esperanza (Argentina) e a preservação da identidade étnica*. Dissertação de mestrado apresentada na UNISINOS em março de 1995 (fotocópia).

Uma busca paciente que incluiu a Sociedade Orpheu, a Sociedade Ginástica de São Leopoldo, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Tênis Clube de São Leopoldo e também a SOGIPA (Sociedade Ginástica Porto Alegre) revelou-se muito frutífera. Com isso, pude incluir nas minhas fontes documentais Estatutos, relatórios de aniversário, balanços, livros de atas, livros-caixa, *carnets de bal*, convites de festa. Com tais fontes, eu tinha agora, também, muitos nomes. A elite de São Leopoldo começava a se mostrar. Incluí, então, no conjunto documental, um número expressivo de inventários, em especial do século XIX. Com mais essa fonte, muitos dos “meus personagens” ganharam um endereço, e os fundadores do Orpheu, que eu procurava sistematicamente, começaram a aparecer e, com eles, os parentescos, casamentos, riquezas materiais, profissão. Foi assim que Wilhelm Härtel deixou de ser um nome na lista dos fundadores do Orpheu para ser um fabricante de cerveja que morava em uma casa entre a Igreja Matriz e a Rua Grande e que possivelmente era o proprietário do “Convento da Cerveja”, um local de sociabilidade masculina.

Reforcei a busca da elite leopoldense nas listas de nascimento dos primeiros livros de registros da Comunidade Evangélica de São Leopoldo. O que eu buscava, na verdade, era a dinâmica da vila/cidade desde os anos 1850. Apesar da ampliação das fontes, as pessoas ainda não tinham vida própria na pesquisa. Poucos haviam adquirido alma. Nesse meio tempo, a cidade ia tomando vida, especialmente pelos relatos de viajantes e memorialistas locais. O pano de fundo completava-se. Aos documentos fragmentários, foi juntada, por fim, a documentação dos jornais

em língua alemã, que se revelou o mais rico conjunto documental da pesquisa. Assim, a Deutsche Zeitung, a Koseritz Deutsche Zeitung, o Deutsches Volksblatt, a Deutsche Post, o Die Neue Zeit e alguns números do Der Botte, além do Correio de São Leopoldo (em português), e alguns outros jornais/folhas foram vasculhados na procura da vida da cidade, representada nos clubes sociais e na vida política das elites urbanas entre 1850 e 1930.

Embora eu tenha presente que um jornal é uma fonte que pretende atingir um público maior e mais heterogêneo e que o número de leitores em língua alemã era significativo, esses jornais eram dirigidos a um público determinado: os que falavam e liam alemão. Nesse sentido, era um público restrito.

A surpresa com relação a essas fontes foi, porém, o grande número de notícias de São Leopoldo que traziam e as estreitas relações que havia entre a comunidade de origem teuta de São Leopoldo e a de Porto Alegre. É preciso ter presente, diz Nicole Verney-Carron, que *“para conhecer um grupo social é necessário ir à sua procura através da documentação disponível e tentar desvendá-la, descrevendo-a, para penetrar em seu interior”*.⁶⁶ Por isso, aguicei o faro e descobri que, além do conteúdo das notícias, os jornais traziam a movimentação, a vida da cidade. Assim, no domingo, 28 de julho de 1917, o cinema Elite exibiu o filme *O Salvador*, no

⁶⁶ VERNEY-CARRON, 1995, p. 28.

dia 18 de agosto, o programa incluía *Vida no Campo*, *Irmãos Gêmeos* e *A Aranha Voraz* e, no domingo, dia 19, o *Phathe Jornal*.⁶⁷

Resultado dessa diversidade documental e extrema fragmentação, meu trabalho de pesquisa significou, ainda, um exercício de construção lenta e difícil. Para alcançar o meu objetivo e comprovar as hipóteses levantadas, dividi o trabalho em três partes. Como num teatro, abre-se a cortina, e eis que os personagens iniciam o espetáculo. Na primeira parte, faço a composição dos cenários do social e traço um panorama amplo da sociabilidade e dos lazeres em nível da Civilização Ocidental (capítulos 1 e 2). A segunda parte corresponde aos atores em ação, falando da importância dos clubes sociais enquanto espaços de sociabilidade e de representação no contexto da cidade de São Leopoldo. A representação aqui referida tem um duplo sentido. Ela é ao mesmo tempo representação no sentido de ver e ser visto e representação de algo que não está presente. Na ação conjunta dessas duas formas de representação que não são excludentes é que ocorre o teatro da sociabilidade. Nos quatro capítulos que compõem a segunda parte (3, 4, 5 e 6), procuro desenvolver ações que envolvam as sociedades e seus atores. Na terceira parte, a cena ilumina-se, e o teatro da sociabilidade mostra-se no capítulo 7.

⁶⁷ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, sábado, 28 de julho de 1917, p. 1; e Sábado, 18 de agosto de 1917, p. 1.

PARTE 1

CENÁRIOS DO SOCIAL ENTRE 1850 E 1930

A Revolução Industrial marcou a história da humanidade em muitos aspectos. A partir do século XIX, seus desdobramentos vão-se refletir na maneira como as pessoas vão organizar suas vidas, pela imposição de uma nova distribuição do tempo social, isto é, a Revolução Industrial criou necessidades na área do lazer e da sociabilidade, principalmente para as camadas elitizadas da sociedade. Nesta primeira parte do trabalho, pretendo centrar-me nos lazeres e na sociabilidade das elites urbanas no período compreendido entre 1850 e 1930, incluindo aspectos da vida privada e da vida pública, no sentido de mundana, dessas elites.

Alain Corbin⁶⁸ dirá que a grande cidade é o laboratório privilegiado do lazer moderno: os passeios na praça, as visitas às exposições, os cafés-concerto, os espetáculos nos estádios renovaram os prazeres citadinos. A chegada dos lazeres mostra não um quadro nacional, mas um quadro ocidental, onde as camadas sociais usam em escala cada

⁶⁸ CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs, 1850-1960*. Paris: Aubier, 1996.

vez mais alargada o tempo livre em atividades as mais variadas. O lazer é, portanto, a invenção dos usos do tempo disponível. Mas é no desdobramento da vida política e econômica que o lazer e a sociabilidade se apresentam. Eles são formas de representação das elites, funcionam como seu cartão de visitas e, embora possam ter nuances locais, estão inscritos nos padrões ocidentais de representação dessa camada social.

1. DO CENÁRIO OCIDENTAL AO CENÁRIO REGIONAL

Traçar um panorama da sociabilidade das elites nos séculos XIX e XX a partir da era da industrialização, considerando a globalidade da civilização ocidental, é operar com a idéia de que os modelos das sociabilidades francesa, inglesa ou americana expandiram-se em maior ou menor escala, da mesma forma que os padrões econômico-políticos, atingindo todas as partes do mundo.

Nessa perspectiva, um mesmo padrão de sociabilidade, mas com características regionais, desenvolveu-se no Brasil e teve no Rio de Janeiro seu modelo mais acabado. Quanto ao Rio Grande do Sul, a Província/Estado mais meridional do Brasil não fugiu ao padrão descrito. O que lhe deu, porém, cores locais foi a presença de um contingente significativo de imigrantes alemães, e mais tarde de italianos, em suas cidades. Já a Vila/Cidade de São Leopoldo reproduzirá, em âmbito mais restrito, as características da sociabilidade do tempo no qual ela está inserida.

A partir desses pressupostos, retomo a análise da civilização ocidental no século XIX. Esse século costuma ser caracterizado pela sua

dinâmica expansionista, fruto da Revolução Industrial que se originou na Inglaterra em meados do século XVIII e que teve desdobramentos com a nova etapa desenvolvimentista, resultante de uma segunda fase de industrialização, por volta de 1870. *“Resultado da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, ela possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos como a eletricidade e os derivados de petróleo”*.⁶⁹ A revolução científica e tecnológica e suas aplicações nos processos produtivos trouxeram multidões para as grandes Feiras Industriais do final do século XIX, sendo normalmente o pavilhão das máquinas a maior atração. Listando algumas invenções do período, temos os transatlânticos, o telégrafo, os veículos automotores, o telefone, a luz elétrica, a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, a roda-gigante, a anestesia, a escova de dentes, o vaso sanitário com descarga automática, o refrigerador, o sorvete, a Coca-Cola. O objetivo dessa listagem é claro. A revolução científica e tecnológica veio para ficar. Não era alguma coisa distante do dia-a-dia das sociedades e dos homens. Ela chegou nas suas casas de forma direta ou indireta, assim como no seu trabalho ou nas suas atividades de lazer. O que mais impressionava era o ritmo das descobertas e das inovações.

⁶⁹ SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil* : República: da belle époque à era do rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 8-9. Embora a citação de Sevcenko dê a dimensão que queremos, no texto, à importância que teve o processo de industrialização para os lazeres, é pertinente lembrar que para um estudo mais aprofundado da Revolução industrial as obras de referência são principalmente HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital, 1848 – 1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 e FONTANA, Josep. *Introdução ao estudo da história geral*. Bauru: EDUSC, 2000, especialmente o cap. V.

Inserida nos parâmetros do mercado capitalista mundial, a economia, que nesse período tomara-se global, caracterizava-se por ser extremamente dinâmica e expansionista. Como resultado dessa ação, houve um avanço acelerado sobre as sociedades tradicionais e uma tentativa de mudar os hábitos consumidores das sociedades mais atrasadas em várias partes do mundo.

Aliadas a essa expansão do capital, expandiam-se as idéias liberais e a busca pela unificação nacional na Europa, com a formação de Estados-nação.

Ocorreu também nesse período a *“maior migração dos povos na história,”* segundo Hobsbawm.⁷⁰ Eram homens e mulheres movendo-se em todas as direções, *numa quantidade superior a 9 milhões de pessoas entre 1846 e 1875 e 1,4 milhão entre 1900 e 1910.*⁷¹ Muitas delas vieram para o Brasil a partir de 1824.

A sociedade ocidental do século XIX está permeada, como apontei, pela organização dos lazers, isto é, pelo uso do tempo livre que veio no bojo da Revolução Industrial. Neste trabalho, uso o lazer como tempo disponível, ou melhor, a maneira de viver uma gama de tempos disponíveis que aos poucos foram inseridos nos costumes e na estrutura temporal das sociedades ocidentais após 1850. Levando em conta que a quase totalidade dos estudos consagrados ao uso do tempo livre foi feita por

⁷⁰ HOBBSAWM, 1996, p. 271.

⁷¹ *Ibid.*, p. 271.

autores que tinham a cidade como ponto de referência e ainda, principalmente, que os estudos que envolvem o lazer e, em uma perspectiva mais abrangente, a sociabilidade falam das elites, minha análise do século XIX também transita por esses caminhos. Ou seja, olharei a sociedade ocidental em suas práticas de sociabilidade pela perspectiva das elites urbanas. Nesse sentido, posso dizer que ela será vista a partir de dois ângulos: o da vida privada e o da vida pública,⁷² aqui com o sentido de mundana, não sendo o primeiro ângulo excludente do segundo. No século XIX, as elites guardavam sua vida privada para vivê-la com um reduzido número de iguais em festas as mais variadas e, ao mesmo tempo, divertiam-se na vida mundana. Assim, se a vida privada era de alguma forma resguardada, isso não quer dizer que as casas, mansões e castelos não se abrissem para grupos seletos em saraus, jogos ou teatro. O século XX, nesse aspecto, será diferente.

Entre as atividades que se desenvolviam no aconchego do privado estavam os serões com música e convidados. Esses, para Anne Martin Fugier, *são um momento privilegiado para a música e o teatro de amadores. Entre amigos, não raro formam-se grupos de instrumentistas e*

⁷² Segundo Richard Sennett: “- ‘Público’ significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto ‘privado’ significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos.[...] ‘público’ [...] significava não apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também esse domínio público dos conhecidos e dos estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas.” SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 32. Assim, “privado” é a região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos. Como exemplo, a casa, os parentes, os amigos no clube. Estes são incluídos por estarem entre os selecionados no conjunto do todo urbano, significando estar em espaço restrito e, portanto, privado. O clube não é um espaço aberto a todos no sentido lato da palavra. É um privado mais alargado.

*cantores que se encontram com regularidade na casa de um ou de outro.*⁷³

Analisando ainda outras festas que a elite promovia no século XIX, pode-se dizer que elas eram sobretudo festas privadas, pois desenvolviam-se principalmente nas mansões. Ali, elas eram também de duas ordens: civis e religiosas. Com as primeiras, *assiste-se ao nascimento da ideologia do descanso e do lazer.*⁷⁴ Já o calendário religioso era influenciado pelas práticas cristãs e tinha no Natal, Páscoa e Finados suas festas mais importantes. Elas eram, mais do que festas privadas, festas familiares.

A vida mundana era o teatro por excelência da sociabilidade das elites. Ela apareceu intimamente ligada à vida urbana. Na boa sociedade francesa, por exemplo, foi-se fixando progressivamente um calendário mundano até o fim do século. Nele ficou visível que as elites, em determinadas épocas, passaram a deixar as cidades para se fixar no campo ou na praia. Era o período das férias. Isso ocorria principalmente durante os meses da primavera e do verão. Nos outros meses, a vida urbana ficava muito movimentada nos salões mundanos, onde a música e o teatro estavam sempre presentes. Nesse contexto, é importante destacar o papel das estradas de ferro no deslocamento das populações.⁷⁵ Por elas eram feitas as viagens de saúde para o campo ou para as pequenas cidades. Por elas eram feitas as viagens de recreio às cidades termais ou para a beira do mar. Partir “é viver um pouco”, diziam os ingleses.

⁷³ FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada*, 4. São Paulo : Companhia das Letras, 1995, p. 212.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 215.

⁷⁵ CORBIN, 1996, p. 27 e ss.

As grandes cidades europeias, como Paris, Londres ou Roma, transformavam-se em objetos de lazer pelos espaços que criavam tanto para sua população citadina quanto para os turistas. O turismo, assim, entrava definitivamente em cena.

O cenário urbano por excelência dessas atividades era Paris. A cidade, reformulada em meados do século XIX pelo Barão de Haussmann, apresentava um aspecto cosmopolita. Após a *haussmanização*, redefiniram-se as funções da rua: grandes avenidas, praças, bosques. Jardins os mais variados foram integrados à vida das elites parisienses. Os cafés-concerto tornam-se nessa época uma das primeiras formas organizadas de sociabilidade urbana, seguidos pelo teatro de variedades. O modelo de urbanização de Paris, assim como o modelo dos divertimentos que ocorriam na cidade, foram copiados por todos os países do mundo ocidental mais cedo ou mais tarde.

As atividades sociais das elites urbanas nos meses do ano em que estas ficavam nas cidades desenvolviam-se entre as visitas, as recepções, os encontros, que podiam ser literários ou de conversação, os saraus, os bailes ou o teatro. Podiam acontecer também as corridas de cavalos no Jockey Club, cuja temporada era das mais elegantes, ou também as atividades esportivas, como o tênis ou o ciclismo, já no final do século. E podia haver, ainda, piqueniques ou passeios nas áreas verdes da cidade e arredores ou mesmo viagens de trem ou de barco durante as férias, dentro do novo contexto do turismo que se inaugurava.

Já o cenário brasileiro,⁷⁶ no primeiro quartel do século XIX, tinha ainda algumas pendências por resolver, entre as quais, a sua situação política, pois o impasse do governo de D. Pedro I desdobrou-se no sete de abril de 1831 e na sua abdicação. Desse período aos anos 50, a instabilidade política esteve presente, permanentemente, em diferentes regiões do país. Na segunda metade do século XIX, foram as questões políticas externas as que mais envolveram o Brasil e que, afinal, o desestabilizaram. Rei e Conselho de Estado administravam o país em uma monarquia parlamentar de modelo brasileiro. Quando a prática política tornou o modelo obsoleto, a República foi proclamada.

Economicamente, o país entrou na era do café antes dos anos 40. A partir daí, o produto passou a ser o mais importante na balança comercial até o primeiro quartel do século XX. A estabilidade financeira do Império e os investimentos na área industrial pós-50 permitiram, minimamente, a entrada do Brasil na era da modernidade. O desenvolvimento urbano possibilitou, por sua vez, o desenvolvimento da sociabilidade de forma mais dinâmica, embora a sociedade brasileira, olhada como um todo, estivesse ainda estruturada com base no patriarcalismo e no conservadorismo, desenvolvendo-se em ritmo muito lento na grande área rural do país.

⁷⁶ O texto sobre o Brasil tem por base os seguintes autores: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3 : República : da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; DE LORENZO, Helena C.; COSTA, Wilma P. *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

Vários sinais, porém, mostravam o desenvolvimento brasileiro. Entre eles, a estrada de ferro, que destacou como símbolo do avanço e do progresso da Nação. O Império fez, entre 1854 e 1889, cerca de 10.000 quilômetros de estradas de ferro. Também destacou as melhorias na área urbana do Rio de Janeiro e no seu sistema de transportes como marcas de modernidade. São construídos prédios, como o da Academia Imperial de Belas Artes e o Palácio do Comércio, e jardins públicos, como a Quinta da Boa Vista e o Passeio Público. A capital ganhou ainda arborização, calçamento com paralelepípedos, iluminação a gás e bondes puxados a burro.

As novas avenidas ofereciam, agora, possibilidades de desenvolvimento de outras sociabilidades. Essas melhorias ajudavam a mostrar outras facetas da Capital do Império. No centro do Rio, todavia, conservava-se a rua do Ouvidor. Ela era tanto mundana quanto comercial, e ali o comércio era representado pelas mais finas lojas de tecidos e produtos da moda. Nela, encontravam-se todas as mulheres, da nobreza ao povo, num constante vai-e-vem.

Sem convites nem horários nem etiquetas, a Rua do Ouvidor foi, durante todo o 2º reinado um ponto de encontros, um tablado de exposições elegantes, feira de vaidades e amores, bolsa de idéias, emoções, críticas e ironias; um salão.⁷⁷

⁷⁷ PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959, p. 261.

Também faziam parte do universo de sociabilidade da elite e da nobreza, no Rio de Janeiro, os salões de beleza, confeitarias, cafés, restaurantes, hotéis, casas de banho e livrarias.

Em outras capitais, como São Paulo, Recife e Salvador, os modelos de divertimentos e festas para elite e nobreza também se repetiam, mas com nuances locais. Nem por isso deixaram de ter brilho, elegância e luxo, rivalizando, algumas vezes, com os da corte.

Em espaços onde a presença imigrante se deu em maior número, como no Paraná, por exemplo, a sociabilidade se dará muito mais através da vida de clubes de canto, de tiro e de teatro. Seus divertimentos, aponta Cecília Westphalen⁷⁸, serão principalmente o carnaval e os bailes, em que se dançavam a quadrilha, o *schottisch*, as valsas, as polcas e a *polonaise*.

Na corte, entre os anos de 40 e 60 do século XIX, cria-se uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. Schwarcz diz que:

*[...] a corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isto aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses. Nas casas os homens jogavam voltarete, gamão, xadrez e whist e os moços o jogo da palhinha. Já as mulheres divertiam-se com jogos de prenda, de flores, do bastão, do amigo ou amiga e do lenço queimado. Nos teatros completava-se a cena. Era lá que se ia para ver e ser visto.*⁷⁹

⁷⁸ WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilati. Les loisirs dans le Parana provincial. In: *Oisiveté et loisirs dans les sociétés occidentales au XIXe. siècle. Colloque pluridisciplinaire*. Amiens: F. Paillart, 1983, p. 85-101.

⁷⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 111.

Nesse período, o Rei e a família imperial viajam pelo Brasil, numa ação política de *ver e ser visto*. Essa é uma lógica, diz Lília Schwarcz, que implica unificar também a Nação.⁸⁰ E criar a Nação foi uma das tarefas caras ao Imperador D. Pedro II, para a qual desenvolveu estratégias que foram desde a busca do índio como um dos fundamentos da nação até as representações simbólicas das medalhas e dos mais diversos rituais; mas essa tarefa ultrapassou o seu tempo sem que fosse completada.

Voltemos, entretanto, ao salão. Wanderley Pinho mostra que nele

*[...] esmeravam-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos; criticar com graça e sem maledicência; realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda.*⁸¹

José de Alencar dizia, num folhetim, em 1858:

*[...] no salão recebem-se todas as visitas, de cerimônia ou de intimidade; dão-se bailes, reuniões dançantes e concertos. Conversa-se ao som da música, conferencia-se a dois no meio de muita gente - de maneira que nem se fala em segredo, nem em público.*⁸²

Os salões foram, assim, um dos aspectos mais importantes da sociabilidade ao longo de todo o Império.

O final do século XIX e o início do século XX caracterizaram-se pelo *imenso crescimento dos contingentes urbanos da população brasileira.*⁸³ A aglomeração das populações vindas dos mais diferentes

⁸⁰ *Ibid.*, p. 104.

⁸¹ PINHO, 1959., p. 7.

⁸² *Ibid.*, p. 11.

⁸³ WISSENBACH, Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 59.

lugares dava à fisionomia das cidades um aspecto de (des)ordem. Elos do país com o exterior, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, ao final do Império, esperavam, mas não recebiam, mais investimentos na proporção desejada pelas elites. O Império havia ficado obsoleto.

Com a proclamação da República,urgia, pois, civilizar o Brasil, espelhando-se nas potências européias.

As elites emergentes imputavam-se o dever de livrar o país do que consideravam atraso, atribuindo-o ao passado colonial e imperial do país e visível na aparente confusão dos espaços urbanos povoados de ruas populosas e barulhentas.⁸⁴

Havia agora uma nova ordem para as habitações em função das necessidades e novas dinâmicas advindas do capitalismo industrial. Era a especialização espacial impondo a segregação social. A nova ordem republicana e sua consolidação gerou euforia e ostentação por parte da elite e violência e brutalidade contra o povo pobre que morava no centro da cidade. Tudo em nome da saúde, do saneamento e da modernização das cidades.

Portanto, a proclamação da República foi o grande divisor de águas no processo de transformação urbana que definiu a identidade cultural do Rio,⁸⁵ diz Rosa Maria Araújo. Sua função de capital tornou-o um dos principais alvos de aplicação do projeto político do novo regime, convergindo interesses do governo federal com objetivos da administração municipal, continua ela.

⁸⁴ MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p.132.

⁸⁵ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Com a reforma urbana a partir de 1904, a população pobre da zona central foi expulsa e, tal como a classe média baixa, não podia residir nos bairros servidos pelos bondes (...). Assim, a cidade avançou em todas as direções,⁸⁶ espalhando essa população. A população do Rio de Janeiro em 1890 era de 522 mil pessoas, e a densidade demográfica, de 409 habitantes por Km², segundo Rosa Maria Araújo. Em 1906, a população havia mudado para 811 mil habitantes, e a densidade demográfica, para 722 habitantes por Km². Em 1920, a população já passava de 1.157.000 pessoas, com uma densidade demográfica de 1.030 habitantes por Km².

Essa migração intensa tem seus reflexos no agravamento dos problemas sociais da capital, entre os quais, um grande número de pessoas sem ocupação definida, prostituição, malandragem, jogadores. A nova ordem republicana para resolver a questão da população pobre, das casas velhas no centro da cidade e das epidemias que a afetavam constantemente, traçou, por meio de suas autoridades governamentais, um plano desdobrado em três dimensões simultâneas:

- modernizar o porto,
- sanear a cidade e
- fazer a reforma urbana.

Dessa tríplice ação resultou, conforme Sevcenko, uma tríplice ditadura, que trouxe em última instância a modernização do Rio de Janeiro,

[...] num tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos, em que a exigência de

⁸⁶ NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 32.

acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização 'a qualquer custo'.⁸⁷

Esse tempo do progresso sem fim abrangia

[...] a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente, mas agressiva, onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e [...] a popularização do cinema.⁸⁸

Nesse mesmo contexto, vale a pena citar

[...] o oportuno presságio do aeronauta brasileiro Santos Dumont, contornando em 1901 a Torre Eiffel, o ícone internacional do progresso técnico-científico, com o balão dirigível e, em 1906 levantando vôo com o 14-Bis e inaugurando a era das máquinas voadoras.⁸⁹

No processo civilizacional, é importante marcar também outros

aspectos que lhe são agregados, tais como o

[...] cuidado com a cultura física e o prazer de jogos recreativos [que] no Rio de Janeiro [...] veio ao encontro dos princípios normativos do programa republicano. Educar o corpo e disciplinar hábitos significava integrar o país no perfil do mundo moderno e civilizado.⁹⁰

Essa valorização das atividades físicas e dos jogos recreativos motivou o surgimento dos clubes esportivos. Aliados a estes, a prática do banho de mar significava vida saudável e lazer. Na segunda década do século XX, o cinema, as revistas e também a publicidade introduziram no país o tipo americano, isto é, o *sportsman*. Por outro lado, a intensa

⁸⁷ *Ibid.*, p. 27.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 37.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 34.

⁹⁰ ARAÚJO, 1993, p. 312.

urbanização da cidade tornava também as diversões públicas, como os bailes, uma extensão do lazer doméstico. Por isso, os clubes e associações multiplicavam-se na cidade, promovendo festas e eventos culturais.

Na terceira década do século, os sinais da crise política iniciada em 1922 vão desencadear um movimento que culminará com a deposição do governo e a ascensão de Getúlio Vargas em 1930. Perpassando essa crise e, de alguma forma anunciando-a, estava o movimento cultural conhecido como "Modernismo".⁹¹ Aqui cabe lembrar que

*[...] a construção do imaginário social [...] é particularmente importante em momentos de redefinição da identidade coletiva, marcados [...] pela avaliação crítica do passado e do presente e pela perspectiva de criar uma nova sociedade, um homem novo, enfim, uma nova nação.*⁹²

Nesse processo, se sobressai a capital bandeirante, naquele momento elevada à condição de matriz da nova e moderna nacionalidade dos anos 1920. São Paulo queria ser descrita pelos símbolos de progresso material que possuía, isto é, queria ser vista pelas ligações elétricas e telefônicas e pelos trilhos "coriscando" o chão. A energia elétrica, um dos

⁹¹ Conforme Lúcia Lippi Oliveira, "[...] podemos dizer que o primeiro momento do Modernismo se caracteriza pelo combate ao passado, pela elaboração de uma nova estética adequada à vida moderna e pela captação da realidade atual entendida como a vida urbana e industrial que tinha São Paulo como seu exemplo máximo. Neste momento, pensava-se ser possível participar da moderna ordem mundial, desde que se afastasse o passado que teimava em permanecer [...]. A segunda fase do movimento modernista tem na questão da brasilidade seu eixo principal. Torna-se necessário pensar as mediações que permitem participar da ordem mundial. O Manifesto Pau-Brasil (1924) e a figura de Oswald de Andrade, entre outros, são fundamentais. Mário de Andrade propõe criar a arte brasileira como único modo de ser civilizado [...]. O Modernismo cria e difunde a necessidade de identificar a substância do SER brasileiro, denuncia os conhecimentos/saberes atrasados que impedem a captação do ser brasileiro e colabora na elaboração de inúmeros retratos do Brasil (título da obra de Paulo Prado em 1828)". OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Questão nacional na primeira república*, in: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. et. al.. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 191.

símbolos da modernidade cujo aparecimento deu-se nas décadas finais do século XIX, está em geral ligada ao desenvolvimento e expansão da tecnologia resultante do desenvolvimento industrial. No Brasil, ela está ligada à expansão da economia cafeeira, mas seu melhor aproveitamento em São Paulo deu-se junto com o processo de urbanização e industrialização. *A década de 1920 foi um marco neste processo; a partir desta década é que se difundiu o uso da energia elétrica na modernização da vida cotidiana e no desenvolvimento da indústria nascente.*⁹³ Esse desenvolvimento foi acompanhado por um crescimento urbano vertiginoso, de modo que, entre 1872 e 1920, o crescimento da população nas cidades com mais de 30.000 habitantes é de 7.393% no Estado de São Paulo.

Em 1920, o Rio de Janeiro continuava a ser um dos três principais centros econômicos e industriais do Brasil, especialmente pelos negócios efetuados através do seu porto e pela produção têxtil, mas São Paulo já o ultrapassara em desenvolvimento econômico.

A sociabilidade que acompanhava o desenvolvimento das cidades manifestava-se em São Paulo, nas ruas urbanizadas, nos *boulevards*, nos clubes e nas confeitarias freqüentadas pela elite que nessa época espelhava-se na cultura francesa.

Éramos, os paulistas com raízes de família no passado brasileiro, gente de cultura francesa. Este traço, visto na perspectiva de hoje, dá a nítida impressão de que a nossa aristocracia quatrocentona vivia aqui como uma elite

⁹² MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1992, p. 6.

⁹³ LORENZO, Helena Carvalho de. *Eletricidade e modernização em São Paulo na década de 1920*. In: LORENZO; COSTA *et. al.* 1997, p. 161.

*colonizadora exilada no terceiro mundo [...]. Nossa pátria era Paris. A Inglaterra também tinha o seu prestígio, por certo, mas era coisa mais remota. E os países com forte imigração para cá, como a Itália, eram avaliados com a ironia de nossa esmagadora superioridade de franceses no desterro.*⁹⁴

Ser da elite implicava também freqüentar as ruas Barão de Itapetininga e Marconi; fazer reuniões com intelectuais ou tomar chá no pequeno salão ao fundo da livraria Jaraguá; ir à Confeitaria Vienense ou ao Teatro Municipal, onde se realizavam, também, banquetes, festas e reuniões políticas promovidas pelo PRP. Incluía, ainda, freqüentar as sessões elegantes e obrigatórias dos Cinemas Metro, UFA, Ópera ou Paulista. Do ponto de vista da vida privada, a sociabilidade vai-se dar, nesse momento, nas salas das mansões, onde ouvia-se música, dançava-se ou jogava-se.

Ser da elite era também ter um determinado comportamento, expresso muitas vezes nas coisas mais banais:

*Quando eu era menino, torcia para o São Paulo F. C. No meu meio – Colégio São Luiz, Harmonia, Paulistano –, quem gostasse de futebol torcia pelo São Paulo. O inimigo era o Palestra Itália, depois Palmeiras. E o Corinthians, time do povão, nos parecia simpático, quase um aliado. A italianada ainda não era aceita totalmente. Aquela São Paulo era uma cidade provinciana, com um pequeno centro onde as coisas aconteciam.*⁹⁵

Nessa mesma década de 20, ainda, São Paulo era vista e apresentada como

[...] modelo de cidade que fora capaz de superar tradições culturais arcaicas e de se homogeneizar culturalmente pela modernização que acompanhou a implantação da industrialização e a lógica dominante do mercado, e o Rio de Janeiro era visto como foco de resistência ao amadurecimento

⁹⁴ MENDONÇA, Paulo. Yolanda ou uma época. *Revista Vogue*, Edição especial sobre Yolanda Penteadó, nº 102-A, p. 4 - 5. São Paulo, 6 de janeiro de 1994.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 5-6.

*capitalista, como a negação do trabalho, do espírito científico, do progresso material.*⁹⁶

Quanto ao Rio Grande do Sul do Segundo Império, pode-se dizer, em uma análise bem ampliada, que em suas cidades reproduzia-se o que acontecia na sociedade em nível nacional, isto é, do ponto de vista da sociabilidade da elite, as atividades da dança, dos jogos, do teatro e do canto estavam também presentes na vida social dos rio-grandenses.

Zona de fronteira, onde a necessidade da consolidação do espaço foi decorrência das necessidades da conquista portuguesa, a sociedade refletia essa postura guerreira antes de qualquer outra. As cidades e a vida urbana são derivadas dessa sociedade militarizada e rural do sul. Isso pode ser atestado pelos viajantes estrangeiros que visitaram cidades do Rio Grande do Sul no século XIX. A vida social, aqui, foi também resultado do desenvolvimento econômico e das ações políticas das elites locais/regionais. Sua atuação no cenário rio-grandense na primeira metade do século XIX foi marcada pela crise político-econômica provocada pela Revolução Farroupilha. No decorrer do período imperial, no entanto, o que marcou foi a crise no setor de produção do charque, que era o primeiro produto rio-grandense e, em nível nacional, o alimento básico dos escravos e dos pobres. Seu preço, diz Piccolo, tinha que ser acessível.⁹⁷ O

⁹⁶ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Letras, sociedade e política: imagens do Rio de Janeiro, citada por NUNES, Clarice. A escola reinventa a cidade. In: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto M. *A invenção do Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 182.

⁹⁷ PICCOLO, Helga I. L. (org.). *Coletânea de discursos parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: 1835/1889*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1998, p. 410.

desenvolvimento da agricultura, a *grande riqueza das nações*,⁹⁸ vai permitir a diversificação econômica do Rio Grande do Sul. Representada pela produção dos alemães que chegaram em 1824, a colônia de São Leopoldo apresentava um crescimento econômico significativo já na década de 1840. Fruto desse trabalho, que no fundo marcava uma posição política, foi a criação da Vila de São Leopoldo em 1846. A melhoria dos transportes (barcos e estrada de ferro) deu à cidade (elevada em 1864), juntamente com sua área colonial, um impulso muito grande. A colônia de São Leopoldo produzirá, a partir da década de 60, não só para o mercado regional, mas alcançará também o mercado nacional, tornando-se assim parte integrante do *celeiro do Brasil*.

A sociabilidade desenvolvida nas cidades rio-grandenses ocorreu primeiramente no espaço privado das casas onde se recebia a elite local para saraus, ou sessões de canto, ou nos clubes, tanto da capital quanto do interior. O baile era a atividade social por excelência, assim como ir ao teatro e à missa aos domingos. As festas religiosas ocupavam lugar de destaque, especialmente a do Espírito Santo, na área lusa, e as de Natal e Páscoa, na área da imigração alemã. Repetia-se aqui também o padrão civilizacional ocidental já descrito.

No início do século XIX, Nicolau Dreys destacava um dos aspectos locais da sociabilidade quando mostrava que as *carreiras* eram importantes espaços de lazer para os rio-grandenses. Ele as via, entretanto,

⁹⁸ *Ibid.*, p. 410.

como *justas*, isto é, como torneios medievais. São esporádicas, resultado de apostas, mas têm também o objetivo indireto de melhorar a raça dos animais. As *carreiras* são, ainda, espaços de festa, de reunião social: *correr carreiras é um dos divertimentos que mais prezam os habitantes do Rio Grande do Sul [...]. Nessas ocasiões os habitantes ajuntam-se ordinariamente e desenvolvem grande aparato.*⁹⁹ As senhoras acompanham de perto essas festas. Vêm de carrinho ou montadas, sentam-se sobre a relva e fazem verdadeiros piqueniques enquanto o evento se realiza.

Nesse tempo, a camada mais elitizada da sociedade morava nas fazendas. Os centros urbanos eram mais voltados para o comércio e para a moradia da população urbana. Em meados do século XIX, quando os estancieiros passam a residir na cidade, eles em geral ocupam uma área nobre, às vezes representada pelo entorno da praça.

*Logo ao redor da praça e ao longo da rua principal estão as habitações mais ricas. São casas de estancieiros. A frente alta e esculpura, com sacadas e a porta principal proporcionada com degraus, muitas vezes de mármore. O piso da casa está a cinquenta centímetros do solo ou a mais de um metro. Este desnível é expressão do status social do proprietário [...]. De quando em vez essas casas são sobrados.*¹⁰⁰

As moradias nas cidades são ocupadas especialmente no inverno pelos fazendeiros e suas famílias. Nesses períodos, as diversões principais eram os bailes ou saraus em família, *nos quais as mulheres*

⁹⁹ DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão/ EDIPUCRS, 1990, p. 100-101.

¹⁰⁰ MEDEIROS, Laudelino de. As cidades. In: KREMER, Alda Cardozo. *Rio Grande do Sul: terra e povo*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 100.

*tinham convívio com um círculo restrito de parentes e amigos da confiança paterna e tocavam piano ou bandolim.*¹⁰¹

Nas cidades mais importantes do cenário social do Rio Grande do Sul, como Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, mais tarde acrescentadas das cidades de São Leopoldo e Santa Maria, a vida social refletia e repetia a que ocorria nos centros europeus como Paris, Londres, Berlim ou mesmo o Rio de Janeiro. Nessas cidades, as elites – representadas principalmente pelos comerciantes na área urbana e charqueadores e fazendeiros na área rural – ocupavam espaços diferenciados de sociabilidade e lazer. Quando oriundas do comércio, essas elites habitavam as áreas urbanas em casas quase sempre assobradadas ou em casarões. Quando habitavam a área rural, eram proprietários de casas grandes na sede das charqueadas e das fazendas. O que acontecia, especialmente em Pelotas, é que,

*[...] os charqueadores enriquecidos desde o início do século, vão aos poucos transferindo residência e família para uma certa distância dos estabelecimentos industriais, construindo sobrados de arquitetura européia e ajudando a edificar uma cidade bem traçada de ruas largas e retas.*¹⁰²

A transferência da elite rural para as cidades confere a estas, no século XIX, uma outra característica: a de cidades em crescimento. Isso acontece principalmente pelos investimentos que a elite faz para dotar o centro urbano de espaços de representação condizentes com o seu grau de riqueza. Nesse contexto, salienta-se a cidade de Pelotas, onde, ao longo do

¹⁰¹ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Sociedade, preconceitos e conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989, p. 16.

¹⁰² MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas, século XIX*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994, p. 77.

século XIX, a elite enriquecida com a charqueada e com o comércio buscou arquitetos e engenheiros na Europa (italianos e franceses) para construir seus casarões na cidade. *O símbolo de poder econômico e social era o sobrado urbano, quando a família do grande proprietário ocupava somente a parte superior, deixando o térreo para acomodar a criadagem e a cavalaria.*¹⁰³ É possível dizer, então, que as casas eram carregadas da simbologia do poder econômico e político. Elas tinham, além da função de abrigo, a de serem representações do poder e do prestígio de seu dono.

Ao mesmo tempo em que marcavam sua posição econômica, os pelotenses construíam espaços para desenvolver sua sociabilidade. São testemunhos do que afirmo o Teatro Sete de Abril, fundado em 1831; os Clubes Comercial e Caixeiral, da década de 70/80, e a Biblioteca Pública Pelotense, de 1875. Companhias de óperas vindas da Itália, operetas, espetáculos de variedades, bailes, saraus, chás faziam parte do universo de lazer da elite daquela cidade. Os viajantes que passaram por Pelotas deixaram sempre registrada a melhor impressão sobre a cidade, o seu casario, as suas ruas, sua riqueza e desenvolvimento.

Rio Grande, por seu turno, apresentou-se sempre como uma cidade de comerciantes. Sendo o único porto marítimo da Província, a cidade recebia um volume muito grande de produtos europeus e da corte. Desses negócios, resultou a formação de uma elite de comerciantes que dominou também a vida social rio-grandina. Esses *notáveis* recebiam seus

¹⁰³ DE LEÓN, Zênia. *Pelotas, casarões contam sua história*. Pelotas: Gráfica D. M. Hofstätter, 1993, p. 147.

iguais em suas casas para bailes e festas. *Os costumes radicados na população do Rio Grande, que representam o setor urbano em relação a um setor rural [...] indicam [...] que o modelo cultural reproduzido pela elite local é imitar os modismos europeus.*¹⁰⁴ Falando da cidade de Rio Grande em 1808, Luccock sublinhará uma outra característica das cidades rio-grandenses: uma presença muito significativa dos militares. Ele aponta *que na realidade a cidade é uma guarnição, sendo o Governador seu comandante-chefe.*¹⁰⁵ Saint-Hilaire, em 1820, participará de um baile nessa cidade, no qual observará que [...] *os oficiais apresentavam-se rigorosamente fardados [...] e traziam à cintura esses espadins, de um pé a um pé e meio de comprimento, usados pelos portugueses e pelos oficiais da marinha inglesa, tendo à mão um chapéu de três bicos.*¹⁰⁶

Arsène Isabelle, visitando Rio Grande em 1834, verificará também a importância dos comerciantes e o espírito associativo que reinava entre eles. Exemplifica isso com os gastos que tiveram para cavar um canal que aprofundasse o porto e permitisse que os navios chegassem ao cais, com a construção da alfândega, de um teatro e do Paço do Conselho. O viajante diz que *os edifícios públicos e particulares estão construídos no gosto e na forma dos de Porto Alegre; há soberbas casas de três andares, com balcões de ferro e fachadas de pedra lavrada.*¹⁰⁷

¹⁰⁴ ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu do século XIX*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995, p. 76.

¹⁰⁵ LUCCOCK, *in*: ALVES; TORRES, 1995, p. 17.

¹⁰⁶ SAINT-HILAIRE, *in*: ALVES; TORRES, 1995, p. 29.

¹⁰⁷ ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983, p. 79.

Nicolau Dreys sublinhará a rudeza do meio ambiente rio-grandino, embora destaque a importância dos comerciantes. Dirá, dos moradores em melhores condições, que, *laboriosos e sociáveis, os rápidos instantes que lhes deixam os cuidados do comércio, a que estão geralmente entregues, eles os consagram a reuniões domésticas mais profícuas e menos monótonas.*¹⁰⁸ Como se vê, o período é, ainda, de organização da sociabilidade, do lazer em família ou com os amigos, mas desenvolvidos no interior das casas, geralmente as mais abastadas. Em meados do século, Avé-Lallemant dirá que a cidade *conta com ruas regulares, sem calçamento, largas, com passeios, com casas muito bonitas. [...] parece que se come e se bebe muito bem e há certo bem-estar, ou antes, luxo em toda parte.*¹⁰⁹

As duas cidades mais importantes do litoral sul da Província no século XIX pelo seu potencial econômico apresentavam-se de forma diferenciada no que tange à sociabilidade. Das duas cidades, Pelotas é a que mais se distinguia, pois congregava em seu seio uma elite oriunda da charqueada que, por conseqüência, procurou elevar seu padrão de vida ao mesmo grau de sua riqueza. Daí as representações urbanas usadas.

Das vilas e cidades rio-grandenses, Porto Alegre é aquela que recebe olhares mais alargados. Capital da Província desde o final do século XVIII, apresentou nos séculos XIX e XX um crescente desenvolvimento econômico condizente com a posição política que ostentava. Dos viajantes e

¹⁰⁸ DREYS, 1990, p. 78.

¹⁰⁹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 107.

dos autores que a descreveram em diferentes momentos, destacamos Arsène Isabelle, que, em 1834, verá a cidade assim:

A cidade é tão regular como pode permitir a desigualdade de uma colina um tanto escarpada, sobretudo para o alto. [...]. As ruas são todas providas de calçadas e dirigidas aos quatro pontos cardeais, [...] as paralelas à direção das colinas são mais belas; duas, entre outras a Rua da Praia e a da Igreja, são interessantes pelo grande número de lindas casas que possuem. A primeira, toda situada na parte baixa, é a mais comercial; ali estão as lojas e as principais casas de comércio. A outra está no alto da colina; encontram-se nela a casa do Governador da Província, a tesouraria, a igreja principal [...]. É também o ponto de reunião do belo sexo nos dias de festas civis e religiosas.¹¹⁰

O mesmo autor descreve vários outros aspectos de Porto Alegre e de sua gente. “Desenhando” homens e mulheres porto-alegrenses, dirá sobre as mulheres:

[...] o adorno máximo é um vestido de cetim branco, bordado e palhetado de ouro e prata, sapatos e luvas de cetim, e muitas jóias; o penteado se completa com flores artificiais. O vestuário diário é diferente, ainda que elas sigam de boa vontade a moda francesa, gostam, sobretudo de cores vivas e desenhos bizarros [...]. Os homens seguem também as modas parisienses; são de boa aparência, geralmente falando, melhor do que as mulheres.¹¹¹

O viajante informa, ainda, que há grande consumo de produtos franceses em Porto Alegre, apesar do gosto *misto* dos porto-alegrenses e rio-grandenses. A influência da França fazia-se, portanto, não só na sociabilidade, mas também no comércio de produtos de luxo.

Da vida social porto-alegrense no segundo quartel do século XIX, mostrará que, *se há pouco luxo nas igrejas, há-o de sobra nas*

¹¹⁰ ISABELLE, 1983, p. 60-61.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 64.

procissões [...]. As festas do Espírito Santo (Pentecostes) celebram-nas com pompa como nos tempos do Concílio de Trento,¹¹² isto é, com muitos tapetes ricamente ornamentados, enfeitando as janelas das casas por onde passa o cortejo religioso.

Nicolau Dreys, alguns anos depois, dirá que:

[...] a cidade de Porto Alegre é abastecida de todos os misteres da vida, e mesmo das superficialidades desejadas pelo luxo que segue a riqueza, e que distingue as classes avantajadas da cidade. O comércio tem introduzido ali as fazendas de melhor gosto e, como o luxo local não é de profusão e desperdício, mas antes de delicadeza e de critério, essas fazendas, sendo escolhidas e modernas, acham fácil extração.¹¹³

Um amável pensamento, uma graciosa idéia esta Porto Alegre, foi o que escreveu Lallemand quando avistou a cidade em 1858. Descreveu-a assim:

Corre ao longo da margem a Rua da Praia, a principal, larga, regular, mesmo com casas muito majestosas de até três andares [...]. A melhor das ruas ascendentes conduz a uma grande praça irregular, onde se acham a Igreja Matriz, o palácio da presidência e um teatro.¹¹⁴

A vinda desse viajante alemão à cidade levou-o ao contato com seus patrícios e a um espetáculo teatral, uma forma de sociabilidade bastante ligada às tradições teutas. O espetáculo foi promovido por alemães de Porto Alegre em prol da Sociedade de Beneficência. Sobre a elite porto alegreense em geral, Lallemand dirá que tem *uma tintura de decorosa*

¹¹² *Ibid.*, p. 64.

¹¹³ DREYS, 1990, p. 69.

¹¹⁴ AVÉ -LALLEMANT, 1980, p. 110.

*elegância e de distinto europeísmo,*¹¹⁵ destacando a boa educação das moças, que eram bonitas e alegres.

No ano de 1858, o Teatro São Pedro foi inaugurado. Cresciam na cidade os espaços de lazer e sociabilidade. Esse mesmo teatro será usado na década de 1880 pelas elites de Porto Alegre para os divertimentos mundanos como o carnaval. Conforme Josiane Silva, as elites *passaram a organizar bailes e préstitos suntuosos: os bailes aconteciam no Teatro São Pedro, eram à fantasia e de máscaras, de acordo com a moda européia.*¹¹⁶ Já os desfiles de rua ocorreram a partir de 1873, com o surgimento das sociedades Esmeralda e Venezianos.

Conforme Constantino, nessa época *foram introduzidos bondes de tração animal e iluminação pública a gás. A Praça da Matriz [...] foi embelezada com a inauguração dos edifícios da Câmara Municipal e do Tribunal do Júri, formando um belo conjunto com o prédio do Teatro São Pedro.*¹¹⁷

Aqui é preciso ampliar a análise para incluir no contexto os imigrantes alemães de São Leopoldo e suas formas de sociabilidade na área urbana da vila. Uma das primeiras formas encontradas foi a organização dos

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 158.

¹¹⁶ SILVA, Josiane A. da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Porto Alegre: UFRGS, dissertação de Mestrado em Antropologia. *Apud* GANS, Magda Roswita. Os dias de momo na Porto Alegre de 1885: reflexões sobre a identidade teuto-brasileira no século XIX. *Cadernos de estudo do PPG em História*, n. 9. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 20.

¹¹⁷ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina*. Porto Alegre: EST, 1989, p. 46.

clubes de canto, em meados do século. Eram um espaço de cantar e de dançar. Eram também espaço de teatro e de jogos de salão.

No último quartel do século XIX, outras atividades marcavam a sociabilidade das elites em toda a Província. Entre elas, destaco os espetáculos das Zarzuelas, dos recitais, dos concertos e das peças teatrais nos teatros Apolo, Coliseu e São Pedro em Porto Alegre. No interior, repetiam-se os programas com apresentações de Zarzuelas e teatro de variedades, tanto em São Leopoldo quanto em Pelotas. Destaco também, aqui, os esportes do ciclismo, grande moda do final do século, o remo e a ginástica, assim como as corridas de cavalos nos Jockey Clubs locais. Da mesma forma, a moda dos banhos de mar já chegara à Província e era anunciada nos jornais como *os higiênicos banhos da Cidreira*.¹¹⁸

Para as duas últimas décadas do Império, Joseph Love mostra que *importantes mudanças ocorreram na estrutura econômica e social do Rio Grande*.¹¹⁹ Junto veio também a melhoria dos rebanhos, com novas raças sendo introduzidas na Província. Quanto ao charque, continuava em crise. As melhorias trazidas pelo crescimento dos transportes nos anos 80 foram importantes, mas não resolveram de todo o problema no setor da pecuária e derivados. Já a industrialização foi vista como uma necessidade no Rio Grande do Sul do final do século XIX. Conforme Sandra Pesavento,

[...] *o surgimento das indústrias esteve geralmente associado à acumulação de capital propiciada pela comercialização dos*

¹¹⁸ Em *República: verso e reverso*, de Sandra PESAVENTO (1989), encontramos várias indicações sobre a sociabilidade dos porto-alegrenses no final do século XIX.

¹¹⁹ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 17.

*produtos agropecuários sulinos [...] e/ou à introdução na Província da chamada burguesia imigrante, a qual, uma vez estabelecida, passa a investir capital e técnica em atividades industriais.*¹²⁰

Os exemplos fornecidos pela autora são a Cia. Pelotense de Curtume, de 1863; o curtume de Antônio Luiz Gomes da Silva, de 1869; e a firma de Júlio Hadler, especializada na produção de couros envernizados e curtidos, em 1895.¹²¹ Em São Leopoldo, desenvolveu-se desde o início da colonização o trabalho com o couro. Na década de 1850, era grande o número de curtumes existentes na vila. No final do século, os curtumes e manufaturas de calçados de São Leopoldo e Novo Hamburgo estavam já organizados em outras bases. Pode-se dizer, por isso, que no Rio Grande do Sul a produção artesanal e manufatureira e o desenvolvimento industrial foram incrementados pela imigração/colonização estrangeiras. E, no século XIX, coube especialmente aos alemães o desenvolvimento do setor secundário,¹²² quer em São Leopoldo, quer em Porto Alegre, Pelotas ou Rio Grande.

No bojo desse desenvolvimento econômico, perpassava também a organização política da sociedade rio-grandense, que, por volta de 1850, sofria ainda as conseqüências dos dez anos de guerra em seu território. Diz Helga Piccolo que, nessa época,

[...] a Província procurava curar as feridas abertas pela Revolução [...]. Mas a sombra da Revolução nunca deixou de pairar sobre o Rio Grande do Sul e isto se refletia na

¹²⁰ PESAVENTO, Sandra J. *Pecuária e indústria*. Porto Alegre: Movimento, 1986, p. 14.

¹²¹ *Ibid.*, p. 54.

¹²² PICCOLO, 1998, p. 411.

*Assembléia, que era a caixa de ressonância do que acontecia na Província.*¹²³

No início dos anos 60, o Partido Liberal (PL) vai reorganizar-se com um programa de ação e combate, cujo resultado o levará, em 1872, à maioria na Assembléia Legislativa da Província e, no final da mesma década, também ao governo. Nessa posição, ficava difícil defender as idéias de reformas que estavam no seu discurso enquanto oposição. É desse contexto que emerge o Partido Republicano Rio-grandense, cujo programa partidário propunha reformas mais radicais. Na prática política do Império, porém, ele não tinha nenhum espaço.

Coincidindo com a proclamação da República, Porto Alegre apresentava um notável desenvolvimento comercial e industrial no final dos anos oitenta, sendo a Rua Voluntários da Pátria uma das mais florescentes da capital, com inúmeras casas importadoras e exportadoras. *Sem o charme e a grandiosidade de Paris ou mesmo a sensualidade tropical do Rio, Porto Alegre vivenciou a sua 'fin de siècle' embalada também pelos ventos do progresso e os anseios de tornar-se civilizada.*¹²⁴

Apesar do desenvolvimento experimentado pela capital do Estado, a instabilidade marcava a instalação da República no Rio Grande do Sul. Marcava, também, a montagem do novo Estado rio-grandense: Constituição, troca nos cargos de confiança em nível local, substituição das

¹²³ *Ibid.*, p. 31.

¹²⁴ PESAVENTO, Sandra J. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia et al. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. da Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994, p. 136.

juntas governativas, nomeação de intendentess, criação de corpos militares. Um aparato político e um aparato de força eram montados ao mesmo tempo em que a Revolução Federalista se desenrolava. Trindade argumenta que nesse momento

[...] a preocupação principal do partido republicano era [...] estabelecer suas bases políticas de baixo para cima, através do controle do poder político local. Tornava-se indispensável, para fortalecer-se enquanto partido, bem como para iniciar o processo de conquista do aparelho do Estado, que os líderes da propaganda, articulados com os clubes republicanos, acoplassem o domínio partidário com a dominação política local [...]. Esta tarefa era fundamental para os republicanos até então fora do poder.¹²⁵

Em 1898, Castilhos passa o cargo para Borges de Medeiros, a quem caberá dar a organização final ao Estado. Sandra Pesavento diz que:

[...] o novo grupo que empolgara o poder com a República [...] tinha como matriz inspiradora de sua conduta política o positivismo de Augusto Comte, devidamente metabolizado segundo uma estratégia partidária racional e sedutora. O Rio Grande precisa modernizar-se, criar indústrias, desenvolver os transportes, conquistar mercados, racionalizar a produção. A ciência e a indústria asseguraríam o progresso, enquanto que a moral e a educação manteriam a ordem. Ordem e progresso [...] foram adaptadas para sua execução numa realidade regional distinta. Tratava-se antes de promover a constituição do capitalismo do que desenvolvê-lo.¹²⁶

A República Velha gaúcha, em síntese, organizou-se como um Estado autoritário e centralizado, impondo-se inicialmente pela força, mas conquistando posteriormente a hegemonia política. Esta foi abalada

¹²⁵ TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário rio-grandense (1882-1937) da confrontação autoritária liberal à implosão da aliança política revolucionária de 30. In: *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 129. *Apud* FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p. 70-71.

¹²⁶ PESAVENTO, 1994, p. 136.

novamente no início dos anos 20 pela Revolução Assisista e, posteriormente, metamorfoseada pela FUG para participar da vida nacional.

Voltando para a economia imigrante no final do século, esta continuava a ser um dos esteios da economia rio-grandense, com um crescimento das manufaturas e das indústrias de pequeno e médio porte, especialmente as oriundas do desdobramento das atividades dos comerciantes. Enquanto isso, o capital internacional entrava no Rio Grande do Sul pelo setor da carne, com a instalação de frigoríficos no Estado.

Aliado ao desenvolvimento econômico, o setor de transportes alargou-se na República, especialmente na área ferroviária. Paralelamente, o número de navios ligando o porto de Rio Grande ao centro do país aumentou consideravelmente. A abertura da barra e a encampação da rede ferroviária pelo Governo do Estado, na década de 20, fizeram parte da estratégia do Executivo para desenvolver o Rio Grande do Sul.

As melhorias na economia rio-grandense e o desdobramento da política nesse mesmo processo foram acompanhadas também por uma transformação da sociedade gaúcha. A população dobrou, favorecida pela imigração. Algumas cidades experimentavam um surto de desenvolvimento mais rápido, como as já citadas Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e também São Leopoldo. Tal desenvolvimento possibilitou o surgimento de novos grupos sociais, como comerciantes, industrialistas, funcionários públicos e profissionais liberais. Nessas cidades já alcançadas pelo progresso, a vida social das elites tornava-se mais intensa nos clubes, nos teatros, na rua.

Visitando Porto Alegre em 1906, Vittorio Buccelli escreveu que a Rua dos Andradas era esplendidamente iluminada *com magníficos globos de acetileno* e lembrava a rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, com suas lojas de moda, as mais variadas, esquisitas ou elegantes. Nela, senhoras e senhoritas passeavam sua elegância, dando-lhe vida e encanto de um centro europeu. *Na praça muitos cafés, [...] são os espaços preferidos da juventude e dos bons vivants de todas as classes.*¹²⁷ Adiante, na continuação da avenida Independência, fica o hipódromo e, próximo dele, o velódromo, dois espaços importantes de lazer e sociabilidade dos porto-alegrenses no início do século. Registro ainda o clube de tiro, espaço dos alemães e teuto-brasileiros de Porto Alegre.

O novo século trará também um notável desenvolvimento na área da tecnologia do lazer, na qual despontaram, entre outros, o cinematógrafo, o cinema, a fotografia, o rádio e o gramofone. A descoberta do corpo, a busca da compreensão do psíquico, as modas e os modos passam a fazer parte do dia-a-dia de um número cada vez maior de pessoas. E se tais coisas podem parecer tão distantes, a verdade é que foram rapidamente incorporadas à vida dos rio-grandenses, especialmente nas cidades mais progressistas. Porto Alegre, no bojo desse processo, tinha também ares de modernidade. Era abastecida pela hidráulica, possuía bondes elétricos e, em 1908, inaugurou sua primeira usina elétrica. No início do novo século, poder-se-ia dizer que Porto Alegre era uma cidade cosmopolita. O cosmopolitismo da capital dos gaúchos podia ser atestado

¹²⁷ BUCCELLI, Vitorio. *Viaggio al Rio Grande del Sud*. Milão: L. F. Pallestrini, 1906, p. 79.

pela arquitetura urbana de estilo renascentista e *art nouveau*; pela ocupação dos espaços nobres, como o da Independência e do Moinhos de Vento para moradia das elites; pela afluência aos cinemas; pela freqüência aos cafés, confeitarias ou livrarias. Dentro do espírito de modernidade, a Rua da Praia ou dos Andradas era o ponto central da capital. *Era na Rua da Praia que ficavam os bares aconchegantes, que passeavam as raparigas em flor, que se sentia a vida da cidade. A Rua da Praia era uma grande vitrina.*¹²⁸ Por ela passavam todos, para o trabalho, para as compras, para o *footing*. A administração, os bancos, o comércio, os cafés e as confeitarias, todos estavam nessa rua. Era o ponto *chic* da cidade, o lugar onde tudo acontecia. A Livraria do Globo, o Cinema Imperial, a Confeitaria Woltmann, o Clube do Comércio, a Casa Masson são exemplos do que falo. Posso dizer, pois, que da passagem do século até os anos 30 esta cidade esforçou-se para estar em dia com a modernidade.

¹²⁸ TOSTES, Theodomiro. O mundo de Dyonélio Machado. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 7 de jul. 1979. Caderno de Sábado, p. 7. *Apud* CRUZ, Cláudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre, 1935*. Porto Alegre : EDIPUCRS/IEL, 1994, p. 129.

2. O CENÁRIO LEOPOLDENSE: UM RECORTE LOCAL

O recorte local, tal como seu referencial maior, traça um panorama do espaço social construído pelos imigrantes alemães e teuto-brasileiros em São Leopoldo nos séculos XIX e XX, levando em conta os padrões de civilidade que ditavam as regras da sociabilidade às elites urbanas inseridas no contexto da globalidade da civilização ocidental.

Ao traçar esse panorama, procuro ler o espaço urbano de São Leopoldo, considerando que o tempo na cidade apaga muitas marcas assim como deixa outras tantas. Nas que ficam, percebe-se a presença de *vários 'tempos no espaço', caracterizados por uma diversidade de testemunhos de várias épocas.*¹²⁹ Nas que se apagam, a memória encarrega-se de guardá-las. É o que se percebe em relação à sociabilidade.

Berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul, São Leopoldo não foi diferente e, com relação à sociabilidade, desde muito cedo apresentou espaços de lazer organizados, como os salões de baile.¹³⁰ Aqui

¹²⁹ LUZ, Maturino. Os (des)caminhos da preservação. Debate. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória : patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo : DPH, 1992, p. 222.

¹³⁰ GUTIERREZ, Juan Maria. Apuntes sobre la colonia alemana de San Leopoldo. In: MORAES, Carlos de Souza (redator). *Boletim Municipal : Legislação – História*. São

é preciso pôr em cena a dança. Roche diz que, sempre que podiam, os colonos se reuniam para dançar depois do trabalho.¹³¹ Ora, boa parte dos imigrantes moradores de São Leopoldo era oriunda de áreas rurais da Alemanha. Nessas áreas, a dança tem uma tradição forte de culminar trabalhos como o término da casa (baile da cumeeira) ou o final da colheita, estando muito ligada ao ciclo da terra. A dança, pois, *simboliza toda evolução do lazer tradicional na sociedade rural*.¹³² Reproduzia-se, aqui, um costume trazido com a imigração, mas que não era desconhecido das nossas áreas rurais. Já os clubes, os hotéis, os espaços ao ar livre, as chácaras e outras áreas verdes (matos) foram sendo incluídos como áreas de lazer na medida em que se ampliavam os espaços de sociabilidade da vila. Localizados em sua maioria no centro, muitos desses espaços tornaram-se também lugares de distinção social.

O recorte que delineava o centro da vila do ponto de vista da sua geografia foi descrito assim nas Posturas Municipais de 1846:

*[...] da embocadura do arroio do Brejo no Rio dos Sinos, e por ele acima passando em frente à colônia de Jorge Henrique Ritter, até encontrar com a estrada que vem da Feitoria Velha, e por ela segue até o estabelecimento da Madame Rao, e cortar em linha reta a desembocadura do Arroio do Carvão.*¹³³

Leopoldo, : Prefeitura Municipal de São Leopoldo, ano 1, nº 1, v. 1, jan.-jun.1946, p. 110. Neste documento, Gutierrez descreveu a colônia, registrando que *"casi todos los domingos, se juntan en San Leopoldo á bailar, desde que empieza la tarde, en una pieza dispuesta al efecto, y dura el bullicio hasta despues de media noche"*.

¹³¹ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 642-643.

¹³² FARCY, Jean-Claude. *Le temps libre au village*. In: CORBIN, 1996, p. 253.

¹³³ PICCOLO, Helga Iracema L. (org.). *Imigração alemã 1824-1974: levantamento e apreciação da problemática de São Leopoldo no período 1824-1889*. *Estudos Leopoldenses*. São Leopoldo: Unisinos, 1974, p. 19.

Ele pode ser percebido, ainda, no Mapa Plano da Povoação,¹³⁴ confeccionado em 1833.

Dentro desses limites é que se organizou a vida da vila de São Leopoldo em seu núcleo mais central. Esses documentos permitiram uma primeira visão das ruas e dos logradouros públicos da vila. A partir desses delineamentos, foi possível saber as profissões dos primeiros moradores, além de seu local de moradia. Sobressaiu-se, assim, a rua do Passo, depois Independência, como a principal da vila, já que tudo passava por lá. É o que mostraram também alguns viajantes, historiadores e memorialistas que descreveram o centro urbano de São Leopoldo em diferentes épocas.

O tempo de seus escritos situa-se entre os anos de 1830 e 1858. Eles mostram uma São Leopoldo alemã em todos os sentidos, destacando desde a fala até a laboriosidade de seus habitantes. Sobre o trabalho alemão, nomeiam as muitas profissões existentes no núcleo urbano, dando-lhe um caráter de cidade de artesãos. Quase todas as casas são oficinas e armazéns. Portanto, os comerciantes também já estão nesse espaço. A descrição segue pelo feitio das casas cobertas de telhas e com calçadas, citando a falta de pavimentação nas ruas, e continua pela menção das características espaciais de São Leopoldo, que é plana e sujeita às enchentes do rio dos Sinos, em cuja margem esquerda está localizada. Pelo

¹³⁴ Günter Weimer diz que, “quando chegaram os imigrantes alemães e depois os italianos, o governo foi deixando, dentro do possível, para técnicos imigrantes a abertura das picadas e a demarcação dos lotes desde que fossem seguidas as normas do parcelamento da terra [...]. Porém o Governo jamais abriu mão de desenhar as cidades”. In: WEIMER, Günter. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p. 53. Em 1833, Miguel Gonçalves dos Santos, piloto da Carta Geral, desenhou o primeiro mapa da Vila.

número de casas que possuía, a Rua Grande (do Passo, Independência) era a mais importante da vila. Sobre os moradores, a descrição destaca a sua aparência *completamente aldeã*. A par desses aspectos gerais, anotou-se também que *as autoridades da colônia são brasileiras, compondo-se de um juiz de paz e de um comandante militar*.¹³⁵ Essa observação mostra que o viajante marcou bem os espaços ocupados pelos grupos que habitavam a localidade.

Esses são os elementos que atuam como pano de fundo na questão do estabelecimento dos espaços de sociabilidade, que são, em última instância, fruto da economia e da política.

No período enfocado, os imigrantes, como portadores de uma cultura própria, marcada há mais de um século pela busca de uma identidade, sendo a língua um dos elementos fundamentais, tinham nas palavras, nas canções e na religião seu elo de ligação com a pátria de origem. Isso colocava-os como diferentes diante da sociedade nacional. No desdobramento dessa diferença, eram os *outros* em São Leopoldo, e o seu espaço de representação era, por isso mesmo, mais restrito. Assim, os espaços sociais que construíam no centro da vila eram não só frutos do desenvolvimento econômico que imprimiram ao lugar, mas também representações de sua cultura e, ao mesmo tempo, espaços capazes de dizer, simbolicamente, de sua competência.

¹³⁵ ISABELLE, 1983, p. 74.

Justificando essa afirmativa, quero dizer que, quando a colônia tornou-se vila em 1846, dentre todos os trabalhadores que a habitavam, serão os comerciantes que ganharão destaque no centro urbano pelo sucesso financeiro que obtiveram. Serão eles, junto com os brasileiros que detinham o poder político, que formarão a elite local. Sem estar ainda participando plenamente da vida leopoldense, sua área de atuação será principalmente a econômica e a social. Nesse campo, porém, mostrarão toda a sua competência e abrirão caminho para a participação no poder político local já na década de 1860.¹³⁶

Voltando à análise do caráter industrial e industrioso da população de São Leopoldo, sublinho as mudanças econômicas que o lugar apresentou a partir do término da Revolução Farroupilha e de sua elevação a vila no ano seguinte.

*A partir desta data, São Leopoldo deu o grande salto para o desenvolvimento econômico. Sua população cresceu 75% entre 1845 e 1857 [...]. As exportações aumentaram [...], o número de estabelecimentos artesanais quintuplicou, o de escolas dobrou.*¹³⁷

¹³⁶ Pesavento, citando Piccolo, dirá que “[...] a lei de organização dos municípios, de 1º de outubro de 1828, durante o 1º Império, veio conferir aos imigrantes a possibilidade de exercerem o cargo de vereadores, uma vez que se permitiu o acesso a estas funções de todos os eleitores paroquiais que tivessem dois anos de domicílio nos respectivos termos, independente de serem estrangeiros naturalizados e acatólicos. Por seu lado, o processo de naturalização se revelou moroso, já que a Lei de 24 de outubro de 1832 exigia longo prazo prévio, além de outras formalidades ‘complicadas e dispendiosas’ e [...] a Lei de 18 de setembro de 1850 também fazia exigências que dificultavam a participação política do imigrante”. PESAVENTO, Sandra J. O imigrante na política rio-grandense, in: DACANAL; GONZAGA, (orgs.) et al., 1980, p. 160.

¹³⁷ AMADO, Janaina. *Conflito social no Brasil: a revolta dos ‘Mucker’*. São Paulo: Símbolo, 1978, p. 65.

O artesanato era bastante diversificado, abrangendo desde a construção de barcos até os trabalhos dos ourives e chapeleiros. Nesse espaço, abrigavam-se ainda os artesãos e comerciantes mais abastados.

Como se deu, então, o desenvolvimento da sociabilidade nesse espaço antes da chegada da era dos lazeres? Algumas evidências mostraram, por exemplo, os salões de baile de que já falamos ou as igrejas como espaços de sociabilidade. Entretanto, é ao longo dos anos cinqüenta do século XIX que as transformações mais significativas vão-se operar, pois às mudanças econômicas enunciadas correspondeu também a criação de um novo modelo de vida. Nesse contexto, fez-se necessário criar ou recriar espaços para o lazer e a sociabilidade dessa nova elite que se formava.

*O acelerado crescimento de São Leopoldo provocou mudanças [...] nas relações sociais, na política e na religião, na maneira de os homens encararem a si próprios, aos outros homens e ao mundo em que viviam.*¹³⁸

Janaína Amado reafirma que, quando São Leopoldo deu esse grande salto para o desenvolvimento, foram os comerciantes os que se mostraram como os mais preparados para tal salto. *Em 1859, seu número era de 71, mas seu poder decisório era o que mais pesava.*¹³⁹ Nesse momento, o padrão de enriquecimento já havia estabelecido diferenças sociais, com uma camada urbana elitizada, representada pelos comerciantes que buscavam uma mudança em seu padrão de vida, já que se reconheciam como grupo social

¹³⁸ AMADO, 1978, p. 65.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 65-66.

diferenciado. A mudança dar-se-á dentro dos padrões da elite, incluindo-se nela a da aquisição de novos hábitos, como

[...] acordar e dormir mais tarde, mobiliar melhor a casa, refinar a linguagem, às vezes comprar um ou mais escravos, apurar a vestimenta e a alimentação, organizar reuniões sociais em casa, participar das Sociedades recém criadas (em atividades de canto, conferências, teatro, esportes, bailes), passear à tarde com a família pela praça, comentar na cervejaria, com um grupo selecionado, os assuntos políticos do dia [os homens] e assistir ao mesmo culto dominical.¹⁴⁰

Incluíam-se nesse ritual também os casamentos e batizados, que passaram a ser entre pessoas do mesmo nível sócioeconômico. Jean Roche¹⁴¹ cita o casamento entre os filhos da família Blauth com os da família Schmitt, ambas ligadas à navegação. O primeiro livro de batismos da Comunidade Evangélica [1856/1860] confirma essa afirmação, mostrando a relação de compadrio que se estabelecera entre os evangélicos, que eram também membros da elite urbana que se formava. Para culminar esse processo de diferenciação social, surgiram as associações de canto, de tiro, de ginástica. Sua finalidade era incentivar ora o canto coral, ora a ginástica, e com eles desenvolver a sociabilidade entre os "patrícios alemães". Tornaram-se, entretanto, espaços mais alargados de recreação. A partir dessa época, pode-se dizer que São Leopoldo entrava na era dos lazeres. Dentre esses espaços, o mais importante, inicialmente, foi a Sociedade Orpheu. Sua importância crescia na medida em que se dedicava a oferecer diversões não só aos seus associados, mas abria suas portas para a

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 66.

¹⁴¹ ROCHE, 1969, p. 582.

comunidade. Apesar dessa ação comunitária, o clube era um espaço "privado" de sociabilidade e de lazer.

No mapeamento dos espaços públicos de sociabilidade de São Leopoldo, incluíam-se, além das sociedades de canto, ginástica e tiro, também as Igrejas Católica e Luterana. A partir da década de 1850, tanto no templo católico quanto no evangélico, determinados horários de missa ou culto passaram a ser cada vez mais de freqüência da elite, especialmente quando as diferenças sociais fizeram-se mais marcantes. A igreja deixara de ser só local de recolhimento. Era também espaço de ver e ser visto. A dinâmica social do ir e vir, de participar das atividades religiosas e sociais como festas, batizados, confirmação e casamentos permitia tal situação.

Um outro espaço público de sociabilidade também vai fazer parte desse conjunto mais tarde. É a escola. Diferentemente da igreja, a escola marcava seu elitismo pelos freqüentadores, que eram avaliados de acordo com sua origem familiar. E freqüentar determinadas escolas fazia parte da construção da diferença social. Entre essas escolas, destacamos o Colégio Conceição, dos Jesuítas, e o Colégio São José, das Irmãs Franciscanas.¹⁴²

Incluo nesse mapeamento, alguns outros locais que no século XIX eram freqüentados pela elite leopoldense, entre eles, o Convento da

¹⁴² O principal Colégio luterano da região era a Evangelische stift (Fundação Evangélica), situada em Novo Hamburgo. Sobre ela, ver a dissertação de mestrado de MEYRER, Marlise Regina, *Evangelische stift: uma escola para "moças das melhores famílias"*. Dissertação de Mestrado, defendida no PPGH/UNISINOS em maio de 1997 (fotocópia).

Cerveja,¹⁴³ espaço de sociabilidade masculino, e alguns bilhares. Aos domingos à tarde, visitava-se a chácara do Julien e o Morro do Espelho, onde se faziam os piqueniques. Quase sempre uma banda ou um gramofone acompanhavam os excursionistas. Faziam-se excursões, também, para o Steinkopf. Outro espaço bem freqüentado pela elite era o salão do Hotel Koch ou do Hotel Graeter. Todos esses eram espaços informais de sociabilidade e de lazer.

Posso dizer, retomando os fios da trama que desenvolvo, que a melhoria das condições de vida de alguns alemães e teuto-brasileiros de São Leopoldo, em geral comerciantes, permitiu-lhes um tempo para o lazer, o que os levou a construir no final dos anos 50 do século XIX um espaço onde pudessem se reunir para cantar. Se, de um lado, temos na fundação do clube a tradição germânica do canto, de outro, temos também a novidade da organização do tempo livre para o lazer, uma inovação do século XIX.

No final dos anos setenta, outros viajantes descreverão a agora cidade de São Leopoldo.¹⁴⁴ Seu olhar, porém, não será diferente dos anteriores. *A localidade é muito industrializada. A população consiste principalmente de artífices, operários e fabricantes [...]. Comerciantes também existem.*¹⁴⁵ Essa afirmação, por sua vez, reforça o poderio dos comerciantes na cidade. Nessa época, poder-se-ia dizer que, do ponto de vista do desenvolvimento do núcleo urbano, muito já havia sido feito, pois as

¹⁴³ Há referência sobre o Convento da Cerveja e outros espaços de lazer em São Leopoldo em MÜLLER, Telmo Lauro. *Herança de geração em geração*. São Leopoldo: Rotermund, 1988, p. 87.

¹⁴⁴ Tornou-se cidade pela Lei n.º. 563, de 12 abril de 1864.

ligações da cidade com as colônias e com a capital da Província já estavam concluídas. As portas da cidade agora eram muitas: a ponte, a estrada de ferro e o rio, onde as barcas também foram modernizadas.

A partir de então, São Leopoldo viverá um outro tempo, sobretudo do ponto de vista econômico, que por conseqüência se refletirá sobre as atividades de lazer e sociabilidade. Uma amostragem desse crescimento ficou patente nas exposições industriais realizadas pelo Governo Provincial ou Estadual de 1866, 1875, 1881 e 1901, onde a cidade aparecia com destaque. São Leopoldo apresentava-se em plena expansão urbana, produto do crescimento econômico que a colocava como parte integrante dos Municípios que compunham o "celeiro do Brasil". Ampliaram-se as ruas e avenidas e ocuparam-se terrenos baldios, o que dava à cidade um aspecto mais urbanizado. No início da República, a rua Grande, agora chamada Independência, será pavimentada, e a iluminação, melhorada. Era o fim do século que se aproximava. Eram também os ares dos novos tempos republicanos que se faziam presentes em São Leopoldo.

No início do século XX, São Leopoldo recebe a visita de Vittorio Buccelli. Era o ano de 1906, e esse viajante italiano destacava na cidade uma série de estabelecimentos industriais muito prósperos, alguns inclusive premiados na Exposição Internacional de Milão, ocorrida naquele mesmo ano. Buccelli cita, entre outros estabelecimentos, a fábrica de chapéus de G. Eggers, a fábrica de sabão de L. Hoffmann, as fábricas de bebidas e licores de Bier, Wolffenbüttel, Weinmann, Dihel e a serraria do Sr. Feldmann.

¹⁴⁵ Hans Hofmann (1874), *apud* MÜLLER, 1988, p. 237.

Continuando esse crescimento, na década de 20 São Leopoldo ocupará o segundo lugar em número de indústrias no Rio Grande do Sul, logo depois de Porto Alegre.¹⁴⁶ Isso pôde ser alcançado graças aos melhoramentos na infra-estrutura da cidade, entre os quais, a construção da hidráulica e da usina hidrelétrica da Toca.

Politicamente, o Município seguia o mesmo padrão do Estado. Na passagem do Império para a República, houve a troca dos membros da Câmara Municipal pelos da junta governativa, em que figuravam alguns nomes alinhados com o PRR desde o último ano da monarquia. Outros haviam aderido ao Partido Republicano, depois da República, mas a maioria dos nomes que agora compunham o governo municipal era de origem alemã e representava diversas localidades do Município. A grande nacionalização já ocorrera no início da República, e as restrições aos acatólicos remontavam ao passado. Eram, portanto, problemas superados. São Leopoldo enfrentará, porém, no final do período, um grande desafio político com a perda de seu distrito mais rico: Novo Hamburgo.

Do ponto de vista da sociabilidade, a trajetória de São Leopoldo continuava bastante significativa. No início dos anos 80 do século XIX, quando a ginástica chegava aqui pela mão dos alemães, um outro clube vai ser fundado na cidade, com a finalidade de desenvolver a sociabilidade através do culto do corpo e da mente: a Sociedade Ginástica Leopoldense. Realizar bailes, festas e piqueniques comemorativos, além de

¹⁴⁶ PETRY, 1965, p. 1.

incentivar o canto e o teatro, estava entre as manifestações que o novo clube programava. O teatro era uma das mais tradicionais manifestações da cultura alemã e teuto-brasileira em São Leopoldo desde meados do século XIX. Herança do período anterior,¹⁴⁷ era freqüente o anúncio de concertos e de peças teatrais nos jornais e nos convites impressos. Nas sociedades leopoldenses do final do período, o teatro estava sempre em evidência, tanto o amador, formado por grupos locais, quanto o profissional, representado por companhias que visitavam a cidade. Enquanto forma de lazer, o teatro era um espetáculo atraente e tinha um público fiel. Registrei em outro trabalho uma lista de peças teatrais apresentadas na Sociedade Orpheu entre os anos de 1876-77 que dá bem a dimensão desse sucesso.¹⁴⁸

No contexto da sociabilidade, o teatro significava mais do que a simples apresentação do espetáculo. Ele fazia parte não só da educação do gosto, mas permitia também refiná-lo. Mais do que falar ou cantar, que eram atividades ligadas à emergência da nacionalidade e da identidade, historicamente falando, o teatro requeria um conhecimento da literatura e dos autores. Formar, dirigir ou fazer parte dos grupos teatrais, uma prática corrente entre os jovens de famílias tradicionais em São Leopoldo entre os

¹⁴⁷ Conforme BUCCELLI, 1906, p. 308: "A cidade de São Leopoldo continua a tradição da população alemã antiga, de manter diversas sociedades filarmônicas e educativas e, como a população brasileira, ama todo gênero de esportes. (Por isso) há (também) um belíssimo hipódromo e uma sociedade de tiro ao alvo".

¹⁴⁸ RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz et al. *Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube*. São Leopoldo: Ed. Palotti, 1998, p. 53. Neste ano, foram apresentados os seguintes espetáculos teatrais: 21/05 – Müller e Miller; 02/07 – Er mengttief in Alles; 30/07 – Die Grille; 24/09 – Das Wichtel oder der gute Mausgeist; 29/10 – Die Untro; 03/12 – Das war ich oder die böse Nachbarin; 25/12 – Das Leibgerichts und der Weihnachtsabend; 28/01 – Spiele nicht mit Schupgeweh; 29/04 – Der Phlegmatieus; 27/05 – Der Wirwar.

anos setenta do século XIX e trinta do século XX, era também um traço de distinção da elite. Entre homens e mulheres, é possível citar, sem esgotar a lista, Alfredo Dörnte, Felipe Jacob Sperb, Vera Bieri, Guilherme e Heinrich Wolffenbüttel, Carlos Dienstbach, W. Albert Panitz, Ely Bier, Heinrich Bohrer, Otto Mernack, Carlos Schäfer, Dita Panitz, Germano Lang, Julius Fleck, Ida Haertel e Cora Moog.

No espaço dos clubes sociais, coube, no final do século, também a festa familiar. É a família saindo do seu espaço mais íntimo para ocupar um lugar no novo espaço que se criava. *O convívio social fora de casa reduzia a família, dando a ela um caráter mais cosmopolita. O lazer em comum era entendido como uma extensão natural da vida doméstica e não uma atividade supérflua, fazendo parte do cotidiano familiar.*¹⁴⁹

No final do século, portanto, ao espaço da casa integrava-se cada vez mais o espaço das praças, das ruas e dos clubes. Estes, agora, eram muitos, ofereciam as mais variadas possibilidades de práticas de lazer e de convívio social a seus associados. Para a prática dos esportes de salão havia o bolão, para a prática do tiro ao alvo havia o clube de Tiro e para a prática do tênis, um seleto grupo fundou o Tênis Clube, em 1912. Para a prática do lazer e do convívio social, outras sociedades surgiram em São Leopoldo, como a Sociedade Eintracht (Concórdia), fundada em 1896, e o Clube Riograndense, que veio a lume em 1914. No rol dos espaços da elite, estavam ainda as corridas no Prado Leopoldense, que desde o último quartel do século XIX era um importante espaço de lazer.

No fim da década de 20, surgiu um outro clube na cidade, mais voltado para os interesses da elite. Sua proposta de entretenimento e lazer atendia os anseios dessa camada social que se diferenciava da média e conseqüentemente buscava outros espaços mais exclusivos de representação. Era o Clube Recreio Juvenil.

No espaço dos clubes, finalmente, os variados espetáculos colocavam a cidade em dia com as diversões que aconteciam na Capital ou em outros grandes centros. Desse modo, São Leopoldo ligava-se à técnica e à modernidade no início do século XX, com o cinematógrafo, que se mostrava no palco da Sociedade Orpheu, por volta de 1906. Em seguida, o cinema faz a mesma trajetória, passando depois para os grandes prédios que foram construídos na Rua Grande. Desses prédios, o do Teatro Independência foi um dos mais representativos. Nele, os espetáculos eram diversificados, indo dos bailes aos concertos e ao teatro, passando pelo cinema.

Os clubes eram usados também para banquetes e orações de políticos, embora aparecessem com o caráter de festa em primeiro lugar. Assim foi quando da visita de Gaspar Martins a São Leopoldo em 1879. Ele foi recebido com grandes discursos e festas organizadas pela Maçonaria e, à noite, foi-lhe *oferecido um jantar, nos salões da Sociedade Orpheus, pelas autoridades do Município e dos componentes da Loja Maçônica Estrela do*

¹⁴⁹ ARAÚJO, 1993, p. 339.

*Oriente 3ª, que organizou as festividades em sua homenagem.*¹⁵⁰ Da mesma forma, o Orpheu foi usado como espaço para uma reunião política do PRR. Ao lado da intensa vida social que os clubes proporcionavam aos seus associados no espaço urbano de São Leopoldo, a cidade possuía ainda outros espaços informais e públicos de sociabilidade, como as ruas, as chácaras e os campos de futebol. Esses lugares, embora destinados a todos, em muitos momentos tornavam-se propriedade da elite para ela, simbolicamente, neles se representar. O exemplo mais acabado desses espaços é a Rua Grande, também chamada Independência. Embora destinada à passagem de todos, tornava-se, em alguns momentos, o teatro da sociabilidade de um determinado grupo. Era o que acontecia especialmente quando algum visitante ilustre chegava na cidade. Então, ela se travestia de sala de visitas e recebia o convidado que desfilava por ela a pé ou de carro, dependendo da época. Faixas, pórticos nos principais lugares por onde passava a comitiva, sacadas enfeitadas, casas embandeiradas, luzes acesas em sinal de adesão, pequenas comissões de recepção de ponto em ponto com flores ou versos e, principalmente, o povo compunham o cenário da rua. Essa metamorfose era um espetáculo à parte – ocorreu quando Gaspar da Silveira Martins visitou São Leopoldo; por ocasião dos festivais de canto alemão em 1863 e 1864; ou, ainda, quando a Princesa Isabel e família passaram pela cidade. Assim também era nos carnavais quando o Corso tornou-se moda.

¹⁵⁰ DIENSTBACH, Carlos. *A maçonaria gaúcha*. Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda. 1993, p. 657.

A Rua Grande era ainda cenário privilegiado para os desfiles militares, para as procissões, para as escolas e para sociedades que, com a banda à frente, iam em busca de uma chácara para um piquenique ou para um alegre convívio entre os socialmente iguais. Isso acontecia também porque a Rua Grande (Independência) e adjacências eram a área de moradia da elite. Mas eram, sobretudo, o lugar do comércio, da confeitaria, do salão do hotel e do café. Eram o lugar do *footing*, portanto. A Independência era, na verdade, a vitrina de São Leopoldo.

O cenário público do lazer e da sociabilidade leopoldense não ficaria completo sem que dele fizesse parte a Chácara Schmidt. Ela era usada como local de tomar cerveja ou *chopp*, fazer piqueniques ou quermesses e também era o cenário da festa da Páscoa da Comunidade Evangélica. De local para festejar, beber e confraternizar até espaço para uma partida de futebol, tudo era possível acontecer, em termos de lazer, na Chácara Schmidt. Até meados do século XX, era um espaço público de lazer que se tornara de representação da elite para muitas de suas diversões. Situada na área central da cidade, foi engolida pela especulação imobiliária e pelo crescimento da urbe.

Em um outro patamar do lazer estava a prática do futebol, grande moda que chegara em São Leopoldo no início do século. Em 1915, os sócios do Orpheu puseram-se em dia com a modernidade, fundando o S. C. Nacional. Outras sociedades também formaram times para a prática do novo esporte.

Olhados em seu conjunto, os clubes sociais cumpriam um papel importante no contexto da sociedade, pois tinham como encargo não só a manutenção da sociabilidade como também a educação moral da elite quando ensinavam e fixavam as regras do viver em sociedade. Tais regras são expressas nos Estatutos e reforçadas nos boletins informativos ou nas atas de Diretoria. Em fins da década de 20, por exemplo, a Diretoria da Sociedade Orpheu aprovou por unanimidade a proibição da dança do *charleston* em suas dependências, por ser ela um atentado aos bons costumes. O que não se pode perder de vista é que os clubes sociais eram, acima de tudo, espaços de representação de uma elite urbana alta ou média, mas elite. Ela era a detentora do capital econômico e/ou do capital cultural ou, ainda, do capital simbólico. Seu papel não era só usufruir da sociabilidade com os seus pares, mas educar a todos pelo exemplo de sua prática social. Em São Leopoldo, isso não foi diferente.

Dos clubes sociais existentes na cidade no período estudado, posso dizer que eram espaços da elite leopoldense. Eram, nesse sentido, espaços de distinção e de educação pelo exemplo das práticas sociais. Ser da elite significava, em última instância, possuir alguns sinais de diferenciação, como o uso de distintivos e o uso de bandeiras quando as atividades sociais eram feitas em conjunto com outras sociedades. Isso demarcava bem o pertencimento de cada um a sua sociedade. Marca de distinção era, ainda, o fato de as festas dos clubes destinarem-se somente aos associados. Este é um aspecto característico de uma elite que queria preservar seus espaços de lazer.

Embora a etnia tenha estado presente na proposta de fundação dos clubes mais antigos, pois tratava-se de construir espaços para o lazer dos alemães, depois da I Guerra Mundial e especialmente depois da II Guerra, esses espaços encaminharam-se para um processo de interação. Isso pode ser atestado quer por escritos, quer pelo cruzamento das listas de sócios.

Por último, quero reforçar que as práticas de sociabilidade e de lazer fizeram parte da vida de São Leopoldo a partir da segunda metade do século XIX e que tais práticas colocaram a cidade em sintonia com outras vilas ou cidades onde o lazer e a sociabilidade estavam também em desenvolvimento seja no Brasil, seja na Europa. Essas formas de uso do tempo livre, por seu turno, acompanharam o seu próprio tempo, isto é, para cada época diferenciada havia um tipo de diversão e de lazer diferente e diferenciado, de acordo com o refinamento do gosto ou segundo fatores econômicos e tecnológicos.

PARTE 2

OS ATORES EM AÇÃO

Esta parte do trabalho centra-se na análise das épocas, dos espaços e dos personagens que construíram e vivenciaram os locais de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo. O texto destaca quatro capítulos entre 1858 e 1930, nos quais procura dar a conhecer os locais usados pela elite urbana leopoldense para construir determinados espaços de sociabilidade e demarcar o alcance que essa construção teve em termos de sua representação no cenário sóciopolítico local ou regional. Buscará também mostrar em que medida essa sociabilidade pode metamorfosear-se e/ou diluir-se no espaço urbano, principalmente levando em conta que o grupo estudado possuía um componente étnico que o caracterizou e o diferenciou ao longo do período estudado.

3. O CLUBE DE CANTO ORPHEUS¹⁵¹

Para desenvolver a primeira parte desta análise, parto da fundação da Sociedade Orpheu, o primeiro clube social criado na área urbana de São Leopoldo, em 20 de janeiro de 1858, e dos desdobramentos que tal fato desencadeia. Duas são as notícias oficiais que tenho da criação da Sociedade Orpheu. A primeira, datada de 1861, foi publicada na *Deutsche Zeitung* do dia 12 de outubro e dizia:

Há quatro anos, mais ou menos, 10 patriotas fundaram uma sociedade em São Leopoldo com a finalidade expressa de promover a unidade alemã, através do canto e de encontros amistosos. Dificuldades de vários tipos opuseram-se a ela e só o amor pela causa soube abrir muitos caminhos, dar muitas idéias e sempre redirecionar a correnteza para o lugar certo. Assim, atualmente a sociedade conta com 69 sócios, todos eles muito empenhados em promover o objetivo acima. Entre os meios para atingir esse objetivo, a Sociedade acolheu, com o tempo, apresentações dramáticas e com isso conseguiu unir a velha pátria com a nova através do canto e da palavra. Animados pela grande participação que é dada à sociedade de todos os lados, e para dar um novo fundamento à sua existência através da posse da propriedade, os sócios

¹⁵¹ Sociedade de Canto Orpheus foi como se chamou esta Sociedade em sua fundação. Entretanto, com o abasileiramento da dita Sociedade, seu nome também foi aportuguesado passando a chamar-se Sociedade Orpheus e, depois, Sociedade Orpheu. Neste trabalho, uso *Orpheus* somente quando cito o nome do Clube em documentação de época. Em outros casos, uso a nomenclatura atual – Orpheu.

decidiram fundar uma sede social própria através de meios próprios. Esses meios foram arrançados através de empréstimos livres, que são irrevogáveis, no entanto, são pagos os juros de 8% anuais do caixa da sociedade e esses empréstimos devem ser pagos pouco a pouco, pelo dinheiro disponível da sociedade. A sede social tem 120 palmos de comprimento, 60 palmos de largura e 25 palmos de altura e terá as divisões necessárias às finalidades da mesma. Os custos para a construção estão avaliados em 13 contos de réis e além disso já deviam estar encomendadas decorações no valor de 1:200\$000 Rs. Soubemos de fonte segura que esse capital cobre em torno de 2 mil réis através dos empréstimos voluntários dos sócios e por isso não há dúvidas de que a sociedade realizará seus esforços ancorados pelo sucesso, pois certamente os valiosos empreendedores farão ainda este sacrifício e com isso garantirão a São Leopoldo o orgulho de ter colocado a primeira pedra fundamental para o cultivo dos costumes e das artes alemãs nessa Província e certamente no Brasil. Espera-se terminar a construção em quatro meses e poder abrir a casa Orpheus para a sociedade.¹⁵²

A segunda foi o relatório apresentado na festa do cinquentenário do clube pelo seu presidente, Hermann Weinmann, que assim descreve a sociedade:

Nossa atual sociedade Orpheus foi fundada em 20 de janeiro de 1858, na casa de Jacob Geyer, e recebeu o nome de "Coral Masculino Orpheus". Os seus fundadores foram os senhores Dr. Albert Götze [que foi o primeiro secretário da sociedade], Christian Fleck [escolhido como tesoureiro], Wilhelm Hofmann, Alexander Herzog, Wilhelm Härtel, Carl Renk, Luís Reichard e Luís Grünwald [que atuou como o primeiro regente do grupo]. Esses senhores já formavam antes u ser funto duplo [...]. Em 20 de janeiro de 1858, os mencionados senhores assinaram os estatutos de base.¹⁵³

Nesse episódio, algumas questões sobressaem. A primeira é que existia já formado um quarteto duplo masculino que se reunia para cantar à noite na casa de Geyer, proprietário de uma casa de negócios e de

¹⁵² DEUTSCHE ZEITUNG, nº 19. Porto Alegre, sábado, 12 de outubro de 1861, p. 1 e 2.

um salão de baile e morador da Rua do Passo, a principal da vila. Portanto, formavam um grupo de amigos.¹⁵⁴ Em segundo lugar, é preciso considerar que, para esses homens cantores, o tempo passava a ter um outro recorte: havia o tempo do trabalho e o tempo do canto. Havia já para esses homens um tempo disponível, um tempo de lazer que permitia a sua dedicação ao canto. Essa questão do tempo do lazer, no contexto do século XIX, como já afirmei em outro momento, está inserida nos desdobramentos da Revolução Industrial e é fruto de uma nova maneira de pensar o uso do tempo livre. Este poderia ser tanto fruto da sobra do trabalho quanto fruto de uma reorganização do trabalho, no qual está inserido também um tempo de folga, de ócio. Dito de outra forma, no século XIX já se incluía o tempo do lazer na vida dos homens. Mas quem primeiro usufruiu desse tempo livre foi a elite. Em terceiro lugar, os dois textos mostram que os fundadores do Orpheu tinham boas condições econômicas, já que custearam a obra do clube com seus próprios recursos.¹⁵⁵

Para compreender a situação dos fundadores nesse contexto, busco deles traçar um perfil mais abrangente. Como características gerais,

¹⁵³ WEINMANN, Herman. *Relatório festivo do cinquentenário da Sociedade Orpheus*. Documento manuscrito em alemão gótico e traduzido por Manfred Wilhelm Hasenack, São Leopoldo, 1996, [17 p., fotocopiadas]. Documento inédito, p. 2.

¹⁵⁴ Diz Maurice Agulhon que a associação começa por um grupo de amigos para chegar ao grupo organizado e constituído. A reunião informal de amigos foi a primeira etapa para a criação formal do grupo de canto em São Leopoldo.

¹⁵⁵ A propósito desse aspecto, Manfred W. Hasenack, quando traduziu o Relatório dos 50 anos da Sociedade Orpheu, observou que a palavra *Gesellschaft*, que dá título ao Relatório e também aparece escrita na bandeira do Clube e na capa do estatuto, (conforme RAMOS *et al*, 1998, p. 21) poderia ser traduzida como “sociedade” no sentido recreativo ou como “sociedade por ações” (no sentido comercial). O próprio Relatório, na medida em que afirma que *somente acionistas podiam ser eleitos para o Conselho de Administração*, já que *as atas registraram durante anos os mesmos nomes (ibid., p.7)*, não deixa claro o tipo de associação a que está se referindo. Pela leitura da documentação, optamos por considerar que uma sociedade recreativa não exclui a modalidade de sociedade por ações, mas que ambas podem ser complementares.

posso dizer que quase todos eram alemães, sendo cinco evangélicos e três católicos. Todos moravam na área central da vila e eram ligados ou ao comércio ou à indústria artesanal; exceção feita a Luís Grünewald, que era professor em escola particular da vila nessa época. Era um intelectual, mas os intelectuais também faziam parte da elite pelo capital simbólico que possuíam. Entre os oito, encontrei, ainda, dois maçons, embora muitos outros sócios do Orpheu também pertencessem à instituição maçônica. Isso explica, em parte, a ligação da Maçonaria com a Sociedade Orpheu ao longo de sua história.

O fato de os fundadores serem comerciantes e/ou industriais em sua maioria permite-me pensá-los como pertencentes à camada mais abastada da vila, porque os industriais, guardadas as proporções da época, eram os que possuíam capital e o aplicavam para transformar a matéria-prima em bens de consumo. Em 1858, esse processo transformador era ainda incipiente em São Leopoldo, o que se poderia caracterizar como uma indústria artesanal. Alguns dentre esses pioneiros foram também fundadores da Sociedade Orpheu, já que possuíam fábrica de sabão, de vinagre, de cerveja, de artefatos de prata ou de ouro. Alguns desses homens possuíam também casas de negócio, isto é, armazém de secos e molhados, loja ou bar, além da indústria artesanal. Portanto, o parâmetro da riqueza foi dado pela atividade econômica desenvolvida pelos fundadores do Orpheu, e o parâmetro do pertencimento à elite foi estabelecido como consequência do grau de riqueza e distinção social que esses homens estavam-se

concedendo como elementos fundadores de uma sociedade de cantores.¹⁵⁶ O canto era algo novo na Vila de São Leopoldo,¹⁵⁷ mas não na vida dos imigrantes alemães. Da mesma forma, também o era a existência de um clube organizado estatutariamente.

A criação de um clube envolve, quase sempre, alguns aspectos importantes, cuja finalidade é tornar visíveis os laços aos quais os criadores estão amarrados, ou melhor, evidenciar o lastro sócio-político-cultural no qual o clube está inserido. Um deles é a organização estatutária que explicitará os objetivos e os valores que os fundadores e associados quiseram marcar como importantes e representativos. Ao serem inseridos

¹⁵⁶ Dos oito fundadores da Sociedade Orpheu, encontrei, em diferentes fontes, dados de participação na vida coletiva da vila/cidade e do próprio clube, dos seguintes: *Cristian Fleck*, alemão e comerciante. Foi o fundador da casa J. Gottlieb Lang, em 1861, comercializando produtos coloniais. A casa comercial ficou sob seu comando até 1876, quando passou para seu genro; *Wilhelm Hofmann*, alemão, evangélico e maçom, com atividade econômica ligada à fábrica de sabão que possuía, sendo também sócio da Sociedade Ginástica e vereador de São Leopoldo na década de 1880; *Alexander Herzog*, brasileiro naturalizado, evangélico com atividade econômica de lombilheiro (fábrica de lombilhos); *Wilhelm Häertel*, evangélico, naturalizado brasileiro, fabricante de cerveja e, supostamente, também dono de barcas no Rio dos Sinos; *Luís Reichard*, alemão, evangélico, comerciante e ourives (jóias de prata e de ouro); *Luís Grünwald*, alemão, primeiro regente do Coral Masculino do Orpheu, era professor. As principais fontes dessas informações foram o Relatório dos 50 anos do Orpheu, cuja lista com 121 nomes de sócios permitiu-me saber, minimamente, quem eram os diretores do clube nesse período; os Inventários de São Leopoldo, depositados no Arquivo Público do Rio Grande do Sul; algumas propagandas estampadas nos jornais alemães consultados; textos sobre as indústrias mais antigas; o Boletim Municipal de São Leopoldo (MORAES, 1946, p. 233-234 e p. 241-284); PICCOLO, Helga (org.) et all, *Imigração alemã 1824-1974 : levantamento e apreciação da problemática de São Leopoldo no período de 1824-1889. Estudos Leopoldenses* n°. 28, p. 7-66, São Leopoldo : Unisinos, 1974, p. 5-66, Arquivo Histórico da Sociedade Orpheu (AHSO); e os Boletins *O Orpheu*, onde foram publicados os antigos Estatutos do Clube, de 1858 e de 1915. Outras informações, encontrei, ainda, em relatos e memórias, como a publicada por MÜLLER, Telmo Lauro, *Herança de geração em geração. São Leopoldo: Rotermond*, 1988, p. 85-93, além de outras fontes.

¹⁵⁷ Há notícias da existência de um grupo de cantores em Campo Bom, no interior da colônia, antes de 1858, chamado *Grupo Árion*, conforme o Relatório do Cinqüentenário da Sociedade Orpheu.

nas tramas da vila, desnudam o fato da fundação do clube, dando-lhe uma outra conotação.

A fundação da Sociedade Orpheu remete aos laços que os imigrantes têm com a terra de origem. É na Alemanha dos séculos XVIII e XIX que encontro uma das matrizes do canto coral e dos clubes sociais que ora abordo. Se o século XVIII foi aquele em que, no fragmentado território que viria a constituir a Alemanha, paulatinamente houve um resgate da língua alemã em detrimento do francês, ao mesmo tempo em que se iniciou a constituição de uma classe elitizada, uma camada catalisadora dos ideais nacionais, o século XIX simbolizou a realização desse ideal, especialmente através da *Kultur*. O conceito de *Kultur reporta-se a produtos humanos [...], a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos nos quais se expressa a individualidade de um povo [...]. Dá-se ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade em particular de grupos.*¹⁵⁸ A propósito do conceito de *Kultur*, Norbert Elias diz que o mesmo *reflete a consciência de uma nação que teve que buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: qual é realmente nossa identidade?*¹⁵⁹

A idéia de pertencimento a um povo ou etnia está fundamentada, portanto, em valores construídos ao longo dos séculos XVIII e XIX, no caso alemão, e se expressou em usos, costumes, língua, vida social e associativa, entre outros aspectos. A elite intelectual como um

¹⁵⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994, p. 25.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 25.

segmento da classe burguesa alemã foi aquela que em seu desenvolvimento transformou as virtudes burguesas, em gestação, em virtudes nacionais. Politicamente fragmentada e economicamente atrasada no século XVIII, a intelectualidade alemã via como saída para a emancipação política do cidadão a emergência de reformas estatais. Pensamento nacionalista e sócio-reformador unem-se, então, no início do século XIX.

Patrick Cabanel diz, citando o Brockhaus *Conversation-Lexicon*, publicado em Leipzig em 1885, no verbete “Nação”, que

*[...] a prática lingüística alemã designa [por essa palavra] em oposição a povo (Volk) a totalidade dos cidadãos de um Estado, a comunidade hereditária da etnia, da língua, dos costumes e da cultura que dá a certas massas humanas e familiares características raciais particulares e que as distinguem das outras nações.*¹⁶⁰

No dizer de Benedict Anderson, a nação é uma comunidade política imaginada,¹⁶¹ em cujo interior existem algumas marcas que a tornam diferenciada de todas as outras. No caso alemão, a nação contém esses elementos.

Maria Luiza Renaux, dentro dessa linha de pensamento, frisa que

[...] filósofos e poetas reconheciam-se como pertencentes não ao império alemão que deixara de existir,¹⁶² mas à nação alemã unida pelo renascimento da língua, da cultura e da história em comum. A consciência nacional para os intelectuais se reconstruía através da lembrança romântica do passado comum [...]. Distanciado da realidade política, o Romantismo

¹⁶⁰ CABANEL, Patrick. *La question nationale au XIXe. Siècle*. Paris: Editions la Découverte, 1997, p. 6.

¹⁶¹ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989, p. 14.

¹⁶² Em 1806, Napoleão Bonaparte dissolveu o Sacro Império Romano Germânico.

*descobriu o Volksgeist germânico ainda guardado nas canções, cantos e ditos populares.*¹⁶³

Aqui, é necessário lembrar que o século XIX foi permeado por extensas e profundas correntes de pensamento que, por sua vez, influenciaram as épocas seguintes. Entre essas correntes, está o Romantismo, entrelaçado ao Liberalismo e ao Nacionalismo. O Romantismo de que falo pode ser entendido como um movimento no qual há preponderância do sentimento, da emoção, da sensibilidade e da imaginação sobre a razão. Ele busca o heróico, o perfeito, o ideal e, para expressar esses sentimentos, usa a mitologia, reforçando o significado das coisas e das palavras. Esse movimento foi anunciado na Alemanha pelos poetas do *Sturm und Drang* e tem um de seus expoentes em Goethe, quando lança *Werther*. Nesse momento, não é político o movimento literário alemão do Romantismo, mas está dentro de um quadro de transformação da sociedade. Para os intelectuais alemães daquela época, a consciência nacional se reconstruía através da lembrança romântica do passado comum. Dentro desse quadro, um

*[...] outro testemunho do movimento nacionalista foram as associações de canto e de ginástica que, visando construir um Estado nacional unificado e livre, se articulavam apoliticamente para não serem perseguidas. Sobretudo nas associações de ginástica, Turnvereine, foi mantida viva a tradição das guerras de libertação naturalmente num caráter festivo. À mesma finalidade de aglutinar as forças democráticas em favor de uma Alemanha unificada e liberal serviram os clubes de caça e tiro, Schützenvereine, e os Volksvereine, associações populares.*¹⁶⁴

¹⁶³ RENAUX, 1995, p. 29.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 30.

É importante levar em conta, nesse contexto, que essas sociedades estavam também inseridas no movimento de construção da nacionalidade alemã nos séculos XVIII e XIX. Elas não eram, porém, espaços políticos na acepção da palavra, mas marcavam sua nacionalidade ao buscar cantigas do cancionero popular alemão para cantá-las na língua-mãe. Mas, se não eram um espaço político, serviam à finalidade política, pois que, na Alemanha, tanto o clube de canto quanto o de ginástica ou de tiro abrigavam em seu interior homens imbuídos dos ideais democráticos e liberais que levaram à revolução e à derrota de 1848. E é nessa condição que, em meados do século XIX, a cultura germânica daquele período viajava para o Brasil, incluída na bagagem dos imigrantes. Muitos deles traziam na bagagem também os sonhos políticos desfeitos depois da derrota de 1848 e, embora as razões básicas da imigração alemã tenham sido econômicas, a mentalidade dos imigrantes, como homens de sua época, vinha influenciada pelo Romantismo e pelo Liberalismo presentes na Alemanha que se gestava. Dez anos depois, a Vila de São Leopoldo via nascer em seu centro urbano, a primeira raiz desse movimento: a Sociedade Orpheu.

Aqui cabe perguntar aos fundadores: por que fundar um clube de canto? O que ele representava? Como apontei, as raízes do clube de canto estão na formação da nação alemã, mas também estão em São Leopoldo, onde o clube representava um elo de ligação com a pátria de origem. Quando um grupo de pessoas se reúne em torno de um objetivo comum como o clube é porque quer recordar algo. *A memória coletiva de grupos localizados num tempo e espaço específicos mantém a lembrança de*

*acontecimentos que só a eles interessam;*¹⁶⁵ nesse caso, as canções alemãs e a terra que deixaram. Cantar é agora a forma que encontraram para recordá-las, mas é também uma forma de representação e diferenciação diante da sociedade brasileira. Conseqüentemente, o clube é um espaço para marcar a identidade étnica, construída através de símbolos e imagens gerados dentro da própria Sociedade Orpheu e representados pelas canções, pelo teatro em alemão e pelo estandarte, inicialmente. A identidade étnica, como sentencia Barth, [...] *se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.*¹⁶⁶ Canto, teatro e bandeira são, em última análise, marcas próprias da cultura alemã em São Leopoldo e, ao mesmo tempo, são símbolos culturais que servem como critério para avaliar a pertença a um ou outro grupo.

Os fundadores da Sociedade Orpheu, ao demarcarem seu espaço de atuação social, criaram símbolos que a particularizavam no contexto urbano de São Leopoldo. É preciso lembrar aqui também que a construção de símbolos é parte integrante da legitimação de qualquer sociedade. Discutir os símbolos e seu conteúdo, sua aceitação ou rejeição revela as concepções de quem os pensou/criou. No caso da Sociedade Orpheu, as canções e o teatro estavam perpassados pela questão do idioma como símbolo maior a ser preservado. O clube era espaço para falar, cantar e representar em alemão. Nesse sentido, funcionava como espaço para

¹⁶⁵ SOUZA, Marina de Mello e. *Parati, a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1994, p. 22.

¹⁶⁶ BARTH *apud* POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade : seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 141.

atividades de lazer e como espaço de preservação da língua alemã. Gruber diz sobre esse tema que [...] *justamente estas sociedades alemãs no estrangeiro são os mais importantes fatores para o trato e a conservação da língua e dos costumes alemães.*¹⁶⁷ O Orpheu era, portanto, um espaço de pertencimento e ao mesmo tempo de afirmação e preservação. Também servia para unir as famílias teuto-brasileiras de uma determinada camada social em alegres saraus culturais.

Já o estandarte, cujo batismo aconteceu na primeira festa geral de cantores, ocorrida na Sociedade Orpheu em 1863, deve ser olhado num contexto mais abrangente, que inclui os valores culturais trazidos pelos alemães, para ser entendido em todas as suas nuances.

Uma bandeira, diz José Murilo de Carvalho, *é uma representação simbólica oficial,*¹⁶⁸ mas é também idealização, emblema e imagem. Na Sociedade Orpheu, ela ia à frente da delegação em eventos nos quais a Sociedade se fazia representar e, nesse sentido, era o seu símbolo maior. Quanto à origem do estandarte do Orpheu, ele foi doado ao clube em 1863. Isso está registrado no artigo 51 do Estatuto de 1915 e diz assim: *O estandarte da sociedade, oferecido em 1863 ao tempo da Confederação da Alemanha do Norte, tem as cores da bandeira desta, negro, encarnado e ouro.*¹⁶⁹ Aqui, vejo a tradição alemã de novo se fazer presente em São

¹⁶⁷ GRUBER, Otto. "A sociedade dos atiradores de Brusque". Relato histórico pelos 50 anos da Sociedade. In: RENAUX, 1995, p. 108.

¹⁶⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 109.

¹⁶⁹ Segundo ESTATUTO da Sociedade Orpheu, 1915, Art. 51.

Leopoldo, pois o estandarte foi ofertado possivelmente por alemães ligados aos ideais que tal Confederação representava. Já as cores do estandarte, negro, encarnado e ouro, não deixam dúvidas sobre sua origem. Hobsbawm, citando Smith, dirá, a propósito da invenção de símbolos na Alemanha, que [...] *a bandeira nacionalista preta, vermelha e dourada parece ter tido origem no movimento estudantil do período pós-napoleônico, mas só foi claramente instituída como bandeira do movimento nacional em 1848.*¹⁷⁰ Referindo-se à construção do Império alemão por Bismarck, nesse mesmo artigo, dirá: [...] *o próprio Bismarck parece não ter se preocupado muito com o simbolismo, a não ser pela criação de uma bandeira tricolor que unia a branca e preta prussiana com a nacionalista liberal preta, vermelha e dourada, que ele pretendia anexar.*¹⁷¹

Ao buscar as raízes da fundação do Orpheu em São Leopoldo, saliento a sua ligação às tradições alemãs vindas nas lembranças dos imigrantes e expressas nos símbolos adotados. Um clube não se faz, entretanto, só com lembranças. Outros fatores foram também importantes, como o Estatuto, que analiso a seguir.

O Estatuto foi o segundo aspecto destacado no contexto da Sociedade Orpheu, ou melhor, do “Clube de Canto Orpheus”, no desdobramento de sua fundação. O funcionamento de uma associação, qualquer que seja ela, requer, minimamente, uma estrutura organizacional.

¹⁷⁰ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 281.

¹⁷¹ *Ibid.*.

O Orpheu organizou-se através de Estatutos, o que corresponde também a uma característica de seu tempo.

Buscando conhecer mais a fundo o suporte de sustentação dessa Sociedade, analiso o seu primeiro Estatuto, porque, ao conhecê-lo em seus meandros, procuro destacar a hierarquia de valores e as regras que mantêm essa sociedade. Os Estatutos revelam, ainda, os aspectos que os fundadores e primeiros associados quiseram preservar. É o que se depreende do Artigo 1º do Estatuto de 1858, o primeiro da sociedade:

*A sociedade debaixo da denominação 'Orpheus' é uma associação de homens que têm por fim exercitar, cultivar e enobrecer o canto alemão, influindo e animando o gosto por ele, a fim de, por meio dele, promover uma verdadeira vida sociável, cordial e harmoniosa entre os patrícios alemães.*¹⁷²

Aqui aparecem os elementos essenciais da Sociedade Orpheu. Em primeiro lugar, o nome Orpheus. Ele veio embutido no Romantismo alemão do século XIX, já enunciado, que, entre outros aspectos, busca inspiração na Grécia clássica. Outros clubes criados na colônia nesse período também usam nomes gregos. Isso pode estar ligado ao nível intelectual de algum de seus fundadores. Depois, saliento que ela é uma associação de homens – um clube masculino no seu dia-a-dia. Nesse aspecto, reproduz o mesmo tipo de associação que M. Agulhon estuda para a França no século XIX.¹⁷³

Em terceiro lugar, o artigo diz da finalidade de os homens se reunirem: cantar em alemão. Esse aspecto remete-me de novo para a

¹⁷² ESTATUTO da Sociedade Orpheu, 1858, Art. 1.

¹⁷³ AGULHON, 1977. p. 47-49. Agulhon aponta a diferença entre grêmio (ou círculo) e clube. Para ele, o primeiro não tem conotação política, é uma associação igualitária, masculina,

Alemanha não unificada, mas em luta para que tal aconteça. O canto em alemão tem uma simbologia própria, um discurso implícito que não pode ser esquecido. Tal discurso está ligado ao papel e à finalidade da organização dos clubes de canto na Alemanha e ao conteúdo das canções executadas. Do primeiro aspecto, já falamos no item anterior, isto é, que, na origem, as associações resgatam canções antigas do folclore para reavivá-las e, desta forma, reintroduzir o alemão como língua nacional. É, portanto, um resgate lingüístico pela via do clube que, deste ponto de vista, atua politicamente, mesmo que de forma indireta. Sobre o conteúdo das canções, é mister que se diga que elas podem ser agrupadas em temas como de despedida, ocasiões especiais, consagração da bandeira, canções de primavera, canções fúnebres, alegria de cantar, serenata, canções populares, canções de terra natal e de soldados e outras. Entre essas canções, inclui-se *Was ist des Deutschen Vaterland*¹⁷⁴ (Qual é a pátria do alemão?) e *Liederfreiheit* (Liberdade de canto), canções que foram executadas na festa do 1º aniversário do Orpheu e também nos dois festivais que o Clube realizou em 1863 e 1864. A propósito dessas canções, acho extremamente significativo que nos dois festivais elas tenham sido escolhidas para serem cantadas pelo grande grupo. Pelo seu título e pela sua origem, não eram *canções neutras* e sim canções que diziam algo a todos os alemães. Eram canções de cunho patriótico. Nesse caso, o canto foi também uma forma de o imigrante manter

que pode ter finalidade literária, de jogos, de fumar, conversar, etc. Já o clube teria uma conotação política.

¹⁷⁴ O autor dessa canção é Ernst Moritz Arndt, poeta e historiador que viveu entre os anos de 1769 e 1860. Era um dos representantes do Romantismo alemão, juntamente com Goethe, Fichte, Herder e outros. TESCHE, Leomar. *A prática do turnen entre os imigrantes alemães e seus descendentes no Rio grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí: UNIJUÍ Ed, 1996, p. 19.

o idioma e mostrar suas raízes, e, se seu papel foi o de funcionar como um elo de ligação dos alemães entre si e com a pátria deixada, o canto foi ainda um elemento de identidade.

Um último aspecto é destacável do primeiro artigo e é também um dos definidores da sociedade em seu nascimento: *promover a vida social entre os patrícios alemães*. Ao buscar esse espaço de sociabilidade, aparece a questão do tempo para o lazer, para o ócio, de que essa elite dispunha em São Leopoldo já em 1858. Por outro lado, ao criar um espaço para os patrícios alemães, o clube torna-se excludente e ressalta a etnicidade como fator de aglutinação.

Além do primeiro artigo, a análise do Estatuto de 1858 permite o estabelecimento de algumas relações que ressaltam outros aspectos importantes da Sociedade que podem ser assim agrupados:

- a associação tem membros ativos e inativos (art. 3). Os membros ativos são os cantores (art. 8). Só os cantores podem ocupar cargos eletivos, para os quais o Estatuto prevê a reeleição (art. 6 e 8). É importante destacar, sob esse aspecto, que o Relatório dos 50 anos do Orpheu traz grifada a continuidade administrativa resultante desse sistema quando mostra que [...] *a direção da Sociedade Orpheus tem sido bastante dinástica, e isto é compreensível, e foi bom, porque somente acionistas podiam ser eleitos para o Conselho de Administração. As atas registram durante anos os mesmos nomes.*¹⁷⁵ Significa tal afirmação que o grupo

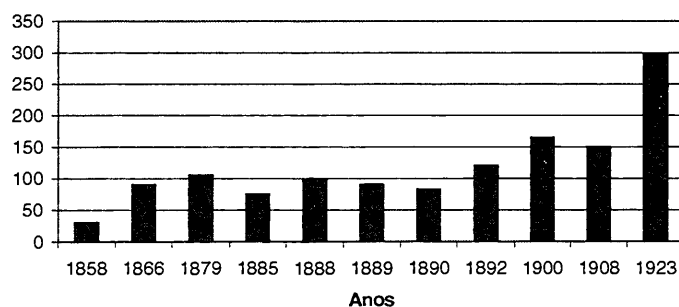
¹⁷⁵ Vide Anexo 3: Relatório festivo dos 50 anos da Sociedade Orpheu, p. 7.

dirigente não abriu o poder para todos, e, mesmo quando o canto deixou de ser o principal móvel do clube, o poder circulou entre poucos. É importante destacar ainda que o cargo de Regente (dirigente) era eletivo. O Regente, porém, não fazia parte do grupo de diretores, ao menos no período estudado (Art. 16 e 18). Era, entretanto, um cargo remunerado;

- a forma de entrada no clube era através da *ballottage*,¹⁷⁶ feita antes da primeira lição de canto, por dois escrutinadores eleitos para tanto e a diretoria. O ritual de entrada no clube inicia, entretanto, pelo pedido que o candidato faz por escrito aos diretores. Se for aceito o seu nome, o candidato passa pela *ballottage*. Se aí também for aprovado, deverá pagar o dinheiro de entrada (art. 9), ou jóia, que em 1858 era de 3\$000.¹⁷⁷

Analisando o processo de entrada no Clube (Gráfico1)¹⁷⁸, posso dizer que ele era bastante restritivo, pois o nome do candidato a sócio

GRÁFICO 1. Número de sócios da Soc. Orpheu



¹⁷⁶ *Ballottage*: Em uma eleição, o escrutínio majoritário em dois turnos. REY-DEBOVE, Josette et REY, Alain. *Le nouveau Petit Robert. Dictionnaire alphabétique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993, p.188.

¹⁷⁷ Jean ROCHE (1969, v.2, p. 561), estudando o grau de acumulação dos colonos vai dividi-los em *pobres* e *abastados*. Os colonos classificados como abastados eram aqueles cujo patrimônio é superior a 2000 mil-réis. Os pobres, conservavam o mesmo patrimônio dos pioneiros, em 1849, isto é, não houve crescimento patrimonial, permanecendo em torno de 1300 mil-réis. Com isso, estou dizendo também que a jóia cobrada aos associados da Sociedade Orpheu permite concluir que tal Sociedade era destinada a alguns mais abastados e não a todos os alemães de São Leopoldo ou à maioria.

¹⁷⁸ Fonte: Relatório festivo dos 50 anos da Sociedade Orpheu.

passava por duas aprovações em nível de diretoria e tinha ainda que dispor de uma quantia em dinheiro para se associar. Nesse sentido, olhar o número de sócios do Orpheu pode ser esclarecedor. O gráfico com os sócios do Orpheu representa o período compreendido entre os anos de 1858, da fundação do Clube, e 1930 e é bastante elucidativo. Ele revela nos altos e baixos do número de sócios as dificuldades de se manter o Clube. O crescendo aparece somente após 1890. Revela também que foi no ano de 1885 que o número de sócios esteve mais baixo. Creio que isso pode estar associado à fundação da Sociedade de Ginástica e aos outros espaços de lazer que a cidade já possuía ou ainda ao pequeno número de atividades que o Orpheu estivesse oferecendo aos seus associados. Essa assertiva está ancorada no número de clubes que São Leopoldo criou nos anos 80, os quais envolviam as mesmas pessoas muitas vezes. De qualquer maneira, o número de associados não chegou a uma centena até 1892.

Concluindo a análise, posso dizer que a limitação de morar na vila (art. 2) era outro aspecto excludente e funcionava como limite para o número de sócios do Clube. Isso deixa bem claro quem poderia pertencer a ele. Completam a visão do Primeiro Estatuto, os aspectos ligados à moralidade (art. 10 a 12) e aos bons costumes, em que se inclui o respeito aos cantores, ao horário dos ensaios ou aos próprios ensaios de canto.¹⁷⁹ O bom comportamento deveria ser incentivado e era um aspecto pelo qual todos eram responsáveis. Moralidade, respeito, pontualidade e bom

¹⁷⁹ Vide Anexo nº 2: Estatuto da Sociedade Orpheu, 1858.

comportamento foram, portanto, valores que a elite prezou como importantes para o viver em sociedade e fazer parte do ser “da elite”.

O aspecto mais alargado da fundação de um clube é o da representação, isto é, do papel que desempenha e que o referencia ao entorno no qual está inserido. Falo da vila e das relações sócio-político-econômicas que nela se estabelecem.

Do ponto de vista do desenvolvimento de São Leopoldo na década de 40/50 do século XIX, valho-me da análise feita por Janaína Amado, que descreveu o crescimento da vila aliado às mudanças de hábitos da elite urbana. Nesse grupo, despontavam os comerciantes e os industriais artesãos, como já demonstrei. O contexto desenvolvimentista do centro urbano de São Leopoldo é, portanto, a raiz mais saliente da fundação do Clube de Canto Orpheu. Uma outra emerge dos desdobramentos que esse enriquecimento da elite trouxe, especialmente os políticos.

Tomando como primeiro parâmetro desta análise os dados relativos à população da Vila de São Leopoldo, conforme os dados que levantei, vejo que houve um crescimento populacional expressivo nessa década tanto na vila quanto na colônia. Cresceu também o número de teuto-brasileiros no núcleo urbano no final da década de 40 em relação ao número de brasileiros de origem lusa que habitavam o local anteriormente. Isso pode

ser demonstrado pela análise das listas de moradores da vila em 1833 e em 1848.¹⁸⁰

Já o universo da produção era muito rico em São Leopoldo desde os anos 40 do século XIX. Em mapa da população de São Leopoldo de 1848 apareceram 40 tipos diferentes de atividades nas quais os alemães e teuto-brasileiros atuavam. Delas, destaco as de ferreiro, carpinteiro, curtidor, lombilheiro, sapateiro e comerciante. Entre os brasileiros de origem lusa, que também desenvolvem ofícios ligados à manufatura na vila, sobressaem-se os carpinteiros, os alfaiates e os comerciantes. O Relatório do Presidente da Província do ano de 1853 mostra que, do ponto de vista industrial, São Leopoldo possui o segundo maior parque da Província, com 73 fábricas,¹⁸¹ só ficando atrás de Pelotas, com 91 estabelecimentos nessa época.

É importante acrescentar aqui que, quando se fala na ocupação dos cargos públicos, a balança se inverte, pendendo para o lado dos luso-brasileiros. Assim, dos cargos públicos de que a vila dispunha em 1858, 70% eram dos luso-brasileiros e 30% dos teuto-brasileiros ou dos alemães naturalizados, conforme o quadro abaixo.

¹⁸⁰ Vide Anexo nº 1: Lista de Moradores do Centro de São Leopoldo - 1848.

¹⁸¹ Os dados de São Leopoldo para esse ano são: 56 fábricas de curtumes e lombilhos; uma fábrica de chapéus; 3 fábricas de louças; um curtume e envernização; 6 fábricas de cerveja e vinagre; 6 olarias. Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio grande do Sul: Censos do Rio Grande do Sul – 1803 a 1950*. Porto Alegre: FEE, 1981, p. 63.

TABELA 1. Cargos públicos na Vila de São Leopoldo em 1848.¹⁸²

	Alemão/Teuto-brasileiro.	Luso-brasileiro
Coletor	-	1
Diretor da Colônia	1	-
Escrivão	-	1
Guarda nacional	-	6
Juiz Municipal	-	1
Procurador	2	1
Tabelião	-	1
Vereador	-	1
Total	3 cargos	12 cargos

O que transparece, além do que já está explicitado na tabela, é que até os anos 50 do século XIX os cargos públicos em nível local eram ocupados basicamente por luso-brasileiros. Fica também explícito que as vagas de vereadores eram divididas entre os moradores de outras partes da colônia e não só entre os moradores da Vila de São Leopoldo, onde encontrei somente um nome na lista analisada.

Da análise de todos esses números e tabelas, fica claro que os luso-brasileiros ocupavam não só a área da pecuária ao redor da vila, os cargos públicos ou postos militares, mas também participavam do comércio e das profissões urbanas. Em contrapartida, os alemães e descendentes não conseguiam acesso aos cargos políticos da vila. A origem dessa exclusão remete, em última instância, para ações do governo brasileiro que fez promessas aos imigrantes lá na Europa, cujo cumprimento era inviável aqui no Brasil. Entre elas, a da liberdade religiosa e a da nacionalização. O desdobramento lógico de tal constatação é uma luta surda entre os dois

¹⁸² Vide Anexo 3: Relatório festivo dos 50 anos da Sociedade Orpheu, p. 7.

lados, o que, a meu ver, é uma das facetas da fundação do Clube de Canto Orpheu em 1858.

Para comprovar essa afirmação, valho-me dos relatórios enviados pelo Diretor da Colônia e pela Câmara Municipal de São Leopoldo às autoridades governamentais. João Daniel Hillebrand, como Diretor da Colônia, dirá em seu relatório, entre outras coisas, que, enquanto administrador das colônias, defrontou-se com correspondência da Câmara de São Leopoldo na qual

[...] pintam os colonos de São Leopoldo como sendo o despejo das cadeias e prisões da Alemanha. São estes e outros atos idênticos e diários, praticados por uma corporação distinta, no centro da mais florescente e industriosa colônia do Império, cujos atos são reconhecidos pela primeira autoridade da Província, que em lugar de tomar medidas para obstar a continuação destes atos, tem se conservado silenciosa, que é o mesmo que proteger indiretamente estes atos irracionais, são estes atos digo, que para com as Nações Estrangeiras, e principalmente entre os povos que até o presente têm fornecido colonos para esta Província, e a quem todos estes atos são infelizmente conhecidos, terá contribuído muito para que apareçam estes escritos na Alemanha, contra a emigração para o Brasil e de cujos escritos V. Exma. se queixa no seu Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial, na seção de 6 de outubro de 1853.¹⁸³

Hillebrand continua seu relatório, dizendo ainda que

“Uma vez que a Câmara Municipal desta vila será composta de homens que reconheçam o seu lugar, e que reconheçam que não há progresso social sem união e harmonia de forças intelectuais; por homens que deixam de acreditar poder, pelo individualismo, operar reformas, ver mesmo progressos de qualquer natureza social, lhe servem

¹⁸³ HILLEBRAND, João Daniel. Relatório do Diretor da Colônia de São Leopoldo Dr. João Daniel Hillebrand apresentado ao Presidente da Província em 1854. *Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul* nº. 15 e 16. Porto Alegre: 1924, p. 110.

*para provar a colisão em que se acham aqui os colonos alemães.*¹⁸⁴

Juntando a esse aspecto de desconstrução dos alemães pela Câmara Municipal, Hillebrand aponta uma outra questão que ajuda a excluir os alemães do poder local. É a instrução primária. Diz ele sobre o assunto:

[...] Tenho feito ver ao Governo que os filhos dos colonos alemães, por falta de aulas nacionais, não estudavam e não falavam senão o idioma alemão, e que sendo brasileiros tornavam-se que nem estrangeiros no seu próprio país natal, sendo-lhes preciso um intérprete para qualquer ocasião em que tivessem de comparecer perante qualquer autoridade e, por este mesmo motivo, não era possível a que nenhum destes cidadãos brasileiros cumprissem, como tais, os seus deveres, exercendo, como devem, os vários empregos para os quais podiam ser chamados [...]. Contudo, não se pode supor que a falta destas aulas seja desconhecida tanto do Governo da Província, como da Assembléia Provincial [...].

A prevenção contra os industriais colonos alemães de São Leopoldo é grande, e o fato de não falarem, nem eles nem seus filhos nascidos no Brasil, o idioma nacional, ainda coopera para que, com mais afoiteza lhes chamem 'brutos'.¹⁸⁵

Três outros documentos explicitam mais a queixa de exclusão política que fazem os teutos pelo seu representante legal e ampliam a discussão interna do grupo politicamente marginalizado. Em 28 de setembro de 1861, a *Deutsche Zeitung* publica que

Em Porto Alegre existe um jornal alemão Der deutsche Einwanderer (O imigrante alemão) que circula em todo o sul do Brasil. Diz ele que a acusação de que o alemão separado de sua Pátria se adapta facilmente e até esquece sua língua não é verdade aqui. Os alemães de São Leopoldo, ao contrário, permaneceram alemães. Pouco distante de Porto Alegre, é um local em que não se entende e não se fala uma palavra em português. Também as crianças nascidas no Brasil falam só alemão. Isso tem suas desvantagens, pois, por isso, nenhum

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 117.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 135 e 138-140.

*desses servidores pode ser Deputado ou sequer participante da Câmara Provincial de Deputados.*¹⁸⁶

O segundo documento está ligado a uma melindrosa situação internacional criada pelas promessas não cumpridas pelas autoridades brasileiras e a conseqüente cobrança feita pelo Ministro Plenipotenciário da Prússia, von Eichmann, ao Governo brasileiro, isto é, ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em outubro de 1863.

José Cândido Gomes, funcionário do governo brasileiro, redige uma informação sobre a nota do Ministro da Prússia, dirigida ao Ministro da Agricultura, cujo teor é o seguinte, no que nos interessa:

Observando o Sr. Ministro da Prússia que apesar desse estado de prosperidade, há circunstâncias que afetam desagradavelmente a situação moral dos colonos, vou ocupar-me sucessivamente com as causas que S. Ex^a aponta a este mal-estar.

A primeira, segundo o Sr. Eichmann, é a queixa dos colonos pela desigualdade de direitos políticos; e conquanto pertença este assunto mais diretamente ao Ministério do Império, dá ele lugar a um estudo, cuja delineação peço licença para fazer aqui.

*Na nacionalidade de indivíduos há direitos de duas espécies, e que com freqüência têm sido confundidos: os direitos civis e os direitos políticos. Aqueles são [...] as vantagens que têm os membros da nacionalidade de serem protegidos em suas pessoas e coisas pelas leis do país [...].*¹⁸⁷

José Cândido Gomes examinou também os direitos políticos dos alemães nesse estudo. Sua conclusão é a que segue:

Pela Constituição do Império, [...] são idênticos os direitos dos brasileiros natos e nacionalizados. Uns e outros podem exercer a igual todas as funções, [...] salvo ser eleitos Deputados da Nação.

¹⁸⁶ DEUTSCHE ZEITUNG. Porto Alegre, Sábado, 28 de setembro de 1861, n.º. 15, p. 2 e 3.

¹⁸⁷ HILLEBRAND, 1924, p. 309.

Esta mesma limitação dos direitos políticos é mais de princípio que de fato, tratando-se dos colonos.

Chegando estes ao país, sem conhecimento dele, da sua língua, de suas necessidades e, o que mais é, sem fortuna e sem prestígio, mal se pode conceber que aspirem a um lugar sempre disputado pelas ilustrações da Província. Pelo menos não é isso razoável [...]

Quanto aos filhos destes, nascidos no país, é claro que pela circunstância do nascimento têm eles a plenitude dos direitos políticos, observando apenas que para o lugar de Deputado é ainda exigida a qualidade de professar a fé católica.¹⁸⁸

O terceiro documento é, na verdade, uma coletânea de seis artigos da *Deutsche Zeitung* que discutem a questão da eleição de 1864 em São Leopoldo e a participação dos alemães no processo. Eles completam o raciocínio que venho desenvolvendo sobre a participação dos alemães na política local. O primeiro jornal, de fevereiro de 1864, alerta os eleitores alemães sobre as armadilhas do compromisso de voto com os candidatos João Coelho e Tenente Coronel Rocha, pois ambos estão comprometidos com amigos e não trabalharão para o benefício do município e sim para chefes maiores.

Então, para ter efeito, os eleitores do município são aqui alertados [...] para, numa eleição futura, darem seus votos a quem eles puderem confiar [...]. Devem ser eleitos homens que, se possível, sejam independentes de sua posição social, que não necessitem de outros empenhos a não ser o seu justo direito.¹⁸⁹

Aqui, entra o aspecto mais importante da matéria, pois planta a semente da participação teuta na política, fato que já vinha sendo reivindicado desde os anos 50 sem sucesso. Diz o autor da matéria que,

[...] mesmo que não seja oportuno, somente justo, que a Câmara de São Leopoldo seja composta por uma maioria

¹⁸⁸ *Ibid.*

¹⁸⁹ DEUTSCHE ZEITUNG, n° 14. Porto Alegre: Sábado, 20 de fevereiro de 1864, p. 2.

teuto-brasileira, talvez ainda não se possa pensar em tal possibilidade para um futuro próximo, porque, aparentemente faltam pessoas que reúnam as qualidades acima, com a energia necessária. A não ser que alguns dos alemães antigos aqui residentes se naturalizem¹⁹⁰, mas parece que não se tem vontade para isso. Dessa forma, tem que se largar mão disso e as eleições ficarem com tais brasileiros.¹⁹¹

O mesmo jornal, em 30 de julho também de 1864, volta ao assunto eleições municipais em São Leopoldo de forma muito incisiva, dizendo:

[...] se os eleitores alemães da cidade e colônia de São Leopoldo, que têm um grande peso na votação, tivessem se mantido unidos desde sempre e não tivessem se deixado atrair pelas tramóias partidárias daqui, então o alemão estaria em maioria absoluta na Câmara [...].

Que cada um coloque a mão na consciência e responda de todo coração:

Se os impostos pagos há tantos anos pelos alemães tivessem sido usados por vereadores alemães, não seria bem diferente em São Leopoldo?¹⁹²

No mês seguinte, nova matéria sobre o tema já alarga o espectro da participação teuta nas eleições, com a inclusão de dois nomes alemães na chapa do Sr. Rocha (embora existam sete nomes brasileiros na mesma lista). Por outro lado, diz ele que a chapa de oposição era a melhor, porque em sua composição original havia cinco nomes alemães *muito honrados, influentes e inteligentes, em cujas mãos a administração municipal teria colhido bons frutos.*¹⁹³

¹⁹⁰ A propósito de naturalização, o *Boletim Municipal*, publicado pela Prefeitura Municipal de São Leopoldo no ano de 1946 (MORAES, 1946, p. 240-284), traz uma lista de cidadãos alemães que solicitaram e receberam naturalização entre os anos de 1850 e 1881 com base nos Decretos 397 de 3 de setembro de 1846 e 808 A de 23 de junho de 1855.

¹⁹¹ DEUTSCHE ZEITUNG, n° 60, 30 de julho de 1864, p. 1.

¹⁹² *Ibid.*, p. 1.

¹⁹³ DEUTSCHE ZEITUNG, n° 68. Porto Alegre, 27 de agosto de 1864, p. 3.

Os nomes citados eram os dos senhores Johan Schmitt, Philipp Herzer, Nicolau Stumpf, H. Bräscher e Daniel Kolling. Pelas aproximações com outros nomes, tenho esses senhores como liberais (PL). *Se essa chapa tivesse permanecido toda, nós com toda certeza poderíamos dirigir a palavra a eles, não como chapa partidária, mas porque ela oferecia o sobrepeso do elemento alemão.*¹⁹⁴ Esse sobrepeso diminuirá com a saída de Philipp Herzer. Por outro lado, conclui ele, [...] *o que nos alegra é que os alemães formarão um partido fechado para a próxima eleição e em união trabalham para a mesma.*¹⁹⁵

Em 14 de setembro, o mesmo jornal noticia a saída de Herzer da chapa liderada por Antônio José da Rocha Júnior, mas que possivelmente o mesmo será o mais votado, fato que se confirmou na eleição. O noticiário de 17 de setembro dá o resultado total da eleição, com os seguintes comentários:

*Dir-se-á que Rocha venceu. Sim, Rocha venceu, mas sua honra e sua autoconfiança quebraram e foram humilhadas. Bem no dia anterior à eleição (comunicou-se-nos) ele excluiu o Sr. Herzer de sua chapa e, mesmo assim, os alemães fizeram esse senhor o Presidente da Câmara Municipal com maioria de 200 votos.*¹⁹⁶

O jornalista chama a atenção para o quanto os alemães são fortes quando unidos e para o fato de que, se eles se unissem em relação a todos os nomes indicados, poderiam ter uma Câmara só de alemães.

¹⁹⁴ *Ibid.*

¹⁹⁵ *Ibid.*

¹⁹⁶ *Ibid.*

Apesar disso, tinham mais de três nomes. Isso, alertava ele, [...] *abriu um novo período na história política de São Leopoldo*.¹⁹⁷

Da página 3 do mesmo jornal, retirei o resultado da eleição, que foi o seguinte:

Philipp Herzer (PL)	643 votos (de ambos os lados)
Johan Georg Schreiner (PC)	457 votos
Francisco Alves dos Santos (PC)	456 votos
Tte. Cel. Antônio José da Rocha Júnior (PL)	455 votos
Alferes Manoel Bento Alves Júnior (PC)	442 votos
Tte. Cel. Manoel Pereira da Silva (PC)	418 votos
Alferes João Henrique Fischer (PC)	415 votos
Antônio José Silveira (PC)	398 votos
Johan Schmitt (PL)	331 votos
Nikol[au] Stumpf (PL)	309 votos
Heinrich Becker (PL)	294 votos
Johan Daniel Kolling (PL)	282 votos
Patrício Cidade (PL)	275 votos
Thomé Luís de Vargas (PL)	271 votos; além de outros menos votados.

Creio que o primeiro ponto a ser ressaltado dessa eleição é que ela foi histórica. Posso dizer que foi o divisor de águas na história política de São Leopoldo, a partir do qual os teuto-brasileiros ou alemães naturalizados assumiram de fato um lugar na história política da cidade.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p.1.

Basta olhar as listas dos seus vereadores doravante. A análise dos resultados eleitorais, precedida da discussão que a *Deutsche Zeitung* levantou, demonstraram uma tomada de posição e um grande poder de arregimentação por parte dos alemães leopoldenses. Era uma demonstração de força em um Município onde não tinham tido, ainda, chance de fazer mais que um vereador, e isso dentro do esquema de poder vigente até então. Desde 1846, quando foi criada a vila, e, conseqüentemente, a Câmara Municipal, os teutos tinham conseguido organizar-se minimamente para participar da vida política do município, embora estivessem procurando fazê-lo. É o que se depreende dos relatórios que aponto aqui, assim como da análise de Tramontini.¹⁹⁸ O diferencial na eleição de 1864 é que o número de candidatos alemães, tanto da oposição quanto da situação, cresceu e, principalmente, que acima dos partidos, os alemães uniram-se em torno dos candidatos teutos. Com tal atitude, fizeram a presidência da Câmara Municipal e quebraram a regra política vigente até então, que era centrada em lideranças lusas. Por outro lado, é importante lembrar que, no mês de abril de 1864, São Leopoldo havia-se tornado cidade.

Giralda Seyferth,¹⁹⁹ estudando um processo semelhante em Santa Catarina, mostrou que lá também a etnicidade serviu ao discurso

¹⁹⁸ TRAMONTINI, Marcos Justo. *A colônia alemã de São Leopoldo. A organização social dos imigrantes na fase pioneira*. Tese de doutorado em História apresentada à PUC de Porto Alegre. Porto Alegre: 1998 (fotocópia). O Capítulo 5, especialmente, aponta para a busca da participação política que vai-se dar mais tarde.

¹⁹⁹ SEYFERTH, Giralda. *Pluralismo, etnia e representação política*. Rio de Janeiro: Contra capa, 1996, p. 105.

político alemão no sentido de mobilizar os teutos para a conquista do poder local.

É importante recuperar, ainda, nesta análise, um outro aspecto relevante que aponto para a não-participação dos alemães e teuto-brasileiros até então no processo político local: o que diz respeito às aulas em língua nacional. Fundamental para as aspirações políticas, a escola brasileira na colônia de São Leopoldo como um todo era em número reduzido em meados do século XIX. Os dados sobre ela informam que, onde havia, em 1846, duas salas de aula nacionais com 32 alunos e duas particulares com 86 alunos, em 1858 já havia 6 salas de aula, sendo duas públicas, com o dobro dos alunos, e quatro particulares, onde o número também dobrou. Carl von Koseritz, no Relatório de 1867, diz que no Município de São Leopoldo havia já cinqüenta e nove salas de aula contra as quinze que existiam em 1846. Esse crescimento escolar não se dava, todavia, com salas de aula em língua nacional, consideradas pouco atraentes e atrasadas. O crescimento era do número de salas de aula (escolas) confessionais alemãs. Com isso se restringia, também, o acesso aos cargos públicos e ao poder político, pois uma das condições para a ascensão social do imigrante teuto era o domínio da língua nacional, além dos outros já citados.

A junção desses dados vem mostrando que os colonos alemães e teuto-brasileiros, assim como os moradores do centro urbano, que são os personagens privilegiados deste estudo, não descuidavam dos

aspectos que pudessem torná-los participantes da vida política local e de tudo cobravam posição do governo local ou provincial. O governo, por outro lado, não desatendeu aos teutos, mas tratou-os dentro dos mesmos parâmetros com os quais atendia a todos, isto é, com morosidade, com todos os entraves da burocracia de um Estado centralizado em sua administração. Assim, seria de se perguntar se haveria uma região do Rio Grande do Sul que tivesse um maior número de salas de aula nacionais do que São Leopoldo e a colônia alemã. Esse dado poderia dirimir dúvidas sobre o propalado abandono da região pelos poderes públicos. Agora, do ponto de vista político, é muito clara a posição dos políticos locais, com a conivência dos de Porto Alegre, de que é pertinente retardar a participação política dos teutos no processo local ou regional. Que o digam os documentos aqui analisados. Esse objetivo, creio que foi alcançado. Isso pode ser medido pelas listas anuais de vereadores, publicadas em trabalho de Piccolo,²⁰⁰ comparando-se o número de alemães e teuto-brasileiros antes de 1865 na Câmara Municipal com o mesmo dado depois dessa data. O grupo eleito em 1864, pelo que se verifica, veio para ficar.

Na perspectiva desta análise, portanto, não concordo com o Pe. Balduíno Rambo²⁰¹ quando diz que nos primeiros cinquenta anos os alemães muito pouco se interessaram pela política, pois a documentação que analiso me diz exatamente o contrário, isto é, mostra que os teutos lutaram por todas as vias possíveis para alcançar o poder político. Senão,

²⁰⁰ PICCOLO, 1974.

²⁰¹ RAMBO, Pe. Balduino, 1956, p. 113.

vejamos: ascenderam economicamente, buscaram representar-se socialmente através de um clube de canto e de atividades nele desenvolvidas e também reclamaram oficialmente e pelos jornais por espaços de participação na vida política. Essa reivindicação não se evidenciava diretamente muitas vezes. É o caso da fundação do Orpheu. Oficialmente um espaço de sociabilidade teuta tornou-se lugar de distinção social, de se mostrar diante dos outros alemães e da sociedade nacional e, com isso, passando a ser um espaço de representação da competência alemã.

Ao buscar desnudar a trama na qual está inserida a construção do Clube de Canto Orpheu, vi emergir uma elite urbana imbuída de um propósito de afirmação local. Por isso, o que posso dizer, depois dessa caminhada econômica, política e social em busca da alma do Clube de Canto Orpheu nos anos 50 do século XIX, é que ele é, em primeiro lugar, resultado de condições econômicas favoráveis. Ampliando essa afirmação, é possível dizer que nos anos 50 o desenvolvimento econômico de São Leopoldo fez surgir no centro urbano uma camada elitizada representada por comerciantes e industriais artesãos de origem teuta, com disponibilidade de tempo para se dedicar a uma atividade de lazer e ao mesmo tempo desenvolver a sociabilidade. Tendo demonstrado habilidade para progredir economicamente, os alemães e teuto-brasileiros foram inicialmente impedidos de participar da vida política local, especialmente depois da criação da vila, quando ainda não tinham seus nomes referendados para a

Câmara Municipal.²⁰² Diante dos entraves burocráticos, a competência e a distinção dos alemães e teuto-brasileiros da Vila de São Leopoldo só puderam mostrar-se em nível social, e o Clube de Canto foi a possibilidade que se apresentou. Juntando-se a esses aspectos o canto coral, temos presentes todos os elementos que permitiram a fundação do Orpheu.

Um clube é um espaço político por excelência, e o Orpheu não foi diferente, mas, como em suas origens alemãs, não o demonstrava, a não ser simbolicamente. Então, era um espaço de canto masculino, de jogos como o bilhar, de festas ou de teatro. Essas ações, todas sociais, funcionavam ao mesmo tempo como ações políticas e como ações simbólicas. Ancoramos essa afirmação em alguns fatos, como os dois festivais de corais que o clube realizou, em 1863 e 1864, por ocasião do seu aniversário; antes dele, deu-se a construção de sua sede social, que servia também como espaço para a comunidade em ocasiões especiais, como a que dizia, em 1863, que [...] *haverá no Orpheus recebimento e doação de presentes aos pobres, no Natal. O Orpheus colocou o salão à disposição gratuitamente.*²⁰³ Sobre o festival de 1863, a *Deutsche Zeitung* trouxe a seguinte notícia:

*O primeiro festival da canção alemã em São Leopoldo*²⁰⁴

²⁰² Os pedidos de naturalização se sucediam e eram concedidos pelo poder público municipal, conforme apontou o redator do *Boletim Municipal*, Carlos de Souza Moraes, na transcrição dos *Termos de Declaração de Cidadania Brasileira*, in: MORAES, 1946, p. 241-284.

²⁰³ Este era um evento da Sociedade Beneficente. DEUTSCHE ZEITUNG n° 87. Porto Alegre: Quarta-feira, 25 de novembro de 1886.

²⁰⁴ O redator da matéria foi o Sr. Joseph Gertum, jornalista de Porto Alegre.

Dispomo-nos a fazer um pequeno registro dessa festa calma, verdadeiramente alemã, como ela merece. Contra qualquer expectativa, ela transcorreu de uma forma totalmente harmoniosa, cheia de gentileza e satisfação em todos os sentidos, de tal forma que a única atmosfera era a do elogio [...]. Pode-se crer que se apresentaram em torno de 240 cantores, na seguinte ordem: 1 – Arion, de Novo Hamburgo; 2 – Eintracht (Concórdia), do mesmo local; 3 – Deutscher Gesangverein (Sociedade Alemã de Canto), de Porto Alegre; 4 – Deutsche Liedertafel (Grupo Alemão de Canto), de Porto Alegre; 5 – Eintracht (Concórdia), de Picada Nova; 6 – Harmonia, de Mundo Novo; 7 – Sängerbund (Liga de Cantores), de São Leopoldo. Dirigente, senhor Rössler; 8 – Social, de Bom Jardim; 9 – Sociedade Orpheus, de São Leopoldo. Dirigente, senhor Luis Grünewald. Cada sociedade apresentou dois cantos e no final, de Ernst Arndt foi apresentado em coro o canto Was ist des Deutschen Vaterland (O que é a Pátria para o alemão?), com muito sucesso. [...]. O dia seguinte foi dedicado a um passeio nas redondezas de São Leopoldo, [...], partiu-se com cinco coros musicais para a terra verde sob as laranjeiras de Ruhmann e para o Morro do Espelho [...]. Todo o morro formigava de pessoas e nós com certeza não exageramos quando estimamos o número em 2.000. [...] as sociedades de Porto Alegre foram acompanhadas até os navios e se partiu com o desejo de, anualmente, poder participar de uma festa desse tipo, no mesmo lugar.²⁰⁵

O segundo festival da canção foi noticiado pela *Deutsche Zeitung* da seguinte maneira:

Festival da canção em São Leopoldo

Quem viu São Leopoldo no último sábado, bem como nos três dias seguintes, pode facilmente cair em tentação e acreditar na história das 'Mil e uma noites', pois um encontro tão grande de alemães sob foguetes e iluminação, misturado com canções alemãs, no interior de uma província do Brasil, igual a um oásis no deserto, deve ter impressionado a qualquer um. Estima-se que mais ou menos 3 a 4.000 alemães se encontraram, todos moradores dos arredores de São Leopoldo, com o objetivo geral único de preservar costumes antigos na música, no canto e nas piadas divertidas e, por alguns dias, esquecer o

²⁰⁵ DEUTSCHE ZEITUNG, n° 8 e 9, Porto Alegre: sábado, 14 de fevereiro de 1863, p. 3, e 18 de fevereiro de 1863, quarta-feira, p. 3.

sufrimento da terra. Animado, cada bom alemão deve ter se lembrado tantas vezes do velho verso:

*Quem não gosta de vinho, mulher e canto
permanece tolo a vida inteira.*

Já durante o Sábado começaram a chegar sociedades, tanto da mata virgem como de Porto Alegre, e foram recebidas na festa de São Leopoldo sob tiros morteiros e foguetes. Em todas as casas o comitê festivo mereceu todo o reconhecimento pela recepção feita, pois isso certamente não é nada fácil num local onde os visitantes chegam de todos os lados. Da mesma forma, os moradores de São Leopoldo mostraram que eles se importaram com a festa, pois, com raras exceções, já no sábado à noite a maioria das casas estava enfeitada com bandeiras e iluminadas. [...] um arco do triunfo na entrada da rua principal mostrou o caminho para dentro da vila aos visitantes.²⁰⁶

Esses dois festivais, juntos, são significativos, pois são símbolos de competência desse grupo. Com os outros atos desenvolvidos, o grupo mostrou-se para a vila como capaz de produzir algo de bom e duradouro para a comunidade. Mostrou também liderança ao chamar para os festivais de corais um número muito grande de alemães e teuto-brasileiros cantores. A reunião, conforme descreve com detalhes a *Deutsche Zeitung*, conseguiu reunir, em 1864, em torno de 4.000 pessoas, o que é um grande número para o período, ainda mais considerando as dificuldades de deslocamento. Só uma grande liderança seria capaz de mobilizar tal contingente. Em terceiro lugar, encontro alguns dos homens que lutaram por um espaço na Câmara Municipal entre os sócios do Orpheu ou em comissões desses festivais, o que dá no mesmo. A tabela abaixo é esclarecedora do que afirmo.

²⁰⁶ *Ibid.*, nº 10, sábado, 2 de fevereiro de 1864, p. 2 e 3.

TABELA 2. Sócios do Orpheu eleitos para Câmara Municipal, 1864.

SÓCIOS DO ORPHEU	CANDIDATOS ALEMÃES À CÂMARA EM 1864 (PL)	VEREADORES / 1865 (de origem teuta)
Johann Heinrich Fischer		Johann Heinrich Fischer
Nicolau Stumpf	Philipp Herzer Nicolau Stumpf Heinrich Bräscher	Philipp Herzer. Nicolau Stumpf Heinrich Bräscher
Johan Schmitt ²⁰⁷	Daniel Colling Johan Schmitt	Daniel Colling Johan Schmitt

Pela porta do Clube de Canto Orpheu, portanto, era possível chegar à Câmara Municipal. A sociedade de canto, podia, pois, ser vista como um espaço de representação dessa elite urbana, cujas aspirações eram mais alargadas, isto é, iam além das paredes do Clube.

²⁰⁷ Johan Schmitt era da diretoria do Orpheu em 1864 e também pertencia à comissão organizadora do segundo festival de corais nesse mesmo ano. Era liberal.

4. OS ATIRADORES E A GINÁSTICA

Dentro da proposta desta pesquisa, escolhi a década de 1880 e nela o ano de 1885 para realizar um segundo corte temporal na cidade de São Leopoldo. O objetivo de tal (re)corte é fazer uma nova leitura da cidade, de seus moradores e de sua sociabilidade, agora sob as luzes dos anos 80.

Comparado ao anterior, o período mostrou-se bastante diferenciado, porque nos anos 50/60 foram importantes a criação do clube de canto, os festivais de canto e a construção da sede social do Orpheu, uma vez que simbolizavam a *competência* dos alemães e teuto-brasileiros no desenvolvimento da sociabilidade e eram usados como espaço de representação para conquistar o poder político local. Os anos 80 trouxeram em seu bojo novas metas a serem conquistadas, entre as quais, a extensão do voto aos acatólicos, alcançada em 1881, o que oportunizaria, teoricamente, a participação dos teuto-brasileiros no processo político em nível provincial e nacional. Eram cidadãos plenos, agora, os teuto-brasileiros do centro urbano de São Leopoldo e de toda a colônia! Nessa função, eles já haviam-se mostrado competentes em nível local desde 1864. Entretanto,

ainda havia espaço para a sociabilidade em São Leopoldo, e as qualidades dos teuto-brasileiros vão aparecer, mais uma vez, na construção de outros espaços de lazer onde reafirmarão também o seu pertencimento étnico.

Até então, a Sociedade Orpheu era o ponto mais destacado como espaço de lazer e sociabilidade das elites da cidade. Em 1874, surgiu a Sociedade Concórdia, [...] *fundada por alemães residentes aqui e que realiza anualmente uma carreira de festas, bailes, reuniões dançantes e, principalmente, passeios.*²⁰⁸ Essas duas associações eram semelhantes em sua proposta: ofereciam a seus associados festas, bailes, passeios, ou seja, ofereciam um amplo espaço de convivência, de sociabilidade, de estar juntos após um dia de trabalho. A dança e o teatro eram as atividades mais importantes desses clubes, além dos lazeres masculinos, como o bilhar e o jogo de cartas, especialmente no Orpheu.

No final da década, organiza-se outro clube, cujas raízes estão fincadas na tradição alemã: a Sociedade de Atiradores de São Leopoldo. Esta congregava um número expressivo de homens pertencentes à elite urbana da cidade, incluindo-se entre eles alemães e teuto-brasileiros. Pertenciam, em sua maioria, ao comércio e à indústria e eram [...] *pessoas marcantes, de distinção em nossas sociedades.*²⁰⁹ Muitos deles eram também sócios da Sociedade Orpheu. Um outro Clube de Tiro surgirá,

²⁰⁸ HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM in *Rio Grande do Sul, 1824-1924*. Porto Alegre: Liga das Sociedades Germânicas, 1924, p. 307.

²⁰⁹ MORAES, 1946, p. 234 e 235. Nessa informação, está contida uma lista (*vide* Anexo 4) de 38 associados da Sociedade de Atiradores de São Leopoldo, entre os quais, Leopoldo Hofmann, Carlos H. Panitz, Roberto J. Panitz, Bernardo Thimmig, Carlos Filmann, Germano Weinmann, Martinho Boeckel, João Presser e outros. Dos nomes dessa lista, em torno de 20 são também sócios da Sociedade Orpheu.

desdobrado da Sociedade dos Atiradores, em 1883, com a mesma finalidade.

Os Clubes de Tiro, como os de Canto e de Ginástica, eram, na Alemanha, associações que, ao lado das atividades para as quais foram construídas, também funcionavam como espaços indiretos de atividade política, tendo, algumas vezes, funcionado também como refúgio de intelectuais liberais. Viajando na bagagem dos imigrantes, tais idéias vão tomar corpo em São Leopoldo, expressando-se na fundação dos clubes já citados. Também em 1883, um outro grupo de associados ligados à Sociedade Orpheu criou mais um espaço de lazer masculino: o *Separat Kegel-Club Orpheus*. A originalidade do *Separat* estava em reunir seus associados para jogar bolão uma noite por semana, já que essa prática não era comum na época.

Aos clubes de tiro e bolão vem juntar-se na metade daquela década a Sociedade Ginástica de São Leopoldo, depois de uma tentativa de fundação frustrada no início dos anos 80. A Sociedade Ginástica de São Leopoldo passou a existir de fato a partir de 27 de agosto de 1885. Seus fundadores, conforme Müller, foram *Daniel Jung, Wilhelm Süffert, Franz Louis Weinmann, Wilhelm Koehler, Jacob Prass, Leo Teichmann, Heinrich Wilhelm Panitz, Luiz Fenerbaum, Karl Schüler, Karl Dienstbach, Karl Brack, Bernard Sperb e Karl Wilkens*.²¹⁰ A mesma pergunta que fiz em relação à

²¹⁰ MÜLLER, Telmo Lauro. *Sociedade Ginástica: cem anos de história*. São Leopoldo: Rotermund, 1986, p. 13.

fundação da Sociedade Orpheu, retomo agora: Quem eram, afinal, esses homens?

A primeira diretoria da Sociedade era composta, em sua maioria, por comerciantes e industriais, tal como ocorreu com a Sociedade Orpheu. Havia entre os componentes do grupo também um funcionário do poder público municipal, Daniel Jung, que era procurador da Câmara no período. Quatro dos membros da diretoria pertenciam à maçonaria. Por serem membros atuantes da comunidade leopoldense, pertenciam também aos quadros partidários vigentes no município e/ou a outras associações, especialmente de cunho religioso, como a Igreja Luterana.²¹¹

A propósito da Sociedade Ginástica, a *Die Neue Zeit* de julho de 1880 trouxe um texto bastante alentado falando da festa da sociedade fundada havia menos de um ano. A notícia descrevia o salão do Orpheu, que estava superlotado, e assinalava a presença de muitas moças bonitas da sociedade leopoldense na festa. Havia também visitantes de Porto Alegre e de outras localidades da redondeza. O evento trazia dois ginastas da Capital para se apresentarem em São Leopoldo na modalidade de ginástica de barras. Na notícia, alguns aspectos sobressaem-se, como:

- a perseverança e a energia do professor de ginástica, Daniel Jung, e de outros jovens sócios da nova sociedade;

²¹¹ Entre os fundadores da Sociedade Ginástica, temos *Franz Louis Weinmann*, industrial, possuía uma destilaria de vinagre e produzia também licores; *Heinrich W. Panitz*, comerciante de secos e molhados; *Karl Schüler*, ferreiro; *Daniel Jung*, Procurador da Câmara Municipal.

- [...] o Senhor Edmundo Dreher, sócio da Sociedade Ginástica Porto Alegre passou, em nome desta, à Diretoria da Sociedade Ginástica local considerável contribuição com a qual a Sociedade Ginástica Porto Alegre desejou colaborar, de sua parte, com a construção de um ginásio.²¹²

Um “viva”, que foi várias vezes repetido, foi a maior e mais nobre forma de agradecer pelo presente recebido;

- a indiferença dos pais de família e dos mais velhos que tinham sido ginastas na Alemanha;

- a oratória do Presidente da Sociedade Ginástica e redator do jornal *Die Neue Zeit*, antes da apresentação dos ginastas, que

*[...] falou sobre o ser e a significação da ginástica como um todo e, em especial, observou o esforço que esta jovem sociedade fez para poder realizar uma festa assim. Ele recordou o inconveniente de até agora poucos ou nenhum homem mais velho, assim também pais de família, não fazerem parte da sociedade.*²¹³

O Presidente continuou sua fala destacando que o clube foi planejado *contando com os pais e outros antigos ginastas* [mais velhos], mas que estava alcançando seus objetivos, [...] *quase que só pela força e boa vontade dos homens jovens* [...].²¹⁴ O documento mostra, portanto, que havia nesse momento uma juventude inquieta que buscava um espaço de atuação até então inexistente em São Leopoldo. Não havia, porém,

²¹² DIE NEUE ZEIT, n° 102. São Leopoldo, 21 de julho de 1880, p. 1.

²¹³ Ibid..

²¹⁴ Ibid., grifo meu.

encontrado respaldo para sua ação na comunidade leopoldense, conforme a fala do Presidente da entidade.

A idéia de culto ao corpo através da ginástica já era praticada na época em Porto Alegre, onde o *Deutscher Turnverein* iniciara suas atividades em 1867, o qual, mesmo tendo sofrido alguns percalços, afirmara-se no início dos anos 1880 como um espaço de lazer e sociabilidade da comunidade teuta.²¹⁵

O clube projetado teve vida efêmera, não se concretizando efetivamente em sua primeira fundação. Ele vai ser novamente fundado alguns anos mais tarde, quando as idéias de Daniel Jung vão, finalmente, ser concretizadas. Assim, em 27 de agosto de 1885, foi fundada a *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade Ginástica Leopoldense) e escolhida sua primeira diretoria, que tinha como [...] *presidente Wilhelm Süffert e como vice Franz Louis Weinmann.*²¹⁶ A Sociedade possuía, também, dois instrutores de ginástica, Luiz Fenerbaum e Daniel Jung, além dos outros cargos inerentes à diretoria.

A propósito dessa Sociedade, encontro no *Relatório dos 50 anos da Sociedade Ginástica*, que:

A intenção que estava diante dos olhos dos fundadores da Sociedade Ginástica Leopoldense, ainda hoje é a idéia fundamental de seus dirigentes: a Sociedade Ginástica Leopoldense quer ser um portador da cultura alemã herdada de nossos antepassados alemães e cultivá-la entre seus

²¹⁵ SILVA, Haike Roselane Kleber da. *SOGIPA: uma trajetória de 130 anos* (publicação comemorativa). Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, 1997.

²¹⁶ MÜLLER, 1986, p. 13. Ainda, sobre a Sociedade Ginástica, vide Anexo 5 – Lista de Sócios..., aos 30 anos da Sociedade.

*sócios. Ela [a Sociedade] está incluída nas exigências de Jahn: amor ao povo, fidelidade à terra natal! Ela procurou alcançar esse objetivo através da comunhão com todos que são de sangue alemão, antes de tudo, no caminho da educação da juventude pela ginástica de Jahn.*²¹⁷

A filiação explicitada no Relatório dá a dimensão do alcance dessas idéias fora do seu universo de origem e, ao mesmo tempo, remete-me para a Alemanha do século XIX em busca dos princípios de Jahn.

Johan Friedrich Ludwig Christoph Jahn nasceu em agosto de 1778 na vila de Lanz. Depois de peregrinar por várias cidades alemãs dando palestras e escrevendo textos para animar os alemães contra o jugo francês, publicou em 1810 uma de suas mais importantes obras: *Deutsches Volkstum* ou “nacionalidade alemã”. Jahn forja a palavra *Volkstum* e a define assim: [...] *o que há de comum num povo, sua essência, seu movimento, sua força de regeneração, sua faculdade de reproduzir-se. É por ele que reina nos membros de uma mesma nação um pensamento e um sentimento nacional* [...].²¹⁸ A obra de Jahn foi fundamental para o estudo da nacionalidade no século XIX, principalmente porque nela ele elaborou uma concepção alemã de nação.

Em sua trajetória, Jahn foi influenciado pelo romantismo alemão de Fichte e Kant, entre outros. Sua obra, de cunho nacionalista, tinha um espaço de prática: a ginástica. Ao desenvolvê-la, buscou uma

²¹⁷ DER TURNERBOTE. Boletim mensal da Sociedade Ginástica aos seus sócios. Número especial dos 50 anos da Sociedade Ginástica. São Leopoldo: Sociedade Ginástica Leopoldense, 1935, p. 4. MHVSL, caixa Sociedade Ginástica. Grifo meu.

²¹⁸ CABANEL, Patrick. *La question nationale au XIXe. Siècle*. Paris : Editions La Découverte, 1997, p. 6.

fundamentação rigorosa e, desta forma, resgatou a história do esporte alemão.

As diretrizes dessa ginástica eram: [...] *lutar com maior regularidade pela formação perfeita; ser aplicado; aprender algo sólido; não acompanhar efeminados; não se deixar entusiasmar por nenhuma sedução; não procurar prazeres, divertimentos e distrações que não convêm à virtude.*²¹⁹ Ampliando um pouco mais essa concepção, vejo também que os jogos são fundamentais para o desenvolvimento da ginástica, assim como o canto [...] *para mostrar uma nova confiança própria, nacional.*²²⁰ A ginástica, para Jahn, deveria produzir algo mais profundo do que o entusiasmo técnico, a saber, o espírito patriótico e moral. Ele pregava a ginástica como a base da formação do espírito nacional alemão. Sua ginástica, sendo perpassada pelo nacionalismo, servia a uma determinada finalidade. Isso não quer dizer, entretanto, que tais práticas tivessem, aqui no Brasil, a mesma conotação que na sua origem. O que quero resgatar é que, sendo fruto de uma época de formação do Estado alemão (nacionalismo), as idéias de Jahn expandiram-se para as áreas de imigração alemã e aqui se desenvolveram na forma de clubes e associações que não estavam fora do espírito do germanismo, embora estivessem fora do espírito de um nacionalismo brasileiro.

Sendo portadoras dessa historicidade e de uma finalidade agora mais alargada, as sociedades de ginástica vão desenvolver-se no Rio

²¹⁹ TESCHE, Leomar. *A prática do turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1996, p. 38.

Grande do Sul principalmente a partir do último quartel do século XIX. A propósito da necessidade de se fazer ginástica, a *Deutsche Zeitung* trouxe algumas idéias sobre o assunto. Dizia o autor da matéria que [...] *sob ginástica entenda-se todos os exercícios através dos quais os órgãos corporais se fortalecem e se habilitam e todo organismo humano obtém elasticidade e saúde.*²²¹ Assim, o exercício da ginástica deveria iniciar com as crianças e incluir muita ação, como [...] *caminhar, saltar, pular, trepar, lutar, levantar peso, caminhar sobre pernas-de-pau, patinhar na água.*²²²

Quero agora abordar a questão da ginástica por um outro ângulo: o de uma prática resultante do tempo livre, do tempo de não-trabalho. Esse tempo que é desdobramento da Revolução Industrial torna-se importante porque impõe uma nova distribuição do tempo social. Ele não pode ser deixado de lado quando se fala na fundação de associações dedicadas à prática da ginástica e de outros esportes. O esporte, segundo Alain Corbin,²²³ assume um papel cada vez mais importante no contexto da vida moderna. Nesse sentido, ao aspecto histórico da ginástica alemã enquanto discurso nacionalista, junta-se o da ginástica como prática resultante da reorganização do tempo livre. Os dois aspectos, parece-me, não são excludentes, porque da tradição vem o embrião da prática da ginástica nos moldes de Jahn para as áreas de imigração alemã e do desdobramento da Revolução Industrial vem o tempo disponível para o seu

²²⁰ *Ibid.*, p. 41.

²²¹ DEUTSCHE ZEITUNG, n.º 76. Porto Alegre, Sábado, 21 de setembro de 1878, p. 1-2.

²²² *Ibid.*, p. 2.

²²³ CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs*. Paris: Aubier, 1996.

desenvolvimento. A prática da ginástica, por sua vez, requer a criação de espaços apropriados, já que o tempo do esporte é um tempo orientado e requer um determinado ritmo e precisão para alcançar os seus objetivos. A Sociedade Ginástica Leopoldense insere-se nesse contexto. Também a criação dos clubes de tiro e de bolão enquadravam-se nas atividades de lazer desenvolvidas a partir do uso do tempo disponível, não deixando de ser, ao mesmo tempo, herança cultural alemã.

Uma análise mais globalizada sobre a importância desses espaços de lazer e sociabilidade que nos anos 80 serão oferecidos à elite leopoldense permite que se destaque, em primeiro lugar, o caráter esportivo dessas três modalidades de clubes criados. Por um lado, o bolão e o tiro eram atividades eminentemente masculinas e, nesse sentido, inseriam-se ainda no modelo de associação descrito por Maurice Agulhon. Ou seja, eram espaços de ociosidade onde os homens iam para descansar, conversar, jogar e cantar após o trabalho. Eram, ainda, espaços de sociabilidade e de lazer masculinos. Já a ginástica alemã, embora historicamente vinculada ao nascimento do nacionalismo em sua pátria, enquadrava-se também no espírito da segunda metade do século, isto é, um tempo em que a cultura do corpo tornou-se indispensável, principalmente para garantir-lhe saúde e, depois, beleza. Nessa perspectiva, a ginástica será, em São Leopoldo, uma herança alemã sem carregar a conotação *guerreira e ideológica* que a caracterizou na proposta de Jahn no início do século XIX e, ao mesmo tempo, uma forma saudável de tratar e exhibir o corpo.

As sociedades eram, como destaquei até agora, espaços de sociabilidade, além de serem portadoras de uma cultura de origem teuta que se manifestava não só na prática da ginástica, do tiro e do bolão, mas também em um campo maior onde se incluíam o idioma alemão e os cantos interpretados nessa mesma língua. Eram em alemão, também, as atas dos clubes, assim como só se falava alemão nas reuniões de diretoria daquelas sociedades.

A língua, para os alemães, é um dos componentes da sua identidade pela possibilidade de preservação de seus valores culturais. Daí a resistência em falar o português. Essa constatação está reforçada pela fala de Koseritz adiante enunciada. Quero dizer com isso que a presença da fala em alemão remete à questão da memória/esquecimento/lembrança. A memória, por sua vez, está ligada à bagagem cultural do indivíduo. *A sobrevivência de um grupo passado na memória de um grupo atual tem uma função de memória coletiva.*²²⁴

Considero importante lembrar, ainda, que a presença tão forte do idioma alemão nessas associações era também uma forma de distinção e de pertencimento, sendo fundamental no reforço da coesão social. *Ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, a memória reforça as fronteiras sócio-culturais.*²²⁵ Aqui, um outro aspecto se faz presente como pano de fundo (mas não separado) das considerações que acabo de fazer: é o germanismo. Os vários clubes fundados no período em

²²⁴ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 182.

foco serão espaços de lazer e também espaços de representação do *Deutschtum*.

Germanismo, conforme René Gertz, [...] é a tradução da palavra *Deutschtum*. [...]. De uma maneira geral entende-se por *Deutschtum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã.²²⁶ Seyferth dirá que *Deutschtum* é

[...] a *Volkstum* alemã, o germanismo ou germanidade, a essência da Alemanha. [...] *Deutschtum* engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado com ela, mas como Nação e não como Estado. [...] *Deutschtum* e *Volkstum* [...] significam também a cultura popular puramente germânica, implicam o conhecimento dos poetas, pensadores e literatos da língua alemã e a música alemã.²²⁷

É, portanto, um conceito que procura sintetizar a essência do povo alemão e que se fez presente em muitas ocasiões e em espaços diferenciados em São Leopoldo. Um exemplo do que falo foram os festejos em comemoração aos 80 anos do Imperador alemão Guilherme (Wilhelm) I, em 1877, conforme Relatório da Sociedade Orpheu e registro do jornal *Der Bote*. A notícia, em forma de convite, foi publicada assim:

Grande festa em homenagem ao 80º aniversário do herói Imperador da Alemanha, quinta-feira, dia 22 de março de 1877.

[...] À 1h. da tarde, reunião das sociedades locais em suas sedes;

À 1h 30 min, ordenação do cortejo e saída conjunta de todas as sociedades com bandeiras e música para o campo do Tiro;

²²⁵ MOTTA, Marly da Silva. *A nação faz 100 anos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 5.

²²⁶ GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991, p. 32.

²²⁷ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 46.

Depois de diversas oratórias, colocação das bandeiras, tiro das sociedades, cantos, ginástica e outras diversões de forma livre. Às 5h 15 min. Saída e cortejo pela cidade. Depois, recolhimento das bandeiras das sociedades.

Das 8h da noite em diante haverá dança e diversões nos locais das sociedades 'Concórdia' e 'Orpheus.'

A Comissão.

Pede-se gentilmente que os moradores da cidade enfeitem casas e ruas.²²⁸

A mesma folha noticiara anteriormente [10 de março] que o Clube de Tiro iria comemorar o aniversário do Imperador *festivamente*. Referia-se à festa acima. Pelo exposto, é possível inferir também que os clubes sociais leopoldenses reuniam-se numa festa única em ocasiões como essa em que o homenageado estava “acima” de todos e era comum a todos os “alemães”.

Em setembro desse mesmo ano, o *Der Bote* noticiou que o Clube de Tiro festejaria o *aniversário da Batalha de Sedan*. Martin Dreher diz que, [...] *com a criação do Reino Alemão em 1871, veio à tona entre os pastores aquilo que inconscientemente já estava presente: o orgulho nacional. [...]. Pastores e comunidade passam, a partir de 1871, a cultivar conscientemente o caráter germânico.*²²⁹ O texto de Dreher cita como uma das formas de marcar o germanismo os festejos de aniversário do Imperador alemão. Sem discordar do referido autor, mas ampliando a sua afirmação,

²²⁸ DER BOTE. São Leopoldo, Sábado, 17 de março de 1877, p. 3. Observação: O jornal *Der Bote* nasceu neste ano de 1877, com a finalidade de ser a folha oficial para São Leopoldo e as colônias. Seu redator era Julius Curtius.

²²⁹ DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/UCS, 1984, p. 75.

quero frisar que encontro manifestações de simpatia e engajamento com a nação alemã entre os alemães do Brasil desde os anos 1860, tanto em São Leopoldo quanto em Porto Alegre, haja vista a listagem que segue:

1863 – Festival de cantores alemães – Sociedade Orpheu, São Leopoldo e mais nove grupos de várias localidades;

1863 – Comemoração dos 50 anos da Batalha de Leipzig, Porto Alegre, local não-identificado. Participação da Sociedade Orpheu de São Leopoldo, com mais de 50 pessoas;

1864 - 2º Festival de cantores alemães – Sociedade Orpheu, São Leopoldo, com a participação de corais de várias localidades;

1864, 1865, 1868 – Festa do Schleswig-Holstein – A primeira e a última em Porto Alegre, com a participação da Sociedade Orpheu. A de 1865 ocorreu em São Leopoldo na própria Sociedade Orpheu.²³⁰

O que me parece patente é que o germanismo já se fazia presente no Rio Grande do Sul antes da Unificação Alemã e não era uma manifestação inconsciente. Ao contrário: louvava-se o que a nação alemã tinha para ser louvado naquele momento e cantava-se o que havia para ser cantado. O orgulho étnico pareceu-me estar presente entre os teutos antes de 1871. Após essa data, aí, sim, o orgulho nacional se fez presente junto com o primeiro. Não houve, ao meu ver, uma ruptura entre as festas e comemorações anteriores a 1871 e as que se realizaram depois dessa data.

²³⁰ Vide Anexo 3: Relatório festivo dos 50 anos da Sociedade Orpheu.

O que houve foi um acréscimo de eventos a serem comemorados, a exemplo do aniversário do Imperador alemão.²³¹ O discurso “novo” sobre a germanidade foi detectado no final da década de 80 e cresceu no início do século XX. Esse discurso mesclou-se em muitos momentos com o Pangermanismo. Os clubes e outros espaços de lazer e sociabilidade criados em São Leopoldo nesse período testemunham o que afirmo. A germanidade em alta, resultado do orgulho advindo da criação do império alemão em 1871, oportunizava a construção da imagem da grande Alemanha entre os teuto-brasileiros de São Leopoldo. A imagem do Estado alemão fazia-se presente, simbolicamente, nas festas comemoradas.

A festa dos 90 anos do imperador alemão Guilherme (Wilhelm) I, em 1887, é um outro momento de reafirmação da germanidade.

Chamada aos nossos co-cidadãos alemães em São Leopoldo!
*Em 22 de março os amigos do herói imperador da Alemanha festejam seu nonagésimo aniversário. Em todos os lugares do mundo onde moram alemães, este dia é um dia festivo, porque cada alemão vê no seu imperador a restauração do poder alemão e da fama alemã também no exterior. [...] Queremos mostrar que nós, mesmo cidadãos do império brasileiro, lembramos do nosso imperador alemão com veneração e orgulho.*²³²

A festa realizou-se na chácara de Guilherme Panitz, no local do Clube de Tiro, que estava decorado a capricho. A comissão encarregada da comemoração era composta por Wilhelm Shemaim, Franz Luiz Weinmann, Wilhelm Eggers, Eduard Piegel, Peter Karst, Bernhard Thimmig.

²³¹ Ao que tudo indica, essas comemorações tinham nos Brummer os seus mentores.

²³² DEUTSCHE POST, São Leopoldo, 19 de março de 1887, p. 1 (vide Anexo 10).

Participaram do evento as crianças da igreja evangélica, a Sociedade Orpheu, o Clube de Tiro, o Tiro Livre e a Sociedade Ginástica.

A *Deutsche Post* de 26 de março trouxe a descrição pormenorizada dessa festa. Seu editor manifestou-se assim sobre o evento: *Eu escrevo ainda impressionado pelo dia de ontem; [...]. Algo assim nós precisamos ter mais vezes. [...] A honrosa comissão festiva esteja certa do agradecimento de todos os bons patriotas alemães. [...] Foi uma idéia feliz começar este dia com um culto.*²³³

Os participantes organizaram-se em cortejo até o local da festa, que estava [...] *festivamente enfeitado com bandeiras, palmeiras, guirlandas e coroinhas. A foto do Imperador foi colocada no palco, no local da oratória.*²³⁴

No primeiro momento, sobressaíram-se os cantos, especialmente os dois cantados pelas crianças: *Cura-te no círculo da vitória e Alemanha, Alemanha acima de tudo; acima de tudo no mundo*. Depois dos cantos, quatro oradores apresentaram-se, conforme a *Deutsche Post* descreveu. O primeiro foi o Sr. Franz Luiz Weinmann, que disse:

Honrados companheiros de festa!

Na Alemanha, hoje é um dia de júbilo, e onde no distante mundo vivem alemães, lá soa o grito: 'Felicidade, imperador Wilhelm'!

A ele foi possível unir a Alemanha, combater o inimigo e reconquistar a coroa imperial.

²³³ DEUTSCHE POST, São Leopoldo, 26 de março de 1887, p. 1.

²³⁴ *Ibid.*

Antes de 1870 eu tinha um desgosto: onde eu pretendia vaguear, no país, eu tinha de ouvir sobre a vergonha do nome alemão. E não posso dizer que falavam mentiras, se por desgosto o coração me fizesse esquecer.

Depois de 1871, porém, eu me rejubilei:

Deus contigo, Barbaroxa. [...]. Nesta época tu trazes novamente ao povo alemão a maravilha [de ser] alemão.

Honrados companheiros de raiz !

Aqui no sul distante nós sofremos juntos pela vergonha e desunião da Alemanha e agora a águia alemã nos cobre com suas poderosas asas.

E a quem nós agradecemos por agora estarmos numa posição tão destacada? Às vitórias que o imperador herói da Alemanha conquistou.²³⁵

A fala terminou com o tradicional *o imperador alemão Wilhelm deve viver. Viva! Viva! Viva!*. Mais três oradores sucederam-se: Ernst Müzell, Dr. Rotermund e Eduard Piegel. À noite, ainda houve uma reunião de famílias, no Orpheu, para dar fechamento à comemoração.

O texto pode ser dividido em vários segmentos para efeitos de uma análise mais abrangente. Em primeiro lugar, destaco a *festa*, a *comemoração*. Ela é, como disse o orador, uma manifestação do orgulho nacional alemão, mas ela é também uma *marca étnica* e uma forma de não esquecer as raízes teutas e a grandeza da Alemanha. Junto com outros símbolos que o texto traz, como o da águia (um pássaro poderoso e forte, que voa muito alto, que tem olhos que tudo enxergam e que, com suas asas, protege os *seus cidadãos* em todo o mundo), percebe-se a necessidade da construção e principalmente da afirmação da grande Alemanha pelos seus filhos, mesmo em São Leopoldo. E isso tornava-se realidade, simbolicamente, em festas como as do aniversário do Imperador.

²³⁵ DEUTSCHE POST, n° 650, São Leopoldo, Sábado, 26 de março de 1887, p. 1-2.

Penso que as festas são momentos mágicos, alegres, divertidos, mas atrás desse visual está uma comunidade ou um grupo que festeja para *lembrar*, para marcar, para garantir simbolicamente o vínculo com a pátria de origem. É preciso construir símbolos quando se quer marcar algo na *alma* das pessoas. E o imperador alemão era um desses símbolos.

A festa tem, ainda, um sentido cívico na medida em que buscou celebrar e exaltar o imperador alemão. Guilherme (Wilhelm) I é, nesse contexto, *herói* – porque unificou o país; tirou-o da vergonha; reconquistou a coroa imperial. Ele é comparado a Frederico Barbaroxa, um personagem da história do Sacro Império Romano-Germânico que se destacou nas Cruzadas e que é considerado o fundador do Império alemão.²³⁶ É, portanto, elevado à galeria dos personagens mitificados. Nesse sentido, a imagem do imperador colocada no palco, junto aos oradores, funcionou como uma espécie de imagem fundadora e inspiradora do orgulho nacional, do novo império que se reerguia. Ela era uma das marcas da germanidade e da grandeza da Alemanha. A imagem tornou-se, então, um modelo formador. O texto apresentou-se, finalmente, como uma reafirmação de etnicidade, marcada na expressão *aos nossos co-cidadãos*

²³⁶ A propósito da construção dos mitos, é significativo esse pequeno trecho que trata da invenção das tradições pelos próprios Estados e que explica, em parte, a lembrança do nome de Barbaroxa na festa de aniversário do Imperador em São Leopoldo: “[...] Un dernier édifice, le *Kyffhäuser* de Guillaume II, est construit à partir de 1892 par des associations de soldats allemands: il représente l'éveil de Barberousse, l'empereur Frédéric I, endormi depuis 1190, et face à lui Guillaume à cheval, coiffé de l'aigle et de la couronne, venant accomplir l'histoire allemande. Guillaume a choisi pour l'inauguration la date du 18 juin 1896, Barberousse ayant été couronné le 18 juin 1155 [...]”. CABANEL, 1997, p. 91. [— Um último edifício, o *Kyffhäuser* de Guilherme II, foi construído a partir de 1892, pela associação dos soldados alemães: ele representa a imagem de Barbaroxa, o Imperador Frederico I, morto em 1190 tendo à frente Guilherme a cavalo, com o estandarte e a coroa, vindo cumprir (completar) a história alemã. Guilherme escolheu para a inauguração (do prédio) a data de 18 de junho de 1896, pois Barbaroxa havia sido coroado em 18 de junho de 1155 —].

alemães de São Leopoldo e reafirmada na frase em cada lugar do mundo onde moram alemães.

A par do que foi dito, é pertinente não esquecer que estou também falando de lazer e sociabilidade em festas que têm um cunho de encontro entre elites, isso é, clubes que congregam elites locais. Esse aspecto não ficou excluído das comemorações do aniversário do Imperador alemão nas duas oportunidade citadas. A festa existiu, o encontro aconteceu. A sociabilidade fez-se presente. O diferencial, o étnico, foi o motivo da reunião.

Na medida em que tais acontecimentos se davam, a pergunta que se impunha (60 anos depois da vinda dos primeiros imigrantes) era: como alemães e teuto-brasileiros percebiam-se na sociedade em que estavam inseridos? Além do já dito na análise das comemorações, a *Deutsche Zeitung* traz, a esse respeito, em 1878, o seguinte:

O Elemento alemão

Na atual mudança na política brasileira é oportuno falar uma palavrinha sobre a situação do elemento alemão neste país e em especial nesta Província. Primeiramente, porém, nós temos que dizer que sob elemento alemão nós não entendemos somente os imigrantes, mas também e sobretudo o nato, isto é, os filhos de imigrantes alemães aqui nascidos, e não só os de primeira, mas os de segunda, terceira e quarta gerações. Graças às circunstâncias, a assimilação com descendentes da raça latina se torna muito difícil para os alemães, assim como também graças aos esforços que sempre foram feitos para preservar a língua e os costumes alemães naturalmente, ao lado do indispensável conhecimento da língua nacional. Assim, a descendência dos imigrados alemães não se desfez aqui na população de descendência portuguesa. O nativismo é muito expressivo aqui e também deve ter

contribuído para isso. O principal é que os descendentes de alemães conservaram a língua e os costumes de seus pais em segunda e terceira gerações assim como os brasileiros de descendência alemã. A força cultural que reside no elemento germânico e que fez dos alemães pioneiros da civilização em quase todos os países se verificou também no Brasil e, de forma brilhante, nesta Província. [...]. Em todos os ramos da vida nacional os alemães participam de forma eminente e uma grande parte do capital encontra-se em suas mãos.

Contamos hoje o número de alemães e seus descendentes em 80.000 e formamos a sexta parte do povo livre na Província. Sob tais condições, deveria estar na hora de pensar se o elemento alemão também teve a influência devida sobre o destino do país ou muito mais da Província em relação ao seu número e à sua capacidade. Isso ele não teve, primeiro porque lhe faltou união de ambos os elementos, do emigrado e do nativo; segundo, porque lhe faltou uma direção homogênea e também, certamente, um interesse pelas oportunidades públicas.²³⁷

Ao posicionarem-se como alemães, destacando o seu pertencimento étnico e frisando a importância da preservação de seus costumes, os teuto-brasileiros percebiam-se, parece-me, ainda como “não-brasileiros”. Com a mesma ênfase, porém, destacavam a sua importância para o progresso do Brasil e da Província do Rio Grande do Sul, onde estavam inseridos social, política e culturalmente. O que se pode ler por trás dessas posições aparentemente radicais é a existência de um grande número de descendentes de alemães no Rio Grande do Sul economicamente participativos, mas ainda com pouca representatividade no processo político partidário regional/nacional. Se eles participassem da vida política, dizia Koseritz, cada um deveria ir para o partido que lhe parecesse melhor, porque

[...] nós todos que somos cidadãos de descendência alemã e fizemos parte de forma mais ou menos expressiva da vida

²³⁷ DEUTSCHE ZEITUNG, nº 9. Porto Alegre, Quarta-feira, 30 de janeiro de 1878, p. 1.

*política sempre soubemos preservar relações pessoais apesar de diferenças partidárias e damos as mãos em todas as questões que tratam dos interesses especialmente alemães.*²³⁸

Aqui, o texto dá destaque à necessidade da participação política dos teuto-brasileiros e aponta a união em torno de interesses alemães como estratégia para alcançar objetivos políticos, não importando o partido a que cada um pertença. Karl von Koseritz, o autor da matéria, é um intelectual teuto bastante respeitado cujo pensamento atinge a colônia como um todo, já que ele atua no jornalismo desde os anos 60.²³⁹ Sua opinião, portanto, expressa o pensamento do grupo teuto ou de parte do mesmo.

Analisando mais detidamente o texto, fica visível que alemães e descendentes pensam-se como alemães mesmo tendo nascido no Brasil e que o pertencimento étnico é o ponto central da primeira parte do escrito de Koseritz. Isso leva-me a constatar que os alemães, que num primeiro momento nem se percebiam como tais porque eram prussianos, austríacos, renanos, silesianos..., tiveram, ao longo de 60 anos, que se construir alemães, se pensar como um todo único, ao mesmo tempo em que se constituíam como os *outros*, os diferentes diante dos brasileiros. Em função de sua origem suposta – alemães –, foi-lhes dada uma *atribuição*

²³⁸ *Ibid.*

²³⁹ Koseritz atuou no DEUTSCHE ZEITUNG, tendo fundado, em 1881, a KOSERITZ DEUTSCHE ZEITUNG, além de participar de jornais em português.

categorial que lhes deu também o reconhecimento externo, isto é, dos brasileiros. Então buscaram o reconhecimento dentro de seu próprio grupo. Essa tarefa foi mais difícil do que a outra, mas uma vez nomeados coletivamente, isso acabou por produzir solidariedade. É o que se depreende da proposta de Koseritz.

Quanto ao processo de interação não ter ocorrido, a conclusão a que se pode chegar é que não existe unanimidade na interpretação de tal fato pelos historiadores, ou melhor, esta tem sido uma discussão de pelo menos três diferentes lados: alguns descrevem e lamentam o abrasileiramento da comunidade, inclusive com dados estatísticos; outros, seguem o pensamento de Koseritz; e outros, ainda, queixam-se, em seus escritos, do isolamento dos alemães e teuto-brasileiros, atribuindo a ele o fato de não se miscigenarem. Sem seguir qualquer uma das três posições, proponho, a partir do exposto, que se olhe esse processo pelo lado da *interação*, isto é, sem que haja a predominância de um lado (o luso-brasileiro) sobre o outro (o alemão). Assim, posso dizer que os alemães, ao se apresentarem diante da sociedade luso-brasileira, o fizeram como portadores de uma cultura européia. No contato com a cultura daqui, também européia na origem lusa, mas já modificada pelo contato com as culturas autóctone e africana, os alemães modificaram alguns hábitos. Isso não significou, entretanto, que tenham sido modificados culturalmente ou que foram assimilados, aculturados ou integrados.

No que tange à participação política dos teuto-brasileiros em São Leopoldo, os anos 1880 caracterizaram-se pela sua consolidação no poder local. Como procurei demonstrar no capítulo anterior, foi só em 1864 que a Câmara Municipal organizou-se pela primeira vez com um número significativo de teuto-brasileiros. A partir daí, cresceu a bancada teuta, ficando em torno de 50% o seu número em cada legislatura. Voltando mais uma vez ao texto de Koseritz, verifico que ele é de 1878 e que, nesse momento, os luteranos não haviam alcançado ainda o *status* de cidadãos brasileiros, mesmo que houvessem nascido no Brasil. Os anos 80 é que trarão essa possibilidade. Portanto, é no período estudado que os teuto-brasileiros vão alcançar também o poder regional. Tinha razão Koseritz em marcar posição, pois não era diretamente proporcional ao poderio econômico dos teuto-brasileiros a sua participação na vida política regional ou nacional.

Os anos 80 confirmaram para o Rio Grande do Sul e também para São Leopoldo a liderança do Partido Liberal (PL) na Câmara Municipal a partir de 1884. Nos dois últimos anos do Império, a predominância foi total, com os nove vereadores do PL sob a presidência do Major João Schmitt. Em relação ao caráter étnico da Câmara, também houve um gradativo aumento dos sobrenomes de origem teuta nos anos 80, de modo que se poderia dizer que os vereadores de origem alemã pertenciam, em sua maioria, ao PL.

O período analisado caracterizou-se ainda por grandes acontecimentos ao mesmo tempo sociais e políticos em São Leopoldo. Ele

iniciou com a visita “apoteótica” do Conselheiro Gaspar Silveira Martins²⁴⁰ à cidade em 1879, seguiu-se com a visita de Sua Majestade a Princesa Isabel e o Conde D’Eu, em 1885, e culminou com a visita do Presidente do Estado e seu primeiro escalão em 1890. A cidade, em cada um desses acontecimentos, transformou-se num grande palco, especialmente no trajeto entre a estação ferroviária, a Rua Grande e a Sociedade Orpheu. Nesse caminho, desfilaram a elite política e econômica, os atores convidados, as diversas representações locais e o povo que, em geral, foi um coadjuvante privilegiado no cenário aberto, conforme já apontei no capítulo anterior. As visitas em foco, apesar de seu caráter político, tomavam em São Leopoldo características de acontecimento social, já que envolviam Clubes Sociais, grupos de canto masculinos e femininos pertencentes às sociedades da cidade, crianças de diferentes escolas, maçonaria, pastores, padres, e políticos, além de bandas de música e a indispensável ornamentação da cidade. É nesse quadro de “festa” de cada um dos acontecimentos abaixo que transparece o teatro da sociabilidade. Tais acontecimentos poderiam ser vistos como acontecimentos corriqueiros no dia-a-dia de uma cidade. Mas não eram. Tratava-se de uma ação coletiva, de uma mobilização ao mesmo tempo festiva e política desenvolvida pela elite leopoldense, desenvolvida em espaços públicos – as ruas, os hotéis e a Intendência – e privados – os clubes da cidade.

Para o primeiro dos eventos, houve uma esmerada organização de setores produtivos de São Leopoldo com a participação da

²⁴⁰ Vide Anexos 6 e 7.

Maçonaria. Formavam a comissão festiva os senhores Wilhelm Haertel, E. Müzell, Wilhelm Hoffmann, Heinrich Bier, Vicente Orci e H. v. Franckenberg.²⁴¹

A *Deutsche Zeitung* (Koseritz) trouxe o relato detalhado da festividade, de acordo com a *Neue Zeit*, uma de suas fontes de informação. Assim, em 21 de setembro de 1879, a folha registra: *É certo, pois, que o defensor do nosso direito mais sagrado, sem cuja enérgica defesa o verdadeiro progresso dessa Província teria sido totalmente impossível, chega aqui no Sábado à tarde.*²⁴²

Na quarta-feira seguinte, 24 de setembro, a mesma folha continua dizendo:

*Enfeita-te São Leopoldo, coloca tua roupagem festiva e profetiza antes de tudo diante dos lábios de teus filhos, que em ti reina verdadeira ambição alemã e espírito de progresso alemão. Seja o vôo da águia e deixe a coruja gramar nos buracos escuros. Um povo unido, fechado, que tem a seu lado a justiça e a moral, sempre realiza os seus desejos, pois união e verdade produzem força.*²⁴³

Adiante, a mesma folha registra:

Em companhia da comissão festiva, sua excelência foi para São Leopoldo às 2 horas no Sábado, num trem especial. [...] a estação estava com enfeites maravilhosos; todos os alunos das escolas evangélicas e brasileiras formavam fileiras, também assim moças vestidas de branco e as sociedades com suas bandeiras. O senhor Müzell fez uma bonita oratória e terminou com um viva que foi acompanhado com um inacreditável

²⁴¹ Dessa comissão festiva, participavam Wilhelm Haertel, Wilhelm Hofmann e Heinrich Bier, sendo os dois primeiros fundadores e o terceiro, associado da Sociedade Orpheu (além de maçons), conforme o *Relatório festivo dos 50 anos da Sociedade Orpheu*.

²⁴² DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, nº 66, 28 de agosto de 1879 e nº 75 a 77; 20, 24 e 27 de setembro de 1879 e nº 78 de 1 de outubro de 1879.

²⁴³ *Ibid.*

*entusiasmo, ao que o Dr. Martins respondeu com uma oratória maior, com sua própria eloquência.*²⁴⁴

Seguido de muitos discursos, flores e poesias, Silveira Martins foi levado ao Hotel Koch, onde recebeu delegações e homenagens:

*Às 7 horas da noite a comissão, acompanhada da população, buscou-o e acompanhou-o até o enfeitadíssimo Orpheu, onde um verdadeiro e grandioso banquete de 200 convites estava preparado.*²⁴⁵

No outro dia pela manhã, o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins foi para Novo Hamburgo.

Para o segundo evento, a *Deutsche Zeitung* trouxe também uma descrição circunstanciada, baseada em noticiário da *Deutsche Post*, edição de 10 de janeiro de 1885, da qual retiramos alguns excertos.

*[...] o Sábado à tarde foi espalhada a notícia em São Leopoldo de que as autoridades imperiais visitariam a cidade no dia seguinte, na viagem de regresso de Novo Hamburgo. [...] Alunos e alunas da 'Neue Schule' (Escola Nova) marcharam com a Sociedade de Canto de Damas sob a bandeira da mesma, as sociedades de Tiro e Orpheu colocaram-se no perron (sic) e esperaram o trem que chegou na hora combinada..*²⁴⁶

Para saudar as autoridades, a senhorita Olga Gans declamou uma poesia. Depois, organizou-se o cortejo para percorrer a cidade.

A música foi à frente e as sociedades seguiram. Assim, o cortejo acompanhado por um grande número de pessoas passou vagarosamente por São Leopoldo, primeiro pela Intendência, depois pela Igreja católica onde ocorreram

²⁴⁴ *Ibid.*

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 1.

²⁴⁶ DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, Sábado, 10 de janeiro de 1885, p. 2 (vide Anexo 8).

comemorações religiosas. As autoridades olharam a seguir o instituto das irmãs e dos jesuítas, depois foram levadas para a moradia (que lhes fora preparada). [...] Depois de haverem tomado e elogiado as cervejas, foi feito um passeio pela cidade, no qual foram visitados a construção do novo prédio da Câmara, a ponte, o Orpheus e a Igreja evangélica. [...] Na estação do trem, o Dr. Rotermund recebeu permissão do Conde D'Eu de dizer algumas palavras ao povo e às autoridades imperiais, na despedida.²⁴⁷

O terceiro episódio, já num outro contexto político, trouxe o Presidente do Estado a São Leopoldo. A *Deutsche Post* deu a notícia assim:

No Domingo, com o trem da manhã, veio o há muito anunciado governador deste Estado, General Cândido Costa na companhia do Chefe de Polícia, Dr. Antonio Antunes Ribas, Dr. Thompson Flores e Dr. Júlio de Castilhos [...] Ao desembarcar, o Promotor Público, Epifânio de Paula Fogaça, cumprimentou-os com uma oratória em nome dos moradores. [...] Depois foram para a Câmara Municipal.²⁴⁸

Lá, diversos oradores manifestaram-se. Posteriormente, deu-se a visita ao Clube Republicano de São Leopoldo, onde alguns pedidos, como na Câmara, foram feitos às autoridades. Quando falou, o Dr. Júlio de Castilhos disse que [...] *a região da colônia seria a região do trabalho e o regime republicano seria o regime do trabalho e saberia avaliá-la, pois o progresso só poderia vir do trabalho.*²⁴⁹

O almoço foi realizado no Hotel Koch. À tarde, foram feitas visitas às escolas e à igreja luterana e, à noite, o Clube Rio-Grandense ofereceu um baile às autoridades, realizado nos salões da Intendência. No dia seguinte, a comitiva partiu cedo.

²⁴⁷ Ibid., p. 2.

A análise desses três episódios sociais e políticos no contexto desta pesquisa mostra, em primeiro lugar, o papel dos clubes sociais e das elites nele representada nos acontecimentos da cidade. O banquete, o baile, os discursos faziam parte das representações desse grupo social diante de seus convidados. Os clubes faziam parte da vida social das elites do lugar, a quem cabia receber as diferentes autoridades que visitavam o município. Eles mostram, ainda, as relações entre seus membros, a presença dos partidos políticos e da maçonaria e também destacam o grau de mobilização da cidade no último quartel do século XIX. A Sociedade Orpheu aparece nesses acontecimentos como um espaço nobre da cidade, digno de receber altas autoridades. (O Orpheu havia recebido em um jantar com baile em 1865 o Imperador D. Pedro II junto com o Conde D'Eu.) O fato de o Clube Rio-Grandense ser o anfitrião dos políticos republicanos indica minimamente que os outros estavam, enquanto representação de facções da elite, mais ligados com o antigo regime ou, o que me parece mais plausível, com o Partido Liberal.

Na comparação com o período anterior, do ponto de vista político, vejo São Leopoldo em um outro momento. Como procurei mostrar no Capítulo 3, as dificuldades de participação política local estavam superadas, e os teuto-brasileiros haviam, nos anos 1880, buscado uma participação em nível regional/nacional, especialmente após 1881. Nesse

²⁴⁸ DEUTSCHE POST, n° 999, São Leopoldo, Quarta-feira, 30 de julho de 1890, p. 1 (*vide* Anexo 9).

²⁴⁹ *Ibid.*.

sentido é que se entende a visita e a festa para Gaspar da Silveira Martins.²⁵⁰

Examinando mais detidamente a cidade de São Leopoldo em busca das evidências econômicas que correspondam a essa afirmação política, verifico que a década de 80 encontrou-a em uma segunda fase de desenvolvimento, começando com as ligações com a capital, que já eram duas: o rio e a estrada de ferro. Com a colônia, para o norte-nordeste e noroeste, a ligação modernizara-se com o trem²⁵¹ e também com a ponte.²⁵² Como resultado dessa evolução nos transportes, houve um redimensionamento da economia, e a cidade apresentou, já no início dos anos 80, na Exposição Brasileiro-Alemã de 1881, realizada em Porto Alegre, uma mostra destacada de suas possibilidades econômicas. Aurélio Porto registrou produtores e produtos de São Leopoldo, como segue:

²⁵⁰ O Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, enquanto participante do poder político nacional como Senador, havia proposto e defendido a participação política dos acatólicos (isto é, dos imigrantes alemães luteranos) em nível regional/nacional. Sendo derrotada sua proposta, renunciou ao mandato e veio ao Rio Grande do Sul, visitando diversas localidades de origem teuta, entre elas, São Leopoldo, onde foi ovacionado. A reforma eleitoral foi alcançada pela Lei n. 3.029, de 9 de janeiro de 1881, e regulamentada pelos Decretos n. 7.981 e n. 8.213, determinando, pelo Art. 2º, ítem V, que “São eleitores os estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua relegião” (grifo meu). In: SOUZA, Francisco Belizário Soares de. *O sistema eleitoral no Império*. Brasília: Senado Federal, 1979, p. 395.

²⁵¹ A estação ferroviária de São Leopoldo foi inaugurada em 1874, ligando Porto Alegre a São Leopoldo. Foi a primeira ligação ferroviária do Rio Grande do Sul, em uma estrada que deveria se estender até Novo Hamburgo.

²⁵² A ponte 25 de Julho foi inaugurada em 1878.

<i>Cristiano Lamb</i>	<i>Cordas de linho</i>
<i>Panitz e Irmãos*</i>	<i>Licores e conhaques</i>
<i>Frederico Michaelis</i>	<i>Farinha de mandioca</i>
<i>Miguel Steigleder F^o</i>	<i>Vinho de mel</i>
<i>Carlos Wilk</i>	<i>Vinhos</i>
<i>C. Haertel e Sucessores*</i>	<i>Cervejas</i>
<i>J. Müller</i>	<i>Móveis de vime</i>
<i>Jacob Koch</i>	<i>Aguardente</i>
<i>Jacob Nabinger</i>	<i>Flores de pena</i>
<i>Vicente Schmitt</i>	<i>Caronas e lombilhos</i>
<i>Guilherme Lenz Presser</i>	<i>Banha de porco</i>
<i>Jacob Uebel*</i>	<i>Colchas acolchoadas</i>
<i>Dr. Guilherme Rotermund</i>	<i>Livros didáticos em</i>
	<i>Português e alemão.</i> ²⁵³

Em meados dessa década, a produção de São Leopoldo apresentava-se assim:

30 estabelecimentos de venda de secos e molhados, ferros e porcelanas; 7 estabelecimentos com loja de porcelanas, ourives, farmácias; 1 livraria; 30 fábricas que produzem desde carroças (3) e cerveja (4), a chapéus (3) e vimes (2); 21 estabelecimentos variados como olarias (4), ourives de ouro e prata (3), estabelecimentos de carne de porco (3).

*O município possuía, ainda, estabelecimentos de maior porte como: 30 curtumes, 3 fábricas de vinagre, 10 moinhos de óleo, diversas serrarias.*²⁵⁴

O desenvolvimento de São Leopoldo pode ser medido também pelo crescimento do número de estabelecimentos de comércio que a cidade possuía. Assim, dois novos hotéis foram abertos no centro, na década de 80. Outras empresas também foram fundadas, como a Rotermund e Co., que

²⁵³ PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996, p. 214. Os nomes assinalados com asterisco são de associados da Sociedade Orpheu, conforme a lista constante no Relatório dos 50 anos da Sociedade.

²⁵⁴ DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, Quarta-feira, 23 de julho de 1884 (conforme anúncio do *Jornal do Comércio*).

em 1880 fundou a *Deutsche Post* e em 1881 o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, ambos com uma grande penetração na colônia alemã, e a J. A. Panitz e Filho, inaugurada em 1884, uma olaria que também produziu telhas e, depois, louças. Temos ainda a abertura de tabernas, casas comerciais que vendem produtos alemães e novos armazéns que dão a dimensão do que falo.

Apesar do desenvolvimento econômico, a cidade vai calçar e iluminar melhor suas ruas principais somente nos anos 90. Antes, as preocupações ficavam em nível dos aterros e da limpeza dos terrenos baldios, o que também era importante. Em 1877, a Câmara Municipal pede ao governo da Província o calçamento das ruas e o aterramento das praças, mas sem sucesso.

Algumas descrições da década anterior permitem perceber o formato e a organização da cidade, especialmente de sua rua principal. Michael George Mulhall, por exemplo, visitando São Leopoldo em 1874 (para a cobertura da inauguração da ferrovia), descreveu assim a Rua Grande (Independência), a principal da cidade:

Logo que a gente desembarca, fica-se atraído pelas casas alemãs bem arrumadas por todos os lados [...]. As janelas têm cortinas brancas. [...] Seguimos para o hotel de Ernesto Koch, na rua principal, o qual evoca associações com a terra natal. Na frente do hotel está a Bierbrauerei (cervejaria) do Sr. Müzell, ao lado a padaria de Júlio Fillmann, mais adiante o chapeleiro Huhnfleisch, uma outra loja de um Buchbinder (encadernador) e a grande casa de dois andares que é o escritório das obras da Estrada de Ferro Novo Hamburgo a

*Porto Alegre*²⁵⁵ [...] *Não se ouve em volta outra língua a não ser o alemão.*²⁵⁶

O relato de Mulhall ilumina um outro espaço da sociabilidade masculina leopoldense: o dos hotéis e bares. Espaços masculinos por excelência, junto com os clubes, as chácaras particulares e a Rua Grande/Independência – a principal da cidade – dão conta do que destaco como os lugares de lazer da elite leopoldense desde o ano 1858. Mas o relato reforça ainda outros aspectos já apontados ao longo do trabalho, como marcas dessa elite, quais sejam o da etnicidade/germanidade, expressos na forma de organização da vida diária e nos valores culturais preservados na fala em língua alemã e nas festas comemorativas das datas alemãs.

Por último, mas não necessariamente em último lugar, destaco o desenvolvimento econômico de São Leopoldo que permitiu, em última instância, a existência dessa elite local com as características que venho apontando.

²⁵⁵MÜLLER, 1986, p. 10-11, grifos meus.

²⁵⁶A descrição pode induzir, porém, a uma constatação que não é verdadeira: a de que só moravam alemães no centro de São Leopoldo. Um exemplo que pode ser trazido para desmistificar essa afirmação é a ata da 10ª reunião da Junta Municipal de São Leopoldo, de junho de 1876, em que, aos 572 eleitores do centro são acrescentados mais 143. Desses acrescentados, 46 eram de origem alemã, ou seja, 32,1%, e os outros eram de origem lusa. Com tais dados, quero mostrar que a maioria dos eleitores era lusa em São Leopoldo. PICCOLO, 1974, p. 41.

5. OS CLUBES E AS “MARCAS” DA BRASILIDADE

Este capítulo foge à lógica da organização do trabalho até aqui desenvolvida porque vai tratar de uma reação “brasileira” à então existente “liberdade de expressão” dos alemães e teuto-brasileiros em São Leopoldo. Assim, o que chamo de marcas de brasilidade são as ações desencadeadas pelo governo brasileiro em relação aos alemães e/ou seus descendentes, os teuto-brasileiros, no período da Primeira Guerra Mundial com o intuito de abrazeirá-los. Num período em que a nacionalidade estava em construção, falar a língua nacional era condição indispensável e não sabê-la, um pecado mortal. O objetivo do Capítulo 5 é, portanto, analisar a campanha de nacionalismo levada a efeito pelas autoridades brasileiras sobre as populações de origem imigrante, especialmente as alemãs na área urbana de São Leopoldo, no período discricionário da Primeira Guerra Mundial e ver em que medida essas ações atuaram como fatores de diluição/preservação da identidade étnica teuto-brasileira nessa localidade. Para compreender essas ações, analisarei, na cidade de São Leopoldo na década de 1910, os clubes que ela possuía em seu espaço central que eram, por sua vez, espaços privilegiados de sociabilidade de teutos e de brasileiros. Qual a

relação que havia entre a campanha de nacionalização e os clubes de São Leopoldo?

Os clubes, juntamente com as igrejas e as escolas, foram os locais onde mais se desenvolveram ações explícitas de germanidade, expressas nos variados eventos que realizavam. Eram comemorações e festas que estavam inseridas no bojo de acontecimentos cuja origem estava na Alemanha antes e depois da unificação. Expressavam, pois, uma ligação com as origens étnico-culturais dos imigrantes. Os clubes eram também portadores de uma determinada estrutura interna e pautavam suas atividades por ela. O principal esteio dessa estrutura eram os estatutos e a partir deles é que se estabeleciam as comemorações, as festas e os posicionamentos que marcavam esse tempo. Os clubes eram, assim, espaços onde se produziam representações da e/ou sobre a Alemanha pelos cidadãos de origem teuta. Nesse sentido, ficavam vulneráveis às ações executadas pelo governo brasileiro no período em foco.

Ajustando o foco da análise para os clubes sociais de São Leopoldo ao longo da década de 1910, percebo, em primeiro lugar, a realização de muitas atividades, e, em segundo lugar, o surgimento de novas associações. Como exemplo de atividades realizadas, estão as que a Sociedade Orpheu desenvolveu nesse período, cujo início pode ser marcado pela comemoração de seu Jubileu de Ouro, fato que ocorreu em 1908. Além da programação variada, houve um movimentado piquenique no local da Sociedade de Tiro, a que compareceram diversas sociedades locais, e um

baile de gala, à noite, ocupando a sede social do Orpheu e a da Sociedade Estrela do Sul.

Os anos 1910 destacaram-se ainda na Sociedade Orpheu pela visita de companhias teatrais ilustres, entre as quais, a da Cia. Alemã de Teatro, que se apresentou em seus salões. Os espetáculos de teatro e os concertos foram uma atração à parte na Sociedade Orpheu. Em 25 de agosto de 1916, por exemplo, o artista Koda Jenö realizou um concerto de piano no Orpheu em benefício da Cruz Vermelha. O artista vinha de uma apresentação na Sociedade Germânia em Porto Alegre. Já os anos de 1915 a 1917 mostraram um diversificado quadro de atividades sociais, como o baile de máscaras que abriu o carnaval de 1916, o baile de São João ou o baile de Páscoa, cuja abertura era a *polonaise*. Além dessas atividades, havia os bailes das outras sociedades locais, como o da Rio-grandense e o do Tiro, que se realizavam nos salões do Orpheu.

A Sociedade Ginástica, pela sua finalidade precípua, mostrou-se também em espetáculos de ginástica e festas, como a da comemoração de seus 31 anos de existência, no mês de setembro de 1917, com um baile em cuja abertura também se dançava a *polonaise*. Seguiam-se os discursos e elaborava-se depois um relatório circunstanciado sobre o evento. Dentro do espírito do fundador da ginástica alemã, que inspirava a Sociedade Ginástica de São Leopoldo, comemorava-se anualmente entre os clubes dedicados a esse esporte, a *ginástica de recordação do Pai Jahn*. A festa de 1916 constara de uma competição regional de ginástica.

Entre as festas que as Sociedades de Tiro organizavam, certamente uma das mais divertidas e concorridas era a do Tiro do Rei, com uma parte de tiro ao alvo (esportiva) e outra de salão, com o baile do vencedor, em geral uma semana depois do torneio. Outra atividade do Tiro eram os piqueniques que seus associados realizavam no verão.

As atividades ligadas ao bolão cresceram ao longo da década com o surgimento de vários grupos novos, assim como as atividades de canto coral, representadas por grupos de homens e de mulheres cantores. Todas essas atividades marcavam a sociabilidade e o lazer em São Leopoldo nos anos 1910.

Embora a maior parte das atividades de sociabilidade e lazer se desenvolvessem nos clubes sociais mais antigos, como o Orpheu e a Ginástica, onde se realizavam a maioria dos bailes e festas, além do bolão e dos espetáculos teatrais e de ginástica, havia também o tiro e os piqueniques além de outras formas de lazer que se fizeram presentes em São Leopoldo na segunda década do século atual, como o cinema, o futebol e o tênis. Esses lazeres apresentavam-se como resultado das novidades tecnológicas do fim do século ou eram desdobramentos das novas formas de ocupação do tempo livre.

O cinema era uma realidade em São Leopoldo nos anos 1910. Seu vigor era atestado pela existência de duas salas de projeção, sendo uma delas na Sociedade Orpheu, o cinema Elite, e outra na Rua Grande, na bem organizada casa de espetáculos do Sr. Feldmann, o Coliseu

Leopoldense. Em ambas as casas, as sessões de *matinée* e vespertinas eram muito concorridas. Uma das novidades que o Sr. Feldmann introduziu no ano de 1917 no Coliseu Leopoldense foi um *teatro de slides* que logo se tornou ponto de freqüência obrigatória.

Outra grande novidade da década em São Leopoldo foi o futebol. Fundado em 1915, o primeiro clube chamou-se Nacional F. C. e foi organizado por um grupo de associados da Sociedade Orpheu. A Sociedade Ginástica também possuía um time fundado por seus associados. Era o Blitz (Relâmpago). No final da década, surge na cidade o Guarany F. C.

Nessa área de lazer, a festa começava quando o time adversário chegava à estação de trem e era ali recepcionado pelos torcedores e representantes do time local. Notícia nesse sentido circulou no *Deutsches Volksblatt*, em abril de 1916, assim:

*O Futebol Clube Nacional realiza sua festa de um ano de existência através de um jogo amistoso com o Esporte Clube Montenegro e um baile no Orpheus. Às 8 horas da manhã é a saída do Hotel Braescher para o trem, para a recepção dos visitantes. Depois da chegada do trem, café no Hotel Herzer e volta. Às 2 horas começam os jogos dos segundos (times) e às 4 horas o dos primeiros times.*²⁵⁷

Aqui aparecem também outros espaços de sociabilidade, como os hotéis, onde os cafés e almoços de visitantes da cidade eram muito concorridos e onde às vezes também se dançava.

²⁵⁷ DEUTSCHES VOLKSBLATT, n° 4738. Porto Alegre, Domingo, 3 de abril de 1916, p. 1.

Já o tênis aparece em São Leopoldo no início dos anos 1910 e foi fruto da ociosidade de um grupo de jovens que achava tudo muito monótono por aqui e vivia saudosos da Alemanha.²⁵⁸ Era um pequeno e exclusivo grupo que, desafiado, construiu uma cancha junto à Chácara Schmidt para a prática do *esporte branco*.²⁵⁹ A propósito desses dois esportes, o *Deutsches Volksblatt* noticiou que [...] na Praça 20 de Setembro foi feito um grande campo de futebol de uma sociedade fundada, própria para isso e [...] um lugar para tênis [campo de tênis] para as damas e cavalheiros da alta sociedade.²⁶⁰ Trata-se, nesse caso, de uma apropriação do espaço público pela elite para nele se representar. Ao fazê-lo, essa elite estava também criando espaços de distinção social.

Um novo espaço de dançar e cultivar a vida social juntou-se aos já existentes na cidade em 1914: o Clube Rio-Grandense.²⁶¹ Ele foi fundado por um grupo de cidadãos que tinha por objetivo desenvolver a sociabilidade em um clube fundado por *brasileiros*.²⁶² Era uma espécie de contraponto aos clubes mais antigos, todos fundados por alemães. Sua diretoria era formada quase sempre por uma mescla de elite militar e elite civil que se considerava do *grupo brasileiro*, mesmo quando tinha sobrenome alemão.

²⁵⁸ RELATÓRIO DOS 25 ANOS do Tênis Clube de São Leopoldo.

²⁵⁹ *Idem*.

²⁶⁰ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2-3, grifo no original.

²⁶¹ Houve, em São Leopoldo, dois clubes com o nome de Rio-grandense. O primeiro deles foi fundado em 1890, o outro, em 1914. É desse segundo clube que falo aqui.

²⁶² O Correio de São Leopoldo, numa extensa publicação ao ensejo do centenário da vila, em 1946, trouxe uma matéria sobre os clubes sociais da cidade onde destacava tal aspecto diferenciador na origem de tais clubes.

O que estou procurando demonstrar com esta descrição ampla da sociabilidade em São Leopoldo é que as atividades clubísticas continuaram em andamento ao longo da década, havendo inclusive um crescimento delas. A partir de 1917, porém, as mudanças começaram a se fazer notar com intervenção nas sociedades como forma de coibir a continuidade da língua e da escrita em alemão nesses locais. A pergunta que se impõe agora é: por que as sociedades sofreram a ação das autoridades no processo de nacionalização como demonstro ao longo do texto?

Para respondê-la, preciso examinar os clubes em sua organização interna, o que inclui olhar os seus estatutos e, ao mesmo tempo, retornar à questão do germanismo enunciada anteriormente.

É difícil determinar quando a ideologia do germanismo assumiu proporções significativas. Provavelmente havia germanistas entre os primeiros imigrantes, mas a reflexão sobre a preservação consciente da germanidade através da manutenção da língua, dos costumes e da pureza de sangue é algo que coincide, grosso modo, com o interesse da Alemanha pelos seus emigrados, a partir do último quartel do séc. XIX²⁶³, diz Gertz.

Para Martin Dreher, como já demonstrei no Capítulo 4, a consciência de germanidade só vai se manifestar entre os imigrantes após a Unificação Alemã, e essa manifestação terá a participação dos pastores evangélicos, especialmente depois da fundação do Sínodo Rio-Grandense em 1886. A partir desse momento, acentuou-se a ligação da igreja luterana

²⁶³ GERTZ, René E.. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, p. 32.

com a germanidade, isto é, acentuou-se [...] *o trabalho de nossa Igreja no sentido nacional. Queremos ser e permanecer alemães até a medula*, cita Dreher.²⁶⁴ Ele mostrará, ainda, que era através das pregações e das publicações que se expressava a preocupação com a germanidade. Deste modo, os pastores incluíam-se como seus porta-vozes. Assim, os cultos em honra ao Imperador ou as “orações ao condutor das batalhas”, na Primeira Guerra Mundial, eram momentos para tais pregações. Para os luteranos, o púlpito foi, portanto, o lugar por excelência das palavras sobre a germanidade.

Outros espaços, como os clubes sociais, esportivos e culturais, também serão importantes no desenvolvimento dessas idéias. Neles, o engajamento ao germanismo mostrar-se-á através de sua face comemorativa (e festiva). O que afirmam os dois autores citados, especialmente Gertz, não exclui, porém, uma outra constatação que faço a partir do estudo da sociabilidade entre os imigrantes alemães em seus diversos clubes: a de que o germanismo expressou-se em forma de orgulho étnico e também nacional desde os anos 60 do século XIX, acentuando-se as suas manifestações após a Unificação Alemã. Considero que as comemorações cívicas dos anos 1860 podem ser lidas como manifestações de germanidade. Assim, se considero que o germanismo expressou-se em São Leopoldo e em Porto Alegre em forma de orgulho étnico antes da Unificação Alemã (possivelmente isso foi influência dos Brumers), concordo

²⁶⁴ DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. Porto Alegre, São Leopoldo, Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sinodal, Ed. Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 96.

que, na medida em que a Alemanha passou a atuar no sentido de reatar relações com as comunidades alemãs no exterior, conforme apontou Dreher, o discurso de preservação da germanidade assumiu uma dimensão maior, chegando ao extremo do pangermanismo no início do século XX.

As manifestações de germanismo nos clubes são encontradas também em seus Estatutos. É o caso do Orpheu. Em 1915, seu Estatuto foi modificado. O Art. 3º foi aprovado com a seguinte redação:

*Art. 3: “São sócios honorários:
Os sócios que tiverem feito parte da sociedade por 50 anos, ininterruptamente.
Aqueles que tendo prestado relevantes serviços à sociedade ou ao germanismo, forem nomeados sócios honorários por decisão unânime da diretoria, inclusive os sócios honorários presentes.”²⁶⁵*

Qual o real significado de “*prestar relevantes serviços ao germanismo*”? Na medida em que destaco entre os sócios honorários “*os que prestaram relevantes serviços à sociedade ou ao germanismo*”, quero chamar a atenção para as duas palavras que grifei. Elas estão colocadas no mesmo patamar e por isso dão a dimensão da importância que o germanismo assumia na sociedade Orpheu naquele momento. Poder-se-ia dizer que naquela conjuntura a Sociedade Orpheu era uma “sociedade eminentemente germânica”. Somam-se às colocações contidas no Estatuto, o registro das festas do dia alemão que se desenvolveram no Orpheu e em outras sociedades e igrejas de São Leopoldo e a fundação de grupos germânicos na cidade. Elas me permitem inferir que havia mais do que uma

²⁶⁵ BOLETIM “O ORPHEU”, nºs 3 a 6. São Leopoldo, 1953, grifo meu.

vontade explícita de participação em eventos de cunho germânico. Havia um sentimento maior de pertencimento étnico que perpassava as instituições sociais da cidade nos anos 1910, além de um amor à Alemanha e a tudo que ela representava, especialmente depois do início da Primeira Guerra Mundial.²⁶⁶

Nessa perspectiva, verifico o conteúdo do Artigo 45 do Estatuto de 1915, que fala das festas que a Sociedade Orpheu realizava. Em relação a esse Artigo, o redator do boletim *O Orpheu* expressou-se nos anos 50, dizendo:

*Verificamos também, que os reformadores de 1915 lamentavelmente introduziram, inspirados por sentimentos que não foram os de seus fundadores, novas modalidades de se divertirem que bem representaram o sentimento da época. Não atinamos, hoje, porque brasileiros de 1915, incluíssem no Estatuto de sua sociedade como festa principal o aniversário do imperador alemão. Dizemos principal porque é a que encabeça uma lista de sete.*²⁶⁷

distribuídas assim:

- *aniversário do imperador alemão;*
- *carnaval;*
- *Páscoa (Domingo de Páscoa);*
- *São João;*
- *7 de setembro;*
- *15 de novembro e,*
- *ano bom (festa da fundação).*²⁶⁸

²⁶⁶ É preciso ter presente que, nessa década, a nacionalidade brasileira também era motivo de discussão. Quero lembrar, por exemplo, o gosto pelo francês e tudo o que se referia à França entre as elites brasileiras da época. Nesse sentido, cabe citar, entre outros, os trabalhos de , Lúcia Lipi OLIVEIRA (1989; 1990) e DE LUCCA, Tânia (2000). É importante lembrar que até 1917 não tinha havido nenhuma proibição do idioma alemão e suas manifestações no Brasil, embora alguns intelectuais já se posicionassem sobre isso (questão do perigo alemão).

²⁶⁷ Boletim O ORPHEU, nº 3. São Leopoldo, setembro de 1953, p. 4 (grifo meu).

²⁶⁸ *Ibid.*, Art. 45.

A existência de bailes estatutários indicava a necessidade que as diretorias tinham de marcar alguns eventos junto aos associados e apontava, naquele período, um engajamento com as idéias do germanismo, embora não fossem deixadas de lado as festas brasileiras. O Estatuto, nesse caso, não perdia de vista as suas origens, quer alemãs, quer brasileiras. A festa do aniversário do imperador para os teuto-brasileiros tinha, desde a Unificação Alemã, adquirido foros de data nacional, como já frisamos em outro capítulo. Era também uma festa cívica e fazia parte da manutenção da sua identidade. Por isso tinha lugar assegurado no Estatuto. O fato de estar colocada em primeiro lugar na lista dos bailes estatutários não indica, ao meu ver, um lugar de “festa principal”, mas de primeira festa do ano, pois o aniversário do Imperador era no mês de janeiro, correspondendo também à data de fundação do Clube. A ordem das festas estatutárias era, pois, cronológica.

Além de marcar no Estatuto o espaço do germanismo, os associados das Sociedades Orpheu e Ginástica Leopoldense engajaram-se, nos anos 1910, em um movimento de germanidade que cresceu muito, especialmente nos anos da Primeira Guerra. É, pois, no interior desses clubes que as comemorações e as tomadas de decisões *pró-Alemanha* se farão sentir mais de perto. Assim, em setembro de 1914, a Sociedade Ginástica convocou uma reunião extraordinária para decidir por quanto tempo a sociedade deveria continuar de luto pela guerra européia. Decidiu-se pelo tempo de dois meses e meio e também que nenhuma diversão ocorreria até 17 de outubro, quando o tempo do luto terminaria, *em sinal de*

*compaixão com os lutadores alemães na Europa.*²⁶⁹ No aniversário de 30 anos dessa mesma Sociedade, em outubro de 1915, houve uma movimentada ginástica regional alemã em São Leopoldo, da qual participaram outras sociedades de ginástica. O Relatório publicado no jornal da SOGIPA disse, confirmando o que aponto, que

*84 ginastas chegaram para as lutas pacíficas, e esse alto número mostrou que o germanismo local ressaltado pela guerra mundial conheceu e andou pelo caminho certo para não se deixar definhar. Fazer ginástica, este costume genuinamente alemão e tudo o que está relacionado a isso [...] oferece-nos todas as possibilidades para cuidar e proteger o nosso germanismo, no qual nós com todo orgulho nos reconhecemos em todo mundo.*²⁷⁰

Dentre os acontecimentos ligados à exaltação do imperador e da Alemanha, o *Deutsches Volksblatt* noticiou a organização do primeiro dia alemão realizado no Orpheu em 1916 assim:

*Dia Alemão. Essa nova comemoração no Orpheus tornou-se um novo acontecimento para São Leopoldo. [...] Infelizmente todo o povo alemão da cidade não pode estar presente; [...] todo o transcorrer desse concerto com extraordinário entusiasmo mostrou sempre que foi um acontecimento por si só. Depois que os sons do Hindenburg-Marcher haviam passado, o Dr. E. Rotermund cumprimentou os presentes em nome do presidente ausente Sr. Osvald Frankel. Damas, representantes eclesiásticos e professores, as diretorias das sociedades alemãs locais [...] e, por último, [...] a orquestra.*²⁷¹

As falas de Arthur Ebling, Weinmann e Pastor Streiter foram todas no sentido de destacar a figura do imperador alemão, que deve ser tomada como exemplo a ser seguido, especialmente quando a luta *contra*

²⁶⁹ PRIMEIRO LIVRO DE ATAS da Sociedade Ginástica de São Leopoldo.

²⁷⁰ DEUTSCHE TURNBLÄTTER, op. cit. p. 68-70 (grifo meu).

²⁷¹ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Sexta-feira, 28 de janeiro de 1916, p. 1 (*vide* Anexo 11).

*tudo o que se chama alemão está acesa em todo o mundo e nós devemos mostrar que somos alemães, que pensamos e sentimos em alemão.*²⁷² A figura do imperador deve ser olhada, segundo os oradores, *como uma águia diante de uma pessoa e como um verme diante de Deus.*²⁷³ A noite terminou com a música *Nós precisamos vencer* (Wir müssen siegen!), que foi cantada por todos os presentes.

Em 23 de janeiro, o culto na Igreja de Cristo também havia sido dedicado ao aniversário do imperador. Ali, porém, o tom da comemoração havia sido mais forte. O pastor, Dr. Rotermund, falou do ser povo alemão e do significado do imperador alemão. Essa fala foi acompanhada pelo organista, que executou primeiro, em tons suaves, a canção *Cura-te no círculo da vitória* (Heil dir im Sieger Kranz), depois executou o corriqueiro hino do tempo da guerra *Pai, eu te chamo* (Vater, ich rufe dich) e, finalmente, com fortes acordes, *Alemanha, Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo* (Deutschland, Deutschland über alles, über alles in der Welt).

Nesse mesmo ano, uma reunião ocorrida no Orpheu serviu para a fundação de um grupo local do *Germanischer Bund* (Liga Germânica). Herman Weinmann apresentou-se para formar a comissão organizadora. A notícia do evento estava no *Deutsches Volksblatt* assim:

No Sábado, 15 desse mês, realizou-se às 8 horas da noite no salão do 'Orpheus', em presença de 65 cidadãos, a reunião de fundação da 'Ortsgruppe São Leopoldo des Germanischen Bundes für Südamerika, Ortsgruppe Brasilien' (Grupo local da

²⁷² *Ibid.*

²⁷³ *Ibid.*

Liga Germânica para a América do Sul, Seção local brasileira). [...] Após o orador ter obtido ricos aplausos em reconhecimento, partiu-se imediatamente para a admissão de membros, que ocorreu mediante lista de presença, na qual os interessados se inscreveram [...] Dos 65 presentes, 60 inscreveram-se como sócios [...] A reunião transcorreu bem. Como diretoria foram eleitos os seguintes senhores: 1º presidente Hermann Weinmann, 2º Presidente Leopold Hoffmann, 1º Secretário Friedrich Lütcke, 2º Secretário Walter Köhler, 1º Tesoureiro Emil Thurmman, 2º Tesoureiro Carl Plitt. Como adjuntos os Srs. Albert Schmidt, Hermann Mohr, Anton Heidrich, para propaganda o Sr. Adolf von Esenwein.²⁷⁴

A Sociedade Ginástica sediava, nesse mesmo ano, a Federação Alemã em suas dependências por um aluguel mensal de 6\$000. No ano seguinte, dirigiam essa Federação os senhores Fritz Rotermund e Wilhelm Doerffler.

A comemoração do *Dia Alemão* no ano de 1917 transcorreu igualmente grandiosa, com festa no Orpheu, em São Leopoldo, e no Ginásio, em Novo Hamburgo. O comentário do editor da matéria no *Deutsches Volksblatt* iniciou-se com *A festa de ontem nos deu novamente a prova de quão pouco adianta aos ingleses quando eles mentem através de jornais comprados e distribuídos entre nós.*²⁷⁵ A oratória terminou com um viva ao Brasil e o canto de um hino brasileiro (Brasil, minha terra natal),²⁷⁶ seguido de outras oratórias e hinos alemães.

Uma outra ação desenvolvida em São Leopoldo foi a da vinda de filmes alemães da Guerra para o cinema local. Assim, num domingo de

²⁷⁴ DEUTSCHES VOLKSPLATT. Quarta-feira, 19 de abril de 1916, p. 2.

²⁷⁵ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Domingo, 28 de janeiro de 1917, p. 1 (*vide*

Anexo 12)

²⁷⁶ *Ibid.*.

fevereiro de 1917, o filme exibido mereceu o seguinte comentário do redator:

O filme alemão de guerra apresentado ontem à noite no Coliseu Leopoldense correspondeu às expectativas em todos os sentidos. Foi mostrado qual é o exemplo de ordem em cada prisão. Rostos sofridos que por carência [de tudo] deveriam ter aparecido, não se viu. Ao contrário, como muschiks – e passaram milhares por nós – todos estavam bem alimentados e muitos, talvez a maioria deles, provavelmente em toda sua vida não tiveram comida tão farta na Rússia, como nas prisões da Alemanha. [...] Resumindo, o filme é muito bom e educativo.²⁷⁷

Do conjunto de documentos citados, é possível dizer, em primeiro lugar, que os clubes sociais vão-se mostrar como espaços por excelência do desenvolvimento do germanismo. Historicamente acostumados a representar a Alemanha como a pátria-mãe, a situação de guerra levou-os a superestimar o seu pertencimento à nação alemã em seus clubes. Eles serão, por isso, os locais mais visados pelas autoridades governamentais em sua campanha de abasileiramento. Retomando a questão da diluição ou preservação da identidade étnica, creio que fica muito claro na documentação apresentada que os clubes continuavam sendo os principais espaços de sociabilidade em São Leopoldo e que nessa década as ações que desenvolveram em prol do germanismo, em especial, reafirmaram o seu caráter étnico e de pertencimento à nação alemã. Nesse sentido, pois, os fatores de preservação impuseram-se aos de diluição da cultura alemã e, mesmo estando presentes na vida da cidade elementos de

²⁷⁷ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Domingo, 11 de fevereiro de 1917, p. 1.

progresso e de nacionalismo brasileiro que poderiam conspirar contra a preservação dessa cultura, ela aparentemente resistia.

Era a vida política leopoldense, no período, que não se apresentava diferente da vida no restante do Rio Grande do Sul, que vai contribuir para modificações no processo de germanização que vinha-se desenvolvendo em São Leopoldo. É preciso olhar a cidade nessa década inserida no contexto rio-grandense, ou seja, no bojo do domínio incontestado do PRR. Olhada sob o prisma local, repetia-se um mesmo nome por 14 anos na intendência municipal de São Leopoldo: o de Guilherme Gaelzer Neto, que ficou no poder de 1902 a 1916, sendo reeleito sucessivamente para o cargo. Coube a ele, com seus auxiliares, promover boa parte do desenvolvimento de São Leopoldo de que falo adiante. No final do ano de 1916, foi nomeado um intendente provisório por indicação do Governo do Estado, o Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna, que ficou por três anos como intendente, entre 1916 e 1919, sendo substituído posteriormente por Mansueto Bernardi. A não-renovação do mandato de Gaelzer Neto é o indicativo da crise política que ocorria em São Leopoldo naquele momento, levando à modificação da prática política pelo envolvimento do nome do Intendente recém reeleito em episódio de má administração e trazendo, como consequência, a intervenção do governo do Estado e a renúncia de Gaelzer Neto ao cargo de Intendente.²⁷⁸

²⁷⁸ Retrocedendo à campanha política do ano de 1916, na qual Gaelzer Neto era candidato à reeleição, o DEUTSCHES VOLKSBLATT trouxe um longo artigo em que frisava “[...] que o Sr. Gaelzer e o Dr. Kroeff Neto são candidatos de igual valor nas próximas eleições para Intendente, porque bem este é o desejo expresso do nosso chefe do partido Republicano

Os Intendentes nomeados, primeiro o Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna, depois Mansueto Bernardi, foram posteriormente eleitos para ocuparem efetivamente o cargo para o qual tinham sido nomeados provisoriamente. O período de governo desses dois Intendentes foi um dos períodos mais difíceis para a população de origem alemã de São Leopoldo.

Rio-grandense, Sr. Dr. Borges de Medeiros. O mesmo já tornou público este seu desejo na Federação, no dia 12 e 23 deste mês” (Porto Alegre, Quarta-feira, 28 de julho de 1916, p. 3). O jornal denunciava, ainda, a pressão que a comissão fazia sobre Borges de Medeiros e depois transcreveu o que A Federação publicou sobre a *Eleição para Intendente em São Leopoldo* que dizia: “[...] reza uma proclamação da comissão central do Partido Republicano de São Leopoldo assinada por nossos correligionários Jorge F. E. Sperb, Emílio Dexheimer, Joaquim Feldmann e Luís Hofmann e publicada em outros locais, o nome do nosso amigo Coronel Guilherme Gaelzer Neto, que será candidato na eleição para Intendente em 12 de agosto do corrente ano. No entanto, um outro grupo de nossos amigos e partidários políticos lançam o nome de nosso amigo Dr. Jakob Kroeff Neto. Devido à divergência de idéias, será observada em São Leopoldo a mesma competente atitude que em outros municípios. O meritíssimo chefe do Partido Republicano, Dr. Borges de Medeiros decidiu, como A Federação já havia garantido uma vez, a não intervir nas normas gerais e no princípio de representação mínima nas lutas pelas eleições municipais, permitindo às frações partidárias republicanas lançar livremente os seus candidatos à eleição para, então, de acordo com o resultado obtido, definir a direção do Partido. Em virtude dessa resolução, os nossos estimados amigos, coronel Guilherme Gaelzer Neto e Dr. Jakob Kroeff Neto brigarão pelas eleições para Intendente em São Leopoldo (Ibid., p. 3). O jornal termina o artigo reafirmando que Gaelzer não é o candidato oficial de Borges e que, portanto, o candidato da folha (e conseqüentemente do eleitorado católico), é o Dr. Jakob Kroeff Neto, que teria a maioria dos votos (vide Anexo 13). René Gertz, a propósito desse assunto, afirma que “[...] um coronel não combate o outro por divergências programáticas ou porque queira fortalecer ou enfraquecer o governo estadual ou federal, mas pelo domínio local. Vencendo a luta, ele se entende com o governo estadual e assume a função que seu adversário derrotado exercia” (GERTZ, 1987, p. 40). Aparentemente, era isso que deveria acontecer em São Leopoldo. Mas, entre o final de julho e o dia 11 de outubro desse mesmo ano, uma série de acontecimentos levou a uma mudança radical na política leopoldense, que pode ser melhor entendida por outra notícia do DEUTSCHES VOLKSBLATT, que circulou nessa data: “[...] Num boletim que será distribuído hoje, o Coronel Gaelzer convida todos os partidários e amigos a se fazerem presentes no recebimento do novo Intendente, Dr. Gabriel Azambuja Fortuna que chegará amanhã de manhã às 9 horas vindo de Porto Alegre. Uma banda musical irá tocar uma melodia na estação do trem. De lá, saída para a Intendência e inauguração do retrato de Pinheiro Machado. O orador oficial será o advogado Carlos Octaviano de Paula. Então, será feita a entrega do cargo de administrador do Coronel Gaelzer para o Dr. Azambuja Fortuna. Depois disso, à tarde, em honra ao antigo e ao novo homem [...] haverá um banquete para 60 convidados no Orpheus (Porto Alegre, Quarta-feira, 11 de outubro de 1916, p.1, grifo meu). É preciso ter presente, ainda, que as questões políticas que marcavam a cidade de São Leopoldo eram também perpassadas por questões entre católicos e luteranos e por questões entre ex-liberais e republicanos, além das facções dentro do próprio PRR. Estava em jogo, no bojo dessas discussões, ainda, a liderança dos leopoldenses em confronto com a liderança dos hamburgueses. Incluem-se nessas questões, por fim, a maçonaria, presente na Intendência desde o início da República pelos titulares dos cargos do poder municipal. Assim, Epifânio Orlando de Paula Fogaça, Guilherme Gaelzer Neto, Gabriel de Azambuja Fortuna e Mansueto Bernardi, além de outros substitutos, todos pertenceram à maçonaria.

Pela primeira vez, desde que chegaram ao Brasil, os alemães e teuto-brasileiros foram questionados por falarem o alemão, isto é, foram atingidos em sua identidade étnico-cultural, mesmo que a maioria já fosse brasileira.²⁷⁹

Cabe ressaltar aqui alguns aspectos que considero importantes nesse contexto. Em primeiro lugar, havia uma disputa política local já explicitada, cujas nuances eram dadas pelo Governo Estadual que era, ao mesmo tempo, o chefe do Partido. Em segundo lugar, o processo de nacionalização desencadeado pelo Governo brasileiro acentuou-se com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial (1917). Aparentemente, um fato não tem nada a ver com o outro, mas é significativo que fosse deslocado para São Leopoldo em 1917 um Intendente cujo sobrenome era de origem lusa e funcionário do Estado e não tivessem pensado em alguém ligado à política local, por exemplo. Não haveria no Município de São Leopoldo alguém entre os partidários do Governo que pudesse ocupar esse cargo? O que percebo nesse discurso não-enunciado é que a questão da nacionalização também poderia estar presente na indicação feita pelo Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, para a Intendência de São Leopoldo.

Isso pode ser lido, por exemplo, na atitude do Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna no período em que esteve no governo empreendendo

²⁷⁹ DREHER, op. cit., p. 47, afirma que a entrada do Brasil na Primeira Guerra levou o "Ministério do Interior do Brasil a enviar um Decreto aos Governadores, em cujos Estados residiam grupos étnicos teutos [...] proibindo a circulação de jornais em língua alemã e

uma série de ações nacionalistas/nacionalizadoras que se compunham de dois tipos: um, de abraçar o que estava em alemão (nomes de localidades, idioma, registros escritos...), outro, de marcar com festas as datas cívicas brasileiras. Para as ações do primeiro tipo, nas quais o Intendente contava com o apoio local da Liga de Defesa Nacional, tomamos como exemplo a campanha de nacionalização empreendida nas sociedades alemãs de São Leopoldo. Ela inicia com a notícia da tradução dos Estatutos das Sociedades Ginástica e Orpheu, publicada em jornal não-identificado:

Hoje, em companhia do Sr. Gabriel Bello, compareceram à presença do Dr. Gabriel Fortuna, intendente provisório, o Sr. Germano Lang, presidente da Sociedade Orfeu, e Germano Weinmann, presidente da Sociedade Ginástica, e que assinaram a seguinte declaração: Germano Lang, Presidente da Sociedade Orfeu e Germano Weinmann, Presidente da Sociedade Ginástica, ambas estabelecidas nesta cidade, vêm declarar que, em vista da situação criada pela ruptura de relações entre o Brasil e a Alemanha resolveram, para demonstrar o patriotismo que votam à pátria brasileira, nacionalizar as duas sociedades e reformar os estatutos das mesmas, de conformidade com as associações congêneres nacionais. Resolveram mais, atendendo à situação nacional por que atravessamos, pôr os edifícios das mesmas associações com todo o seu patrimônio à disposição do Governo do Estado, representado na pessoa do Dr. Gabriel Fortuna, intendente provisório.²⁸⁰

A notícia se completa com a observação de que esta declaração foi bem recebida pelo intendente provisório e pelo Dr. Borges de Medeiros.²⁸¹

ordenavam o fechamento de escolas, nas quais não era ministrado o ensino da língua portuguesa.

²⁸⁰ MÜLLER. 1986, p. 68 (grifo meu).

²⁸¹ LIVRO DE ATAS da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, nº 3, 1908-1924. Reunião geral de 8 de março de 1917.

O *Deutsches Volksblatt* de 20 de abril de 1917, uma terça-feira, publicou sobre o mesmo assunto o seguinte telegrama:

*No decorrer da semana passada, os presidentes das Sociedades 'Orpheus' e 'Sociedade Ginástica Leopoldense' deram ao Intendente, Dr. Azambuja, como representante do Governo do Estado, a promessa por escrito de reorganizar os Estatutos de ambas as Sociedades na língua do País. Essa negociação, por agora, tem a menção de garantir a propriedade de ambas as sociedades e, mais adiante, também, o pensamento de documentar a filiação das sociedades à cidadania. Os presidentes contavam com autonomia total de representar as Sociedades externamente e como melhor lhes conviesse.*²⁸²

A análise desses dois documentos permite algumas constatações importantes. Em primeiro lugar, o reconhecimento de que os clubes são tratados como instituições “estrangeiras”, já que pretendem “nacionalizar-se” e, em segundo lugar, elas pretendem filiar-se à “cidadania”. Entender-se-ia cidadania, no caso, como abasileiramento, como nacionalização?²⁸³

Há ainda no texto um outro elemento sublinhado que destaca a necessidade de “nacionalizar” para preservar a integridade física dos prédios. Acrescento a essa observação que o prédio da Sociedade Ginástica foi requisitado e usado pelo Governo e lembro que a mesma Sociedade fechou suas portas para não deixar de falar o alemão em suas dependências durante a primeira Guerra Mundial.

²⁸² DEUTSCHE VOLKSBLATT nº 5023. Terça-feira, 24 de abril de 1917, p. 1 (grifo meu).

²⁸³ Para José Murilo de Carvalho, cidadania plena seria aquela gozada por quem possuísse direitos civis, direitos políticos e direitos sociais (CARVALHO, 1995, p. 10).

Por outro lado, até aquele momento, as duas sociedades tinham no alemão a sua língua de comunicação oficial. A língua era, na verdade, muito mais do que um modo de se comunicar. Era um dos símbolos do ser alemão, um dos esteios na manutenção da identidade teuta. Para Rambo, um dos definidores do ser alemão é a língua. Segundo ele, para os teuto-brasileiros, *mais do que qualquer outro identificador, cabia à língua desempenhar esta função.*²⁸⁴ O Estatuto da Sociedade Orpheu do ano de 1915 mostra isso em seu artigo 39. Nele está escrito que [...] *a discussão nas sessões, as atas, a escrituração e a correspondência nos negócios internos da Sociedade far-se-ão em língua alemã, por isso somente poderão fazer parte da diretoria os sócios ordinários que conheçam o idioma alemão.*²⁸⁵ Na medida em que a campanha de nacionalização exigiu a comunicação em língua nacional, a Sociedade Orpheu traduziu seus livros de atas e passou a registrar seus eventos em vernáculo. Seus Estatutos, porém, já haviam sido traduzidos em 1915.²⁸⁶ A propósito desse processo de abasileiramento, o Dr. Carlos de Souza Moraes escreveu, na década de 1940, em seu livro *A ofensiva japonesa no Brasil*, que na Sociedade Orpheu tudo era exclusivamente em alemão até 1919 e que seus Estatutos só permitiam a eleição de alemães para a diretoria do Clube. Disse ele que foi graças à liderança de Theodomiro Porto da Fonseca e de outros companheiros, além do auxílio dos oficiais do 8º BC, que a Sociedade

²⁸⁴ RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e cidadania. *In*: MAUCH; VASCONCELLOS, 1994, p. 45.

²⁸⁵ ESTATUTO da Sociedade Orpheu. 1915, Artigo 39.

²⁸⁶ O Estatuto de 1915 da Sociedade Orpheu foi traduzido nesse mesmo ano pelo tradutor juramentado Dr. Arthur Ebling, sendo registrado em Cartório tal episódio, conforme documentação que se encontra no MHVSL e no acervo da Sociedade Orpheu.

se nacionalizou. A diretoria do Orpheu protestou contra essa afirmativa de Moraes. É possível que tenha havido um certo exagero na afirmação, pois o que observei na leitura dos poucos livros que restaram desse período no Clube é que a partir de 1917 a escrita do livro-caixa da Sociedade passou a ser em português. As atas das reuniões de diretoria, assim como as de assembléias gerais existentes no acervo do Orpheu desde 1923 estão todas escritas em português. O abasileiramento da Sociedade ocorreu, de fato, nesse momento.

Na Sociedade Ginástica Leopoldense, o desdobramento do processo de nacionalização deu-se de forma diferenciada. Sobre o assunto, alguns documentos mostram que houve uma dupla ação por parte dos diretores e associados. Primeiramente, a Sociedade ficou fechada entre abril e julho de 1917, conforme anotou a revista da SOGIPA.

São Leopoldo – A Sociedade Ginástica de São Leopoldo, em sua reunião em 20 de julho, decidiu recomeçar suas atividades, que estavam paradas desde o dia 17 de abril. Depois da conferência da diretoria com o senhor Intendente, que prometeu garantia de segurança para a sociedade, esta continuará trabalhando, como já faz há 50 anos. Os estatutos da sociedade serão traduzidos e registrados. O novo é que o sócio que não sabe a língua alemã pode fazer requerimento na língua nacional e também deve receber a resposta da mesma maneira.²⁸⁷

Em reunião geral da diretoria, em 21 de julho de 1917, no outro dia, portanto, foi decidido que se mudaria o parágrafo 5, alínea 1, dos Estatutos, deixando-o com a seguinte redação:

²⁸⁷ DEUTSCHE TURNBLÄTTER. Jornal da SOGIPA, nº 8. Agosto de 1917, p. 36, grifos meus.

*A Sociedade Ginástica Leopoldense será dirigida em língua alemã; mesmo assim é possível a pessoas que não falem a língua da sociedade tornarem-se sócias. As mesmas podem usar a palavra na língua nacional, assim como ter explicações nesta língua. No parágrafo 4, sai a frase [...] e em língua alemã.*²⁸⁸

A par dessa transformação, a diretoria e os associados desenvolveram uma outra ação, cujo alcance dava bem a dimensão da problemática que o governo impunha aos teuto-brasileiros nesse momento. É a discussão sobre a abolição do alemão como língua oficial na Sociedade Ginástica. Três documentos dão conta do assunto. O primeiro, datado de 3 de dezembro de 1917 aborda a discussão interna, assim Filusteck declarou-se contra a nacionalização e sugeriu parar a sociedade por enquanto. Assim também se declarou o senhor August Fetter. Foi discutido fazer uma reunião geral para tratar desse ponto.²⁸⁹ O boletim mensal *Der Turnerbote*, uma publicação dirigida aos sócios da Ginástica, trouxe na edição comemorativa dos 50 anos da Sociedade, em setembro de 1935, uma retrospectiva que explicou o resultado da discussão apontada acima.

Quando, durante a Guerra Mundial, foi sugerido à direção a nacionalização da sociedade, isto é, deixar da língua alemã na sociedade, a reunião dos sócios se opôs, sob o motivo justo de que die deutsche (a língua alemã) da sociedade não prejudicava sua consciente situação como cidadãos brasileiros. Os sócios da Sociedade Ginástica Leopoldense continuavam firmes na sua herança paterna (da terra natal) e nos seus costumes alemães. O elo entre eles é a língua, por isso ela não pode ser deixada de lado, a não ser por um motivo deplorável ou por circunstâncias provocadas pelo mundo. Por isso, a reunião dos sócios decidiu interromper as atividades da sociedade até o final da Guerra. Isso aconteceu. De outubro de

²⁸⁸ LIVRO DE ATAS da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, nº 2, 1911-1924. Reunião de diretoria em 21 de julho de 1917.

²⁸⁹ LIVRO DE ATAS da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, nº 2, 1911-1924. Reunião de diretoria em 3 de dezembro de 1917.

*1917 até 31 de agosto de 1919 a vida da sociedade descansou. O ginásio foi posto à disposição pública, como hospital.*²⁹⁰

O sucesso atribuído ao Orpheu no final do processo de nacionalização não teve o mesmo resultado na Ginástica, onde o seu fechamento revelou o alto grau de resistência dos associados ao *abrasileiramento forçado* pretendido pelo governo. Em relação à Sociedade Ginástica, fica claro, portanto, que a dinâmica da vida urbana não conseguiu atuar como fator de dissolução da identidade étnica de seus associados. Ao contrário. Ela tornou-se objeto de união entre os associados e de elaboração de mecanismos para defendê-la do aniquilamento, do esquecimento. Poder-se-ia dizer, portanto, que no contexto apresentado o objetivo de *abrasileiramento* dos associados dos clubes “alemães” de São Leopoldo foi parcialmente atingido.

Uma outra ação realizada pela Intendência Municipal foi a tentativa de *abrasileirar* o nome das localidades. A tentativa de mudar o nome de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, entretanto, não vingou.²⁹¹

Para as ações do segundo tipo, o poder local trabalhou com a perspectiva de contribuir para a formação da consciência nacional. Nessa faina foi também auxiliado pela Liga de Defesa Nacional. A consciência nacional seria alcançada pelas *comemorações das datas cívicas brasileiras*.

²⁹⁰ DER TURNERBOTE. Número comemorativo dos 50 anos da Sociedade Ginástica Leopoldense, setembro de 1935, p. 3.

²⁹¹ MOEHLECKE, Germano Oscar. *O vale dos Sinos era assim*. São Leopoldo : Rotermund, 1978, p.285-291.

Nos períodos discricionários, as comemorações tomavam um outro sentido, passando a ser principalmente eventos de educação cívica.

Foi o que aconteceu em São Leopoldo em 1917. Conforme foi noticiado pelo *Deutsches Volksblatt*, o dia 13 de maio²⁹² seria comemorado *festivamente*. Para tanto, reuniram-se na Intendência Municipal representantes de sociedades e escolas locais que, junto com o Intendente, organizaram uma programação festiva para a ocasião. A programação constava de hinos patrióticos, cantados pelos sócios do Tiro e pelos alunos, declamações e uma oratória festiva, a cargo do Coronel Aurélio Porto. O local escolhido para a primeira parte da comemoração foi a Câmara Municipal. Houve, depois, um passeio pela cidade e, finalmente, à noite, uma orquestra tocou em frente à Intendência, onde talvez houvesse, também, apresentação cinematográfica. A comissão organizadora pediu que os moradores enfeitassem suas casas para a comemoração. Tal comissão era composta pelo *Coronel Nero Borges e Tenente Alcides R. de Souza, respectivamente, presidente e instrutor do Tiro local; Carlos Octaviano de Paula, presidente do Nacional Futebol Clube e do Clube Riograndense; August Peter, presidente da União Operária Leopoldense; Hermann Lang, do Orpheu; Hermann Weinmann, da Sociedade Ginástica Leopoldense; Irmão Stanislaus, do Colégio São Luís; Hans Torunsky, da Escola Evangélica Alemã, e Antônio Jacques, do Colégio Elementar.*²⁹³ A comissão era também uma amostra da elite local, pois, além das autoridades políticas

²⁹² Comemoração da abolição da escravidão no Brasil, realizada em 13 de maio de 1888.

²⁹³ DEUTSCHE VOLKSBLATT, n° 5037. Porto Alegre, Sexta-feira, dia 11 de maio de 1917, p. 1.

e militares, compunham-na os presidentes dos clubes do centro da cidade assim como os representantes das escolas centrais. Um ano antes, a festa do 13 de maio fora uma festa particular, um piquenique sem aparato oficial.

Nesses mesmos moldes, realizou-se uma *comemoração patriótica em memória do dia 12 de outubro*,²⁹⁴ no Orpheu. Houve música, declamações e oratória do Coronel Aurélio Porto.

Os dois eventos inscrevem-se entre aqueles que buscam marcar alguma coisa, ou melhor, inculcar na memória um acontecimento. Nesse sentido, também a memória é usada como instrumento e elemento construtor da identidade nacional. Por isso é facilmente manipulável. Daí a necessidade dos detentores do poder de usarem-na para marcar o que lhes interessa. Assim, o 13 de maio e o 12 de outubro eram datas que precisavam ser cantadas, faladas, declamadas para que pudessem fazer parte do universo dos leopoldenses. Era preciso criar o seu lugar na memória do povo. Isso explica a presença das crianças na comemoração, bem como as casas enfeitadas e o desfile pelas ruas da cidade. Aqui fica explícita a finalidade de formar almas brasileiras a partir do calendário de eventos que se queria retomar. Os fatos e os *lugares da memória* precisavam ser guardados. Era preciso, no contexto da Guerra e na área de colonização alemã, significar ou (re)significar determinadas datas/fatos para reforçar a nacionalidade. Ao traçar imagens fundadoras da nacionalidade,

²⁹⁴ Dia em que se comemora a descoberta da América por Cristóvão Colombo.

tornava-se necessário, também, impor crenças comuns a partir de modelos formadores.

Uma outra ação de caráter mais amplo será feita também com a transferência de unidades do Exército para São Leopoldo,²⁹⁵ assim como da criação de um núcleo da Liga de Defesa Nacional na cidade.

Faz parte desse conjunto de ações tomadas pelas autoridades, ainda, a possibilidade dos Tiros das Sociedades (existentes em bom número na área de imigração alemã) serem incorporados aos Tiros de Guerra, conforme Decreto Legislativo n° 3361, de 26 de outubro de 1917.²⁹⁶

Para uma melhor compreensão desse complexo relacionamento das autoridades brasileiras com a população de origem alemã, busquei também retratar economicamente São Leopoldo na década de 1910. No período (re)cortado, São Leopoldo apresentou-se como uma cidade em desenvolvimento do ponto de vista econômico. Houve um crescimento continuado da cidade, alargando o espaço urbano na direção das chácaras e morros. É a década da luz elétrica, com tudo o que ela pode trazer em termos de progresso, de lazer ou de sociabilidade, mas é também uma década de intensa industrialização e de disputa intra-classe política local. De permeio, o mundo assistirá à Primeira Guerra Mundial, cujos

²⁹⁵ Por exemplo, o 30° Batalhão de Infantaria, comandado pelo Major Mota, foi destinado para São Leopoldo, indo para lá em janeiro de 1918, sendo “recebido pelo pessoal da Liga de Defesa Nacional e pelo povo”, conforme notícia do CORREIO DO POVO de 8 de janeiro de 1918, p. 6.

²⁹⁶ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 4 de janeiro de 1918, p. 7.

desdobramentos, juntados à campanha de nacionalização já referida, atingirão em cheio a população de origem alemã aqui radicada.

São Leopoldo, nessa época, possuía um diversificado parque industrial, com grande número de fábricas, sendo algumas de grande porte. Os produtos leopoldenses estavam presentes em inúmeras exposições internacionais ou nacionais sempre com muito sucesso. Na Exposição Agrícola de Cruz Alta, os leopoldenses foram premiados com medalhas e certificados de reconhecimento em modalidades como bebidas (Heinrich Bier e João C. Hofmann), complemento de jogo de tênis (José Edvino Müller) e até cães policiais (Heinrich Bier, cão policial, e Wilhelm Rotemund Jr., cadela policial).²⁹⁷ O *Deutsches Volksblatt* de setembro de 1916 trouxe como notícia que *nosso concidadão, o fabricante de máquinas senhor Ernesto Kerber recebeu seis prêmios numa exposição.*²⁹⁸ Tal desenvolvimento permitirá que São Leopoldo inscreva-se como um dos primeiros municípios em desenvolvimento do Estado no início dos anos vinte, conforme Petry.²⁹⁹ Esse desenvolvimento foi também decorrência da infra-estrutura criada pelos Intendentes para o Município. Entre os aspectos destacados nessa infra-estrutura, estava a energia elétrica, instalada em 1912, o telefone, cujas linhas foram estendidas até São Leopoldo, Novo Hamburgo, Hamburgo Velho e Lomba Grande em 1907 e as linhas de trem para carga e passageiros criadas nesse período. No perímetro urbano, o que se viu foi o crescimento dos bairros por conta do crescimento da

²⁹⁷ NEUE DEUTSCHE ZEITUNG, nº 5, Quarta-feira, 31 de janeiro de 1917, p. 7.

²⁹⁸ DEUTSCHES VOLKSBLATT, nº 4860, Quinta-feira, 28 de setembro de 1916, p. 1.

²⁹⁹ PETRY, 1923, p.1.

população³⁰⁰, resultante do acelerado desenvolvimento de São Leopoldo. Dados estatísticos mostram que em 1900 o Município de São Leopoldo tinha uma densidade demográfica de 22,81 hab/km², e em 1917 a densidade era de 34,4 hab/km². Petry mostra que os dados estatísticos da população da cidade em 1920 davam conta de 10.680 habitantes no primeiro distrito composto *da cidade e seus arredores*.³⁰¹

Os melhoramentos apontados na área urbana, como a iluminação, o telefone, além do hospital das irmãs (Santa Elisabeth) e do transporte de massa representado pelo trem, ligando São Leopoldo com Novo Hamburgo, eram parte dessa realidade que destaco. Em meados da década, um antigo morador visitou a cidade e escreveu ao *Deutsches Volksblatt*, relatando suas impressões. Diz ele que:

Em alguns dias de férias que tomei, eu queria aproveitar para visitar a minha querida São Leopoldo, que eu já não via há um longo tempo. A primeira surpresa aconteceu-me logo no desembarcar do trem que vai da estação à Igreja Católica e ao cemitério. Eu não hesitei muito, embarquei numa alegre viagem pela cidadezinha. O trem realmente é um grande progresso para São Leopoldo [...] Chegado na Rua Grande, desembarquei e cumprimentei a meus grandes amigos em especial ao professor Jorge Jäger [...] Uma nova surpresa me aconteceu à noite, quando ao escurecer, em todos os lugares acenderam-se lâmpadas elétricas que jogavam seus clarões sobre as ruas. A iluminação de São Leopoldo decididamente é melhor que a de Porto Alegre e a vista de noite, especialmente quando se está em frente à grande avenida de plátanos, é um encanto e faz esquecer que se está numa cidadezinha do interior.

³⁰⁰ A folha NEUE DEUTSCHE ZEITUNG de 16 de janeiro de 1914 repete uma notícia da *Deutsche Post* onde são feitas observações sobre as moradias em São Leopoldo, constatando a falta de moradias confortáveis na cidade para um determinado extrato social. Cf. PETRY, 1923, p. 43.

³⁰¹ *Ibid.*.

Também para o divertimento providenciou-se. Um bom cinema, numa construção grande e própria para tal [...] Uma companhia de circo instalou-se e tinha muito movimento. No Orpheus encontrei alguns velhos e queridos conhecidos numa partida que corria muito calmamente. Com agrado me dei conta que aqui não se nota nada de brigas, como está na ordem do dia em muitas sociedades. Todos os sócios vivem em grande harmonia e com brincadeira e seriedade transcorreram as poucas horas que pude passar em seu meio. É muito satisfatório que também a vida da sociedade católica cresça com força embaladora, como se pôde notar na missa dominical. O acompanhamento musical ficou por conta do coro da Igreja, que consegue resultados bons sob a hábil e cautelosa regência do Sr. Professor Jorge Jäeger. O Clube Católico, cujo presidente é o Sr. Heinrich Lore, um homem magnífico, às direitas, dispõe de uma linda sede própria com um grande salão e um palco. A diretoria se empenha muito para oferecer algo a seus sócios que gostam de comparecer a todo momento nas noites de família, apresentações teatrais, etc.³⁰²

O entusiasmo do visitante demonstra, em parte, o que estou afirmando. O desenvolvimento pode ser atestado também por outros sinais, como o fato de algumas empresas, como as de João C. Hofmann e de Leopoldo Hofmann e Filho, estarem comemorando seu cinqüentenário no ano de 1917 e de outras estarem dando continuidade ao seu trabalho na sucessão de pai para filho, como a de Joaquim Foernges, e de outras, ainda, que anunciam a abertura de suas portas. É o caso de P. Peter, que inaugurou uma casa de comércio de secos e molhados na encruzilhada para o Steinkopf e Feitoria-Lomba Grande em grande estilo. Para tanto, *convidou seus irmãos de canto do clube leopoldense Männergesang (coral masculino) para a inauguração do mesmo* e ainda ofereceu-lhes cerveja e comida.

³⁰² DEUTSCHE POST, nº 4651. São Leopoldo, Sábado, 15 de janeiro de 1916.

Também Ernst Dietze anunciou ao público a abertura de um restaurante na Rua da Praça, em São Leopoldo, onde se poderia comer boa comida e beber cerveja *bem fabricada*. O que estou querendo dizer é que os anos dez foram de crescimento e de continuidade de trabalho exemplificados nas empresas citadas. Mas foram também anos difíceis para a economia como um todo, dada a situação mundial. Portanto, apesar do desenvolvimento, o período não foi fácil, pois entre 1914 e 1918 a guerra mostrou-se com todos os seus desdobramentos, entre eles, a crise econômica. Ilustro também esse aspecto mostrando que um aumento dos impostos, no ano de 1916, gerou uma crise no setor industrial com o fechamento de algumas fábricas. A *Deutsche Post* noticia que em São Leopoldo *pararam as seguintes fábricas: Theodoro Lang e Comp. e Roberto Matte (fábrica de tabaco e cigarros). Outros setores irão parar. Ouvimos até que a fábrica de calçados de E. Brodt em pouco tempo também parará de funcionar.*³⁰³ A folha comenta que a paciência dos donos das fábricas e de outros *aplicados donos* também terminou. Em novembro desse mesmo ano, o *Deutsches Volksblatt* noticiou que a firma Adolfo Bercht e Cia. havia comprado a fábrica de calçados de C. E. Brodt.

Olhada em seu conjunto, a cidade de São Leopoldo aparece como um espaço em desenvolvimento, apesar das crises na economia e na política que marcaram a década. Tais acontecimentos certamente refletiram-

³⁰³ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Sexta-feira, 15 de janeiro de 1915.

se na sociabilidade e nas atividades de lazer desenvolvidas nos diversos espaços que São Leopoldo oferecia, como acabamos de ver.

6. O CLUBE RECREIO JUVENIL

O quarto recorte espaço-temporal que proponho é o ano de 1927. Nesse ano, foi fundado na cidade de São Leopoldo o Clube Recreio Juvenil, cujo surgimento inseriu-se, entre outros aspectos, no desdobramento do processo econômico e no alargamento do campo político da elite leopoldense³⁰⁴. As ações decorrentes desse crescimento econômico darão à cidade um novo perfil que se refletirá em âmbito sóciopolítico e afirmará essa mesma elite em âmbito regional.

O clube foi criado em 27 de dezembro de 1927 com a finalidade de ser o espaço por excelência da elite leopoldense e do vale do Sinos, já que era composto pelo que de “mais seleta” havia na sociedade local e regional.

Seu Estatuto, aprovado em fevereiro do ano seguinte, põe o clube em funcionamento a partir daquela data. O compromisso estatutário previa a realização de nove eventos anuais para os associados. Tal quantidade de realizações estava de acordo com o artigo 1º de seus Estatutos, que definiam que o Clube tinha por fim [...] *proporcionar a seus*

³⁰⁴ À propósito *vide* Anexos 19 e 20.

*associados diversões recreativas, a critério da Diretoria ou da Assembléia Geral.*³⁰⁵

Assim, o primeiro baile foi anunciado para o dia 21 de abril de 1928 e, conforme a *Deutsche Post*, ele foi visto [...] *com muita impaciência por todos. Provavelmente a nova sociedade atingirá seus objetivos, a saber, o progresso da vida social de São Leopoldo.*³⁰⁶ Alguns dias depois, a mesma folha indicava alguns dos aspectos diferenciadores da nova sociedade em relação às outras sociedades da cidade: o baile era “de gala”, tendo sido enviados cerca de mil convites. *Conta-se com a presença de todas as autoridades civis e militares, assim como delegações das associações irmãs de todos os lugares do Estado.* Para a folha leopoldense, o clube impôs-se a missão de erguer e promover a vida social de São Leopoldo, [...] *realizando noites de divertimento musical e científico livres e alegres, [...] não cultivando só o ‘jazz’ e o ‘charleston’.* *Com qual entusiasmo a nova fundação foi recebida, o rápido número de sócios o atesta.*³⁰⁷ Também às autoridades de São Leopoldo o baile do Juvenil cativou. O próprio Vice-Intendente em exercício, Dr. Wolffenbüttel, fez questão de prestigiar a festa, dirigindo a “polonaise” que abriu as danças.

Nesse mesmo ano, o novo clube fez mais um baile de gala, no mês de agosto, e outro no seu aniversário, em dezembro. Ao todo, o Juvenil ofereceu para seus associados e convidados o expressivo número de dez

³⁰⁵ ESTATUTOS do Clube Recreio Juvenil, Art. 1º. São Leopoldo, 6 de fevereiro de 1928, p. 1. Arquivo do MHVSL.

³⁰⁶ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sexta-feira, 13 de abril de 1928, p. 4.

eventos nesse seu primeiro ano de vida. Nos anos subseqüentes, até 1933/34, a média de eventos do clube girava em torno de oito festas ao ano. Destacaram-se pelo brilhantismo o baile de gala oferecido à Miss Brasil e depois Miss Universo Yolanda Pereira, em agosto de 1930, ocorrido na Sociedade Orpheu, e o Baile das Nações, homenageando o Corpo Consular do Estado, em setembro de 1931, no qual estiveram presentes os homenageados assim como representantes das autoridades governamentais do Estado.

A festa realizada em setembro de 1931 trouxe a São Leopoldo diversos representantes do Corpo Consular, entre os quais, o Consul Geral da Alemanha, da Argentina, da Áustria, da Bélgica, do Chile, da Dinamarca, da Espanha, dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra, da Itália, dos Países Baixos, de Portugal e do Uruguai. Além dessas autoridades, foram ainda convidados de honra os Srs. General José Antônio Flores da Cunha, Interventor Federal, Dr. Sinval Saldanha, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, e o Dr. Antunes da Cunha, Secretário de Gabinete do Governo do Estado. Esteve presente também o Deputado Manfredo Chiasiari.

A Comissão de Recepção era formada por Luiz E. Schmidt, Dr. Jacob Kroeff Neto (Novo Hamburgo), João Henning, Cristovam Leiria, Emílio Müller, Carlos Otaviano de Paula, Cel. Nero Alvim Borges, Germano Hauschild, Lafaiete Pinto, Rubem Corrêa, Dr. Júlio Villanova, Dr. Manoel de Freitas Valle e Silva, Dr. Arthur Ebling, Frederico Guilherme Schmidt, Dr.

³⁰⁷ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Quarta-feira, 18 de abril de 1928, p. 4. Em 15 de maio desse ano, a mesma folha noticia que o número de sócios do Juvenil já ultrapassara

Norberto V. de Vasconcelos, Arno Nabinger, Oscar Boeckel, Tte. Arquimínio de Azevedo, Alberto Kappel e Frederico Ostermayer. Já a Comissão de Baile era formada por Elpídio Fialho, Verno Renner, João Simon e Osvaldo Blauth. A Comissão Organizadora da festa, por sua vez, tinha como titulares Othon Blessmann, Leo Kayser, Otto Klein, Teodoro de Paula, Nei Camara e Carlos de Paula Júnior.

O que quero apontar no destaque dado às festas organizadas pelo Clube Recreio Juvenil é que elas estão inseridas num contexto mais amplo, quer local, quer regional. Numa primeira análise, vejo um grupo social mais jovem que cria um novo espaço para representar-se socialmente. Esta é, sem dúvida, a primeira afirmação que os textos me permitem fazer. Continuando a observação, percebo que esse grupo é descendente de famílias tradicionais da cidade, em sua maioria, e/ou é originário do crescimento político-econômico que caracterizou a cidade e o Município de São Leopoldo ao longo da República ou ainda antes dela. Inserida no contexto, é possível dizer que a elite urbana de São Leopoldo era, agora, uma fração local da elite rio-grandense. Assim, políticos, industriais, capitalistas, advogados e outros estabeleciam um novo patamar de representação social e política, uma vez que eram “todos” pertencentes à mesma extração social.

Por outro lado, os jornais mostraram nesse mesmo período a existência de um questionamento forte sobre o número de clubes na cidade, o que poderia ser indicativo de uma crise com os mais antigos espaços de

sociabilidade leopoldenses. A partir desse indicativo, busco subsídios no texto da *Deutsche Post*. Essa folha, falando do teatro alemão que desapareceu da cidade de São Leopoldo, diz:

É questão de honra para cada um que nasceu alemão e que ainda tenha um pouco de orgulho por sua descendência alemã, proteger a sociedade de teatro alemão. [...] Em Taquara, Sapiranga, Campo Bom e Novo Hamburgo, as sociedades alemãs interessaram-se e [...] possibilitaram que a boa arte alemã pudesse ser oferecida a seus sócios. [...] Só em São Leopoldo não foi possível que a 'Sociedade Ginástica' e o 'Orpheu' fossem mobilizados para tal apresentação. É uma questão que ao mesmo tempo é lamentável e vergonhosa,³⁰⁸ conclui a Deutsche Post .

A folha segue dizendo que, se os clubes se preocuparem só em amealhar sócios, perderão a razão de sua existência. E pergunta: *O que as sociedades conseguem para seus sócios?*³⁰⁹ A resposta é significativa, pois se resume, conforme a folha, em alguns míseros bailes. *As grandes e indiscutivelmente bonitas, casas das sociedades, de forma alguma podem ocultar a insignificância interna da nossa vida social. [...]. Realmente é inacreditável que mais uma sociedade teve de ser fundada para a elevação da sociabilidade.*³¹⁰ Segundo a *Deutsche Post*, a fundação do Clube Recreio Juvenil está diretamente ligada à senil falta de interesse em que as sociedades encontram-se por fazer economia, por não querer gastar para não ter prejuízo. A crítica contundente da folha mostra que a economia não trará ilustração às gerações mais jovens, porque elas não terão conhecimento dessa herança cultural. No fundo, o que a *Deutsche Post* está

³⁰⁸ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Quinta feira, 10 de maio de 1928, p. 3-4.

³⁰⁹ *Ibid.*

³¹⁰ *Ibid.*

repisando é na perda dos objetivos teutos, que teriam levado a esse estado de coisas, isto é, na questão mais funda da nacionalização e conseqüente perda dos ideais germânicos na década de 20.

As afirmativas da folha são verdades parciais nesse contexto. Sua análise, se, por um lado, dá conta da existência de um problema nas sociedades Ginástica e Orpheu que não lhes permite investir mais em espetáculos para seus sócios, encaminha-se parcialmente quando aponta como a causa de tais faltas o abandono das tradições alemãs. Em primeiro lugar, porque só um dos dois clubes optou por abraçar-se. É o Orpheu. Ela está ignorando, por outro lado, os grandes gastos do Orpheu na reforma e construção que fez cerca de um ano antes em sua sede social. Em terceiro lugar, a folha está reclamando da Sociedade Ginástica, embora esta se mantivesse fiel às tradições alemãs, não podendo ser analisada com os mesmos critérios que seu congênere. Finalmente, elogiando o Juvenil pela excelência de sua programação, a folha não está percebendo que tal programação fazia parte do projeto da nova elite, cujo objetivo passava pela busca de outros espaços mais exclusivos de representação. O novo clube, que, mesmo sem ter uma sede social própria, fazia quase só bailes de gala, era uma espécie de vitrina dessa nova elite. Era o seu espaço simbólico. O sucesso nos empreendimentos sociais era também uma dimensão do sucesso dessa elite como personagens oriundos do mundo político-econômico. Um outro parâmetro para a análise dessa questão era dado pelos nomes que compunham o grupo de sócios, conforme apontamos acima. Sua origem étnica não precisava ser necessariamente alemã, sequer

leopoldense. O grupo de sócios e mesmo o dos diretores ou organizadores dos eventos compunha-se de indivíduos tanto de origem teuta quanto brasileira. Isso reforça minha hipótese de que o clube refletia o processo de interação em andamento na cidade desde meados dos anos 20. Por isso, o ritual de inclusão no novo clube dava-se mais por afinidades de origem econômica e/ou, eventualmente, por algum capital simbólico, não sendo condição *sine qua non* falar alemão. Os associados e freqüentadores do Juvenil eram também oriundos de vários municípios, não sendo uma condição necessária de pertencimento ao clube ser morador de São Leopoldo.³¹¹ Com tais observações, estou procurando delinear o perfil da elite Juvenilista e o que a levou a construir o novo clube.

Além dos fatores já apontados, creio que o esgotamento do tipo de diversão que os clubes tradicionais apresentavam poderia ser levado em conta para a fundação da nova sociedade. Continuando esse raciocínio, vejo, por outro lado, que os dirigentes perpetuavam-se no poder nessas sociedades mais antigas, o que dificultava e emperrava a renovação dos quadros dirigentes. Isso, em última instância, tolhia as novas lideranças que surgiam e buscavam nos clubes a possibilidade de ação e de dinamismo compatível com o seu tempo. Aliado a isso, como já afirmei, estava o interesse em criar um novo espaço de representação para si, um espaço que permitisse a essa elite mostrar-se como ela realmente julgava que era:

³¹¹ Entre os sócios cadastrados, encontrei 111 de Porto Alegre; 53 de Novo Hamburgo; 47 de Montenegro; 25 de Caxias; 9 de Sapucaia; 5 de Taquara; 4 de Canoas; 3 de Garibaldi; 2 de Santa Cruz; 2 de Portão; 2 de Rio Pardo; 1 de São Sebastião do Caí; e 1 de Bom Retiro. Além deles, os de São Leopoldo, em número superior a 200.

uma parte da elite riograndense, localizada em São Leopoldo. Os eventos que realizavam eram demonstrações disso.³¹²

EVENTOS DO CLUBE RECREIO JUVENIL QUADRO DE EVENTOS DE 1928/1929

DATA	LOCAL	JAZZ	OBSERVAÇÃO
21/04	Soc. Orpheus	Carijós	Baile inaugural
19/05	Club Rio Grandense	Carijós	Reunião Dançante
09/06	Soc. Orpheus	Carijós	Hora de Arte/Danças
16/07	Soc. Orpheus	Zazá	Reunião Dançante
11/08	Soc. Orpheus	Royal	Baile Futurista – Gala
15/12	Soc. Orpheus	8º BC	Baile Aniversário – Gala
27/12	Soc. Orpheus	2º Orchest	Kerb 1ª noite
28/12	Soc. Orpheus	1ª Orchest	Kerb 2ª noite
09/02/1929	Soc. Gymnástica	8º BC	Carnaval – Coroação da Rainha
11/02	Soc. Gymnástica	8º BC	Carnaval – Homenagem à Rainha

FONTE: Convites de baile do Clube Recreio Juvenil organizados por Evandro Fernandes. (vide Anexo 21)

A história do Juvenil não é descolada da história dos outros clubes sociais leopoldenses de origem teuta. Como se pode ver do elenco de atividades que o Juvenil realizou, o espaço utilizado foi sempre o dos clubes “teutos” e mesmo seus associados eram também freqüentadores dos ditos clubes. Nos novos tempos do Juvenil, porém, Orpheu e Ginástica ficavam aquém do que podiam oferecer, ofuscados pelo ímpeto e pelo brilho do novo espaço social que surgia. Suas atividades, porém, marcaram a

³¹² Nessa mesma época, 1920/30, tivemos a criação de Clubes com o nome “Recreio Juvenil” ou somente “Juvenil” em vários Municípios do Rio Grande do Sul, como Novo Hamburgo, Porto Alegre (hoje reunido à Associação Leopoldina-Juvenil) e Caxias do Sul, além de São Leopoldo.

história da cidade de São Leopoldo nos anos 1920 através de um signo comum: o germanismo (*Deutschtum*), testemunhado especialmente pela Primeira Guerra Mundial e pela campanha levada a efeito pelo governo do Brasil em seu objetivo de efetivar a nacionalidade brasileira. Tal postura nacionalizadora, em nível local, tomou diferentes formas e refletiu-se diferentemente, por exemplo, nos dois clubes sociais mais antigos de São Leopoldo. A Sociedade Orpheu, a mais antiga, nacionalizou-se primeiro, passando a usar o português como seu idioma oficial e a escrever em vernáculo as suas atas. Além disso, passou a aceitar militares entre seus sócios.³¹³ Esse aspecto terá um papel fundamental na vida da sociedade daí por diante, pois significou uma tomada de posição, uma vez que a preservação da língua alemã no espaço do clube, quer nas falas, nas reuniões da Diretoria ou no encaminhamento de propostas a essa mesma Diretoria, era condição indispensável para a manutenção da identidade étnica nos moldes anteriores.

Aqui é pertinente perguntar sobre o significado da nacionalização para a Sociedade Orpheu e para as suas relações com as outras sociedades de origem teuta em São Leopoldo. Do ponto de vista das festas, nada mudou. Elas aconteciam regularmente no clube e continuavam sendo bem freqüentadas. O que ficou visível, entretanto, foi a pouca participação do Orpheu nas festas do 25 de julho durante a década de 1920,

³¹³ Considerando-se que até 1908, no cinquentenário do Orpheu, havia somente três nomes brasileiros numa lista de 121 sócios, a aceitação de sócios militares inclusive na Diretoria, no final da década, mostra que a Sociedade Orpheu tomava novos rumos no sentido do abraço brasileiro.

isto é, na data maior da imigração. Tal postura transpareceu em fios muito tênues tanto nos jornais quanto em atas do clube. É, por exemplo, o que foi publicado na *Deutsche Post* pouco antes das comemorações do Centenário, quando a Sociedade precisou fazer reunião de Diretoria para decidir pela participação nas solenidades festivas externas que se realizariam em 25 de julho e em 24-26 de setembro, como comento adiante. Sua forma mais efetiva de participação deu-se nos bailes comemorativos, efetuados no próprio clube. Em janeiro de 1931, um artigo publicado no *Deutsches Volksblatt* analisava as festas de Natal no Orpheu, declarando que elas haviam deixado a desejar em relação ao verdadeiro sentimento de Natal. Diz o jornalista que

*[...] aqui a velhice parece ter deixado suas marcas para trás nos últimos 10 anos, pois os acontecimentos nesta Sociedade realmente deixam muito a desejar há alguns anos. Poderíamos até dizer que isto se confirma desde que o 'Orpheu' se desembarçou dos ideais e objetivos dos fundadores.*³¹⁴

A nacionalização, para a Sociedade Orpheu, fora, na opinião desse jornalista, um ato de descomprometimento com o culto às tradições alemãs.

*Na esfera comunitária, diz Seyferth, ser teuto-brasileiro é agir, viver e comportar-se como alemão.*³¹⁵ Foi o que o Orpheu deixou de fazer na década de 20. Foi o que continuou fazendo a Sociedade Ginástica Leopoldense ao permanecer fiel ao germanismo, numa posição de

³¹⁴ DEUTSCHES VOLKSBLATT. São Leopoldo, Quarta-feira, 21 de janeiro de 1931, p. 8. A matéria foi assinada pelo jornalista João Schroeder.

³¹⁵ SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e ascensão social. In: *XXI Reunião anual da ANPOCS*. Caxambu: Minas Gerais, 1987, p. 21, fotocópia.

continuidade aos princípios anteriormente defendidos. Voltou, portanto, nos anos 20, a ser um espaço onde o idioma e os registros escritos permaneceram em alemão. Por esse aspecto, o Clube continuou sendo um local etnicamente diferenciado. Sua postura fica muito clara quando preferiu fechar as portas de sua sede social em 1917 para não deixar de falar o alemão. Em 1921, quando a guerra já havia acabado e o clube foi reaberto, o alemão era, de novo, o idioma oficial dos sócios da Ginástica. Essa postura aparece, por exemplo, em relatório da Diretoria de 10 de outubro de 1921, quando foi registrada a posição da *Deutsche Turnerschaft* do Rio Grande do Sul de que [...] *nas sociedades pertencentes à Turnerschaft o comando seja realizado unanimemente em língua alemã.*³¹⁶ Em 1925, na festa de seus 40 anos, o relatório explicou que

*[...] desde o surgimento dessa sociedade, [...] sua diretoria e sócios se mantiveram firmes para manter uma sociedade alemã [...]. Eles querem mostrar que a árvore plantada há 40 anos continua produzindo frutos que dão orgulho aos alemães de São Leopoldo.*³¹⁷

Ginástica, identidade étnica, memória alemã e Sociedade Ginástica de São Leopoldo eram parte de um todo nos anos 20/30. Como mantenedora da memória dos pioneiros ou como incentivadora da cultura alemã no período enfocado, a Sociedade Ginástica reavivava sentimentos e práticas que a campanha de nacionalização havia procurado apagar. Nesse processo de apagamento, estavam os Clubes de Tiro de São Leopoldo, que

³¹⁶ Relatório da Diretoria da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, de 10 de outubro de 1921. Livro de Atas da Diretoria.

³¹⁷ NEUE DEUTSCHE ZEITUNG. Porto Alegre, Quarta feira, 7 de outubro de 1925, p. 3.

desapareceram,³¹⁸ e a Sociedade Orpheu, que se nacionalizou, ambos parceiros da Sociedade Ginástica na manutenção da memória alemã.

Ao manter o comando da ginástica em alemão, a Sociedade Ginástica defendia uma postura de origem, uma identidade teuta que poderia ser resumida, também, na saudação feita aos presentes na 17ª festa regional de ginástica em São Leopoldo em 1933: *Encontrar-nos-emos como pessoas de sangue alemão, como ginastas alemães, fazendo nossa profissão de fé no povo de Jahn e à ginástica de Jahn.*³¹⁹ Também era dela o esforço em preservar a tradição do *kerb* e, embora tal esforço representasse amor pelas tradições, ficava muito claro que era impossível mantê-las somente com a tradição da dança.

Sobre a Sociedade Ginástica é pertinente dizer, ainda, que, no jogo do esquecimento e das lembranças, ela se posicionou como um elo de passado alemão/presente brasileiro em São Leopoldo ao destacar em todos os eventos não só a sua origem teuta que deveria ser cultivada, mas ao mesmo tempo o seu amor pelo Brasil e a sua brasilidade. Assim explicava-se a sessão de ginástica e o baile em comemoração ao 3 de maio, data do descobrimento do Brasil.³²⁰ Mas esse discurso servia, também, como justificativa para ela comemorar, em 1927, os 80 anos do Marechal Hindenburg. Transferindo para a Ginástica a pergunta sobre o que ela entendia por nacionalismo, a resposta que transparece é a de que para ela o

³¹⁸ Muitos Clubes de Tiro durante a Primeira Guerra Mundial transformaram-se em Tiros de Guerra.

³¹⁹ Convite e programa da 17ª festa regional de ginástica em São Leopoldo em 28 e 29 de outubro de 1933, p. 1.

nacionalismo seria o mesmo que fora para a Sociedade Orpheu, isto é, o esquecimento das raízes alemãs e a impossibilidade da fala em alemão entre outros aspectos. Daí sua resistência.

Tal atitude vai transformar a Sociedade Ginástica na guardiã do germanismo e de seus valores em São Leopoldo a partir de então. E foi como guardiã da germanidade que a Ginástica liderou as manifestações e as festas em torno do centenário da imigração, pois que, a par desses acontecimentos, a década de 20 foi também a da grande festa do centenário da imigração alemã em São Leopoldo no ano de 1924. A festa do centenário foi uma comemoração que pretendeu *exorcizar o esquecimento*,³²¹ isto é, foi uma festa para (re)marcar a saga dos pioneiros, atualizando o mito do trabalho e do progresso. Foi também um momento de celebração da etnia alemã, relembrando a sua contribuição para o progresso do Rio Grande do Sul. *A referência ao passado é um cimento de coesão entre os membros de uma mesma sociedade*, diz Pellissier.³²² Para a Sociedade Ginástica, naquele período, tal afirmação era uma verdade inquestionável.

O evento do Centenário teve dupla comemoração: uma oficial, realizada em setembro de 1924, e outra, realizada na data real do acontecimento – 25 de julho –, foi liderada pela Sociedade Ginástica de São Leopoldo.

³²⁰ Como já enfatizei noutro momento, a data de 3 de maio era oficialmente comemorada como da descoberta do Brasil naquela época.

³²¹ OLIVEIRA, 1989, p. 161- 296.

³²² PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des notables lyonnais au XIXe siècle*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon; Éditions Lyonnaises D'Art et d'Histoire, 1996, p. 20.

A *Deutsche Post* de 19 de julho, uma semana antes da grande data, trouxe um texto alentado sob o título *Como nós devemos comemorar?*

Dizia assim:

Só uma semana nos separa do 25 de julho, o dia da recordação, em que, há 100 anos, os primeiros colonizadores alemães pisaram no chamado 'Passe', pisando nas assim chamadas pranchas do naviozinho que os trouxe até aqui para o solo riograndense. Os primeiros!

Os alemães em todo o Estado se preparam para comemorar festivamente o 25 de julho, como o aniversário do povo alemão no solo riograndense. [...]. A Intendência declarou o 25 de julho feriado municipal, em agradecimento. Comércio e indústria não funcionarão, e a população colocará bandeirolas nas casas para declarar adesão às festividades. Às 9h30 min. ocorrerão cultos de agradecimento em ambas as confissões. Às 12 horas soarão festivamente todos os sinos da cidade. [...]. À tarde realizar-se-á um passeio à Feitoria Velha e à noite o 'Festkommers' (quermesse), unirá todos os cidadãos leopoldenses.³²³

Opinando sobre a importância de toda a colônia comemorar o evento em sua data, a folha destacava:

[...] se encontrem à tarde ou à noite, para que vocês sintam a força da ligação de todos, como no início: nós somos alemães! E reconheçam-se, com o coração aquecido no mais profundo da alma, no seu povo alemão. Mostrem a todos os outros povos descendentes, em conjunto [...] que vocês se orgulham de ser descendentes de alemães, ter sangue alemão, ser de alma alemã. E renovem o juramento dos pais [...] de servirem com fidelidade alemã e dedicação alemã, até a última gota de sangue, ao seu Brasil, à terra que se tornou sua casa, pela qual, em resposta, seu coração bate em amor.³²⁴

No restante da semana, a folha em língua alemã trouxe matérias sobre a festa do Centenário, entre as quais a que destacava a participação oficial da Sociedade Orpheu no evento com sua bandeira, que

³²³ DEUTSCHE POST (semanal). São Leopoldo: Sábado, 19 de julho de 1924, p. 5. Sobre a comemoração oficial realizada em setembro vide Anexos 15 e 16.

³²⁴ *Ibid.*.

seria, após as festividades do dia, *colocada com as outras, no ginásio.*³²⁵ A notícia dessa participação, que em outras circunstâncias seria uma condição mesma da efetivação da festa, era agora destacada na folha em língua alemã. Tal fato, como já apontei, era um indicativo da nova postura que os orpheusistas haviam tomado. Considerando-se que o evento do centenário da imigração era uma festa de âmbito regional/nacional e, principalmente, que a Sociedade Orpheu até 1917 havia liderado, junto com as outras sociedades de origem teuta, todas as festividades e comemorações que envolviam os alemães, era no mínimo estranho vê-la decidir em reunião de Diretoria se iriam (ou não) participar do passeio à Feitoria junto com outras (co)irmãs.³²⁶

A *Deutsche Post* de 26 de julho trouxe, já na página 1, a descrição da comemoração do centenário da imigração alemã em São Leopoldo em 25 de julho de 1924, contada de forma emocionada pelo autor da matéria. Seu texto iniciava assim:

Ainda era escuro nas ruas e nos becos. Só um filete de luz, no céu, anunciava o amanhecer. [...]. Festivamente os sinos soavam longe, sobre a terra coberta de neblina e despertava o que dormia até tarde. É feriado! Anunciava a boca honrosa dos sinos. Feriado! Pois hoje são 100 anos que homens alemães e mulheres alemãs chegaram pela primeira vez e pisaram a terra que lhes foi casa assim como para nós. E festivamente os sinos tocavam sobre campos e montes. As casas estavam

³²⁵ *Ibid.*

³²⁶ A Ata da Diretoria, do mês de setembro de 1924, registra a sessão solene realizada no dia 22, na Sociedade Orpheu, comandada pela sua Diretoria e presidida pelo Capitão Thimotheo Oestreich, Comandante do 8º Batalhão de Caçadores. No contexto dos 100 anos da imigração, Frederico Ostermayer faz um histórico da contribuição do Orpheu – “*um pedaço da história da germanidade Rio-Grandense*” – e pauta o brasileiroamento da Sociedade Orpheu: “*Correntes que animam a unidade e união teuro-brasileira já se encontram disponíveis hoje. A quais resultados conduzirá é de se aguardar e, quando decorrerem 50 ou 100 anos nesta terra, estes ficam reservados a outro cronista.*” (in Anexo 17, p. 386-398).

*enfeitadas festivamente, inúmeras casas estavam embandeiradas em homenagem ao dia. A velha e amada bandeira alemã preta-branca-vermelha cumprimentava ao vento, em conjunto com a verde-amarela e a verde-vermelha-amarela do Rio Grande do Sul.*³²⁷

A programação dividiu-se em várias partes. Às 9h 30min, ocorreram culto e missa festivos em que o ponto alto foram as prédicas dos pastores e do padre. Na igreja Evangélica, o pastor Schröder centrou sua fala no agradecimento:

*[...] nós hoje estamos reunidos para um culto de agradecimento. [...] Há 100 anos havia uma casinha miserável de alemães aqui no Rio Grande. Hoje, os alemães são donos de colônias inteiras, no país todo. [...] Somos descendentes de trabalhadores e construtores alemães, cujo trabalho foi continuado por seus descendentes até nossa geração. [...] por isso nós queremos agradecer primeiro a Deus.*³²⁸

O ato festivo na Igreja Católica foi oficiado pelo Reverendíssimo Pe. Reitor Dr. Ludwig Koch, S. J., que falou sobre a necessidade de olhar para trás, para ver o trabalho dos pais e avós [...] *que aqui construíram uma cidade bonita e em desenvolvimento, de uma selva quase impenetrável.*³²⁹ Também ocorreu culto na Igreja Evangélica Luterana Missouri, oficiada pelo Pastor Beer, e na Capela Trindade, da Igreja Episcopal Brasileira, oficiada pelo Reverendo Ernesto Arnaldo Bohrer.

Ao meio dia, o espetáculo foi dado pelos sinos que tocaram três minutos, três vezes, com intervalo de um minuto entre cada uma dessas vezes. À tarde, o passeio à Feitoria Velha, matriz primeira dos alemães em

³²⁷ DEUTSCHE POST . Sábado, 26 de julho de 1924, p. 1.

³²⁸ *Ibid.*.

³²⁹ *Ibid.*.

São Leopoldo, reuniu cerca de 2.000 pessoas, entre visitantes e leopoldenses. O cortejo obedecia a uma ordem.

Na frente, a música; depois, a bandeira nacional e a velha preta-branca-vermelha alemã, atrás da qual caminhavam os visitantes de honra. Seguiam, então, as sociedades de fora com as suas bandeiras, [...] então vieram as sociedades leopoldenses 'Orpheus', Clube de Bolão 'Separat', 'Ginástica', 'União Operária' e 'Sport Club Nacional' e, atrás, os participantes da peregrinação, em grande número.³³⁰

Ao grupo juntou-se, depois, a caravana vinda de Lomba Grande, acompanhada de música e das bandeiras dos seus clubes. Da mesma forma que na Igreja, o ato principal da visita à Feitoria Velha foram os discursos, tendo falado o Dr. Martin Fischer, o Sr. Eduardo Duarte, do Instituto Histórico, e o Conselheiro Municipal Capitão Roberto Matthias Stoll. Nessas falas, salientou-se a saga dos pioneiros, lembrados com gratidão.

É numa terra dessas que os primeiros, os quais nós lembramos hoje, foram postos! Mas logo se mostrou que o pensamento do então Presidente da Província, José Feliciano, o então Visconde de São Leopoldo, não era nenhuma alucinação ou um sonho. O trabalho alemão, a aplicação alemã, a rudeza alemã e a fidelidade alemã conseguiram fazer da terra inóspita um abençoado celeiro do Brasil. Olhe em torno de si e em toda terra você verá prosperidade em flor, que o Rio Grande do Sul tem de agradecer ao trabalho alemão. E com justificado orgulho nós podemos dizer, neste dia festivo, que nós agradecemos com fidelidade alemã à terra que nos deu casa e pátria.³³¹

A fala de Eduardo Duarte foi uma verdadeira homenagem ao trabalho alemão, à aplicação alemã, à fidelidade alemã, enquanto que a fala de Roberto Stoll foi de emoção e recordação.

³³⁰ *Ibid.*

³³¹ *Ibid.*

Outro ato significativo ocorrido na solenidade ficou por conta de dois telegramas de “lembança” e “devotamento” enviados respectivamente ao Sr. Presidente da República e ao Presidente do Estado. Seu teor era o que segue:

PRESIDENTE REPÚBLICA

Rio de Janeiro

Habitantes Município São Leopoldo, mais antiga colônia do Estado, comemorando centenário dia chegada colonos alemães saúdam Vossência, hipotecam solidariedade elemento colonial espírito conservador ordem governo Vossencia.

PRESIDENTE ESTADO

Porto Alegre

Habitantes Município São Leopoldo comemorando centenário dia chegada colonos alemães Estado saúdam Vossência, afirmam sentimentos conservadores, ordem, dedicação poderes constituídos.³³²

À noite, a festa continuou nas dependências da Sociedade Ginástica, cujo ginásio foi posto à disposição para as comemorações. O ato festivo foi presidido pelo seu presidente. Entre as apresentações, o canto dos hinos “*In deutscher Noť*” (Na miséria alemã) e “*Lied der Deutschbrasilianes*” (Canção dos teuto-brasileiros), além das oratórias festivas das quais transcrevo, abaixo, alguns pontos. A primeira fala foi feita pelo Dr. Fischer, que disse:

Hoje é o dia historicamente consagrado e aqui é a cidade historicamente inaugurada, onde há 100 anos começou a colonização alemã que tanto contribuiu para a prosperidade e o florescer do Rio Grande do Sul. [...]. Em nome e em missão dos leopoldenses presentes eu tenho a honra de cumprimentar em primeiro lugar o Cônsul alemão, Sr. Dr. Dehnhardt, que está em nosso meio como representante oficial do Reino Alemão, da terra que foi a pátria dos que, há 100 anos,

³³² *Ibid.*, p. 2.

colocaram seu pé em solo riograndense por primeiro, que é a pátria de tantos milhares que vieram depois destes, que é a pátria-mãe de todos nós. O velho Reino Alemão em seu tamanho e beleza não o é mais. Deus usou pesadamente de sua mão sobre a velha, pobre [...] pátria, pela qual nossos corações batem mais fortemente hoje. Mas justo porque a Alemanha hoje está no chão, porque é tão desprezada e humilhada que nós nos declaramos com todo orgulho de nossa alma alemã a ela.

De coração aquecido nós confessamos: Nós amamos essa pobre e desgraçada terra de nossos pais. Sangue é mais consistente que água. Também a nós uma mãe alemã deu à luz. Com fidelidade alemã aos nossos irmãos de sangue lá na velha pátria, não queremos saber de dar essa terra e esse povo como perdido. A Alemanha não desaparecerá, não pode desaparecer, nunca. Nós acreditamos no país de nossos pais e nós confiamos no bom Deus lá em cima, que Ele salvará a terra alemã e o povo alemão da grande miséria de agora.³³³

Depois, em português, saudou as autoridades presentes o representante do Intendente em exercício, Oscar Stabel, o chefe político local, João Corrêa Ferreira da Silva, o representante do Intendente de Porto Alegre, Capitão Roberto Mathias Stoll e os demais convidados. Uma saudação especial, em alemão, foi dedicada a Aloys Friedrichs, destacado como um exemplo para todos os alemães daqui. Falou, agradecendo, o Cônsul Alemão. Sua fala terminou com um viva ao Brasil, ao qual os presentes responderam com entusiasmo, e, após, a orquestra tocou o Hino Nacional Brasileiro, que foi ouvido de pé pelos presentes.

O Tte. Coronel Fausto Villanova fez também uma longa fala em português. A tônica do discurso ressaltava a *importância do elemento alemão para o Brasil e para o Rio Grande do Sul.*³³⁴ Já o discurso do Conselheiro Municipal Roberto Matthias Stoll foi todo em português, mas

³³³ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, 26 de julho de 1924, p. 2.

permeado com palavras “ardentemente entusiasmadas” sobre o povo alemão “como povo”. O orador terminou sua fala com um grande viva ao povo alemão. *Com explosivo entusiasmo, todos se levantaram das cadeiras e cantaram em pé Deutschland, Deutschland über alles (Alemanha, Alemanha acima de tudo).*³³⁵ Depois, incluíram um quarto verso ao hino, que dizia:

*Alemanha, Alemanha acima de tudo e na desgraça agora mais do que nunca!
Só na desgraça o amor pode mostrar se ele é forte e real (original);
e assim deve continuar de geração para geração.
Alemanha, Alemanha acima de tudo e na desgraça agora mais do que nunca!*³³⁶

Entre muitos vivas aos alemães, ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, a festa prosseguiu com apresentações de ginástica e canções cantadas por grupos da sociedade anfitriã. Depois do término da cerimônia oficial, *os jovens ainda se encontraram para algumas danças, enquanto os mais velhos se reuniram em torno de uma mesa para um copo de cerveja, permanecendo juntos por algumas horas. Como era o costume dos antepassados, tomavam sempre mais um.*³³⁷

Dentro do clima de festa que reinava na cidade, a folha alemã destacou um outro aspecto da festividade que me pareceu significativo no contexto da comemoração: o da “cidade enfeitada”, isto é, bandeiras nas ruas, vitrines decoradas, pórticos com guirlandas e bandeirolas nas casas

³³⁴ *Ibid.*

³³⁵ *Ibid.*

³³⁶ *Ibid.*

³³⁷ *Ibid.*

particulares. Só na rua Independência contava-se em torno de 100 bandeiras, frisou a folha. A impressão festiva que a cidade passava nesse momento havia faltado nos últimos anos, disse a *Deutsche Post*.

Depois dessa “festa cívica”, as comemorações oficiais, que tinham sido transferidas para um período de tempo melhor, o mês de setembro, foram também perpassadas por discursos cujo tema era centrado nos agradecimentos aos pioneiros, na laboriosidade dos alemães e seus descendentes e na importância do elemento alemão para o Rio Grande do Sul e o Brasil. A festa oficial foi também apoteótica e caracterizou-se por ser mais ampla, com divertimento para todos os segmentos sociais da cidade, diferentemente da festa do 25 de julho, que foi principalmente “dos alemães”.

Analisando os acontecimentos que envolveram os festejos do centenário, é mister que se apontem algumas questões de fundo nas falas destacadas. Essas, para efeitos de compreensão maior, poderiam ser divididas em temas, que, tecidos juntos, dão a dimensão do que digo. O primeiro deles seria o do agradecimento. Os discursos foram unânimes nesse aspecto. Agradecer a Deus por ter conduzido sãos e salvos ao Brasil e ao Rio Grande do Sul homens e mulheres alemães que aqui vieram em busca de uma vida melhor, onde se incluíam terra e trabalho. Agradecer ao Brasil e ao Imperador D. Pedro I por ter oportunizado essa vinda, assim como ao Visconde de São Leopoldo por ter acreditado nesse projeto. Agradecimentos também foram feitos aos pioneiros, que permitiram o crescimento de seus descendentes com o seu trabalho inicial. Houve ainda

um discurso de louvação aos alemães que souberam crescer pelo seu trabalho. A frase “somos descendentes de trabalhadores e construtores alemães, cujo trabalho foi continuado por seus descendentes até a nossa geração” destaca-se pelas palavras *trabalhadores* e *construtores*. É assim que os teuto-brasileiros se vêem nesse momento. Ao lado da palavra trabalho, outra toma vulto. É a *fidelidade*, que transparece em todas as falas desse evento. Fidelidade refere-se principalmente aos governantes, ao Brasil e ao Rio Grande do Sul. É preciso atentar para o fato de que o processo de nacionalização era muito recente e que, por ele, os descendentes de alemães foram cobrados justamente em sua fidelidade, já que o “perigo alemão” foi apontado como uma ameaça à integridade do Brasil. Aqui cabe destacar que, embora fiéis ao Brasil, os teuto-brasileiros colocavam-se primeiro como alemães, tinham “orgulho de ser alemães”. Essa marca étnica aparecia com toda a sua força, apesar da crise alemã, naquele momento. Então a tônica nessa palavra-chave teve um significado especial. A fidelidade, por seu turno, era o caminho para a prosperidade. Trabalho e progresso eram uma espécie de *slogan*, um qualificativo que os alemães e seus descendentes se haviam outorgado e que, embora construído, lhes ficava bem, especialmente nos anos 20, quando estavam em ascensão econômica. Ademais, esse *slogan* fora reconhecido e reforçado pelas autoridades brasileiras em seus discursos nas comemorações do Centenário. Tais discursos destacavam a importância do trabalho alemão para o desenvolvimento de São Leopoldo, que fora transformada “de uma selva, ontem, para uma cidade, hoje”.

O destaque à “grandeza da obra alemã ” no Rio Grande do Sul vai-se completar no 101º aniversário da imigração, com a inauguração do Monumento ao Imigrante em São Leopoldo, obra liderada em sua feitura pela Sociedade Ginástica.

O evento serviu, como um todo, para o reconhecimento da participação dos alemães no desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Tal fato (re)estabeleceu alguns pontos importantes para a maior participação dos teuto-brasileiros na vida rio-grandense, e esse imigrante apareceu, então, como um dos principais agentes modernizadores do nosso Estado.

Quanto à cidade de São Leopoldo, [início dos anos 1920] sede do Município e Comarca do mesmo nome [...], assentada em uma vasta planície [...] muito sujeita a inundações [...], conta com 34 amplas ruas, 4 praças, 1.246 prédios e 7.000 habitantes³³⁸ [...]. Tem um comércio bastante desenvolvido havendo vários estabelecimentos industriais, dentre os quais se destaca a fábrica de fósforos.³³⁹

O perfil e uma certa “vocação histórica” de São Leopoldo foram traçados por esse fragmento do início da década de 20, sendo o primeiro dado pela geografia, e o segundo, pela atividade laboral.

Dois anos depois, em 1924, dois artigos publicados na *Deutsche Post* descreveram São Leopoldo como *uma cidadezinha muito*

³³⁸ Os dados apresentados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros estão desatualizados. Em PETRY, 1923, p. 1, os dados apontam que a população de São Leopoldo e arredores era, em 1920, de 10.680 habitantes. Conforme ROCHE, 1969, v. 1, p. 221, em 1920 a cidade possuía 1.251 prédios; em 1922, o número de prédios era de 2.494.

³³⁹ Município de São Leopoldo. In: ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros, v. 2. Porto Alegre: s.n., 1922, p. 321-328.

agradável,³⁴⁰ cuja construção deixou alguma coisa a desejar ao longo do tempo, pois nela cuidou-se mais da objetividade do que da beleza. Além disso, continuou a folha,

[...] *a nossa cidade se desenvolveu muito nesses últimos anos e, talvez valesse a pena por parte dos serviços públicos e responsáveis pela cidade, fazer os proprietários dos terrenos e construtores refletirem sobre os erros que foram feitos na construção da cidade até agora e, se é necessário persistir nos mesmos.*³⁴¹

Entre os erros apontados, estão a obrigatoriedade das “fachadas coroadas”, que não permitem jardins nem verdes na frente das casas. *Todas essas monótonas frentes das casas são impostas pelo regulamento, quando diz: 'só não deixar aparecer telhas'.*³⁴² Isso, na opinião da folha, deveria acontecer numa cidade grande, mas não numa cidadezinha. Por outro lado, o verde está desaparecendo e já há saudade do mesmo ao redor das casas. O desejo de natureza, diz a *Deutsche Post*, é tão grande que mesmo em São Leopoldo haverá uma fuga da cidade para locais como o *Steinkopf* (morro das pedras) ou para os barcos que seguem o “alegre vento” do Rio dos Sinos ou, se chegarmos a isso, em carro próprio visitar Bom Jardim. *Essa fuga de São Leopoldo também poderia ser entendida como um protesto contra a desfiguração dos locais arborizados nas ruas de nossa cidade.*³⁴³

³⁴⁰ DEUTSCHE POST – edição semanal, nº 313. São Leopoldo, Sábado, 19 de julho de 1924, p. 5.

³⁴¹ *Ibid.*

³⁴² *Ibid.*

³⁴³ *Ibid.*

O longo artigo aponta como uma das grandes reivindicações dos moradores do centro [...] *um lugar municipal, uma praça com passeios, árvores e flores, com bancos para descansar e um pavilhão de música no centro.*³⁴⁴ Aponta também algumas soluções encontradas pela municipalidade, como a colocação de bancos na Praça da Redenção, a construção da Praça da Estação ou a planejada Praça do Centenário ou Praça da Imigração. Demonstra o artigo que, pelo fato de São Leopoldo ter-se desenvolvido nos últimos anos mais para o lado sul, a Chácara Schmidt deveria ser preservada em parte para que a necessidade de praça central com parque, bancos para descansar, pavilhão de música, etc. se efetivasse.

Esse artigo aponta, finalmente, uma das maiores necessidades de São Leopoldo: a falta de moradias. E sugere que [...] *seria um ato realmente social e patriótico se alguns de nossos capitalistas (20 a 30) construíssem casas simples, limpas e com preço de alugar, para, dessa forma, remediar a necessidade mais urgente.*³⁴⁵

Em agosto desse mesmo ano, um segundo artigo deu continuidade ao tema da cidade de São Leopoldo como uma cidade bonita.

*São Leopoldo custou alguns contos não só para ficar mais bonita, mas também para ficar mais madura e sublime. [...]. Várias vezes só neste ano já ocorreram coletas, que reuniram a soma de 40 contos, para o monumento aos nossos antepassados, para a escola de nossos filhos e para a casa de nossos doentes. Isso merece todas as considerações!*³⁴⁶

³⁴⁴ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sábado, 19 de julho de 1924, p. 5.

³⁴⁵ *Ibid.*

³⁴⁶ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sábado, 9 de agosto de 1924, p. 2.

O artigo acrescenta ao tema um outro componente: o que destaca o amadurecimento da cidade, isto é, a sensibilidade dos moradores diante de questões de cunho social e afetivo. Tal demonstração, na ótica da folha, merecia todos os elogios, pois se tratava de ato sério, distintivo, no qual ficava patente a preocupação dos cidadãos com os assuntos da cidade, pois ser madura e sublime é, acima de tudo, ser participante. É um ato de cidadania.

Diferente desses gastos com obras de benemerência e de memória, outros gastos, privados e comerciais, serviram para embelezar o cartão postal da cidade. Por isso a folha fala das [...] *novas e ampliadas fábricas e das inúmeras e magníficas residências das famílias Bercht, Konrath, Dörnte, Stabel, Müller, Corrêa, Lemos, Moog e outros. Por algumas décadas elas figurarão no cartão postal da nossa cidade,*³⁴⁷ escreveu a *Deutsche Post*.

Um ano depois, a mesma folha anunciava que as construções, apesar da crise, não haviam parado em São Leopoldo. Como exemplo, citava a nova fábrica da Companhia Geral de Indústrias, a nova casa comercial de Germano Sperb, na rua da estação do trem, e a grande reforma e construção nova que a Sociedade Orpheu havia iniciado, *estendendo-se o salão até a rua Marquês do Herval.*³⁴⁸

³⁴⁷ *Ibid.*, p. 3.

³⁴⁸ Quando da reinauguração do Orpheu, em 11 de fevereiro de 1926, DEUTSCHE POST dedicou-lhe um imenso artigo, descrevendo todo o interior do clube e chamando a atenção para as novidades, entre as quais um salão de 18,80 X 12,00 metros, dois banheiros com água corrente e demais peças necessárias para o conforto das damas, biblioteca, sala da Diretoria, cozinha, copa, canchas de bolão, sala de bilhar, etc. “*O salão, como todas as*

As notícias sobre as belas casas continuavam a aparecer na *Deutsche Post* em 1928.³⁴⁹ Diz a folha que surgem construções novas, *contribuindo para o embelezamento da cidade*. Ela destaca as casas de Leopold J. Wolffenbüttel e de Theodomiro Porto da Fonseca na Rua Independência. Em outra data, aponta que L. C. Schmidt, sócio da firma F. G. Schmidt, constrói nova moradia na Rua José Bonifácio, esquina com São Miguel, *uma casa que contribuirá muito para o embelezamento da cidade*, conforme a folha em língua alemã.

A vida de uma cidade se dá a ler em suas ruas, suas praças, suas casas, seus edifícios”, diz Anny Silveira. Para ela, [...] *o estudo dos espaços, seus usos, seus significados [...] estão, muitas vezes, permeados por essa visão que toma a cidade como um texto, no qual os homens imprimem simbologias e significados diversos.*³⁵⁰ São Leopoldo, nesse caso, foi lida assim.

Nos textos que a *Deutsche Post* trouxe, transpareceu ainda uma inquietação sobre os rumos que a cidade em crescimento tomava, especialmente quanto ao verde e às moradias. Era outra forma de “ler” essa cidade, agora pelas ações da municipalidade no gerenciamento de São Leopoldo ou pela localização das casas “de cartão postal”. Poder-se-ia dizer

demais peças, está magnificamente enfeitado por luminárias, espelhos e pinturas”. Os responsáveis pela obra foram o arquiteto Germano Jacob Müller, August Weilde, Alfredo Lacerda [o desenho], Waldemar Seffrin e Stefan Scepka. DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Quinta-feira, 11 de fevereiro de 1926, p. 3.

³⁴⁹ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, 3 de agosto de 1928, p. 4; e 4 de agosto de 1928, p. 4.

³⁵⁰ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Acerca da leitura das cidades. *Vária História*, nº 16. Belo Horizonte, setembro de 1996, p. 79.

que os textos ajudaram a construir uma imagem da cidade, uma imagem que a empobrecia na medida em que os espaços públicos de sociabilidade desapareciam, mas que se enriquecia na medida em que as belas casas eram construídas. Os textos foram também portadores de sonhos, como o da praça com “um pavilhão de música no centro”, que não saiu do papel.

Por outro lado, esses textos permitem descobrir uma forma distinta de representação da elite leopoldense nos anos 20, configurada em suas “belas casas” e/ou na ajuda para a construção do monumento ao imigrante, da escola ou do hospital.

Jean-Luc Pinol, estudando os grupos sociais nas cidades americanas no século XIX, mostrou como características maiores de inclusão na elite as de [...] *pertencer às famílias mais antigas, ter origem inglesa, ter uma mesma orientação religiosa, pertencer ao mesmo clube.*³⁵¹ Para São Leopoldo, como se vê ao longo do trabalho, o pertencimento à elite alemã ou teuto-brasileira apontava sinais como ter origem alemã, falar alemão, freqüentar os mesmos clubes, ir à igreja católica ou luterana. Mas, tanto para as cidades estudadas por Pinol quanto para São Leopoldo, as residências também eram marcas evidentes de distinção das elites, assim como o seu modo de vida. Por outro lado, quando o desenvolvimento se acelerou, somente os “mais ricos” puderam preservar suas casas particulares no centro da cidade ou na melhor parte da rua.

³⁵¹ PINOL, Jean-Luc. *Le monde des villes au XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1991, p. 184-190.

Portanto, sem ser uma condição *sine qua non* da identificação da elite, as belas casas em lugares nobres da cidade e a filantropia têm na elite um dos seus principais parceiros. Juntando a essa análise os nomes dos proprietários das casas citadas, verifico, também, que ocupavam setores importantes da vida leopoldense. Seriam, nesse caso, uma parcela da elite teuta ou brasileira, oriunda do comércio, da indústria ou da carreira política.

O quadro de distinção e de representação da elite leopoldense dos anos 20 se completaria com a demarcação dos espaços públicos de lazer que a cidade possuía e que eram, em muitos momentos, apropriados pela elite para neles se representar. Falo nesse caso de alguns lugares como o Hotel Graeter e o Hotel Brasil, do Café Comercial, do Prado Leopoldense e da já conhecida Chácara Schmidt, além da sempre tradicional Rua Grande/Independência.

O Café Comercial localizava-se na Rua Independência (Rua Grande), no número 66, e seu proprietário era o Sr. Nicolau Braescher nos anos 20, sendo mais tarde adquirido por Arthur Ostermann. Por ser restaurante e café, apresentava-se como um espaço familiar. Nele, a clientela encontrava desde cerveja branca e preta até picolés e sorvetes na estação quente. O que o distinguia era, entretanto, o fato de ser *o ponto de encontro da elite leopoldense*,³⁵² ou, como disse um outro boletim de propaganda, ser o “ponto *chic*” do povo leopoldense. Nesse sentido, procurou colocar-se permanentemente como um espaço de sociabilidade. Como anota a *Deutsche Post*,

Os proprietários do muito visitado café (Comercial) se empenham de todas as maneiras para fazerem um lugar agradável de encontro de famílias, apesar do pouco espaço. Por isso, também começaram um pequeno aumento de restauração. Além disso, agora uma pequena orquestra fará concertos todas as quintas à noite e domingos e feriados à tarde. Por isso, o café tornar-se-á ainda mais atraente.³⁵³

Era ponto de referência *Nacional festeja vitória no Café Comercial*³⁵⁴; em frente ao Café Comercial foi construída uma tribuna musical para os "Vagalumes",³⁵⁵ para festas e para eventos das sociedades da cidade. Era também o local onde se vendiam ingressos para espetáculos ou se faziam apostas para o Prado Leopoldense. Por ser um lugar de reunião, era um dos espaços informais de lazer de São Leopoldo, tomando-se, depois, um lugar da memória na cidade.

Na mesma Rua Independência, dois hotéis ocupavam lugar de destaque no que concerne à sociabilidade, como antes tinha sido o Hotel Koch: eram os Hotéis Graeter e Brasil. O primeiro era o espaço do *chopp* desde os anos dez, de autoridades como o ex-Intendente Gaelzer Neto ou de jovens da elite, como os fundadores do Tênis Clube,³⁵⁶ e o segundo era considerado reduto dos maragatos, especialmente pela recepção acompanhada de discursos que se fez em 1923 em seus salões à comitiva revolucionária, entre a qual se encontravam Assis Brasil e Honório Lemes. Seu salão, entretanto, era ocupado também por outros segmentos políticos leopoldenses, pois em 1928 a Associação Comercial local ofereceu um

³⁵² DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sábado, 20 de setembro de 1924, p. 38.

³⁵³ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sexta-feira, 20 de dezembro de 1926, p. 4.

³⁵⁴ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Segunda-feira, 28 de agosto de 1927, p. 3.

³⁵⁵ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Quarta-feira, 5 de março de 1924, p. 4.

³⁵⁶ Sobre o TCSL, vide Anexo 18.

banquete a João Hennig, do PRR, por sua eleição para o Conselho Municipal. Portanto, era mais do que um reduto maragato. Era um espaço onde se efetuavam reuniões políticas e sociais. O que procuro mostrar é que esses lugares públicos de lazer eram também espaços de sociabilidade e, sobretudo, de representação que a elite usava, às vezes, para seu divertimento.

A Chácara Schmidt era um outro espaço ocupado desde meados do século passado pela população leopoldense. Era uma área verde em pleno centro que, no tempo sobre o qual nos debruçamos, ainda cumpria a função de ser pulmão da cidade e de ser espaço de sociabilidade por permitir vários tipos de lazer em seu interior. Assim, diversões como os piqueniques e churrascos do Partido Republicano Rio-grandense, os churrascos do Partido Libertador, as festas de Páscoa da Igreja Luterana, os jogos de futebol do Nacional F. C. ou os jogos de tênis do Tênis Clube Leopoldense, além das quermesses de escolas ou de clubes sociais da cidade, faziam parte do calendário de lazer dessa Chácara. O local, embora bastante democrático pela gama de seus eventos, em muitos momentos foi usado pela elite, funcionando então como seu espaço de representação.

Completando o quadro do lazer e da sociabilidade de São Leopoldo nos anos 20, é importante que se reserve um espaço para analisar a Rua Independência/Rua Grande. Espinha dorsal da cidade, capaz de congrega moradores, trabalho e lazer, nela e por ela passavam todos, como já descrevi em outros momentos. Assim, em dia de festa na cidade,

transformava-se em um palco a céu aberto e inseria-se de corpo e alma nas festividades. Os atores principais, quase sempre da elite local ou seus convidados, ocupavam-na e nela se apresentavam para seus pares e para o público em geral. *Na noite festiva de ontem, terça-feira, a folia do Carnaval atingiu seu ponto mais alto, como sempre. Num clima bom, agradável, a cidade mostrou um caráter festivo, principalmente na rua principal, para a qual compareceram inúmeras pessoas de localidades vizinhas.*³⁵⁷ No domingo, o bloco dos Vaga-lumes já havia realizado uma “batalha de flores”, também na Rua Independência. É nela, ainda, que dois anos mais tarde, realizou-se o Corso carnavalesco, *ao qual compareceu uma imensidão de pessoas*³⁵⁸ para ver o desfile. Rua de todos, palco de poucos, é o que se podia dizer da Rua Independência no final dos anos 20.

Como se pode deduzir do que foi escrito, os espaços públicos informais que existiam no centro de São Leopoldo na época oportunizavam à elite diferentes maneiras de representar-se, de utilizar ou simplesmente de viver os distintos tempos disponíveis. Nesse sentido, continuava como antes, sendo acrescida, agora, das grandes demonstrações festivas que o Clube Recreio Juvenil proporcionaria em seu trajeto desde a Chácara Schmidt até a Sociedade Orpheu.

Nos anos 1920, como já frisei, São Leopoldo era uma cidade em crescimento econômico. Impulsionado pela crise desencadeada pela Primeira Guerra Mundial, situou-se na década de 20 entre os municípios

³⁵⁷ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Quarta-feira, 5 de março de 1924, p. 4.

³⁵⁸ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1927, p. 3.

mais industrializados do Rio Grande do Sul juntamente com Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande e, contada a sua área rural, situou-se também como um dos grandes produtores agrícolas do Estado. Os dados compilados por Leopoldo Petry apontaram-na como *o primeiro parque industrial do Estado, depois de Porto Alegre*.³⁵⁹ Esse parque industrial, bastante diversificado, incluía uma maioria de pequenas e médias empresas, embora houvesse também algumas de grande porte, como Kautzman & Irmãos, com 40 operários, Augusto Jung, com 50 operários, e Feldman & Cia, com 40 operários. Os dados indicam que, tanto na área da indústria quanto na do comércio, fazia-se sentir a diversificação econômica do município, especialmente na sede.³⁶⁰

A sede ou 1º Distrito de São Leopoldo correspondia ao seu espaço urbano e arredores. Os dados apontam essa parte da cidade como uma área comercial e industrial por excelência. É ainda Leopoldo Petry quem quantifica os estabelecimentos industriais e comerciais aí existentes, encontrando, entre outros, 28 atafonas (nos arredores da cidade),³⁶¹ um matadouro, 15 botequins, 75 casas comerciais (secos e molhados, fazendas, ferragens e miudezas), 24 casas de comércio e preparo de couros e seus derivados (entre as quais, 7 curtumes), 3 fábricas de louças, 17 fábricas e depósitos de móveis, 1 empresa de navegação, 2 fábricas de chapéus, 4 fábricas de bebidas, 1 fábrica de fósforos, 1 fábrica de cigarros, 4 hotéis, 9

³⁵⁹ PETRY, Leopoldo. *O município de São Leopoldo. Dados históricos, geográficos e estatísticos*. São Leopoldo: Rotermund, 1923, p.1.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 75-110.

³⁶¹ Arredores da cidade são a Fazenda São Borja, a Feitoria Velha, Fazenda dos Prazeres, Morro dos Paula, Fazenda da Pedreira.

casas de pasto, 11 dentistas, 6 médicos, 7 modistas, 5 agências diversas (da Cooperativa Ideal, da Cia. Singer, de automóveis, de leilões, do Clube Excelsior), 5 bancos com sede na cidade (J. Pfeiffer e Cia., da Província, Pelotense, Nacional do Comércio, Banco Alemão).

O que se percebe da lista publicada para o ano de 1922 é que São Leopoldo e seus Distritos tinham uma grande e diversificada produção, o mesmo se dando em relação à área urbana da cidade. Aqui, é preciso observar que, se São Leopoldo é um todo como Município e é daí que advém a sua importância no contexto rio-grandense, para efeitos deste trabalho ele é considerado principalmente a partir dos dados que formam o primeiro Distrito, isto é, o centro da cidade e seus arredores. Com esse recorte, quero destacar que a estrutura urbana dava suporte para a formação de uma elite capaz de liderar econômica e politicamente o Município, quer como representação da classe, quer na vida política. Tal desenvolvimento possibilitou ainda que, no ano de 1920, industriais e comerciantes se reunissem para criar uma associação comercial que os representasse em nível local, regional e nacional.³⁶²

³⁶² No BOLETIM ECONÔMICO *nº 6 da ACIS/SL*, de março de 1995, p. 4, encontramos a lista dos fundadores e da 1ª Diretoria provisória da ACSL, como segue abaixo. *Diretoria*: J. Reinaldo Müller, Luiz Schmidt, F. Ostermayer e Cia. e Leopoldo Hofmann Fº. *Presentes e, portanto, fundadores*: João Reinaldo Müller, Leopoldo Hofmann Filho, F. Ostermayer & Cia., Luiz E. Schmidt, Carlos Octaviano de Paula, J. Edmundo Mohr, Emílio Maximiliano Müller, Schilling & Irmãos, Rotermond Co., Saturnino B. Tavares, Luiz Correa da Silva, Alberto Schwertner, Carlos Müller, Alberto Steigleder, João C. Gehlen, Luiz G. Müller, J. C. Alberto Helm, Waldemar Seffrin, Augusto Peter & Cia, Carlos Hennemann Filho, Roberto Seewald, H. J. Wolff, Germano Guilherme Müller, Jacob B. Fischer, Willymar L. Campani, Oscar Pedro Christmann, Thiesen & Regner, Novatski & Regner, Roberto Dörnte & Irmão, F. G. Schmidt & Cia, C. Foernges & Filhos, Adolpho Schiller, Oscar Stabel, Frederico G. Kessler, João Hennig & Cia. São Leopoldo: Associação Comercial, Industrial e de Serviços de São Leopoldo, 1995 (*vide* no Anexo 14 a Ata de fundação).

A Associação, depois de passar por alguns percalços, vai ser reestruturada em 1925 pela necessidade de união entre os comerciantes diante da crise no setor de transportes, pois [...] *a falta de vagões tornou a situação insustentável para o comércio que tem que se unir para, em conjunto, tomar as providências necessárias.*³⁶³ A reestruturação da Associação Comercial, assim, ocorreu logo em seguida, sendo fixados os seus Estatutos e eleita uma nova Diretoria, ficando na Presidência Frederico Guilherme Schmidt.³⁶⁴ Em 1927, uma nova Diretoria foi eleita. Seus membros eram:

*Presidente: Frederico Guilherme Schmidt (reeleito);
 Vice Pres: Dr. Ernst Rotermund (reeleito);
 1º Secretário: Augusto Dal Cortivo (reeleito);
 2º Secretário: Carl Lütke (reeleito);
 1º Tesoureiro: João G. Hennig (reeleito);
 2º Tesoureiro: Floriano Figueiredo;
 Adjuntos: Edwin Weinmann (reeleito); Alfredo Kupplich (reeleito); Frederico Guilherme Rieth (reeleito); Octacílio Silveira (reeleito); Guilherme Fick e Oscar Enck.*³⁶⁵

Outras empresas, na segunda metade da década, estavam também se (re)organizando, como a olaria de Leopoldo Feldmann e a Companhia Construtora Leopoldense, que resolveu o problema da falta de moradias na cidade, já apontado anteriormente. Um outro exemplo da pujança econômica de São Leopoldo é a presença, na cidade, de

³⁶³ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sábado, 10 de julho de 1925, p. 3.

³⁶⁴ Alguns desses nomes que formavam a ACISSL pertenciam também às Sociedades Orpheu, Ginástica e Juvenil. Frederico G. Schmidt foi Presidente do Orpheu em 1924/25 e da Diretoria até 1928; Guilherme Fick pertenceu à Diretoria de 1926; João Reinaldo Müller foi Presidente do Orpheu em 1927/28; Gemano Müller e Frederico Ostermayer eram atuantes associados desse Clube; Leopoldo Hofmann Filho foi Presidente da Ginástica entre 1923/28; Arthur Müller, também Presidente da Ginástica, entre 1934/35 (ele havia sido da Diretoria do Orpheu em 1926); Felipe Jacob Sperb havia atuado no teatro do Orpheu nos anos 20 e era agora da Diretoria do Juvenil; Carlos Octaviano de Paula, da ACISSL, era também da Diretoria do Juvenil.

³⁶⁵ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Terça-feira, 22 de março de 1927, p. 4.

representantes de uma nova Associação que estava surgindo no início de 1927 em Porto Alegre em busca de parceria. Tratava-se da Sociedade de Viação Aérea Rio-Grandense, cujos representantes, E. D. Meyer e M. Sauer, explicaram, em sucessivas reuniões, como seria o funcionamento da associação. A comissão encarregada de angariar sócios em São Leopoldo ficou constituída por Dr. Wolffenbüttel, Oscar Stabel, João Reinaldo Müller, Emílio M. Müller, Frederico Guilherme Schmidt e Dr. Ernst Rotermund.³⁶⁶

A permanente constituição de novas empresas e a busca da parceria leopoldense para formar sociedades em outros Municípios demonstram que São Leopoldo era um lugar economicamente forte nos anos 20. Sandra Pesavento,³⁶⁷ trabalhando com o que ela chamou de gauchização dos descendentes de alemães, apontará a década de 30 como aquela em que se dará essa passagem, tendo como eixo condutor os caminhos da modernização, isto é, mostrará que foi pela acumulação de capital de origem teuta e sua aplicação na indústria o que, por sua vez, se refletiu na transformação urbana da cidade de Porto Alegre, que se tornará moderna, que os alemães se tornarão gaúchos. A inserção definitiva do teuto-brasileiro nesse processo será feita pela sua “reconhecida” contribuição para essas melhorias, diluindo-se assim as diferenças. O mesmo processo ocorrerá em São Leopoldo. Nela, os anos 20 já mostravam uma iniciante “gauchização” dos teuto-brasileiros, explicitada no crescimento econômico que se expressava em melhoramentos materiais e de infra-

³⁶⁶ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Terça-feira, 26 de abril de 1927, p. 3.

³⁶⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. De como os alemães se tornaram gaúchos pelos caminhos da modernização. *In*: MAUCH; VASCONCELLOS, 1994, p. 199-207.

estrutura da cidade e uma crescente inserção de seus homens públicos no processo político-partidário regional e nacional.

O reconhecimento pelas autoridades brasileiras da participação alemã nesse processo de crescimento, afirmado no Centenário da imigração, contribuirá para a diluição das diferenças étnicas e a conseqüente inserção dos teuto-brasileiros leopoldenses na categoria de “gaúchos”. Nesse sentido, o período de governo de João Corrêa foi muito importante, já que foi marcado pelo desenvolvimento do setor energético e pela melhoria das estradas e do setor de transportes. Além do desenvolvimento da infraestrutura, o Intendente colocou entre seus projetos também a construção de um hospital municipal, o que explicita uma visão de política pública.

Ao mesmo tempo em que é necessário destacar a boa administração de João Corrêa ³⁶⁸ (1924-1928), é preciso apontar que, nesse momento, São Leopoldo estava ultrapassando uma outra barreira: a da indicação de um leopoldense como candidato a Deputado Federal pelo PRR, o partido hegemônico no Estado. Tratava-se de Lindolfo Collor. Nascido em São Leopoldo, mas tendo construído sua vida política fora da cidade, Collor era um bom exemplo do teuto-brasileiro que alcançara sucesso na vida política e agora era indicado a Deputado Federal. Embora não fosse uma indicação de São Leopoldo, a cidade, ou melhor, parte dela, tomou partido a favor do candidato nas eleições de fevereiro de 1927. Tal posicionamento deu-se através da *Deutsche Post* em conseqüência da posição tomada por

³⁶⁸ Sobre a administração de João Corrêa, ver a obra de PORTO, Aurélio. *O trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1996.

um grupo de católicos, da “Associação de moços católicos”, que, juntamente com o padre Vigário de São Leopoldo, aconselharam, também via *Deutsche Post*, os eleitores católicos a não votarem no candidato Collor por não ter defendido determinadas propostas católicas noutros tempos. *O Deputado Collor [...] se comportou como um inimigo declarado da Igreja. Então [...], um candidato a Deputado que é inimigo da religião [...] é aconselhável que lhe recusemos o voto.*³⁶⁹ Na defesa de Collor, posicionou-se um “grupo de republicanos” através da *Deutsche Post*. (Esta frisava em cada jornal que as declarações estampadas na folha eram posições de responsabilidade de quem as publicava.) Esse grupo analisou a posição do Vigário e da União Católica como uma posição contra o PRR. O padre Vigário, diz a *Deutsche Post*,

*[...] com machado de guerra na mão direita e com a cruz na mão esquerda, luta contra um diabo que ele mesmo desenhou na parede. Se o Deputado Collor e com ele outros deputados do Partido Republicano se colocaram a favor da separação limpa entre religião e Estado, foi pelo desejo do Estado e da Religião. E, se carimbar esta atitude varonil de inimizade religiosa, é porque ele explica no seio exclusivo da igreja católica e na arrogância jesuítica o único domínio da religião.*³⁷⁰

Na folha do dia 19 de fevereiro, uma semana antes do pleito, foi publicado um outro artigo cujo título *Uma questão de honra! Por que votamos Republicano em 24 de fevereiro* — adianta o seu conteúdo. Depois de afirmar que o padre Vigário queria mesmo era demonstrar sua simpatia à oposição e que não cabia à igreja fazer descarte de candidatos, os republicanos dirão:

³⁶⁹ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, 12 de fevereiro de 1927, p. 7-8.

Nós, eleitores nascidos alemães, temos todo o motivo de estarmos gratos ao Partido Republicano e, em especial ao Presidente Estadual. Nossos direitos culturais são totalmente reconhecidos por ele como também pelo governo federal. Nossas escolas e igrejas podem se desenvolver livremente, nossos trabalhos econômicos e culturais têm todo reconhecimento. (Nesse sentido) nós lembramos da fala do atual presidente nacional, Washington Luís, realizada no ano passado em Porto Alegre na Sociedade Ginástica. E está fora de questão que nós nos podemos arranjar numa cooperação fechada de aparato político e também ter uma influência competente dentro do Partido Republicano. Que essa cooperação foi calorosamente saudada pelo Partido e em nenhuma forma atrapalhada, já mostra a composição do atual governo federal no qual o elemento de nacionalidade alemã está eminentemente representado.³⁷¹

A eleição a Deputado Federal de Lindolfo Collor representava, para São Leopoldo, um pouco mais que o cumprimento dos propósitos do Partido Republicano. A questão era de âmbito maior, pois tratava-se, como mostra o texto acima, da afirmação dos teutos na política nacional. Era, pois, uma questão alemã que estava em jogo. E, nesse sentido, a solidariedade e a representatividade da etnia deveriam falar mais alto. Daí o protesto tão veemente dos republicanos contra a União Católica.

Seyferth, falando da etnicidade aliada à ascensão social, argumenta que a pré-condição para a participação política dos teuto-brasileiros era mais do que ter nascido no Brasil. Era a assimilação que se fazia necessária. Poder-se-ia dizer, parafraseando Seyferth, que Lindolfo

³⁷⁰ *Ibid.*

³⁷¹ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Sábado, 19 de fevereiro de 1927, p. 4.

Collor era “*um assimilado exemplar*”.³⁷² Sua trajetória, nesse sentido, havia sido a do aprendizado do português, da saída para estudar fora, do trabalho com os brasileiros, da entrada na política e do casamento fora do círculo alemão. Acima de tudo, entretanto, ele representava para os “alemães”, no episódio em questão, a sua possibilidade de ascensão política às mais altas esferas do país, como bem mostra a publicação dos “republicanos leopoldenses”.

A década de 20 em sua segunda metade será, ainda, palco de uma disputa política entre São Leopoldo e Novo Hamburgo, fato que vinha-se mostrando ao longo da República Velha e que culminará com a emancipação de Novo Hamburgo em 5 de abril de 1927. O episódio, do ponto de vista político, explicitava a forma de agir de Borges de Medeiros, chefe do Partido Republicano Rio-grandense [PRR] e Presidente do Estado, por um lado; mas, por outro, mostrava também o grau da disputa política local. O episódio teve vários momentos importantes, entre eles, a intervenção de Borges de Medeiros no município de São Leopoldo para arranjar a política local em 1924. Como conseqüência, João Corrêa F. da Silva, empresário do setor da construção e chefe local do PRR, foi eleito para a Intendência em outubro desse mesmo ano. Sua posse foi comemorada com um churrasco aos correligionários na Chácara Schmidt, com um banquete festivo, oferecido pelos amigos na Sociedade Orpheu, e com um baile na Intendência.

³⁷² SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e ascensão social. *XXI Reunião anual da ANPOCS*. Caxambú, Minas Gerais, outubro de 1997, p. 24, fotocópia.

João Corrêa, apesar de sua boa administração, não pode evitar a emancipação política de Novo Hamburgo. Este fora um projeto que os hamburgueses puseram em andamento desde muito cedo. Tramitando em duas instâncias, junto ao governo do Estado e junto ao Conselho Municipal de São Leopoldo, o projeto foi aprovado em 1927 por uma manobra do primeiro e contra o qual se haviam colocado unanimemente os leopoldenses pelos seus conselheiros municipais, como mostro adiante.

Na criação do novo município, figuravam questões de cunho político e econômico. Na política, estavam as inegáveis lideranças de Jacob Kroeff Filho, de Jacob Kroeff Neto, de Pedro Adams Filho e de Leopoldo Petry junto a Borges de Medeiros (em oposição às lideranças leopoldenses). Os Kroeff haviam sido representantes do Município desde o início da República, com uma atuação que se destacava em favor dos alemães. Na economia, o crescimento de Novo Hamburgo (2º Distrito), mostrado por Petry, em 1922, confirmava a possibilidade que a localidade possuía de se autogovernar e, ao mesmo tempo, desnudava a penúria do distrito hamburguês, que

*[...] não pode adiar por mais tempo o calçamento das ruas, a organização das praças, o fornecimento de água, instalação de esgotos e introdução de outras medidas de ordem pública que a higiene impõe, o progresso exige e a que a população tem direito.*³⁷³

Ao longo dos anos de 1925 e 1926, o 2º Distrito continuou tentando a sua emancipação, esbarrando, sempre, na negativa do Conselho

³⁷³ Abaixo-assinado enviado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pela Comissão Emancipadora de Novo Hamburgo. In: MOEHLECKE, 1978, p. 281.

Municipal de São Leopoldo. O mês de março de 1927 trouxe, novamente, o assunto dessa emancipação política. Um leitor que se assinou como “um patriota local” escreveu na *Deutsche Post* que

*[...] realmente os inteligentes e aqueles que também pensam no futuro afastam mais e mais uma real separação do nosso lugar e a fundação do um município próprio [...], pois se os nossos dirigentes, hoje, ainda entoam e com isso também são sinceros, se nós mesmos podemos votar nossos funcionários, eles esquecem por completo que nós só pensamos, mas Borges dirige.*³⁷⁴

Nesse mesmo fim de mês, a *Neue Deutsche Zeitung* noticiou que o assunto da separação do distrito de Novo Hamburgo com a finalidade de formar um novo município voltava a ser o assunto do dia. Em 13 do mês seguinte, a mesma folha noticiava que *Novo Hamburgo é Município!* [...]. *O Presidente do Estado através do Decreto de ontem (5) instituiu o Município de Novo Hamburgo, do 2º distrito de São Leopoldo. O senhor Jacob Kroeff Neto foi instituído como Intendente do novo município, através do mesmo Decreto.*³⁷⁵ O Decreto era o de número 3.818, do Presidente do Estado. Ao Conselho Municipal de São Leopoldo, que se opunha à separação, restou o caminho da formação de uma comissão, da qual fizeram parte Gustavo Vetter, Bruno Bercht e Dr. Ernst Rotermund, para fazer um parecer sobre o assunto. Os pareceristas trabalharam em cima de três questões básicas:

- 1- O Presidente do Estado, sem mais, fundar um Município?

³⁷⁴ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Terça-feira, 29 de março de 1927, p. 4.

³⁷⁵ NEUE DEUTSCHE ZEITUNG. Porto Alegre, 13 de abril de 1927, p. 3.

- 2- A fundação do Município de Novo Hamburgo é benéfica ou oportuna?
- 3- Que atitudes o Conselho deve tomar?

O resultado do trabalho da comissão apareceu na reunião do dia 17 de abril, quando, depois de lidos os pareceres, o Conselho houve por bem acatar a decisão da comissão de que [...] *não há nenhuma decisão a ser tomada e confirma que vê os esforços de separação de Novo Hamburgo como justificados mais adiante, mas a sua realização no momento não é benéfica.*³⁷⁶ Acordos posteriores entre os dois municípios é que levaram ao reconhecimento daquele por parte da administração de São Leopoldo.

Coroando as questões políticas que perpassaram o ano de 1927, que não eram isoladas das questões políticas rio-grandenses, ocorreu em São Leopoldo a formação da comissão local do Partido Libertador.³⁷⁷ Nesse mesmo tempo, um grupo de 254 homens da cidade, independente da cor partidária (o total de nomes era em torno de 800), endereçou um abaixo-assinado ao Intendente, Sr. João Corrêa, sugerindo o nome do próximo Intendente para São Leopoldo:

[...] o nome do homem que deverá ser seu sucessor no cargo como administrador do nosso próspero município. Em vista do grande significado dos enormes trabalhos para o extraordinário progresso de São Leopoldo que os senhores empreenderam, é de absoluta necessidade que seu sucessor esteja em

³⁷⁶ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, 13 de abril de 1927, p. 3. Conforme a folha, estiveram presentes os Conselheiros Leopoldo Hofmann Filho, Bruno Bercht, Dr. Ernst Rotermund, Frederico A. Moog, Vicente Hennemann, Gustavo Vetter e Antônio Rodrigues da Silva.

³⁷⁷ A diretoria do Partido Libertador, fundado em 20/5/1928, teve como presidente o Sr. Dr. João Dutra; secretário, o Sr. Gabriel Bello; tesoureiro, o Sr. Othon Blessmann. Para diretores, foram eleitos os senhores Wilhelm Fick, Christian Moog, Demenciano Lemos de Aguiar, José Cordova, Henrique Scharlau, Edmundo Stumpf e F. G. Dreyer.

*condições de continuar a obra, de forma que não haja desordem na administração municipal.*³⁷⁸

Seu nome? Theodomiro Porto da Fonseca.

No início do ano de 1928, as nominatas para as eleições municipais começaram a aparecer. O lançamento dos candidatos à eleição municipal pelo Partido Libertador recaiu sobre as pessoas de Dr. João Dutra e Wilhelm Fick.

Nesse mesmo contexto, o PRR lançou a sua nominata completa, que era composta por Major Theodomiro Porto da Fonseca, para Intendente, e Major Luiz Lourenço Stabel, para Vice-Intendente. Para conselheiros, os indicados foram os senhores José Carlos Sperb, Emílio Augusto Dexheimer, João Hennig, Joaquim José Schneider, Balduino Weber, Emílio Vetter, Affonso Edwino Schmitt, Jacob Boll.³⁷⁹

Não é preciso dizer que a chapa do PRR foi eleita e que a da oposição conseguiu eleger Wilhelm Fick³⁸⁰, cuja vaga (1) já estava reservada para essa mesma oposição.

Em 12 de outubro de 1928, o Intendente eleito tomou posse. Nesse mesmo dia, foi-lhe oferecido um “banquete festivo” na Sociedade

³⁷⁸ DEUTSCHE POST. São Leopoldo, Segunda-feira, 19 de dezembro de 1927, p. 3-4.

³⁷⁹ Ao menos dois nomes entre os Conselheiros Municipais pertenciam também ao grupo que dirigia o Clube Recreio Juvenil.

³⁸⁰ Era da Diretoria do Orpheu em 1926.

Orpheu por seus amigos e companheiros partidários.³⁸¹ A partir daí, começou o longo período de governo de Theodomiro Porto da Fonseca.

O exposto até agora permite-me afirmar que a ascensão econômico-política propiciou aos teuto-brasileiros uma interação maior com a sociedade gaúcha e permitiu sua afirmação definitiva na vida política rio-grandense e nacional. Para que tal fato ocorresse, foi fundamental a festa do Centenário, quando ficou patente o reconhecimento por parte das autoridades brasileiras da importância dos teuto-brasileiros no desenvolvimento do Estado e do País. Pode-se, também, observar que os espaços de lazer e sociabilidade estavam em transformação na década de 1920, quer nos clubes mais antigos, pelo abasileiramento maior de um deles, quer pelo novo espaço que surgia para uma elite econômica que buscava um espaço de distinção para nele se representar política e socialmente, independente de conotação étnica. Pode-se, em terceiro lugar, reafirmar que os clubes sociais continuavam sendo um grande espaço de representação porque por seus salões desfilavam tanto as elites políticas, quer de um lado quer de outro, quanto as elites econômicas, de origem teuta ou lusa. Os salões eram, seguramente, espaços de representação política e econômica, mas eram, acima de tudo, espaços de ociosidade, de lazer, de

³⁸¹ A Comissão organizadora desse banquete era composta pelos senhores Fr. Adolfo Moog, Fernando Gaertner, Floriano Figueiredo, João B. Kieling da Costa e Oscar Boeckel. DEUTSCHE POST. São Leopoldo, 10 de setembro de 1928, p. 3.

sociabilidade, de tramas sociais cujos nós estavam amarrados na própria história da cidade.

PARTE 3

A CENA ILUMINADA

Até aqui, o cenário e a trama social, com seus respectivos atores, ocuparam o centro deste trabalho. A vila e depois cidade de São Leopoldo foram os espaços estudados. Introduzindo o tema, tracei um mapa com aspectos dos diferentes cenários da sociabilidade que marcaram a civilização ocidental, a sociedade brasileira, a sociedade rio-grandense e a sociedade leopoldense em tempos compreendidos entre 1850 e 1930. Depois, incluí no cenário local, que é o meu principal cenário, os personagens, representados pela elite leopoldense e pelos clubes sociais que ela própria criou. Cada um desses clubes, com suas peculiaridades, foi um espaço de representação da elite, que, para isso, usou também os espaços públicos das chácaras, das praças e da Rua Grande nos tempos apontados.

A trama social explicitada nos capítulos anteriores será agora retomada e iluminada para destacar o que chamo de teatro da sociabilidade.

No teatro, quando o palco se ilumina, é porque o espetáculo vai começar. Ou porque já terminou. Neste trabalho, ao iluminar partes do seu todo, partes que não são destacáveis, quero (re)compor alguns tempos no espaço de São Leopoldo. Ao fazê-lo, o que quero é 'pinçar' do todo indivisível um momento, um ano, um episódio e, a partir dele, analisar as diferentes maneiras pelas quais se deram as representações que a elite urbana de São Leopoldo desenvolveu no espaço dos clubes sociais e no espaço da rua. Por outro lado, ao dar destaque aos recortes temporais, estou mostrando que a elite leopoldense, vista em diferentes momentos históricos, apresentou-se de forma distinta. Nesse sentido, é possível estabelecer, ainda, algumas comparações entre os diferentes recortes apontados.

A iluminação será, pois, o caminho através do qual vou olhar os clubes sociais mais além de sua função de espaços de sociabilidade.

7. O TEATRO DA SOCIABILIDADE

Achando-se na localidade [São Leopoldo], o então Cel. Ildefonso Pires à frente de uma coluna composta de batalhões da Guarnição de Porto Alegre, o Cel. Guilherme Gaelzer, então Intendente, deliberou oferecer ao Cel. Ildefonso e seu Estado Maior um baile de gala na Sociedade Orpheus. Na noite do referido baile, o Intendente, em seu carro particular, fardado de Cel. da Guarda Nacional, com duas ordenanças de lanceiros foi ao Quartel buscar a comitiva.

Por esse tempo, em toda Rua Grande, havia nas esquinas uns possantes focos de luz elétrica, que se achavam apagados mas, ao aproximar-se a comitiva iam-se acendendo, o que deu um aspecto sublime, devido à intensidade da luz nas fardas reluzentes. Chegados ao Orpheus, foi iniciado um esplêndido baile.³⁸²

Essa pequena narrativa ilustra o que chamo de teatro da sociabilidade. Havia o espaço, os personagens, um palco iluminado e o Orpheu – o patamar maior da representação sóciopolítica de São Leopoldo até o final dos anos 20. O espetáculo montado na Rua Grande, a principal da cidade, terminava no Clube, que por esse tempo era o espaço de ver e

³⁸² SILVA, José da. Vida urbana, usos e costumes. Crônicas de São Leopoldo: ano de 1886-1933. *Anais do Simpósio comemorativo ao centenário de São Leopoldo*. São Leopoldo: Rotermund, 1946, p. 350.

ser visto. Ou seja, era onde os leopoldenses se construíam como elite e se (re)apresentavam aos seus iguais.

A elite que se constrói ao longo do tempo em São Leopoldo é oriunda de um processo de ascensão social e econômica que vem-se formando desde meados do século XIX. Durante esse tempo, ela vem gradativamente traçando estratégias para alcançar um *status* mais elevado, seja internamente, entre seus pares, seja externamente, diante da sociedade nacional. A fundação de sociedades recreativas de canto, bolão, tiro ou ginástica faz parte dessa estratégia. Era nos clubes sociais ou no espaço da cidade que se davam as práticas sociais e as representações da elite leopoldense. Era ali, também, que elas podiam ser “lidas” de múltiplas formas.

F. Ostermayer escreveu que *o bem-estar material, que se desenvolveu enormemente nas colônias alemãs, [em São Leopoldo] após a Guerra dos Farrapos, conduziu também à criação das sociedades.*³⁸³ Paulo Filipe Monteiro mostrou que a adaptação e ascensão social dos imigrantes portugueses em Connecticut (EUA) *se fez através de práticas de sociabilidade.*³⁸⁴ Ambos falam de formas de fixação à nova terra através de práticas já conhecidas em sua terra natal. As lembranças trazidas não paravam por aí, uma vez que as *associações não são somente as*

³⁸³ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, 31 de agosto de 1927, p. 1. Texto escrito por Frederico Ostermayer a propósito dos 70 anos de fundação da Sociedade Orpheu .

³⁸⁴ MONTEIRO, Paulo Filipe. Emigrantes emigrados: da Lousã ao Connecticut uma investigação em dois tempos. In: NIZZA DA SILVA, 1993.

*depositárias de um passado coletivo. Elas são, igualmente, as guardiãs da memória individual de cada um.*³⁸⁵

Analisando, por exemplo, a fundação do Clube de Canto “Orpheus” e a sua transformação em um clube social com uma sede construída em um curto espaço de tempo (quatro meses), vejo que ele possuía um significado preciso, um discurso não-enunciado mas explícito que destacava a competência e as condições econômicas do grupo fundador. Penso que construir tal prédio com verba particular (fruto de cotização entre os sócios e paga com o dinheiro da Sociedade a juros de 8% ao ano) representava os interesses desse grupo de comerciantes e industriais artesãos na conquista de outros espaços, além dos sociais, na vila/cidade.³⁸⁶ Assim, as práticas de sociabilidade desenvolvidas pelas elites de São Leopoldo na década de 1850/60 do século XIX podem ser vistas, de acordo com Chartier, como *exibição de uma presença*³⁸⁷ diante de seus pares e diante da sociedade luso-brasileira.

Na década de oitenta, destaco como importantes os Clubes fundados pelos teuto-brasileiros na cidade, a saber: 1878 - Clube dos Atiradores; 1883 - Clube de Bolão Separat (filiação à Sociedade Orpheu);

³⁸⁵ PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des notables lyonnais au XIXe. siècle*. Lyon: Editions Lyonnaises d'Art et d'Histoire; Press Universitaire de Lyon, 1996, p. 21.

³⁸⁶ Algumas informações esparsas dão conta que Wilhelm Haertel – fabricante de cerveja e importante comerciante do ramo em São Leopoldo –, um dos fundadores da Sociedade Orpheu, pertencia à maçonaria antes mesmo da fundação da Loja Maçônica em São Leopoldo em 1874. Isso significa que, quando falo de uma elite teuto-brasileira em São Leopoldo, estou falando não só de comerciantes enriquecidos, mas também de intelectuais ligados à maçonaria.

³⁸⁷ CHARTIER, 1990, p. 20.

1885 - Sociedade Ginástica Leopoldense. Na década de 1890, um outro Clube de Tiro foi fundado, sendo uma dissidência do primeiro.

Analisando a ampliação das atividades de lazer em São Leopoldo nessas décadas, vejo nesse fato um sinal do crescimento das necessidades da elite urbana da cidade no período e a busca de um outro tipo de atividade mais ligada à ala masculina (como o bolão e o tiro). Como destacou o Boletim Municipal,³⁸⁸ a vinda de alemães para trabalhar em indústrias de São Leopoldo incentivou o desenvolvimento dos clubes ligados ao Tiro.

As novas sociedades usavam, de início, como seu espaço de lazer, a sede da Sociedade Orpheu, tornando-a a mais concorrida das sociedades do centro urbano leopoldense. Banquetes, bailes, festivais, teatro, concertos, *kerb*, tudo acontecia em seus salões. Era o “espaço-mor” da sociabilidade, nesse período, e, portanto, o espaço de visibilidade das elites leopoldenses. Isso possibilitava ao Clube abrigar os diferentes segmentos sóciopolíticos urbanos de São Leopoldo porque eram todos oriundos de uma mesma matriz: a elite teuto-brasileira.

No que se refere à expansão das atividades clubísticas, elas tornavam-se cada vez mais freqüentes, especialmente para os homens, pois jogar bolão, jogar cartas ou bilhar, praticar alguma modalidade de ginástica ou participar de grupos de canto e de teatro eram atividades em que predominavam os homens nos anos 1880. Além de manifestações de lazer,

³⁸⁸ MORAES, 1946, p. 234.

tais atividades eram ainda práticas sociais que possibilitavam ver e ser visto, já que o *divertimento coletivo faz parte também do complexo jogo da representação social*.³⁸⁹

No final da década de 1920, a sociabilidade leopoldense alcançou um patamar mais elevado com a fundação do Clube Recreio Juvenil em dezembro de 1927. Foi um dos acontecimentos marcantes da vida social da cidade nessa década, juntamente com a festa do centenário da imigração alemã. Esse clube representou o espaço mais elitizado de São Leopoldo, e seus associados consideravam-se uma fração local da elite rio-grandense. Os idealizadores do Clube, ao organizarem o novo espaço social, sinalizavam dois pontos importantes: o primeiro dizia respeito à busca de um patamar de representação diferenciado do das sociedades que até então existiam em São Leopoldo e que já não respondiam aos interesses de todos os segmentos da elite urbana leopoldense. Tal patamar poderia, ao meu ver, ser chamado de exibitório. Alain Corbin, analisando a evolução do lazer, diz que

*Durante a segunda metade do século XIX o modelo de lazer herdeiro do antigo ócio com dignidade, que associa disponibilidade e atividade consentida, entra em concorrência com a atividade ostentatória, isso é, a que se dá a ver nos palácios, no interior dos trens de luxo ou nos barcos.*³⁹⁰

O Clube Recreio Juvenil, visto a partir do que mostrou Corbin, isto é, ao realizar só bailes de gala, ao eleger anualmente a sua rainha e ao homenagear setores importantes da vida rio-grandense, inaugurava uma

³⁸⁹ CORBIN, 1995, p. 169.

³⁹⁰ *Ibid.*, p. 55.

gama de práticas sociais que também poderiam ser chamadas de ostentatórias. Nesse espaço, o *glamour é a distinção* eram palavras-chave. A nova elite juvenilista evitava, com tais atitudes, uma certa uniformização social, já que primava pelo princípio da diferenciação. Conforme assinala Bourdieu, *o princípio de diferenciação é o meio através do qual a elite defende sua distinção.*³⁹¹ Assim, ao se distinguir pelas suas festas, o Juvenil atingia o escalão mais alto da sociabilidade em São Leopoldo, embora usasse os mesmos espaços que os outros clubes para as suas atividades. É preciso ter presente, porém, que tal Clube refletia a imagem de um determinado grupo econômico leopoldense.

O segundo aspecto sinalizado pelos idealizadores do Juvenil era mais subjetivo e estava ligado à estrutura dos clubes tradicionais da cidade onde os dirigentes permaneciam durante muitos anos nos cargos,³⁹² não havendo espaço para novas e/ou jovens lideranças. Desta forma, o novo espaço social era também a “cara nova” de grupos que até aquele momento não tinham tido oportunidade nas sociedades tradicionais de São Leopoldo. Portanto, ao buscar um novo espaço de representação, em um outro contexto, pós-Primeira Guerra Mundial e pós-1924 e sem um compromisso explícito com o passado histórico da cidade, essa jovem elite teve oportunidade de se lançar no cenário público leopoldense para aspirar, no futuro, também ao poder político. Com isso, reafirmo a idéia que venho

³⁹¹ BOURDIEU, Pierre, citado por PORTER, Roy, In: CORBIN, 1995, p. 54.

³⁹² A Sociedade Orpheu em seu Relatório de 50 anos diz que as diretorias dos primeiros 50 anos eram *um tanto dinásticas*. Na Sociedade Ginástica, alguns presidentes se perpetuavam no poder, como Germano Weinmann, que ficou no cargo de 1911 a 1919 e,

desenvolvendo de *que fundar Clubes sociais* foi uma estratégia de representação que a elite urbana de São Leopoldo usou ao longo do tempo para se mostrar interna e externamente. Foi esse “teatro da sociabilidade” que conduziu muitos de seus membros aos cargos políticos da cidade.

Os clubes estudados, sendo espaços de representação das elites alemãs e teuto-brasileiras, estiveram, por conseqüência, marcados pela presença de uma cultura de origem alemã exibida externamente em eventos descritos ao longo deste trabalho. Na organização interna, os clubes marcaram o seu nascimento com estatutos.

Analisando os objetivos desses estatutos, isto é, por que as sociedades foram criadas, percebi algumas modificações na escrita de tais documentos ao longo do período estudado. Atribuí tais mudanças à dinâmica da vida social e aos interesses sóciopolíticos e econômicos que se faziam presentes no cotidiano das sociedades e/ou dos grupos que as formavam. Em 1858, por exemplo, o Estatuto da Sociedade Orpheu propunha, como ponto fundamental, criar uma sociedade cujo objetivo era, através do canto, *promover uma vida sociável cordial e harmoniosa entre os patrícios alemães*.³⁹³ Nessa mesma Sociedade, o Estatuto de 1915, o segundo, propunha *cultivar a sociabilidade entre seus membros, bem como desenvolver a cultura alemã e o amor pela pátria brasileira*.³⁹⁴ O segundo Estatuto da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, datado de 1923, na

depois, Leopoldo Hofmann Filho, que ocupou o cargo de presidente entre os anos de 1923 a 1928.

³⁹³ 1º ESTATUTO da Sociedade Orpheu, 1858, artigo 1º.

³⁹⁴ 2º ESTATUTO da Sociedade Orpheu, 1915, artigo 1º.

mesma época do segundo Estatuto da Sociedade Orpheu, tinha como proposta desenvolver as faculdades físicas e intelectuais dos sócios, por meio de exercícios e jogos ginásticos, atletismo leve, conferências, cantos populares, reuniões e festas sociais.³⁹⁵ Já o primeiro Estatuto do Clube Recreio Juvenil, datado de 1927, trouxe como proposta proporcionar a seus associados diversões recreativas, a critério da Diretoria ou da Assembléia Geral.³⁹⁶

Quanto ao Clube de Tiro, seu Estatuto era claro. Pretendiam treinar e preservar o tiro ordenado por disco e estrela [...] e manter a amizade e a união entre os sócios. Junto, pretendiam ainda divertir os sócios de forma social através de todos os tipos de divertimento como tiro a penico, tiro ao Rei, concertos, teatro, bailes, etc.³⁹⁷ Da mesma forma, o Separat e o Tênis Club São Leopoldo tinham como objetivos estatutários a prática do esporte e a diversão entre seus sócios. Esses clubes, porém, diferenciavam-se dos clubes maiores pelo número de sócios que possuíam (entre 6, do Tênis, e 30, do Clube de Tiro). Em todos esses clubes menores, entretanto, um aspecto se sobressaía: o que determinava a língua alemã como básica da Sociedade.

A análise primeiro mostra que, na Sociedade Orpheu, o estatuto evoluiu no sentido do abasileiramento, deixando de ser só “um clube alemão”. A Sociedade Ginástica deixa claro a que se propõe. Seu

³⁹⁵ ESTATUTO da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, 1923, Art. 1º.

³⁹⁶ ESTATUTO do Club Recreio Juvenil, 1927, Art. 1º.

³⁹⁷ ESTATUTO do Clube de Tiro, 1894, Art. 1º e 2º.

objetivo maior é educar seus associados pela ginástica, aquela herdada de Jahn. Da mesma forma, os Clubes Separat, de Tiro e Tênis Club. Nestes, o alemão predominará como idioma oficial até a década de 1920/30. Já o Clube Recreio Juvenil, como retrato de um novo tempo, propõe diversões recreativas a seus sócios, sem compromisso de que sejam ligadas às origens étnicas da comunidade leopoldense. Para os seus associados, o mais importante era o que haviam construído na cidade. Era essa posição que ostentavam na sociedade e que os distinguia em nível local. Eles eram, por isso mesmo, uma fração local da elite rio-grandense. *Participar de um certo modo de vida [...], se apropriar e defender valores adotados pelas gerações fundadoras e transmitir estes valores a seus descendentes*³⁹⁸ tinham, em 1927 e nos anos seguintes, uma leitura diferente da de meados do século XIX. O conceito de elite servirá, nesse caso, muito mais para definir as origens brasileiras da elite leopoldense representada no Juvenil do que para guardar as raízes teutas de seus antepassados.

O que estou querendo mostrar, com esses fragmentos, é que as Sociedades Orpheu e Ginástica eram alemãs em sua origem e propósitos e os estatutos refletiam isso. O Clube Recreio Juvenil não nasceu alemão, nem trazia como preocupação esse traço de distinção étnica. Sua origem está mais ligada ao fator econômico e à visibilidade política.

É necessário levar em conta, entretanto, que a estratégia de fundar clubes e, agora, analisar seus estatutos não contempla a gama de

³⁹⁸ VERNEY-CARRON, Nicole. A propos de l'exemple stéphanois: quelques réflexions sur l'histoire des elites provinciales aux XIXe. Siècle. *Les elites*. Bulletin n. 4. Lyon: Centre Pierre

representações simbólicas que a elite leopoldense usou ao longo do tempo para se mostrar e marcar suas diferenças de pertencimento. Tais representações apresentavam-se com o sentido de *dar a ver uma coisa ausente*. Nesse sentido, diz Chartier, *a representação faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória*.³⁹⁹ Falo, portanto, da relação entre a imagem presente e o objeto ausente, valendo aquela por este, *por lhe estar conforme*.⁴⁰⁰ Assim, as festas/cantos/símbolos/discursos que a elite de São Leopoldo apresentou ou usou diferenciavam-na da sociedade luso-brasileira. Eram espaços de elaboração de memória, de reflexão, de recordações, de resistência(s) às mudanças/influências. Falo aqui, portanto, de lugares da memória, isto é, lugares de representações de um modo de vida, uma cultura, uma mundividência. Cada clube, individualmente ou em conjunto, também determinava sua pertença através das festas que realizava ou dos símbolos que usava. Tais eventos resultantes dessas ações foram “lidos”, em momentos distintos, como movimentos de adesão ao novo ou de resistência às mudanças ou ao processo de interação ou, ainda, denotaram a competência do grupo salientado.

Com essa afirmação, estou querendo dizer que os homens que fundaram as sociedades recreativas em São Leopoldo tinham condições econômicas para fazê-lo e, ao mesmo tempo, estou reafirmando a presença de muitos valores teutos aqui. Posso exemplificar o que digo com os

Leon d'Histoire Économique et Sociale, 1995, p. 28-32.

³⁹⁹ CHARTIER, 1990, p. 20.

⁴⁰⁰ *Ibid.*, p. 21.

festivais de canto alemão promovidos com muito sucesso em 1863 e 1864 no Orpheu. Eles podem ser lidos como manifestações de competência, capacidade de organização e de liderança dos alemães e teuto-brasileiros de São Leopoldo. Ao mesmo tempo, os cantos simbolizavam uma ligação com a terra que havia sido deixada, a terra dos antepassados. Isso os tornava representativos aqui, e o grupo que cantava aparecia como étnicamente distinto.

Um outro exemplo de símbolo ressignificado em São Leopoldo é o da bandeira alemã – preta, vermelha e ouro. Sua origem estava ligada à bandeira da Confederação Germânica do Norte.⁴⁰¹ A festa de lançamento da pedra fundamental do Orpheu em São Leopoldo, em 30 de outubro de 1860, registrou que [...] *no andaime, onde estava pendurada a pedra fundamental, já estava a bandeira brasileira e, perto, a bandeira nacional alemã: preta, vermelha e ouro.*⁴⁰²

Dois anos e meio depois, durante o primeiro festival de canto alemão, já referido, o Orpheu batizou essa mesma bandeira como “seu estandarte”. Louise Müller, durante a consagração da bandeira, foi encarregada de fazer o discurso e disse [...] *em nome das esposas e filhas dos sócios do 'Orpheus', somos incumbidas de entregar à prezada*

⁴⁰¹ À Confederação Germânica do Norte estavam ligados os liberais, antes de 1848, isto é, antes da frustrada Unificação Alemã que vai levar muitos desses homens ao exílio.

⁴⁰² DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Terça-feira, 31 de agosto de 1927, p. 1-2, grifo meu.

*presidência esta bandeira alemã, como uma prova de que conhecemos bem as aspirações da sociedade.*⁴⁰³ Na continuidade da fala, ela disse:

*Onde esta bandeira for desfraldada em vosso meio, tornem-se todos fiéis irmãos e um espírito anime-os: Um por todos e todos por um! Esse é o vosso lema. Então, levem convosco essa bandeira; as cores alemãs preta, vermelha e dourada queiram vos lembrar constantemente que vocês somente serão verdadeiros alemães quando herdarem a virtude, a moralidade e a justiça alemãs; quando a simples palavra, canção ou aperto de mão alemães valerem mais do que tudo; quando vocês perseverarem unidos na alegria e na tristeza.*⁴⁰⁴

F. Ostermayer (1927), referindo-se ao fato, dirá:

*De fato a sociedade “Orpheus” não realizou a mudança de bandeira em 1871 com preto, branco e vermelho e, ainda hoje desfralda-se em algumas ocasiões, [...] as velhas cores alemãs dos lutadores da liberdade de 1813, patriotas, que sob estas cores ambicionaram uma Alemanha livre em 1848; as cores dos homens da Federação Alemã e da Pauenskirche de Frankfurt.*⁴⁰⁵

A análise mais simples que se pode fazer desses fatos é a de que havia em São Leopoldo um grupo de homens, oriundos das lutas pela unificação alemã, ligados ao movimento liberal derrotado em 1848. Suas convicções políticas não tinham se apagado, mas cruzavam o Oceano e eram transformadas nas cores da Sociedade Orpheu. Fazia-se, em São Leopoldo, uma representação da imagem da Alemanha desejada em 1848 (ou, quem sabe, do liberalismo alemão do período) através da ressignificação de sua bandeira. O Clube era, pois, depositário de uma memória individual e coletiva particular de um determinado grupo. É

⁴⁰³ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Quarta-feira, 1 de setembro de 1927, p. 1-2.

⁴⁰⁴ DEUTSCHES VOLKSBLATT. Porto Alegre, Quinta-feira, 1 de setembro de 1927, p. 1-2, grifo meu.

⁴⁰⁵ *Ibid.*.

pertinente ter presente nesse contexto que o Estado alemão ainda não se criara. Era um projeto em gestação. Nesse sentido, a representação (aspiração) feita poderia ser pertinente. Por outro lado, a não-mudança da bandeira da Sociedade, em 1871, pelas cores da bandeira do Império Alemão – preta, branca e vermelha – teria algum outro significado especial, além da manutenção da tradição? Seriam opositores de Bismarck? A Sociedade Ginástica (de São Leopoldo), fundada em 1885, e a Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), fundada em 1867, por exemplo, adotaram como cores de seus estandartes as mesmas cores da bandeira do Império Alemão – preto, branco e vermelho. Creio, por outro lado, que a bandeira preta, vermelha e ouro, assim como a preta, branca e vermelha inscrevem-se no conjunto dos símbolos que, no século XIX, marcaram as correntes nacionalistas da Alemanha. O uso de bandeiras, hinos e medalhas foram parte das tradições inventadas pelos governos para “fazer o seu povo” e reproduziram-se nas sociedades alemãs do Rio Grande do Sul como representações simbólicas de pertencimento étnico-cultural e político.

A par dessas considerações, outros símbolos destacaram-se, entre os quais, as festas comemorativas das datas alemãs. Estas podem ser divididas em anteriores à Unificação Alemã e posteriores a ela. Sem listá-las novamente (Capítulo 4), quero frisar que vejo, nas primeiras, representações de vitórias da nação distante, fragmentos que orgulhavam uma ala dos alemães que vieram para o Brasil. Tais fatos permitiam que eles se apresentassem diante da sociedade nacional como vitoriosos. Podiam significar, ao mesmo tempo, a distinção ou as convicções de um grupo no

conjunto dos alemães e teuto-brasileiros aqui residentes, provavelmente *brumers*. Quanto às comemorações ocorridas após a Unificação, como as festas do aniversário do Imperador ou, mais tarde, a festa de Bismarck, são manifestações de orgulho étnico, mas são também manifestações do germanismo e de tudo o que ele encerrava no sentido da grandeza da Alemanha. Mais do que qualquer outro, o Imperador foi um dos símbolos da Alemanha grandiosa para os teuto-brasileiros. As representações da antiga Pátria podiam ser enquadradas entre as formas de “não esquecer”. Eram, nesse sentido, maneiras de permanecer ligados com a terra de origem. Podiam ser, também, parte do conjunto das tradições inventadas⁴⁰⁶ que, junto com a saudade, tomaram aqui a forma de “memória viva”. Nesse sentido, concordo com José Murilo de Carvalho quando diz que *símbolos e mitos (e suas representações) podem [...] também plasmar visões de mundo e modelar condutas*.⁴⁰⁷

É possível dizer, pois, que as lembranças gestadas da Alemanha foram desenvolvidas nas diversas sociedades de São Leopoldo que se tornaram depositárias de uma memória individual e coletiva. A celebração das lembranças, nesses lugares, tornara-se, para os alemães e seus descendentes, um rito essencial. Elas se expressaram de diferentes maneiras e por grupos diferenciados e foram atualizadas e/ou ressignificadas conforme a época e a necessidade. *A cerimônia de comemoração é, para os membros (de tais grupos), o meio de afirmar sua*

⁴⁰⁶ Falo de tradições inventadas na perspectiva que Eric Hobsbawm e Terence Ranger dão em seu livro, *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁴⁰⁷ CARVALHO, 1990, p. 10.

*fidelidade ao passado, sua solidariedade com as gerações anteriores e sua união presente.*⁴⁰⁸

Um outro campo que percorri na busca das representações da elite teuta em São Leopoldo foi o da leitura dos discursos pronunciados em diferentes momentos pelos representantes dessas elites. O primeiro deles foi o já citado pronunciamento de Louise Müller no batismo da bandeira do Orpheu em 1863. Embutida em sua fala, vinha a imagem de como deve ser um alemão: *virtuoso, honrado, justo*.

Essa representação pode ser relacionada com os discursos feitos em 1924 por ocasião do Centenário da imigração quando também se reforçou a imagem do teuto. *O trabalho alemão, a aplicação alemã, a rudeza alemã, a fidelidade alemã*⁴⁰⁹ eram o refrão que perpassava todas as falas.

Tal festa trouxe consigo um discurso que redimensionou toda a história dos alemães no Rio Grande do Sul. Nele, abordou-se a *competência, a fidelidade e, sobretudo, o trabalho*.⁴¹⁰ Trabalho e alemães eram sinônimos nessas manifestações dos representantes da elite política leopoldense, embalada pela evocação da festa do centenário. Os discursos, destacando determinadas palavras-chave, foram pronunciados por todos os

⁴⁰⁸ PELLISSIER, op. cit., p. 21/22.

⁴⁰⁹ DEUTSCHE POST. Sábado, 26 de julho de 1924, p. 1.

⁴¹⁰ Aurélio Porto escreveu na década de 1930 um dos clássicos da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul, cujo título, "O trabalho alemão no Rio grande do Sul", ajudou a fixar a imagem teuta no país. PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1ª reedição, 1996.

oradores de origem alemã, sendo, ainda, reafirmados por todas as autoridades de origem luso-brasileira ou por seus representantes.

Norbert Elias, quando fala sobre o *ethos* da burguesia alemã do período de Guilherme I e Guilherme II (1871-1919), diz que palavras-chave como *disciplina e honra, forte, fraco*, cujo papel era relevante no código militar alemão da época, passam a aparecer também nos códigos que permeavam as relações entre patrões e trabalhadores. São padrões militares que se tornarão de comportamento social. Vão-se transformar em *explícita argumentação ideológica*.⁴¹¹ Tais palavras de ordem também fizeram parte dos discursos pronunciados em São Leopoldo, em especial no Centenário.

O 25 de julho e o 20 de setembro de 1924 foram dois momentos de festa sobre o mesmo tema. O primeiro, marcou a data real; o segundo, a data política. A festa, com toda a carga emocional (descrita no Capítulo 5), foi também um acontecimento simbólico, na medida em que foram reforçados o papel e a importância dos teutos na vida rio-grandense por parte das autoridades locais e estaduais. Os “de cá” viam, finalmente, “os outros” com um papel destacado na história do Rio Grande do Sul. A relevância desse fato está ligada, em parte, ao recém passado período da Primeira Guerra, quando as práticas nacionalistas puseram em questão a brasilidade dos teuto-brasileiros. Os dois momentos, diferenciados, mas ao mesmo tempo muito iguais, permitiram a percepção da (re)afirmação de uma

⁴¹¹ ELIAS, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 188.

imagem que, em última instância, procurava marcar positivamente a figura do alemão e do teuto-brasileiro não só em São Leopoldo, mas também no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Tal como afirmei em relação à fundação de clubes sociais como estratégia de representação, tomei os símbolos usados pela elite alemã e teuto-brasileira ao longo do recorte espaço-temporal que utilizei para dizer que eles também figuraram como estratégias de representação simbólica do grupo. Embora se apresentassem fundamentalmente com um outro caráter, o de anunciar o outro ausente, o que ficou na Alemanha, não deixaram de ser imagens resgatadas e rerepresentadas localmente. Tais práticas sociais geralmente reafirmavam pertenças étnicas e/ou traduziam e reafirmavam *status* social. Por isso, é possível dizer que *usar símbolos ligados à etnia de origem e criar representações simbólicas para se apresentar diante da sociedade brasileira* também são parte do teatro da sociabilidade desenvolvido pela elite teuta em São Leopoldo entre 1858 e 1930.

Trabalhar com as representações produzidas pela elite alemã e teuto-brasileira em São Leopoldo nos espaços de sociabilidade que ela criou implica também em não perder de vista o pano de fundo, ou seja, a cidade que essa elite ajudou a construir. Inserida no modelo das cidades brasileiras e influenciada pelas cidades européias, São Leopoldo apresentou algumas peculiaridades do ponto de vista do social, em parte decorrentes da origem de sua população. Nela, como já destacamos, alguns espaços tomaram

importância ao longo do tempo. Entre eles, a sede social dos clubes, a Rua Grande e adjacências e algumas chácaras. Tais locais passaram a ser lugares privilegiados de observação das representações sociais da elite teuta. Incluo nesse elenco também as casas para mostrar que rua e casa se opõem de forma relativa e dinâmica e que, como diz Da Matta, *na gramaticalidade dos espaços [...], há espaços de rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas,*⁴¹² mesmo que por um tempo determinado.

Nesta análise, destaco a rua central de São Leopoldo – a Rua Grande – como um dos principais cenários de que a elite local se apossou em diferentes ocasiões. Foi por ela que desfilaram os participantes do primeiro e do segundo festivais de canto alemão, com cerca de 3.000 e 4.000 pessoas, respectivamente, em 1863 e em 1864. Foi por ela também que adentrou na cidade o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, em 1879, em um desfile apoteótico, e foi ainda nela que passaram procissões, desfiles militares e carnavalescos em todos os tempos. A Rua Grande e suas adjacências transformavam-se, nesses momentos, em “teatro da sociabilidade” porque, ao mesmo tempo em que eram locais de práticas sociais, políticas ou religiosas, eram também espaços de representação de poder da elite leopoldense. No desfile dos “notáveis” pela Rua Grande, havia sempre uma ordem, uma representação, uma forma de organização do mundo social, dependendo de quem eram os dirigentes do evento. Poderia

⁴¹² DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 59.

ser o Coronel Gaelzer Neto, como apontamos na abertura deste capítulo, ou a rainha do carnaval com seu séquito ou, ainda, os sócios do Clube de Tiro.

Sendo a sala de visitas da cidade, a Rua Grande ora se travestia com arcos do triunfo, ora se embandeirava ou se enfeitava com guirlandas, como uma adolescente à espera de seus amigos e convidados. Entre 1858 e 1930, portanto, a Rua Grande, embora sendo um cenário único, dividia-se e fragmentava-se em pequenos teatros privados, dependendo dos visitantes.

Se a Rua Grande, no período estudado, aparecia como o principal cenário, a cidade, por extensão, mostrava-se como o grande palco, já que era composta de múltiplos cenários, possuindo alguns lugares que se tornaram tradicionais pela freqüência assídua da elite leopoldense e de seus convidados, como o Hotel Bräscher, o Hotel Koch e, mais tarde, o Café Comercial. Esses locais funcionavam como restaurante, como cervejaria e como espaços de conversação. No Café Comercial, nos anos 20/30, era possível adquirir ingressos para os grandes eventos que ocorriam na cidade. Incluía-se entre esses espaços, ainda, a Chácara Schmidt, onde se podia tomar *chopp*, jogar futebol ou jogar tênis, além de fazer piquenique ou saborear um churrasco.

Na festa do Centenário da Imigração, por exemplo, a cidade foi um espetáculo à parte. Travestida de teatro ao ar livre, mostrou-se em toda a sua capacidade para essa representação. Locais como a Estação Ferroviária, a Casa do Imigrante (na Feitoria), a já conhecida Rua Grande, a

sede social das Sociedades Ginástica e Orpheu, a Matriz de Nossa Sra. da Conceição, a Igreja de Cristo e a Intendência Municipal, além das praças e dos hotéis, acolheram a todos e foram cenários perfeitos para o êxito da comemoração.

Esses locais funcionavam, portanto, como lugares de sociabilidade e de distinção social e diferenciavam-se de outros locais da cidade pelos seus freqüentadores. Assim, as “marcas” exteriores que São Leopoldo possuía e que tinham-se formado ao longo do tempo transformavam-se em lugares onde pequenas nuances significavam distintas lembranças ou representavam diferentes aspectos da vida urbana. Transformavam-se em lugares da memória. *A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma coisa,*⁴¹³ diz com propriedade Ítalo Calvino. À medida que se transformava em um lugar privilegiado de observação das práticas e das representações sociais da elite, o centro de São Leopoldo abria-se e desdobrava-se para integrar distintos grupos de elite em seus variados espaços.

Por ter a vila/cidade, ao longo do tempo neste estudo, se mostrado como um “organismo vivo” e dinâmico, *refletiu e procurou consolidar as especificidades da sua estrutura social, evidenciando as disputas travadas entre os diversos setores populacionais pelo controle e pela apropriação do espaço.*⁴¹⁴ Ao fazê-lo, a elite alemã e teuto-brasileira

⁴¹³ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 23.

⁴¹⁴ LUZ, Maturino. Os descaminhos da preservação (Debate). In: SÃO PAULO (Cidade), Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio, histórico e cidadania*. DPH, São Paulo: DPH, 1992, p. 222.

buscou a sua consolidação construindo e/ou apropriando-se de locais no centro da cidade e em seus arredores, com isso, garantindo seus espaços de práticas sociais e de representação. Em tais locais, desenvolveu paralelamente as atividades clubísticas, distintas formas de lazer e de sociabilidade.

Retomando o raciocínio que venho desenvolvendo, é pertinente dizer, ainda, que as duas ações mais importantes desenvolvidas pela elite leopoldense no desenvolvimento de seu “teatro da sociabilidade” que estão intimamente ligadas são as que se referem *à fundação de clubes sociais como estratégia de representação diante da sociedade brasileira e de seus pares e as que se referem ao uso de representações simbólicas de cunho étnico e sócioeconômico, com a mesma finalidade.*

EPÍLOGO

Ao fechar as cortinas desse teatro da sociabilidade, retomo os pontos principais desta pesquisa pretendendo ter deixado claro o papel e a importância que tiveram os clubes sociais como espaços de lazer e de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras em São Leopoldo.

Inseridos no contexto da imigração, esses clubes eram representações locais da nação alemã que os imigrantes haviam deixado e, ao mesmo tempo, representações de uma elite alemã e teuto-brasileira que crescera economicamente em São Leopoldo e que buscava um espaço para demonstrar sua competência, primeiro, pela dificuldade de alcançar o poder político e, depois de alcançá-lo, como meta a ser ampliada, usando o espaço dos clubes sociais. A elite urbana leopoldense, que enriquecera com o comércio e/ou com uma indústria artesanal até a primeira metade do século XIX, organizou o consumo de seu tempo livre depois do tempo consagrado ao trabalho. Tal organização pode ser percebida na medida da especialização do trabalho, quando o tempo livre foi-se ampliando, se modificando e sendo agregado às atividades de lazer que tais elites

desenvolviam. Assim, o Clube de Canto Orpheus é visto como resultado do surgimento dessa elite alemã oriunda do comércio colonial e do desenvolvimento da indústria local, minimamente intelectualizada (*brumers*, maçonaria), que dispunha de tempo livre para aplicar na organização de um espaço de sociabilidade masculino, isto é, um clube de canto. Tal clube vai-se transformar no principal espaço de lazer de São Leopoldo até os anos 1920. Ele será também resultante de um conhecimento anterior advindo da participação em clubes de canto na Alemanha que se gestava nos séculos XVIII e XIX, estando ligados ao Romantismo e ao Nacionalismo alemão. Resultantes das tradições alemãs, os clubes eram, além de espaços de canto, também espaços de lembranças, sendo uma parte da memória dos imigrantes.

A memória viaja com os homens e, por isso, é um elemento de distinção, mas pode, também, ser de interação, de amálgama. Ao se constituírem aqui como alemães, porque assim foram nominados, a última assertiva vai-se concretizar.

Ao construir seus espaços de representação, a elite teuta buscava, ainda, destacar sua competência administrativa. Para além de competentes administradores, os homens do Orpheu eram também excelentes mobilizadores das massas alemãs e teuto-brasileiras, como demonstraram nos dois festivais de canto alemão que organizaram em São Leopoldo em 1863 e 1864. Tais eventos, em uma época em que um barco levava cerca de seis horas entre São Leopoldo e Porto Alegre e em que os

meios de locomoção eram escassos, dão bem a dimensão dessa competência. Aliada aos acontecimentos destacados, havia uma surda luta em busca de espaço político,⁴¹⁵ em desenvolvimento desde meados dos anos 1850, entre os representantes da elite política luso-brasileira e os representantes da elite alemã e teuto-brasileira, dos quais alguns nomes eram ligados ao Orpheu. Tais fatos os obrigavam também a demonstrar competência em suas ações.

Os anos 1880/90 oportunizaram o surgimento de outras sociedades em São Leopoldo, todas com um caráter mais esportivo e ainda predominantemente masculinas.⁴¹⁶ Da mesma forma, elas estavam ligadas às elites alemãs e teuto-brasileiras, sendo o alemão o idioma principal nesses espaços. Entre os novos clubes, estão as sociedades dos Atiradores, do Tiro, o Separat e a Sociedade Ginástica, importante pelo papel que desempenhará na cidade junto com a Sociedade Orpheu. O período vai-se caracterizar por uma forte presença do germanismo, demonstrado no orgulho étnico resultante da unificação da Alemanha. As representações desse fenômeno vão-se dar nas sociedades, principalmente na data do

⁴¹⁵ Sobre a luta política, concordo com o que diz Marcos Tramontini a propósito da dinâmica das relações estabelecidas entre os alemães e a sociedade luso-brasileira no período inicial da colonização quando enfatiza que as ações dos alemães e teuto-brasileiros tinham como objetivo participar da vida política local, o que até então lhes fora negado (anos 1850) e onde chegarão em meados dos anos 1860. TRAMONTINI, Marcos Justo. *A colônia de São Leopoldo. A organização social dos imigrantes na fase pioneira*. Tese de doutorado em História apresentada à PUC-RS. Porto Alegre: 1998, Capítulo 5 (fotocópia).

⁴¹⁶ É preciso atentar para o fato de que, quando falo em clubes eminentemente masculinos, não estou excluindo as mulheres, mas chamando a atenção para o tipo de atividade a que o clubes se propunham. É evidente que as mulheres estarão presentes nos bailes, festas, teatro, canto e em muitas outras atividades.

aniversário do Imperador alemão.⁴¹⁷ Cultos festivos, piqueniques com sessão de oratória e bailes são alguns dos eventos ligados à data e destacados em São Leopoldo. Todo esse cabedal de símbolos marcará etnicamente os clubes que aponto e fará parte das suas representações. Os clubes sociais serão, eles próprios, não só um espaço de representação, mas também serão usados para esse grupo de elite se re(a)presentar, quer econômica, quer politicamente, nesse momento já em nível regional.

O papel de inserção política dos clubes de origem alemã em São Leopoldo e na região pode ser melhor aquilatado quando os mesmos são chamados pelo Governo Municipal e pelas autoridades policiais, em 1917, para se nacionalizarem. Tal episódio mostra, minimamente, que o raio de ação dessas instituições perpassava toda a vida da cidade, atingindo um grande número de indivíduos. Se os clubes não tivessem peso político em São Leopoldo, não lhes seria dada nenhuma importância. Nesse momento, porém, eles são chamados às comemorações “cívicas” brasileiras, junto com as escolas e as igrejas, em um gesto de reconhecimento de seu prestígio político na cidade e perante as autoridades nacionais. É preciso reconhecer, porém, que datas como 7 de setembro e 15 de novembro já eram regularmente festejadas nos salões das Sociedades Orpheu e Ginástica com bailes muito concorridos.

O desdobramento dos episódios ligados à nacionalização (obrigatoriedade de traduzir atas e livros dos clubes e de falar português no

⁴¹⁷ Os Estatutos da Sociedade Orpheu, modificados em 1915, trazem como festas obrigatórias da Sociedade *aniversário do Imperador alemão; Páscoa; São João; Sete de*

recinto dos salões, assim como ter no português a língua oficial da sociedade) levaram os clubes leopoldenses de origem alemã a diferentes posturas. A Sociedade Orpheu tomou a decisão de abraçar-se, a Sociedade Ginástica de São Leopoldo preferiu fechar suas portas (por dois anos) a deixar de falar alemão em seu recinto, e as Sociedades de Tiro/Atiradores desapareceram, possivelmente transformando-se em “Tiros de Guerra”.

A década de 1920 trará modificações significativas na paisagem urbana de São Leopoldo, tanto do ponto de vista político quanto econômico e social, representadas pelo crescimento econômico, pela festa do Centenário da Imigração e também pela crise política entre o Governo Municipal e o Estadual. Depois da crise, já no final da década, um novo clube passa a luzir no cenário leopoldense: o Clube Recreio Juvenil⁴¹⁸, fundado em dezembro de 1927.

No teatro da sociabilidade, um novo clube aparece sempre como representação de um certo grupo social que, não estando mais satisfeito com o patamar que vem ocupando, estabelece um novo, geralmente mais alto. Foi o que fizeram os fundadores do Juvenil. Além disso, ainda demonstraram sua inconformidade com os dirigentes das Sociedades Orpheu/Ginástica, que costumavam dividir o poder de mando entre si, nas ditas sociedades, por longos anos.

setembro; 15 de novembro; Ano Novo; e aniversário do Clube.

⁴¹⁸ Gostaria de lembrar, embora não seja objeto deste trabalho, que outros clubes Recreio Juvenil foram fundados no RS nesse tempo, como os de Porto Alegre, Caxias do Sul e Novo Hamburgo.

O novo espaço caracterizou-se pelo luxo, pela ostentação, pela distinção e por não ter preocupações de ordem étnica com relação aos seus associados, já que eles eram representantes da elite rio-grandense, ou seja, eram a representação local da elite regional. Eram uma fatia do poder regional situada em São Leopoldo.

Até aqui, a análise mostrou, de um modo geral, a permanência dos valores étnicos teutos no espaço dos clubes de origem alemã em São Leopoldo. Ou seja, a resistência às mudanças aparecia em eventos que marcavam datas alemãs ou na persistência da língua alemã nas sociedades. A análise mostrou também que os anos 1920 vão trazer mudanças que permitirão ler a cidade e seus espaços como lugares de transformação social que, conseqüentemente, possibilitarão o surgimento de uma nova camada socialmente mais rica e influente, caracterizada por ser também “brasileira e sul-rio-grandense”, embora muitas vezes de origem alemã. Tal é a elite que estará “brilhando” no Clube Recreio Juvenil, como mostraram seus bailes de gala e outros eventos ali organizados.

Nesse sentido, posso dizer que, no final dos anos 1920, parte da elite leopoldense havia-se tornado “brasileira”. Isto é, foi a conjuntura pós-Primeira Guerra Mundial, aliada ao enriquecimento de uma fatia da elite leopoldense, e, ainda, a ampla participação política que essa elite agora detinha que contribuiriam para abasileirá-la.

Desdobramento dos clubes sociais, o centro da cidade era um lugar de observação das diferentes representações dos grupos. Com tal

afirmativa, quero dizer que, em São Leopoldo, a cidade foi parte integrante do teatro da sociabilidade, já que se apresentou, ao longo de todo o trabalho, como um grande palco onde atuaram permanentemente a elite local e seus convidados.

Nos recortes estabelecidos, procurei mostrar como se dava o processo de interação entre os clubes e a cidade através das elites que, via de regra, se apossavam dos espaços públicos e neles se representavam. Os exemplos são muitos e já apontados. Cito, porém, o que trouxe Gaspar Martins a São Leopoldo em 1879 como um dos mais significativos e ricos para uma interpretação do processo de representação das elites nos espaços públicos. Nesse acontecimento, temos ainda a festa na Sociedade Orpheu, à noite (banquete e baile) e a participação da maçonaria na organização do evento. Nesse caso, o processo de representação das elites se dava tanto no espaço público quanto no privado, mas ambos eram ocupados pela mesma elite. Cito um segundo momento representado pela visita à cidade de São Leopoldo pelo ~~ex-Presidente~~ do Estado, Dr. Júlio de Castilhos, em 1900. Discreto, Castilhos não teve desfile apoteótico na Rua Grande, mas fez uma conferência aos partidários do PRR no Orpheu, indicou o representante local do partido aos correligionários e depois participou de um banquete seguido de baile no mesmo local. Com esses exemplos, quero marcar a simbiose entre as sociedades, as autoridades governamentais locais e regionais, os espaços públicos e as elites leopoldenses no longo período estudado.

Tais desdobramentos colocaram a centralidade do trabalho no estudo dos clubes sociais e de outros espaços urbanos, vistos não só como espaços de representação social, mas, sobretudo, como espaços de representação política. Nesse caso, os clubes e os espaços públicos funcionaram usando a capa da sociabilidade e do lazer. Como no teatro, os "atores" leopoldenses "vestiam" o personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848 : étude d'une mutation de sociabilité*. Paris : Librairie Armand Colin, 1977. (Cahiers des Annales, 36)

_____. *Pénitents et francs-maçons de l'ancienne Provence : essai sur la sociabilité méridionale*. Paris : Fayard, 1968.

_____. *La sociabilité méridionale: confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du XVIIIe. siècle*. Aix-en-Provence: La Preense Universitaire, 2vol., 1966.

ALBERTONI, Ettore A. *Doutrina da classe política e teoria das elites*. Rio de Janeiro : Imago, 1990. (Coleção Tempo e saber).

ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando (dir.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil 2 : Império : a corte e a modernidade nacional*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Visões do Rio Grande : a cidade sob o prisma europeu do século XIX*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995.

AMADO, Janaina. *Conflito social no Brasil : a revolta dos 'mucker' : Rio Grande do Sul 1868-1898*. São Paulo : Símbolo, 1978. (Coleção ensaio e memória, 5).

ANAIS do 1º Congresso de História e Geografia de São Leopoldo. Porto Alegre : Ed. Globo, 1947.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo : Ática, 1989.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer : a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. São Paulo, Belo Horizonte : Editora da Universidade de São Paulo, Itatiaia, 1980. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 17).

BACZKO, Bronislaw *Los imaginarios sociales : memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires : Nueva Visión, 1991.

BALDAUF, João S. Algo sobre os corais no Rio Grande do Sul. *Anais do 1º simpósio de história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, set.1974, p. 175-182. São Leopoldo : Rotermond, 1974.

BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*. Canoas : Hilgert & Filhos Ltda, 1968.

BEIGUELMAN, Paula. *A crise do escravismo e a grande imigração*. São Paulo : Brasiliense, 1985. (Coleção Tudo é História).

BLANCHE, Martha. Construcción simbólica del outro : una aproximación a la identidad desde el folklore. In: HIDALGO, Cecília; TAMAGNO, Liliana. *Etnicidad y identidad*. Buenos Aires : Centro de Estudios de América Latina, 1992.

BLAY, Jean-Pierre; RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz. Sociabilidade e comunidades estrangeiras: os ingleses de Chantilly, os alemães de São Leopoldo no século XIX. Um ensaio de história social comparada. In: *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH): Anais da XVIII reunião anual*, p. 299-301. Rio de Janeiro : SBPH, 1999.

_____. História Comparada: prática e método. *Estudos Leopoldenses, Série Ciências Humanas*, v. 35, nº 154, p. 173 –183. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, Linha Gráfica Editora, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas : o que falar quer dizer*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1996. (Clássicos, 4).

_____. *Razões práticas*. Campinas : Papyrus, 1996.

_____. *La distinction : critique sociale du jugement*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1996. (Le Sens Commun).

BOURDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993

BRANCO, Estelita de Aguiar. *A grande tarefa: processos e estratégias do imigrante português, estabelecido em Pelotas-RS, na manutenção de sua identidade*. Porto Alegre, 1991. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

BRELOT, Claude-Isabelle *et al.* *Les élites*. Bulletin n. 4. Lion: Centre Pierre Léon d'histoire économique et sociale, 1995.

BUCCELLI, Vittorio. *Un viaggio a Rio Grande del Sud*. Milano : L. F. Pallestrini & C., 1906.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CABANEL, Patrick. *La question nationale au XIXe. Siècle*. Paris : Editions La Découverte, 1997.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o Imaginário da República no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

_____. *Desenvolvimento de la ciudadanía en el Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

CHARLE, Christophe. *Les Élités de la République (1880-1900)*. Paris : Librairie Arthème Fayard, 1987. (L'espace du politique).

_____. *Histoire sociale, Histoire globale? Actes du colloque des 27-28 jan.1989*. Paris : Éditions de La Maison des Sciences de L'Homme, 1993.

CHARTIER, Roger. *A história cultural : entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro : Difel, Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade).

_____. *O mundo como representação*. *Revista Estudos Avançados* 11 (5), 1991.

_____. *El mundo como representación : estudios sobre historia cultural*. Barcelona : Gedisa, 1996. (Colección Hombre y Sociedad).

_____. *Au bord de la falaise : L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris : Albin Michel, 1998.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina : imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre : EST, 1991. (Coleção Imigração Italiana, nº 152).

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs, 1850 - 1960*. Paris : Aubier, 1996.

CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna* : Porto Alegre 1935. Porto Alegre : EDIPUCRS, IEL, 1994 (Coleção Ensaaios).

CUNHA, Jorge Luiz da. *Rio Grande do Sul und die deutsche kolonisation* : ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung. In: *Südbrasilien zwischen 1824 und 1914*. Santa Cruz do Sul : UNISC, Gráfica Léo Quatke, 1995.

CYPRIANO, Vera R. *A Sociedade Orpheu*. São Leopoldo, 1971. Trabalho de Conclusão do Curso de História : Centro de Ciências Humanas - Unisinos, 1971.

DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.) *et al. RS: imigração & colonização*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta, 4).

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987.

DAUMARD, Adeline (Org.) *Oisiveté et loisirs dans les sociétés occidentales au XIXe. siècle*. Colóquio interdisciplinar. Amiens: F. Paillart, B.P.1983.

DE LEÓN, Zênia. *Pelotas, casarões contam sua história*. Pelotas: Gráfica D. M. Hofstätter, 1993,

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DICKIE , Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias*. Um estudo dos Mucker e seu tempo. Tese de doutorado apresentada no PPGAS da FFLCH da USP. São Paulo, 1996.

DIENSTBACH, Carlos. *A maçonaria gaúcha* : história da maçonaria e das lojas do Rio Grande do Sul. Londrina : Editora Maçônica "A Trolha", 1993.

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade* : estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre, São Leopoldo, Caxias do Sul : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sinodal, Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1984. (História da Igreja – C 1).

_____ (org.). *Populações rio-grandenses e modelos de igreja*. Porto Alegre, São Leopoldo : EST, Sinodal, 1998.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província de S. Pedro do Sul*. 4.ed. Porto Alegre : Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

DURAND, Gilbert. *Imaginação simbólica*. São Paulo : Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* : v.1 : uma história dos costumes. 2.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

_____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séc. XIX e XX*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1997.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros, v. 2. Porto Alegre: s.n., 1922.

FAUSTO, Bóris (dir.) *et al. História geral da civilização brasileira* : tomo III –O Brasil republicano, 2º v., Sociedade e instituições (1889-1930). 2.ed. São Paulo, Rio de Janeiro : Difel, 1978.

_____. (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido*. Itajaí, Ed. da Univali, 1999.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre : Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e heróis* : construção de imaginários. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul, 1983.

_____. *Sociedade, preconceitos e conquistas*. Porto Alegre : Nova Dimensão, 1989.

FONTANA, Josep. *Introdução ao estudo da história geral*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.

FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808-1824-1974*. São Paulo : Instituto Hans Staden, 1974.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do Rio Grande do Sul : 1803 – 1950*. Porto Alegre: FEE, 1983.

GANS, Magda Roswita. Os dias de momo na Porto Alegre de 1885: reflexões sobre a identidade teuto-brasileira no séc. XIX. *Cadernos de estudo do PPG em História*, nº 9. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987. (Documenta SC, 1).

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre : Editora da Universidade/UFRGS, 1991. (Síntese rio-grandense, 5).

GRANGE, Cyril. *Les Gens du Bottin Mondain*. Y être, c'est en être. Paris : Librairie Arthème Fayard, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.) *et al. Textos em representações sociais*. Petrópolis : Vozes, 1994.

HEINZ, Flávio Madureira. Considerações acerca de uma história das elites. *In: Logos*, v. 11, n° 1, História e Política, p. 41-52. Canoas : ULBRA, maio de 1999.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.) *et al. A invenção do Brasil moderno : medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro : Rocco, 1994.

HILLEBRAND, João Daniel. Relatório do Diretor da Colônia de São Leopoldo Dr. João Daniel Hillebrand apresentado ao Presidente da Província, Angelo Muniz da Silva Ferraz. *Revista do Arquivo Público* n° 15 e 16. Porto Alegre, 1924.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital 1848-1875*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.

_____. *A era dos impérios 1875-1914*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.) *et al. A invenção das tradições*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo : Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM *in Rio Grande do Sul, 1824-1924*. Porto Alegre : Liga das Sociedades Germânicas, 1924.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. 2.ed. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1983.

JULIANO, Dolores. Estratégias de elaboração de la identidad in HIDALGO, Cecília e TAMAGNO, Liliana. *Etnicidad e identidad*. Buenos Aires: Centro de estudios de América Latina, 1992.

KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé : representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo : HUCITEC, História Social USP, 1998.

KREMER, Alda Cardoso *et al. Rio Grande do Sul, terra e povo*. 2.ed. Porto Alegre : Globo, 1969.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul : uma interpretação sociológica*. 2.ed. Porto Alegre : Movimento, 1981. (Documentos Brasileiros, v. 11).

LASSWELL, Harold D.; LERNER, Daniel. *As elites revolucionárias*. Rio de Janeiro : Zahar, 1967.

LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire médiéval*. Paris : Gallimard. Bibliothèque des Histoires, 1985.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1995.

LEÓN, Zênia de. *Pelotas, Casarões contam sua história*. Pelotas : D.M. Hofstätter, 1993.

LORENZO, Helena Carvalho De; COSTA, Wilma Peres da (orgs.) et al. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997, (Prismas).

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo : Perspectiva, 1975, (Coleção estudos – História, 37).

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória : patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo : DPH, 1992.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Política de colonização no Império*. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 1999, (Síntese rio-grandense).

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas Século XIX*. Pelotas : Livraria Mundial, 1994.

MAUCH, Claudia et al. *Porto Alegre na virada do século 19 : cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo : Ed. Universidade/UFRGS, Ed. ULBRA, Ed. Unisinos, 1994.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs.) et al. *Os alemães no sul do Brasil : cultura, etnicidade e história*. Canoas : Ed. ULBRA, 1994.

MENDONÇA, Paulo. Yolanda ou uma época. *Revista Vogue*, edição especial sobre Yolanda Penteado, nº 102-A, p. 4-5. São Paulo, 6 de janeiro de 1994.

MEYRER, Marlise Regina. *Evangelische stift : uma escola para "moças das melhores famílias*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da UNISINOS. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. (Biblioteca de Ciências Sociais)

MOEHLECKE, Germano Oscar. *O vale dos Sinos era assim*. São Leopoldo : Rotermond, 1978.

_____. *Vida social / usos e costumes*. São Leopoldo : s.n., 1997. (Revivendo o passado, 1).

_____. *Jornal Vale dos Sinos, Edição Especial*. São Leopoldo : Jornal VS, julho de 1996, p. 9.

MORAES, Carlos de Souza. *Crônicas de minha cidade*. São Leopoldo : Ed. Unisinos, 1996.

MORAES, Carlos de Souza (redator). *Boletim Municipal : Legislação – História*. São Leopoldo, : Prefeitura Municipal de São Leopoldo, ano 1, nº 1, v. 1, jan.-jun.1946. 304 p.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos : a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro : Ed. da Fundação Getulio Vargas - CPDOC, 1992.

MOULONGUET, Nicole et al. *Les révolutions de 1848 : l'Europe des images : Le printemps des peuples*. Paris : Assemblée Nationale, 1998.

MÜLLER, Telmo Lauro (org.). *Imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

_____. *Colônia alemã / 160 anos de história*. Porto Alegre, Caxias do Sul : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. *Herança de geração em geração*. São Leopoldo : Rotermond, 1988 (Coleção "Pastor Dr. Wilhelm Rotermond", v. 9).

_____. *Sociedade Ginástica : cem anos de história*. São Leopoldo : Rotermond, 1986.

_____ (org.) et al. *4º simpósio de história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul 1980 : Anais - 1987*. São Leopoldo, set.1980. São Leopoldo : Museu Histórico "Visconde de São Leopoldo"/Instituto Histórico de São Leopoldo, Gráfica Unisinos, 1987.

_____ (org.) et al. *Anais do 5º simpósio de história da imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, set.1982. São Leopoldo : Museu Histórico "Visconde de São Leopoldo"/Instituto Histórico de São Leopoldo, Gráfica Caeté, 1989.

_____ (org.) et al. *Anais do 6º simpósio de história da imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, set.1984. São

Leopoldo : Museu Histórico “Visconde de São Leopoldo”/Instituto Histórico de São Leopoldo, Gráfica Caeté, 1994.

_____. (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo : Ed. Unisinos, 1994.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle époque tropical : Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz *et al.* (Org.) *Emigração/ imigração em Portugal*. Actas do Colóquio Internacional sobre emigração e imigração (séc.XIX e XX).Algés: Editora Fragmentos Ltda. 1993.

NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil: Império*. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3 : República : da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil, 3).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Modernidade e questão nacional. *Lua Nova : Revista de Cultura e Política* : Cultura e Modernidade, n° 20, p. 41-68, maio.1990. São Paulo : Marco Zero, 1990.

_____. ‘As festas que a República manda guardar’. *Estudos históricos*, v. 2, n°4, p. 161-296. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, 1989.

PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio (coordenadores). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro : Contra Capa Livraria, 1996.

PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des notables lyonnais au XIXe. siècle*. Tome 1. Lyon : Éditions Lyonnaises D’Art et D’Histoire, Presses Universitaires de Lyon, 1996.

PERROT, Michelle (dir.) *et al.* *História da vida privada 4 : da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Pecuária e indústria : formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha no século XIX*. Porto Alegre : Movimento, 1986.

_____. *A burguesia gaúcha : dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988. (Série Documenta, 24).

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História* : Representações, v. 15, n° 29. São Paulo : ANPUH, Contexto, 1995.

_____. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Revista Cultura Vozes*, nº 5, set./out., Petrópolis, 1995.

_____. *Exposições universais* : espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo : HUCITEC, 1997. (Estudos Urbanos, Série Arte e Vida Urbana).

_____. *Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)* . Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. *República: verso e reverso* . Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1989.

PETRY, Leopoldo. *O município de São Leopoldo*. São Leopoldo : Rotermund, 1923.

_____. *O município de Novo Hamburgo* : monografia. 2.ed. São Leopoldo : Rotermund, 1959.

_____. *São Leopoldo berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*. 2º v. São Leopoldo : Rotermund, 1966. (Monografia).

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História).

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf A colonização alemã em Nova Petrópolis: apontamentos para a história do Município. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*, ano1 nº 1, 2º sem.1973.

_____. (org.), *et al.* Imigração alemã 1824-1974 : levantamento e apreciação da problemática de São Leopoldo no período de 1824-1889. *Estudos Leopoldenses* nº. 28, p. 5-66. São Leopoldo : Unisinos, 1974.

_____. (org.) *Coletânea de discursos parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* : 1835/1889. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, v. 1 e v. 2, 1998.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. 3.ed. São Paulo : Livraria Martins Editora, 1959.

PINOL, Jean-Luc. *Le monde des villes au XIXe siècle*. Paris : Hachette, 1991.

PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. [1. Reedição] Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade : Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998,

RAMBO, Arthur Blásio. A Sociedade União Popular. *Perspectiva Econômica*, v. 27, nº 79. Cooperativismo, nº 32, p. 31-56. São Leopoldo : EDUNI-SUL, 1992.

_____. *A escola comunitária teuto- brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

_____. As contribuições dos imigrantes vindos da Europa Central e do Norte. *Estudos Leopoldenses*, v. 29, nº 132, p. 47-79, abr./maio.1993.

_____. Imigração alemã e ecologia. *Estudos Leopoldenses*, v. 30, nº 136, p. 71-90, mar./abr.1994.

_____. O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil. *Perspectiva Econômica*, v. 23, nº 62-63. Cooperativismo nº 24-25, p. 3-276. São Leopoldo : EDUNI-SUL, jul./dez.1998.

_____. (org.) et al. *Anais do VIII e IX simpósios de história da imigração e colonização alemãs do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, set.1988 e set. 1990. São Leopoldo, Nova Petrópolis : Museu Histórico "Visconde de São Leopoldo"/Instituto Histórico de São Leopoldo, Ed. Amstad, 1998.

RAMBO, Pe. Balduino. A imigração alemã. *Enciclopédia Rio-Grandense*, v.1 : O Rio Grande antigo. Canoas : Editora Regional Ltda., 1956.

RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz, et al. *Sociedade Orpheu : da história de um nome à identidade de um clube*. São Leopoldo: Ed. Palotti, 1998.

RENAUX, Maria Luiza. *O outro lado da história : o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau : Ed. da FURB, 1995.

REY, Alain et DE BOVE, Josette. *Le nouveau Petit Robert*. Dictionnaire alphabétique de la langue française. Paris : Dictionnaires Le Robert, 1993.

ROCHE , Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul I*. Porto Alegre : Globo, 1969. (Coleção Província).

_____. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul II*. Porto Alegre: Globo, 1969. (Coleção Província).

_____, et al. *Colóquio de estudos teuto-brasileiros, 3*. Porto Alegre, 14-18.out.1974. Anais. Porto Alegre : Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória : patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo : DPH, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador : D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público : as tiranias da intimidade*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis : FCC, 1982.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1990.

_____. Etnicidade, pluralismo e imigração no Brasil. In: REICHEL, Heloisa e GUTFREIND, Ieda (orgs.) *América Platina e historiografia: história agrária, imigração e etnia, história política e mentalidades*. São Leopoldo : PPGH/UNISINOS, 1996.

_____. Pluralismo, etnia e representação política. In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMANN, Márcio (coord.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro : Conta Capa Livraria, 1996.

_____. Etnicidade e ascensão social: estudo de caso entre teuto-brasileiros. *XXI Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu : 1997.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. *SOGIPA : uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa)*. Porto Alegre : Palloti, Editores Associados, 1997.

_____. *Representações do humor no imaginário teuto-brasileiro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da UNISINOS. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

SILVA, José da. Vida urbana, usos e costumes. Crônicas de São Leopoldo: ano de 1886-1933. *Anais do Simpósio comemorativo ao centenário de São Leopoldo*. São Leopoldo: Rotermund, 1946.

SILVA, Josiane A. da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG de Antropologia da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da; BAGANHA, Maria Ioannis; MARANHÃO, Maria José; PEREIRA, Miriam Halpern (orgs.) et al. *Emigração/imigração em Portugal : Actas do "Colóquio Internacional sobre emigração e imigração em Portugal (séc. XIX-XX)*. Lisboa : Fragmentos, 1993.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Acerca da leitura das cidades. *Vária História*, n.º. 16. Belo Horizonte, setembro de 1996.

SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo : Brasil Sociedade e Cultura, Olho d'água, 1999.

SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS, 1997.

SOUZA, Francisco Belizário Soares de. *O sistema eleitoral no Império*. Brasília: Senado Federal, 1979.

SOUZA, Marina de Mello e. *Parati : a cidade e as festas*. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1994.

SPERB, Angela Tereza (org.) *et al. Sal da terra : 160 anos da Comunidade e Escola Evangélica de Campo Bom*. Canoas : La Salle, 1992.

SPERB, Angela T. *Mais que nunca é preciso cantar*. As sociedades de canto de Hamburger Berg e Esperanza. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da UNISINOS. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.

TESCHE, Leomar. *A prática do turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes, no Rio Grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí : UNIJUÍ, 1996. (Dissertação de Mestrado, Coleção Trabalhos Acadêmico - Científicos).

TRAMONTINI, Marcos Justo. A colônia de São Leopoldo. A organização social dos imigrantes na fase pioneira. Tese de doutorado em História, apresentada à PUC de Porto Alegre. Porto Alegre : 1998.

TRINDADE, Hélió. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre : Sulina, 1980.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo : HUCITEC, 1997. (Estudos Brasileiro 31).

TUDELA, José Alberto Galván. Identidad, endogamia étnica y adaptación sociocultural del inmigrante canário en Cuba. *Revista Guize*, v. 2, p. 37 – 50. La Laguna : Asociación Canária de Antropología, 1995.

VARGAS, Carmem M. Barreto. Reproducción Social de la identidad cultural de los inmigrantes canarios en Cuba. *I Congreso Europeo de Latinoamericanistas*. Salamanca : España, 1996.

VERNEY-CARRON, Nicole. A propos de l'exemple Stéphanois: quelques réflexions sur l'Histoire des Élités provinciales au XIXe. Siècle. *Les Élités*. Bulletin, n. 4, p. 25-35, 1995. Lyon : Centre Pierre Léon d'Histoire Économique et Sociale/Université Lumière Lyon 2, 1995.

WEIMER, Günter. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

WEINMANN, Herman. Relatório festivo do cinqüentenário da Sociedade Orpheus (1908). Manuscrito inédito em alemão gótico. Traduzido por Manfred Wilhelm Hasenack, . São Leopoldo, 1996, 17 p.

WESTPHALEN, Cecilia Maria; BALHANA, Altiya Pilati. Le loisir dans le Parana provincial. In: DAUMARD, Adeline. *Oisiveté et loisirs dans les Sociétés occidentales au XIX^e Siècle*. Colloque pluridisciplinaire, 19-20 nov.1982, p. 85-103. Amiens : F. Paillart, 1983.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Brasília : Companhia Editora Nacional, INL, 1980.

WOLF, Wilhelm. *Deustsche Einwandere*. In: *São Leopoldo 1824 – 1937*. Neustadt : Verlag Degener, 1964. (Schriften zur wanderungsgeschichte der Pfälzer, Folge 22).

FONTES PESQUISADAS

Boletins, relatórios e outros documentos de Sociedades

a) SOCIEDADE ORPHEU

- ESTATUTOS da Sociedade Orpheu : 1858, 1915, 1944 e 1976;
- "O ORPHEU" - Boletim para distribuição entre os associados da Sociedade Orpheu. 1949-1960.
- LIVRO DE ATAS DA DIRETORIA da Soc. Orpheu: 1926 A 1954;
- LIVRO DE ATAS da Sociedade Orpheu: 1923 a 1946;
- LIVRO DE RECEITA E DESPESA da Soc. Orpheu: 1892 a 1922;
- LIVRO-CAIXA DO TEATRO da Soc. Orpheu: 1871 a 1917;
- RELATÓRIO FESTIVO do Cinqüentenário da Sociedade Orpheus, em janeiro de 1908;
- RELATÓRIO FESTIVO do Clube de Bolão Separat, (do Orpheu) por ocasião dos seus 50 anos (1933);

b) SOCIEDADE GINÁSTICA DE SÃO LEOPOLDO

- DER TURNER BOTE. Boletim mensal da Sociedade Ginástica. Número especial dos 50 anos da Sociedade Ginástica. 1935.
- ESTATUTOS DA Sociedade Ginástica de São Leopoldo - 1932;
- LIVRO DE ATAS da Sociedade Ginástica de São Leopoldo - 1908-1935;

c) CLUBE RECREIO JUVENIL

- LIVRO DE ATAS do Clube Recreio Juvenil – 1948;
- LIVRO DE SÓCIOS do Clube Recreio Juvenil - 1930;
- RELATÓRIOS DE DIRETORIA do Clube Recreio Juvenil: 1927 a 1935;

d) TÊNIS CLUBE DE SÃO LEOPOLDO

- LIVRO DE ATAS do Tênis Clube de São Leopoldo: 1912 – 1930;
- RELATÓRIO DOS 25 ANOS do Tênis Clube de São Leopoldo.

e) ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SÃO LEOPOLDO

- BOLETIM ECONÔMICO - Órgão de divulgação da Associação Comercial, industrial e de Serviços de São Leopoldo, 1995. (Comemorativo dos 75 anos da entidade).
- LIVRO DE ATAS da Associação Comercial e Industrial de São Leopoldo - 1920 a 1935;

f) SOCIEDADE GINÁSTICA PORTO ALEGRE (SOGIPA)

- DEUTSCHE TURNBLÄTTER. Boletim da SOGIPA nº8. Porto Alegre, agosto de 1917.

FONTES MANUSCRITAS E OUTROS DOCUMENTOS

ACERVO ROTERMUND: consulta à Deutsche Post.

ARQUIVO MENTZ / ILEA – UFRGS : consulta ao Deutsche Zeitung e ao Koseritz Deutsche Zeitung.

ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL – APRS

- INVENTÁRIOS de SÃO LEOPOLDO - 1º Cartório: 1846 – 1889;
- INVENTÁRIOS de SÃO LEOPOLDO - 2ª Vara de Família e Provedoria: 1846 – 1889;

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL – AHRs

- DOCUMENTOS DIVERSOS referentes à Imigração alemã: 1850 a 1865;. do Sul, ano de 1924;
- REVISTA do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Público do Rio Grande

MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO – MHVSL

- DOCUMENTOS AVULSOS que se encontram depositados no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), como convites para bailes, Relatórios de Diretorias das sociedades estudadas, fotografias, jornais avulsos, relatórios e documentos sobre as exposições regionais e nacionais em que São Leopoldo participou, correspondência recebida/expedida, etc.;

NÚCLEO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIRO – NETB – UNISINOS

- 1º e 2º LIVROS de BATISMO da Comunidade Evangélica Luterana de São Leopoldo: 1856 – 1863;
- 1º LIVRO de CASAMENTOS da Comunidade Evangélica Luterana de São Leopoldo: 1856 – 1863.

OUTROS DOCUMENTOS

- *Boletim Municipal*: Legislação – História. São Leopoldo, : Prefeitura Municipal de São Leopoldo, ano 1, nº 1, v. 1, jan.-jun.1946. 304 p
- Estatutos do Clube de Tiro: 1883. MHVSL, (caixa das Sociedades).
- Relatório dos 25 anos do Tênis Club São Leopoldo. Documento em alemão, traduzido por Margareth von Mulhen Pool, para esta tese. MHVSL (caixa das Sociedades) e Arquivo do TCSL.
- Relatório festivo do cinqüentenário da Sociedade “Orpheus”. Documento em alemão gótico, traduzido por Manfred Wilhelm Hasenack, em 8/07/1996, 17 p. Existem duas cópias, do original, uma no MHVSL e outra no AHSO.

JORNAIS

(EM PORTUGUÊS)

- ARAUTO LEOPOLDENSE: São Leopoldo, 1901 – 1926;
- A SITUAÇÃO: São Leopoldo: 1938 –1939;
- CORREIO do POVO: Porto Alegre, 1908 – 1914 a 1918 – 1920 a 1930;
- CORREIO de SÃO LEOPOLDO: São Leopoldo, 1938 – 1939 – 1943 – 1944 – 1946;
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre, 1917 a 1920; 1924 a 1930; 1940 a 1945.
- JORNAL DO PARTIDO LIBERAL – 1943 – 1944;
- O REGIMEN. São Leopoldo: 1909 – 1910.

(EM ALEMÃO)

- DER BOTE. São Leopoldo, 1877;
- DEUTSCHE POST: São Leopoldo, 1884 – 1887 – 1890 – 1893 – 1895 – 1897 – 1899; 1908 – 1914 a 1917; 1924 a 1928.
- DEUTSCHES VOLKSBLATT. São Leopoldo e Porto Alegre, 1883 – 1892 a1896; 1899 – 1901 – 1903 – 1904 – 1907 - 1915 a 1917; 1919 – 1921 – 1923 – 1929 a 1931.
- DEUTSCHE ZEITUNG: Porto Alegre, 1861 – 1863 – 1864 – 1878 – 1879 – 1884 - 1886.
- DIE NEUE ZEIT: São Leopoldo, 1879 e 1880 – 1924
- HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM *in Rio Grande do Sul, 1824-1924*. Porto Alegre: Liga das Sociedades Germânicas, 1924,
- NEUE DEUTSCHE ZEITUNG: 1905 – 1934.

ANEXO 1

LISTA DE MORADORES DO CENTRO DE SÃO LEOPOLDO - 1848

COLONIZAÇÃO
c.332
VILA DE S.LEOPOLDO 1848

1º quarteirão

N	Nome	Idade	ofício	Relig.	Pátria	Escravo	Observação
1.	<u>Jacob Freyschlag</u>	44	<u>envernizador</u>	Cat.	Oldenburg		
2.	Filippina (m.)	34		"	"		
3.	Hermann	18		"	"		
4.	Christina	10		"	"		
5.	Julianna	8		"	"		
6.	Frederico	6		"	"		
7.	Sofia	1		"	Brasil		
8.	Guilhermina	1		"	"		
9.	Filippina	4		"	"		
-10.	<u>Estevão Faebert</u>	51	<u>carreteiro</u>	Cat.	Alemanha		
11.	Agida (M.)	44		"	"		
12.	Pedro Bruchner	80	barbeiro	Cat.	Alemanha		agregado
13.	João Filippe	18	carreteiro	Ev.	Brasil		
14.	Catharina Müller	14		Ev.	Alemanha		
	.Julio (escravo)	26	torneiro	Cat.	Congo		escravo
- 15.	<u>Valentin Petri</u>	41	<u>Alfaiate</u>	Cat.	Alemanha		
16.	Genoveva	37		"	"		
17.	Maria	15		"	Brasil		
18.	Susanna	13		"	"		
19.	Alphonso	7		"	"		
20.	Filippe	6		"	"		
21.	Luisa	1		"	"		
-- 22.	<u>Carl Schmidt</u>	42	<u>pedreiro</u>	Ev.	Alemanha		
23.	Margarida	32		"	"		
24.	Maria Eva	8		"	"		
25.	Carolina	6		"	"		
26.	Carlos	3		"	"		
27.	Christina	1		"	Brasil		
28.	<u>Henrique Schlussen</u>	55	<u>ferreiro</u>	ev.	Hamburg		
29.	Anna Catharina	55		"	"		
30.	Frederico	20		"	Brasil		
31.	Christina	18		"	"		
32.	Anna	14		"	"		
33.	Carlos	12		"	"		
34.	<u>Frederico Schliesen</u>	21	<u>Lombilheiro</u>	Ev.	Brasil		
35.	Maria (Witt)	21		"	Brasil		
36.	<u>Guilhermina Haak</u>	62	<u>viúva</u>	Ev.	Alemanha		
37.	<u>Pedro Haak</u>	24	<u>lombilheiro</u>	Ev.	Brasil		
38.	Margarida	26		cat.	Alemanha		
39.	Henrique	1		Ev.	Brasil		
40.	<u>Henrique Haak</u>	33	<u>lombilheiro</u>	Ev.	Alemanha		
41.	Elisabeth	22		"	"		
42.	Pedro	3		Ev.	Brasil		
43.	João	1/4		Ev.	Brasil		
44.	<u>Thereza maria Graaf</u>	58	<u>viuva</u>	Ev.	Alemanha		
45.	Damasia Luisa (f ^a)	18		"	Brasil		
46.	<u>João Müller</u>	27		Cat.	Alemanha		
47.	Maria	27		"	"		
48.	Carlos	3		"	Brasil		

49. Augusto	3		"	"
50. Catharina Veeck (Veuk)	48	viúva	Ev.	Prussia
51. Elisa	23		"	"
52. Frederico	9			
53. Carlos Albrecht	66		Ev.	Alemanha
54. Luisa	56		"	"
55. Elisabeth	24		"	Brasil
56. Philippe	21		"	Brasil
57. João	19		"	"
58. Dorothea	15		"	"
59. Frederica	9		"	"
60. Daniel Feldmann	34	curtidor	Ev.	Alemanha
61. Maria Cristina (Weimann)	24		"	Brasil
62. João Fernandes (fº)	1		"	"<fs>
63. Frederico von Hohendorf	22	curtidor	"	Prussia (agregado)
64. Augusto Beckel	18		Ev.	" "<fs>
65. Felipe Feldmann	68	curtidor	Ev.	Alemanha
66. Christina	63		Ev.	Alemanha
67. Mathias Sefferin	39	patrão	cat.	Alemanha
68. Maria	32		"	"
69. Christina	13		"	"
70. Mª Ignácia	12		"	"
71. Margarida	5		"	"
72. Mathias Daudt	34	curtidor	Cat.	Alemanha - Orphen nº 14
73. Mª Barbara	28		"	"
74. Anna Christina	7		"	Brasil
75. Luisa	5		"	"
76. Catharina	3		"	"
77. José Frey	21	curtidor	Cat.	Alemanha
78. Ferdinand R.	22	curtidor	Ev.	Alemanha (agregado)
79. Mathias Link	15	curtidor	Cat.	Alemanha (agregado)
80. João Hackmann	12		Cat.	Brasil (agregado)
João	26	curtidor		Brasil (escravo)
Francisco	21	curtidor		Nago (escravo)
Antônio	2			Brasil (escravo)
81. João Müller	33	curtidor	Ev.	Alemanha
82. Anna Catharina	23		"	"
83. Anna Catharina	6		"	Brasil
84. Luis Lourenço	4		"	"
85. João Carlos	3		"	"
86. Henrique João	1		"	"
87. August Kuhns	45	curtidor	Ev.	Alemanha
88. José Lestérhenn	28	curtidor	Ev.	Alemanha
Antônio	31	curtidor	Cat.	Brasil escravo
Gertrudes	21		"	" escravo
Guilherme	2		"	" escravo
89. Henrique Bastian	35	curtidor	Ev.	Prussia
Anônio	10	curtidor	cat.	Nago escravo
90. João Bastian	37	curtidor	Ev.	Prussia
91. Cândida (Brenner)	22		"	Prussia
92. Luis	4		"	Brasil
93. Guilhermina	3/4		"	"
94. Margarida Brenner (sogra)	63		Ev.	Alemanha
95. João Jacob Siel	21	curtidor	Ev.	agregado
96. Felipe Adam	34	"	"	agregado
97. Sebastian Schetter	22	"	"	agregado

98. Felipe Heim	14	"	"	agregado
Antônio	19	curtidor	Cat. Nago	escravo
João	19		cat.	escravo
<u>99. Adolfo Etzberger (pai)</u>	<u>54</u>	<u>carpinteiro</u>	Ev.	Prussia
100. Carlos Etzberger	38	carpinteiro	"	"
101. M ^a Elisabeth	37		"	"
102. Jacobina	7		"	"
103. Elisabeth	12		"	"
104. Carlos	6		"	"
105. Frederico	4		"	"
106. Pedro	1/4		"	Brasil
<u>107. Ludovico Beckel</u>	<u>28</u>	<u>músico/sapateiro</u>	Ev.	Alemanha
108. Maria	18		"	"
109. Martin	1		"	Alemanha
110. Henrique Huhl	23	sapateiro	Ev.	Alemanha (agregado)
<u>111. Pedro Kuhs</u>	<u>32</u>	<u>carpinteiro</u>	Cat.	Alemanha
112. Julianna	26		Ev.	Alemanha
113. Frederico	3		Cat.	Brasil
114. Leopoldina			Cat.	Brasil
<u>115. Elisabeth Habichtzahn</u>	<u>19</u>		Ev.	Brasil
Israel Baptista Orsi				ver lista de brasileiros
116. Isabel (Pfeifer)	39		Ev.	Alemanha
117. Luisa Christina	21		"	Brasil
<is>118. João Fernandes	18		"	Brasil<fs>
119. Catharina Dieter	14		Ev.	Alemanha
120. M ^a Dieter irmã órfã	17		Ev.	Alemanha
<u>121. Guilherme Scheck</u>	<u>65</u>	<u>carpinteiro</u>	Ev.	Mecklemburg
122. Dorothea	65		"	"
<u>123. João Fries</u>	<u>36</u>		Ev.	Alemanha
124. Elisabeth (m.)	27		"	"
125. Luisa (f ^a)	9		"	"
126. João (f ^o)	3		"	"
127. Magdalena	58		"	"
128. João	1		"	"
<u>129. Adolfo Mesterlin</u>	<u>49</u>	<u>boticário</u>	Ev.	Wurtemberg
130. M ^a Barbara	33		Cat.	Suiça
131. Gustav Joaquim	11		Cat.	Brasil
132. Julius Manoel	9		cat.	"
133. Carlos manoel	6		"	"
134. Filippina Joana	5		"	"
135. João Henrique	3 1/2		"	"
136. M ^a Jacobina	1 1/2		"	"
<is>137. Carlota	1/2		"	"<fs>
138. Christina Wassun	21		Ev.	Prussia (criada)
139. Gunther Limpert	20	barbeiro	Ev.	Saxônia (agregado)
Vicente	20	s/ofício	Cat.	Moçambique (escravo)
Maria	23		"	Mina (escrava)
<u>140. Frederico Grahn</u>	<u>44</u>	<u>ferreiro</u>	Cat.	Hannover
141. Sophia Dorothea (m)	54		Ev.	"
142. Carlos	14		cat.	Hannover
143. JOão	12		cat.	Hannover
<u>144 Jorge Wann</u>	<u>23</u>	<u>sapateiro</u>	cat.	Prussia
145. Elisabeth (m)	18		cat.	Hannover
<u>146 Johann Andres Weimann</u>	<u>49</u>	<u>sapateiro</u>	Ev.	Lubeck

2° quarteirão

1.	Carolina Kruger	44	viúva	Ev. Alemanha
2.	Carl f°	16	sapateiro	" "
3.	Christina Kober	60	viúva	Ev. Alemanha
4.	Joaquim Jacob Frey	54	mestre escola	Catl. Alemanha
5.	Mariana (mr)	35		" "
6.	José Gerling	36	sapateiro	Ev. Alemanha
7.	Maria (mr)	40		" "
8.	Candinha f ^a	21		Catl Brasil
9.	Carolina f ^a	19		Catl Brasil
10.	Antônio	13		Catl Brasil
11.	Guilherme Ries	50	sapateiro	Cat. Alemanha
12.	Catharina (mr)	46		" "
13.	Susanna	13		Brasil
14.	André	17	lombilheiro	" "
15.	Francisco Klinger	27	lombilheiro	Cat. Alemanha
16.	Margarida	19		" Brasil
17.	Margarida	2/3		" "
18.	Francisco Karst	48	marceneiro	Cat. Alemanha
19.	Maria	35		" Alemanha
20.	Christovão	18		" Brasil
21.	Maria	16		" "
22.	Daniel	14		" "
23.	Filippina	12		" "
24.	Catharina	11		" "
25.	Christiana	10		" "
26.	Helena	8		" "
27.	Francisco	4		" "
28.	Carolina	2		" "
29.	Filippe Matt	38	patrão	Ev. Alemanha - <i>Orphan</i>
30.	Filisbibna	36		" Alemanha
31.	Jacob	14		Cat. Brasil
32.	Filippina	13		" "
33.	Fernand	8		" "
34.	Catharina	4		" "
	escravo			
	escravo			
35.	Mariana Diehl	59	negócio	Cat. Prussia viuva
36.	Ignácio	15		" Brasil
37.	Valentin Diehl (cunhado)	66		" Prussia
38.	Carolina	36	viuva	Ev. Oldenburg agregada
39.	Filippia (f ^a)	11		" " agregada
40.	Jacob Diehl	24	negócio	Cat. Prússia
41.	Daniel Habischtzahn	65		ev. Alemanha
42.	Susanna (mr)	69		Ev. "
43.	Catharina	36		" "
44.	Carlos Gerhard	26	sapateiro	Ev. Alemanha
45.	Luisa (m.)	25		" "
46.	Luisa	5		" Brasil
47.	Carolina	3		" "
48.	Jacob	2		" "
49.	Augusto Koch	49	bilhar	Ev. Alemanha

50	Gertrud (m)	35	"	"	
51	Miguel (Resch) f.	18	Cat.	Brasil	
52	Margarida (f)	15	Cat.	"	
53	Germano (Koch) f.	6	Ev.	Brasil	
54	Justina f ^a	4	"	"	
55	Ernesto f ^o	2	"	"	
56	Catharina Kienlien	20	costureira	Ev. Alemanha	agregada
57	Elisabeth Wallauer	18	criada	Ev. Alemanha	criada
	Rafaela	25		Cat. crioula	escrava
<hr/>					
58.	José Michel	26	marceneiro	Ev. Al.	
59.	Maria (viúva Gaertz) (m)	31	negócio	Cat. Al.	
60.	Tehereza Gaertz	9		Cat. Brasil	
<is>61.	Carolina Gaertz	7		"	" <fs>
62	Elisabeth Allgayer	76		Cat. Alemanha	(mãe da mulher)
<hr/>					
63	Anna Maria Weber	45	viuva	cat.	alemanha
64.	Elisabeth	16		cat.	Brasil
65.	Jacob	21		cat.	Brasil
66.	João	19		cat.	Brasil
<hr/>					
67.	João Geisbuch	61	ferreiro	Cat.	Alemanha
68.	Margarida (m)	64		Cat.	"
69.	Pedro	29		"	"
<hr/>					
70.	João Frederico Dreher	29.	lapidário	Ev.	Oldenburg
71.	Anna Maria (m)	27		Cat.	"
72.	Catharina Emilia	5		Cat.	Brasil
73.	Pedro Alfonse	3		"	"
74.	Maria Mathilde Leopolda	1		"	"
<hr/>					
75.	João Enflert	56	ferreiro	Cat.	Alemanha
76.	Catharina	31		Ev.	Alemanha
77.	Adolfo	13		Cat.	Brasil
78.	Candinha	16		"	"
79.	Catharina	11		"	"
<hr/>					
80.	Henrique Bier	24	patrão	Ev. Alemanha	<i>Orphan 1861</i>
81.	Joaquina Rita	16		cat.	Brasil
<hr/>					
82.	Jacob Killan	24	seleiro	Ev.	Alemanha
<hr/>					
83.	Juliana Becker	50	paderia	Ev.	Alemanha
84.	Henrique	19		"	"
85.	Guilherme	12		"	"
86.	Catharina	16		"	"
87.	Christiano	9		"	"
<hr/>					
88.	Elisabeth Winkler	55	viuva	Cat.	Alemanha
89.	Elisabeth	28		"	"
90.	Jacob	18		"	Brasil
91.	Henrique	24		"	"
92.	Antônio	17		"	"
<hr/>					
93.	Jorge Dauberz	40	marceneiro/patrão	Ev.	Alemanha
94.	Margarida	36		"	"
95.	Filippina	17		"	Brasil
96.	Bernardo	14		"	"
97.	Jorge	12		"	"
98.	Christiano	10		"	"
99.	Catharina	6		"	"
100.	Henrique	6		"	"
101.	Sophia	4		"	"
102.	Luisa	2		"	"
<hr/>					
103.	Adão Wolf	27	lombilheiro	Ev.	Alemanha

104.	Sophia (Bier)M.		"	"	
105.	Carolina f ^a		"	Brasil	
106.	<u>Martin Michel</u>	19 lombilheiro	Cat.	Alemanha	
	Maria de Deos (m.)	15	Cat.	Brasil	
107.	<u>João Koch</u>	47 alfaiate	Ev.	Alemanha	
108.	Catharina(m.)	36	Cat.	Alemanha	
109.	Leonardo	18	Cat.	Brasil	
110.	Ludovica	16	"	"	
111.	Carlos	14	"	"	
112.	João	12	"	"	
113.	Elisabeth	10	"	"	
114.	Bartolomeu	7	"	"	
115.	Augusto	5	"	"	
116.	Carolina	1	"	"	
	Antônio	41 alfaiate	Cat.	Bengela	escravo
117.	<u>Nicolau Stumpf</u>	50 negócio	cat.	Alemanha	<i>- Orphan - naturalizado</i>
118.	Elisabeth (m)	38	"	Alemanha	
119.	João	17	"	"	
120.	Pedro	15	"	"	
121.	Carolina	12	"	"	
122.	Frederico	10	"	"	
123.	Christina	8	"	"	
124.	Estevão	5	"	"	
<is>	125. Gertrudes	3	"	"	<fs>
<is>	<u>126. Wilhelm Froböse</u>	33 caxeiro	Ev.	Alemanha	<fs>
	Domingos	19 caxeiro	Cat.	Mina	
	José	19	"	"	
	Geralda	21	"	Brasil	
	Jesuino	29	"	"	
	Francisco	4	"	"	
	Manoel	3	"	"	
	José	2	"	"	
127.	<u>Paulo Hamel (Ramel?)</u>	58 marcineiro	Cat.	Alemanha	
128.	Maria Thereza	51	"	"	
129.	Antônio	26 sapateiro	"	"	
130.	João	23	"	Brasil	
131.	Rodrigo	21	"	"	
132.	Inocência	15	"	"	
133.	<u>João Kuhns</u>	56 padeiro	Ev.	Alemanha	
134.	Catharina	53	"	"	
135.	Filippe	17	"	Brasil	
136.	Augusto	15	"	"	
137.	Carlos	5	"	"	
138.	<u>Miguel Kern</u>	50 tamanqueiro	Cat.	Alemanha	
139.	Elisabeth	58	"	"	
140.	Maria Antônia	16	"	"	
141.	<u>Felippe Becker</u>	24 padeiro	Ev.	Alemanha	
142.	Carolina (Krüger)	16	"	Brasil	
143.	<u>Carlos Panitz</u>	26 lombilheiro	Ev.	Alemanha	<i>- Orphan</i>
144.	Anna	30	cat.	Alemanha	
145.	Joanna	7	"	Brasil	
146.	Carlos	3	"	"	
147.	Guilherme	1	"	"	
	Manoel	21 lombilheiro	cat.	"	escravo
	Benedito	17	"	"	escravo
	Maria	21	"	"	escravo
	Antônio	2	"	"	escravo
	José	1	"	"	escravo

148. ^{João} Gottlieb Lang 56 chapeleiro Ev. Alemanha - *Orysher*
 149. Elisa 41 ev. Alemanha
 150. Elisabeth 16 ev. Brasil
 151. Julia 14 Ev. Brasil
 152. Augusta 9 Ev. Brasil
 153. Carlos 6 " "
 154. Gottlieb 4 Ev. Brasil

155. ^{Philipp} Jacob Sperb 29 Negocio Ev. Alemanha - *Orysher / ginástica*
 156. Barbara (viuva Peters) 27 " "
 157. Pedro 8 " Brasil
 158. Luisa 4 " "
 159. Catharina 2 " "
 160. Carolina 1/2 " "

161. Bauer 47 carpinteiro cat. Alemanha
 162. Magdalena 39 " "
 163. Ignacio 20 " Brasil

164. João Fisch 36 marceneiro Cat. Alemanha
 165. Maria Anna 26 " "
 166. Jorge 12 " "
 167. Catharina 10 " "
 168. João 7 " "
 169. Maria Antônia 5 " "
 170. Adam 3 " "
 171. Pedro 1 " "
 João 21 marceneiro " Nago escravo
 Bonifácio 17 marceneiro " Nago escravo

172. João Henrique Keller 71 seleiro cat. Alemanha
 173. Rosa Barbara 75 " Alemanha

174. Miguel Heinle 26 moleiro Ev. Alemanha
 175. Joanna (Geizer) 26 Cat. "
 176. Josepha 1/2 Cat. Brasil

177. Paul Käfer 53 serralheiro Cat. Prussia
 178. Susanna Margarida 47 Cat. Prussia

179. Alexandre Herzog 27 lombilheiro Ev. Hostein - *Orysher Fundador - naturaliz. 1848*
 Maria Margarida 22 Cat. Brasil
 Francisco Cat. Brasil

3° quarteirão

1. Henrique Eberts 51 patrão ev. Baviera
 2. Catharina 38 " Prussia
 3. Augusto 16 " Brasil
 4. Guilherme 14 " Brasil
 5. Albino 11 " Brasil
 6. Elisabeth 7 " Brasil
 7. Catharina 5 " "
 8. Nicolau 3 " "

9. Guilherme Carnas 26 carpinteiro ev. Alemanha
 10. Sophia 17 " Brasil

11. Anna Margarida Huppen 68 viuva Ev. Hamburg
 12. Frederica Cristina 28 " "
 13. João Luis " "

14. Guilherme Stoll 51 Oleiro Cat. Hessen
 15. Elisabeth 45 " Baden
 16. Maria 16 " "

17. Anna	14		
18. João	12		
19. Elisabeth	11		
20. Carolina	10		
21. Guilherme	9		
22. Jacob	5		
23. <u>Guilherme Miguel Heusler</u>	40	oleiro	Ev. Wurtenberg jornaleiro
Thomas		31 oleiro	Cat. Nago escravo
24. <u>Jacob Dan(?)</u>	28	carp. de riga	Ev. Dinamarca
25. Catharina	18		Ev. Brasil
26. <u>Carlos Matt</u>	42	ourives	ev. Oldenburg
27. Elisabeth	25		Ev. Prussia
28. Christiano	17	ourives	" Brasil
29. Carlos	15	ourives	" "
30. Felipe	14		" "
31. Clemente	12		" "
32. Miguel	8		" "
33. Luisa	4		" "
34. Ludovico	2		" "
Roque	16	ourives	Ev. Brasil escravo
35. <u>Guilherme Hoffmann</u>	21	funileiro	Ev. Darmstadt - <i>Fundador Orphan</i>
36. Thereza	18		Cat. Brasil
37. João Michel	18	funileiro	cat. Brasil
38. <u>Henrique Panitz</u>	28	curtidor	Ev. Prussia - <i>Orphan ?</i>
39. Catharina	26		" Hamburgo
40. Carlos	6		" Brasil
41. Carolina	3		" "
42. Guilherme	1		" "
43. <u>Daniel Schlotz</u>	68	padeiro	ev. Wurtenberg
44. Elisabeth	64		" Baviera
45. Gottlieb Ferchin	36		" Baviera criado
46. <u>João Miguel Kramer</u>	77	lavrador	Cat. Baviera
47. Maria Margarida	62		cat. "
48. <u>Carlos Schneider</u>	49	marinheiro	Cat. Prussia
49. <u>João Frederico Rieth</u>	33	funileiro	ev. Prussia
50. Marianna Carolina	25		" Prussia
51. Amélia Filippina	4		" Brasil
52. Frederico Guilherme	1		" Brasil
Anna	36		Cat. crioula escrava
Fortunato	31	funileiro	" Bahia escravo
Manoel	2		Cat. Brasil escravo
João	1		" " escravo
53. <u>Nicolau Faller</u>	39	carpinteiro	Ev. Prussia
54. Anna	31		Cat. "
55. Maria	9		" Brasil
56. Sophia	6		" "
57. Miguel	2		" "
58. <u>João Bock</u>	58	ferreiro	ev. Polônia
59. <u>João Postel</u>	44	marinheiro	ev. Prussia
60. Henriquette	44		ev. Baden
61. Frederico	19	marinheiro	ev. Brasil
62. <u>Jacob Mohnd</u>	33	negocio	ev. Darmstadt
63. Catharina	25		" Prussia
64. João Hermann	16		Cat. Prussia agregado

65.	Maria Hermann	6		cat. Prussia	agregado
66.	Herrmann Sahs	52	sapateiro	Ev.	Holstein
67.	João Scheck	28	alfaiate	ev.	Mecklemburg
68.	Mathilde	26		cat.	Oldenburg
69.	Henrique	5		Cat.	Brasil - - - <i>Oyphur</i>
70.	Mathias Pffingstag	51	alfaiate	ev.	Wurtenberg
71.	Luisa	37		"	Oldenburg
72.	Jacob Frederico	17	alfaiate	"	Brasil
73.	Luis Conrado	16	alfaiate	"	"
74.	João Batista	13	alfaiate	"	"
75.	Carlos Guilherme	5		"	"
76.	Carolina	9		"	"
77.	Christiano	1		"	"
78.	Jacob Geyer	42	negocio	ev.	H-Darmstadt - <i>Oyphur</i>
79.	Juliana	34		"	"
80.	Thereza	13		"	Brasil
81.	Margarida	12		"	"
82.	Carolina	4		"	"
83.	Christiana	2		"	"
84.	Filipp Uebel	24		Ev.	Prussia
85.	Elisabeth.	18		"	Brasil
86.	João Huhn	55	seleiro	ev.	Mecklemburg
87.	Catharina	41		"	H-Darmstadt
88.	Christina	20		"	Brasil
89.	Pedro	17		"	"
90.	Elisabeth	15		"	"
91.	Anton Gunther	10		"	" - - - <i>Oyphur</i>
92.	Carolina	6		"	"
93.	Jacob Frederico Schlüter	41	relogoeiro	Ev.	Holstein
94.	Margarida	30		"	"
95.	Carlos Emil	4		"	"
96.	Guilherme Daniel	2		"	"
97.	Carlos Hosking	34	procurador	cat.	Inglaterra
98.	Briolonga	32		cat.	Brasil
99.	Maria Henriqueta Knorr	25	viuva	Ev.	Lübeck
100.	Maria	6		"	"
101.	Frederico	5		"	"
102.	Antônia	1		"	Brasil
103.	Julio Henrique Knorr	50	negocio	ev.	Hamburg
	D. Antônia Benedita de Oliveira			Cat.	Brasil
104.	Henrique	14		Cat.	Brasil
105.	João	8		cat.	Brasil
106.	Maria Julia	2		"	"
	Tristão	25		Cat.	Brasil escravo
	Antônio	15		"	Nago escravo
	Caetana	16		"	Brasil escravo
				"	Brasil escravo
107.	João Schilling	30	Carpinteiro	ev.	Prussia
108.	Catharina	19		"	"
109.	Jacob	1		"	Brasil
110.	João Muller	55		ev.	Prussia
111.	Elisabeth Catharina	54		ev.	"<fs>
112.	Maria Baum	18		ev.	Brasil

113.	Philipp Damian	31	carpinteiro	ev. H.-Darmstadt
114.	Maria	22	"	"
115.	Carolina	1	"	Brasil
116.	Carolina Dornte	48	viuva	ev. Oldenburg
117.	Jacob	19		ev. Brasil
118.	Juliana	14		ev. "
119.	Gustav	10		" "
120.	Mathilde	8		" "
121.	Carlos	6		" "
122.	Henrique Hubner	27	tanoeiro	cat. prussia
123.	Paulina	25		Ev. Prussia
124.	João Stein	62	pedreiro	Cat. Prussia
125.	Anna	58		" "
126.	João Michel Muller	28	carpinteiro	ev. Oldenburg
127.	Magdalena	25		" "
128.	Carolina	2		" Brasil
129.	Alphonso Mabilde	38	engenheiro	cat. Belgica <i>Orphen</i>
130.	Luisa	25		cat. H.-Darmstadt
131.	Carlos	3		cat. Brasil
132.	Alphonso	5		cat. Brasil
	Joana	20		cat. nago escrava
133.	Conrad Zimmermann	58	Canoeiro(?)	ev. H.-Darmstadt
134.	Margarida	55		" "
135.	Augusto Guilherme Klenze	40	padre	ev. Hamburgo
136.	Clara Henriquette	24		cat. Oldenburg
137.	Huberta	3		ev. Brasil
<is>138.	Francisco	1		ev. Brasil<fs>
<is>139.	Anna Maria Frederica Schlabrendrof	(sogra) 60		cat. Oldenburg viuva<fs>
140.	Christina Schlusen	17		ev. Brasil criada
141.	Pedro Prass	46	mestre escola	ev. prussia
142.	Filippina	39		ev. prussia
143.	Pedro	17		" "
144.	Jacob	12		" "
<is>145.	Filippina	9		" "
146.	Juliana Reck	20		" "
147.	Henrique Rieth	50	marcineiro	ev. Prussia
148.	Joanna Dorothea	60		ev. Prussia
	Maria	26		Cat. Angola escrava
149.	João Daniel Hillebrand	49	diretor	ev. Hamburg
150	Guilherme Tillmann	25	criado	cat. Prussia criado
151.	Barbara Fischer	65	viuva	ev. Wurtemberg
152.	Jacob Becker	55	sapateiro	Cat. Oldenburg
153.	Maria	46		ev. Hanover
154.	Maria	15		cat. Brasil
155.	Jacob	8		" "
156.	Helena	5		" "
157.	Thereza	3		" "
158.	Henrique	13		" "
159	João Muller	27	sapateiro	" Oldenburg
<is>160.	Elisabeth Fritz	68	viuva	Ev. H.-DarmstadtR <fs>
	Elisabeth Tiefenbach	32	viuva	Cat. Prussia
	Maria Ulm f ^a	12		" Brasil
	Anna Ulm	11		" "

165. Frederico Reichmann	52	ferreiro	Ev. Prussia
166. Anna Catharina	29		" "
167. Henrique Guilherme	8		" "
168. Augusto Weimann	34	Patrão	ev. Lübeck
169. Elisabeth	28		cat. Prussia
170. Guilhermina	7		" Brasil
171. Maria Luisa	3		" "
<is>172. Luis	1		" " <fs>
Elisabeth Ritter(sogra)	73		" "
174. Jorge Klarg	30	padeiro	ev. ingles
175. Maria (Waia..?)	34		" prussia
176. Carlos	12		" Brasil
177. Guilherme	14		" "
178. Amalia	8		" "
179. Regina	6		" "
180. Carolina	2		" "
181. Jacob Schneider	42	carniceiro	ev. Prussia
182. Maria Elisabeth(Screin)	29		" "
183. Maria Luisa	3		" Brasil
José	21	carniceiro	Cat. crioulo -escravo
184. Filipp Klay	23	ourives	Ev. Oldenbrug
185. Lourenço Dexheimer	63	lavrador	ev. Prussia
186. Margarida	60		" "
187. Christiano Fischer	40	carreteiro	ev. Holstein
188. Maria	33		Cat. Prussia
189. Daniel	19		Ev. "
190. Henrique	13		" "
191. Maria	12		" "
192. Catharina	9		" "
193. Jacob	7		" "
194. Christian	4		" "
195. Margarida	2		" "
196. Jacob Daniel Bohlar(pai)	41		" "
N.B. 2 escravos na fª feit.....2 escravos			
197. Joanna Gerlien	62	viuva	ev. Mecklenbrug
198. Jorge	32	curtidor	" "
199. João	30	sapateiro	" "
200. Jacob Seferin	34	sapateiro	cat. Prussia
201. Sophia	14		" Brasil
202. Abraham de Wytt	43	alfaiate	Cat. Belgica
203. Carlotta Friderica	36		Ev. Brasil(?)
204. Maria(Gayer) fª	15		" "
<is>205. Luisa (Gayer) fª	12		" " <fs>
206 Jorge Krug	19	alfaiate	ev. Brasil
207. Carlos Lüdsen	16	alfaiate	Cat. Brasil
208. Nicolau Gesuchs	18	alfaiate	Ev. Prussia
209. João(Gayer) fº	12		Ev. Brasil
210. Guilherme Petersen	62	marcineiro	Ev. Holstein
211. Filippina	41		" Baviera
212. Jacob	21	marcineiro	" Brasil -
213. Henrique	18	idem	" " -
214. Jorge	16	sapateiro	" "
215. Anna Maria	13		" "
216. Joanna	12		" "
217. Guilherme	6		" "

Opheer
Opheer

<is>218. Carolina	4	"	"<fs>
219. Augusto Schan	47	alfaiate	Cat. H.-D.
<is>220. Catharina Barbara Agner	57	alfaiate	ev. Wurtenberg<fs>
221. Jorge Schreiner	24	alfaiate	Ev. Brasil
<is>222. Carolina (mr)	17		Ev. Brasil<is>
223. João Veck	38	bilhar	ev. Oldenburg, viuvo
224. Luis Manoel	11	"	Brasil
225. Carolina	9	"	"
<is>226. Guilherme	8	"	"<fs>
227. Maria Beck	18	criada	" "
228. Huberto von Schlabrendorf	28	procurador	Cat. Oldenburg
229. Catharina (Bach) (mr)	18	"	Brasil
230. Elisabeth	10	"	" agregada
231. Jacob Zimmermann	32	curtidor	ev. H.-D.
<is>232. Flora (mr)	22	"	"<fs>
233. João Gerber	39	curtidor	" Wurtenberg agregado
234. Jacob Kilb	31	carpinteiro	ev. Prussia
235. Elisabet	28	"	"
236. Friderica	3	"	"
237. Estevão	1	"	"
238. Jorge Miguel Renck	49	curtidor	ev. Wurtenberg
239. Gertrudes	46		Cat. H.-D.
240. Christiano	14	"	Brasil
241. Carolina Heniquette	12	"	"
242. Carlos	9	"	" - Orphan ?
243. Frederico	8	"	"
244. Augusto	5	"	"
245. Gertrud	4	"	"
246. Augusta	2	"	"
247. Carlos Ludowig Kirsch	25	alfaiate	ev. Oldenbrug
248. Catharina	23	"	"
249. Carlos	4	"	"
<is>250. Gertrud	2	"	Brasil<fs>
251. Mathias Kummel	18	alfaiate	Cat. Brasil agregado
252. Martin Frantz	56	alfaiate	cat. H.-D.
253. Gertrud	39	Ev	"
254. Guilherme Horbach	30	carpinteiro	Ev. Prussia
255. Jacobina	20	"	H.-D.
256. Guilherme	1	"	Brasil
<is>257 Elisabeth (Falken, Falssen?)	68	viuva	ev. Prussia<fs>
258. Guilherme Schilling	25	lombilheiro	ev. Prussia
259. Catharina (mr)	25		Cat. Prussia
260. Susanne	5		Ev. Brasil
261. Frederico	3	"	"
262. Malvina	1	"	"
263. Luis Reichard	28	ourives	ev. Oldenburg - fundador do Orphan
264. Margarida	18	"	Brasil
265. Carlos Michels	28	sapateiro	cat. Oldenburg
266. Maria	21		Cat. Oldenburg
267. Domingo Damm	52	sapateiro/músico	cat. Prussia
268. Maria (mr)	25	"	"
269. Carolina	11	"	Brasil
270. José	9	"	"
271. Maria	4	"	"

272. Estevão	3	"	"
273. Anna	1	"	"
274. Jacob Trein	67(?)	ferreiro	ev. Oldenburg
<is>275. Joana Maria	28		Cat. Hanover<fs>(m)
276. João	14	aprendiz	ev. Oldenburg agregado
277. Martin Huster	51	pedreiro	cat. Prussia
278. Clara (mr)	60		ev. H.-D.
279. Luis Winhler	43	pedreiro	cat. Austria
280. Catharina	36		ev. H.-D.
281. Rosina	18		Cat. Brasil
282. Frederidco	14		" Brasil
283. Francisco	4		" "
284. Luisa	9		" "
285. regina	4		" "
286. Maria	3		" "
287. Carlos Weber	45	sapateiro	Cat. Austria
288. Regina	48		ev. Hamburg
<is>289. Pedro	12		cat. Brasil<fs>
<is>290. Carlos Vige	12	aprendiz	cat Brasil <fs>
Percunato	12	sapateiro	cat. Brasil escravo
291. Jacob Scheerer	28	ferreiro	cat, Prussia
292. Clara	19		" Brasil
293. Henrique Dickel	21	ferreiro	ev. Brasil
294. Catharina Scherer	24		Catl Prussia
295. Ernesto Augusto Engelke	28	ferreiro	ev. Hamburg
296. Luisa	30		" "
297 Elisabeth	f°	1	" Brasil
298. Carlos Schüler	30	ferreiro	ev. Oldenburg + <i>Dyphen</i>
299. Catharina Elisabeth	25		" Prussia
300. Catharina	8		" Brasil
301. Elisabeth	6		" "
<is>302. Arminia	2		" "<fs>
303. Pedro Strehler	19	ferreiro	Cat. Prussia of. de officio
304. João Reinhard	48	ferreiro	ev. Wurttemberg
305. Otilia	40		Ev. H.-D.
306. Tobias	20		ev. Brasil
307. Valentin Gayer	51	ferreiro	ev. H.-D.
308. Susanna	49		" "
309. Guilherme	23		" "
310. Margarida	14		" "
311. Jacob	10		" "
312. Elisabeth	6		" "
313. João Muller	50	lavrador	Cat. Prussia
314. Elisabeth	44		" "
315. Catharina	16		" "
316. Elisabeth	15		" "
317. Pedro	13		" "
318. Maria	8		" "
319. Anna Sprenger	50	viuva	Ev. hamburg
320. Catharina Friderica	17		Cat. Brasil
321. Helena	14		" Brasil

brasileiros !!!

1º quartirão

1. André Miguel dos Santos 41 ourives / Major de G.N. / Pres. da Câmara Municipal
2. Bernardina Maria dos Santos 36
3. Joaquim Pereira da Rosa 13
Leopoldina 13 escrava
Florisbela 10 escrava
4. Inocencio José da Silva 72 ourives
5. Feliciano Antônia (mr) 80
6. Maria Rosa da Lima 40
7. Francisco de Chafas fº 19 carpinteiro
8. Faustina Marcolina fª 11
9. Maria Angeliva da Lapa 40
10. Francisco dos Santos Ferreira 40 carpinteiro
11. Maria do carmo ferreira 46 viuva
12. Manoel Ferrera Soares 29 transador(?)
13. José da Silva Paranhos 39 professor
14. Maria Antunes Ribas (mr) 38
15. Francisca Paranhos fª 17
16. João Paranhos 12
17. Fausta Paranhos 9
18. Januario Paranhos 7
19. Manoel Paranhos
20. Geraldina índia 25, agregada
Samuel 20 s/ ofício escravo
21. Luis Carlos d'Oliveira 50 procurador (Cpt de Ordenança)
22. Joaquina Rosa d'Oliveira (mr) 46
23. Clemencia Rosa 14
24. Antônio Carlos Saboio fº 13
25. Francisca Carlos Saboia fº 8
Laurinda 19 escrava s/ ofício
Benvinda 7 escrava s/ofício
26. Antônio José de Medeiros 48 alfaiate
27. Maria Joaquina de Castro (mr) 26
28. Manoel Antônio de Medeiros fº 21 compeiro(?)
Francisco 41 alfaiate escravo
29. Francisco Bahia 28
30. Ediviges Amria da Conceição (mr) 30
31. João Joaquim de Paula 46 negócio Caç G.N.
32. Rosa Maria de Oliveira 29
33. Epifanio Orlan de Paula 14 -
34. Adelaide Andresa 12
35. Belchior 10
36. Adalia 6
37. Virgilio 5
38. Amabilia 1/3
39. Joaquim de Menezes 47
40. Antônio Peixoto Prado 45 tabelião
41. Saturnina de Coelho Prado 39
42. Matilde Bitancourt 16
Francisco 31 escravo s/ ofício
Andrea 19 escravo s/ ofício
43. Francisco de Paula Ribas 46 professor
44. Gerturdes Maria Ribas 48
45. Laurinda Maria de Jesus 16
46. João Baptista do Nascimento 5

Antônio	41	pedreiro	nago	escravo
José	26	s/ofício	benguela	escravo
Jacob	21	"	Mina	escravo
Aprizio	12	"	crioulo	escravo
Maria	27	"	benguela	escravo
Laurinda	16		crioulo	escravo

47. Jerônimo Ant. de Barros 26 lombilheiro

<is>48. Catharina Coniela(?) 20<fs>

49 Pedro Lestão 38 agregado

50 Francisco Ferreira filho 13

51 Florinda Felicidade de Jesus 34.

52. Maria Francisca de Jesus f^a 16

53. Joaquim Francisco f^o 14

54. Inocencio da Silva Ramos 13

55. Bernardo Antônio f^o 8

56. Francisco Jose de Souza f^o 6

57. Justina Valeriana f^a 4

58. Manoel Ant. Ramos f^o 2

59. Manoel dos reis Nunes 30

60. Amelia Carolina Reis 17

61. Maria das Dores Cunha 15

62. Amanda dos Reis Nunes 1

Eva 12 escrava

63. Manoel José Filqueira 26 pedreiro

64. Angela Maria da Conceição 50 viuva

65. Generosa Maria da Conceição 20

66. Antônio Luis Carvalho f^o 17

67. Brivida Maria f^o 15

68. Maria da Conceição 13

69. Justina Maria da Conceição 8

70. Maria Angelia ca Flor 40 viuva

71. Maria Angelica f^a 16

72. Maria Francisca da Conceição f^a 7

73. Manoel Antônii da Almeida f^o 5

74. Victorina Rosa f^a 3

75. Antônio Rodrigues de Almeida 18 lombilheiro

76. Maria Ignácia da Conceição 17

77. João de Deos Antunes 47

78. Leocadia Inocencia de Jesus 50

77. Israel Batista Orsi 34

78. Isabel Orsi

79 Luisa Christina

80. Francisco B. Orsi

81. João Fernandes (Pfeifer)

82. Leopoldina

83. João Roiz Marques 33.

84. Manoel Barbara 28 agregado de Mathias Sef~~r~~rin

85. Feliciano Fermino de Asss 24

86. Antônio Ignácio da Silva 23

87. Maria Flora 29

88. Maria Bernardina de Souza 5

89. Marcolina de Souza 4

90 Maria Feleciana da Conceição 58

91. Militão Ignácio da Silveira 20
92. Manoel Joaqyim da Silveira 28
93. Francisca Ignácia de Leão(mr) 28
94. Anna helena 7
95. Maria Angelica 6
96. Julio Joaquim 4
97. Idolina 3
98. André Miguel 1/2
99. Inocencio Antônio Moreira 29 alfaiate
- <is>100. Maria Conrada de Jesus Moreira (mr) 26<fs>
- 101 Maria Raymunda Martins 32 agregada
102. Francisco pedro de Souza 26
- 103, Florinda Rosa de Araujo(mr) 24
104. Manoel de Souza 1
105. Fidêncio Antônio Muniz 60 santeiro
106. Constância Maria (mr) 30
107. Constância Muniz do nacimenro f° 12
108. Maria Antônia do Nascimento fª 11
109. Carolina Muniz Saldanha fª 10
110. Rita fª 10
111. Candida do Nascimento fª 6
112. Clesia Bellas fª 3
113. Francisco Munis f° 1
Fabiana 39 escrava
114. Amélia fª
115. José Pereira Maciel 58
116. thereza maria de Jesus (mr) 58
117. Maria José fª 33
118. Manoel Pereira ASlemeida f° 17
119. José Pereira Almeida f° 13
120. Maria Angélia P. Almeida f° 12
121. Francisca Rosa Macedo fª 15
122. Maria Inçaia de Oliveira 30.
123. Julia Inácia fª 6
124. Pedro José Inácio f° 1
125. Antônio José 50.
126. Anna Joaquina de Jesus 40
127. SeveriDo Jose Ignácio 46 carpinteiro
- 128,. Fortunata Maria da Conceição (mr) 38
129. Marcelino José Ignácio 15
130. Isaias José Ignácio f° 7
131. Bernardina fª 2
132. José f° 4
133. Francisco José de Oliveira 27 alfaiate
134. Maria Faustina (mr) 26
135. Antônio da Silva f° 7
136. Leandro Nasaçrio dos Anjos 40 alfaiate
137. Forminiana Inez de Souza 40
138. Camilo Gomez Souza 7
139. Luisa do Nascimento 50
140. Engracio José da Silva f° 20
141. Fabiano José Rodrigues 16
142. Manoela Luisa da Silveira 15
143. Jeronimo José Rodrigues 36 carpiteiro

144. Brisida Maria 36

145. André Pereira Maciel 30 carpinteiro

146. Josepha Maria Lacerda (mr) 25

147. Francisco de Paula 6

148. João Pereira 3

149. Maria José 1

150. José Joaquim Soares 43

151. Senhorina de Jesus (mr) 42

152. Francisco de Menezes Soares f° 18

153. Anna Bernardina Soares f° 15

154. Manoel José Soares f° 13

155. Eufrázio de Menezes S. f° 12

156. José Thomótheo f° 10

157. Israel Lourenço f° 9

158. Joaquim Lourenço Soares f° 8

159. Anicleto Lourenço f° 6

160. Maria José f° 5

161. João Jose Lourenço f° 3

162. Maria do Rosario 54

163. Barbosa de Freitas Jesus 20

164. Maria da Conceição 15

165. Francisco da Silveira Lopes 18

166. João Francisco Lopes 11

167. Maria Angelina 52

168. Maria José Rodrigues 28

169. Joaquim José Rodrigues 12

170. Miguel Antônio Rodrigues

171. Francisco José de Souza 53

172. Francisco Jose de Souza Filho 16
Antônio 41 escravo

2° quarteirão

1. Francisco de Paula Thimoteo 28 (negócio) Juiz Municipal, Cpt. da G.N.

2. Anna Ignacia da Silveira 29

3. Francisco de Paula

4. Jerônimo de Paula 1/3

5. Antônio José da Silva 48 escrivão

6. Joaquina Ignácia (mr) 32

7. Francisco da Figueira 6 agregado

8. José Correa Ferreira da Silva 55 (negocio) viuvo

9. José Correa da Silva f° 15

10. Rocimundo (Raimundo) C. da Silva f° 3

11. Saturnino C. da Silva f° 1/2

Lisaria 33 escrava

Maria 12 escrava

João 4 escravo

12. Joaquim Ribeiro da Sª Rocha 31 (negocio) alferes.

13. Maria Narcisa da S. Pires (mr) 25

Antônia 15 escrava

14. Angelica Maria da Conceição 47 viuva

15. Antônio Francisco Teixeira f° 13

16. Francisco José teixeira f° 10

17. Anna Angélica d Conceição f° 8

18. Candido Jose Teixeira f° 4

19. Thomazia Maria do...?.... 60 viuva

20 Anna 57 viuva
 21 Mariana 52 viuva

Martin Michel

22. Maria de Deos (mr) 16

23. Manoel Alvez de Moraes 28 alferes da G.N.

24. Anna Orsi (mr) 32

25. Emilia f^a 2

26. Manoel f^o 1

Maria 12 escrava

3° quarteirão

1. Francisca Bernarda Orsi 50

2. Bianca f^a 26

3 Marianna Bernarda f^a 19

Joanna 45 escrava

Antônio 16 escravo

Maria 12 escrava

4. Vicente Batista Orsi 23

5. Candida Angelica (mr) 263

6. Bento José Teixeira f^o 8

7. Vicente Baptista f^o 4

8. João f^o 2

9. Maria Leopoldina 3

10. Antônio de Souza 60 carp. Rib. (?)

11. João Baptista 58 idem

12 Francisco Guerras 62 coletor

13 Delfina Souza (mr 2° matrim.) 25

14 Emilia Guerra f^a 1° patri. 19

Maria Antônia 21 escrava

Lucinda 26 escrava

Henrique Knorr

15 D. Antônia de Oliveira mr 40

16. João Gonçalves de Saibro 31 venda

17 Carlota Carolina (mr) 36

18 José Carlos d'Oliveira f^o 14

19, Manuel Jose Lourenço 23 botica.

20. candido Ignácio d'Oliveira 20 idem

RESUMO DOS HABITANTES DA VILA DE S. LEOPOLDO

1° DE FEV. 1849 (???)

MASCULINO

	1/10	10/20	20/30	30/40	40/50	50/60	60/70	70/80	80/90	
ALEMÃES	88	86	61	33	29	32	11	2	1	343
BRASIL.	35	25	19	10	10	4	3			106
ESCRAVOS	9	13	12	4	4	1				43
	132	124	92	47	43	37	14	2	1	482

FEMININO

	1/10	10/20	20/30	30/40	40/50	50/60	60/70	70/80	80/90	
ALEMÃES	91	77	48	33	19	17	17	3		305 649
BRASIL.	25	29	16	13	9					111 217
ESCRAVO	2	12	9	3	2					28 71

118 118 73 49 30 17 17 3

444 937

Nº DE ALEMÃES NASCIDOS NA ALEMANHA 338
NASCIDOS NO BRASIL 311
649

CULTO

cat. brasileiros 217
cat. alemães 271
cat. escravos 71
evangelicos alemaes 378
937

casamentos mistos 28
nº de fogos : 200 alemães 149
brasileiros 51□

FONTE: ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRs)
FUNDO: COLONIZAÇÃO : CÓDICE 332

ANEXO 2

ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE CANTO “ORPHEUS” EM SÃO LEOPOLDO – 1858¹

Fundada em 20 de janeiro de 1858

ART.1º- A sociedade debaixo da denominação “Orpheus” é uma associação de homens que tem por fim exercitar, cultivar e enobrecer o canto alemão, influindo e animando o gosto por ele, afim de por meio dele promover uma verdadeira vida sociável, cordial e harmoniosa entre os patrícios alemães.

Recepção

ART. 2º- Cada um, que deseja ser admitido como membro da sociedade deve ter a idade de 18 anos pelo menos e uma residência de dois meses nesta vila. Os avisos para recepção são permitidos somente por escrito aos diretores da união e a recepção sucede pelo balotage, com a maioria de votos.

ART. 3º - A associação está composta de membros ativos e membros inativos.

Balotage

ART.4º - O balotage, que serve para recepção, empreende-se sempre na primeira lição de canto. Para este fim serão elegidos pela sociedade a cada seis meses, contemporâneo com os diretores, quatro homens, dos quais são dois obrigados a fazer, alternadamente o balotage em presença dos diretores. Encontrando-se pelo balotage uma consonância, então os diretores, junto com o dirigente, têm que decidir. Isso vale para todos os

¹ A grafia foi atualizada, embora a estrutura das frases permaneça tal como foi publicada em 1953.

balotage e cada balotage há de ser feito com maior tranqüillidade e uma consciência reta.

A direção da sociedade

ART. 5° - A direção está composta: a) do secretário e b) do caixeiro, e podem ser estes, somente membros ativos. Eles guiam as consultas em alteração mensal e tem de determinar, pela sorte, antes de tomar posse do empenho (sic) quem dirigirá por primeiro.

Eleição dos diretores

ART. 6° - Os diretores serão eleitos [a] cada seis meses por meio de bilhetes de voto acerca das habilitações deles. Sendo acabado o tempo das funções dos eleitos, sempre pode ser eleita de novo a mesma direção.

A função dos diretores

ART. 7° - a) O secretário guarda os livros sobre as consultas e a correspondência da sociedade, e está obrigado a entregar, a cada três meses uma combinação geral. As pessoas que desejarem ser admitidas como membros da sociedade, tem o secretário de apresentar os estatutos, antes delas serem admitidas pelo balotage.

b) O caixeiro administra a caixa da sociedade, cobra o dinheiro, marca as folhas ou negligências, faz as compras e vendas, e apresenta cada três meses à sociedade o ajuste das [prestações]. Cada membro pode examinar a exatidão delas.

Os diretores e as obrigações dos membros

ART. 8°- a) Um membro ativo é cada um pela acepção do coro de cantar, pelo qual lhe está concedido o direito para consultação e votação, como também uma parte proporcionada da propriedade social, pela qual ele está obrigado a pagar uma quantia certa como dinheiro de entrada, que será determinada conforme as circunstâncias, e encarrega-se da obrigação de assistir aos exercícios de canto, como também de pagar os subsídios mensais. Sendo um membro ativo eleito para fazer alguma função, então ele será obrigado a administrá-la com toda a energia e escrupulosidade.

b) Um membro inativo (um membro que não pertence ao coro de canto) será cada um que está admitido na associação, pelo qual lhe é concedido igualmente aos membros inativos, o direito de consultação e votação, como a parte proporcionada da propriedade social, uma entrada licenciosa, pela qual ele tem de pagar também, igualmente aos membros ativos, o dinheiro da entrada e os subsídios mensais.

Dinheiro da entrada e subsídios

ART. 9º- Cada membro admitido está obrigado a pagar a quantia de 3\$000, que é o dinheiro da entrada, mas então ele está livre do pagamento dos subsídios pelo primeiro mês, que são, para cada mês seguinte 500rs.

Aparição dos membros ativos

ART. 10º- Se um membro ativo não aparecer no princípio dos exercícios de canto, está ele sujeitado à pena de pagar a quantia de 80rs, e se ele não aparece depois da primeira pausa, 160rs. O caixeiro está obrigado a lembrar aos negligentes, no fim da cada mês, para fazerem estes pagamentos.

Modo de comportar-se nas lições de canto

ART. 11º- Os membros ativos são obrigados a comparecer exato à hora determinada, de evitar, durante o canto, de fumar, [assim] como as conversas [que] molesta e, principalmente, que estorvam o intento da associação e restringem o tempo de exercício. – No verão, do mês de outubro até 1 de abril, começam as lições às 8 horas da noite; no inverno, de 1 de abril até 1 de outubro, às 7 horas.

Desprezo da ordem

ART.12º- Contrariante à esta ordem, o comportamento indecente na sociedade é [passível] de repreensão pelos diretores e, em caso de necessidade [serão] mandados para fora da casa da sociedade. Se um membro apresenta alguma pessoa que não é membro da sociedade, então ele está responsável pelo seu comportamento.

Número das lições

ART.13º- O número das lições de canto para cada semana está sujeitado, entretanto, às determinações da sociedade.

ART. 14º - Ainda que os membros inativos possam freqüentar ou não as lições sem impedimento, será sempre muito desejável, que eles se apresentem ao menos em cada primeira lição do mês, para poder tomar interesse nas consultas. Por isso nunca se manda convites particulares, e todos os membros, que não querem fazer uso disso, têm de acomodar-se e cumprir as consultas feitas. Mas no caso de necessidade de decidir extraordinariamente é, naturalmente, necessário mandar convites.

Demissão da direção e separação

ART. 15º- Se, se faz uma proposição importante a respeito de uma demissão da direção, antes que tenha acabado o tempo determinado, há de se feita esta proposição por escrito e ao menos por 6 membros, e assim podem só 2/3 dos presentes determinar a demissão pelo balotage. Sendo acusado um membro ausente, é preciso avisá-lo para poder se defender dentro de 2 meses. Isso também tem valor para demitir um membro.

O dirigente

ART. 16º- Sendo o dirigente eleito entre os membros ativos, ficam-lhe todos os direitos mas em contrário, fica na dependência da sociedade deixar-lhe os direitos ou não.

ART.17º- O dirigente presente [que] desiste da função e obrigação de membro ativo e por isso de seus direitos. Mas a sociedade [pode] lhe conceder fazer suas consultas, suas propostas e ofertas, sem que ele tenha o direito de voto.

ART. 18º- O dirigente dirige as cantigas, e os cantores têm que se sujeitar a todos os arranjos relativos. Nas apresentações públicas ele tem o direito de eleger três membros para determinar o programa das cantigas.

Direitos particulares dos membros ativos

ART. 19º- Todos os negócios e determinações a respeito das cantigas e do dirigente da sociedade ficam à disposição dos membros ativos, podendo ser ajustados, ordenados e determinados somente por eles.

Comissão da festa

ART.20º- Na ocasião do arranjo de festividades tem a direção o direito de pedir três membros, [que podem ser] ativos ou inativos, para formar a comissão da festa.

O dirigente pertence a cada comissão.

Sobre a saída de um membro

ART. 21º- Saindo um membro espontaneamente da sociedade, ele perde todos os direitos e proteção e pode ser avisado. Depois de meio ano, a partir do dia da saída, [ele pode ter] uma nova recepção. Mas, se for um membro demitido da sociedade, então ele perde todos os direitos e pretensões na sociedade, e pode ser recebido depois de um ano.

Membros licenciados ficam com seus direitos e pretensões, mas estão obrigados a pagar , durante a sua licença, os subsídios mensais. – Um membro ativo pode sair sempre como membro inativo, mas ele pode ser recebido de novo só depois de meio ano como membro ativo.

Privações particulares

ART. 22º- O direito da sociedade e propriedade vai perder:

1) aquele, que fica restante os subsídios mensais, e que não tem cumprido cada três meses , até ajuste das contas, as suas obrigações.

2) os cantores, que sem desculpa importante, faltam quatro vezes seguidas nas lições de canto, entram na categoria dos membros inativos, e fica a sua demissão dependente de uma consulta dos membros ativos.

Justificações são sempre doenças, casos de morte, ausência, quais motivos [devem] ser sempre avisados à direção.

Desorganização da sociedade

ART. 23º- A sociedade “Orpheus” continua de existir, até ela não contar menos que oito membros ativos e, no caso que se diminua este número ainda mais, são estes membros obrigados a reunir-se cada mês. No caso, que este número dos membros depois de um ano não se acrescenta até oito ou mais, então fica empregado a propriedade de sociedade conforme o parecer dos membros restantes.

Alteração dos estatutos

ART. 24º- Estes estatutos podem ser somente, e com isso a maioria de votos, corrigidos, aumentados ou diminuídos cada seis meses, e são todos os membros da sociedade obrigados a conservá-los e cumpri-los sem réplica alguma, sendo eles assinados pela própria mão.

FONTE: Boletim *O Orpheu*. Publicação da Sociedade Orpheu. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, ano IV, nº5, dezembro de 1952, p. 2 e 3 e ano V, nº 2, julho de 1953, p. 4. (AHSO).

ANEXO 3

RELATÓRIO FESTIVO DO CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE ORPHEUS:

Observações referentes à tradução:

- 1) Colchetes [] foram colocadas, quando foram acrescentadas palavras ou expressões para melhor entendimento do conteúdo.
- 2) Nem sempre as frases ou sentenças no original estão completas ou gramaticalmente corretas, nem a pontuação. Em alguns casos estes “erros” também foram deixados na tradução, porque não mudam o assunto, nem a compreensão.
- 3) Algumas abreviações no original e na tradução referentes a nomes próprios e seu significado por extenso:
Hch. = Heidrich; Frch. = Friedrich; Wilh. = Wilhelm; Ad. = Adolf; Fr. = Franz (provavelmente); Phil. = Phillip; Herm. = Hermann; Joh. = Johann; Jul. = Julius; Jac. = Jacob; Theo. = Theodor.
- 4) Esta máquina de escrever não tem o sifrão \$. Em lugar dele foi colocado um S maiúsculo.
- 5) Nos preços às vezes consta o RS e o réis, e às vezes não, no original. Na tradução por isso também não foram sempre colocados.
- 6) Na 1. página, em baixo, fala que os primeiros imigrantes aportaram nas belas margens do Guahyba. É possível, que quis dizer “margens do Sinos”. Foi deixado o Guahyba como no original.
- 7) O tradutor se preocupou mais com a literalidade e autenticidade do que com um português fluente.

São Leopoldo, 8 de julho de 1996

Manfred Wilhelm Hasenack, tradutor.

Relatório festivo do cinqüentenário

Relatório festivo apresentado na festa do cinqüentenário de fundação da Sociedade “Orpheus”, na noite solene de 18 de janeiro de 1908.

Alocução:

Tenho a difícil tarefa [de dar um discurso], mas é uma tarefa de honra, que tenho de cumprir na qualidade de presidente da Sociedade Orpheus. Os senhores todos sabem que não sou orador, e por isso peço a sua bondosa compreensão.

Honrados presentes, queridos convidados e amigos, antes de tudo a minha cordial gratidão por sua presença e por sua bondosa disposição no sentido de ajudar a abrilhantar o nosso cinqüentenário. Somente menciono, do material que está à minha disposição, os dados principais de como se desenvolveu a nossa atual Sociedade Orpheus nestes 50 anos. Quero, neste momento, também antecipar, que a maior parte dos dados que lhes apresento, eu devo ao nosso sócio de há muitos anos, e conselheiro de administração, sr. Hch. Wolffenbüttel, que não mediu esforços no sentido de compilar uma crônica que vai desde o dia da fundação até 1903. Neste momento eu lhe expresso o meu mais cordial agradecimento.

A Sociedade Orpheus festeja hoje os seus 50 anos de fundação. É ainda uma festa rara em nosso lindo Brasil, terra que escolhemos como nossa pátria, e que amamos e por cujo bem-estar e progresso estamos envidando todos os nossos esforços. Por ocasião do dia de fundação da nossa Sociedade Orpheus haviam passado apenas escassos 30 anos desde que os primeiros dos nossos antepassados aqui aportaram nas belas margens do Guahyba, e se estabeleceram no atual município de São Leopoldo.

As dificuldades e aflições que estes primeiros pioneiros do trabalho tiveram, são conhecidas por todos vocês, meus senhores. Este ou aquele ainda pessoalmente ouviu da boca de seus pais contar a respeito delas. Apesar de tudo isso se desenvolveu rapidamente aquele impulso trazido de além-mar, da velha sociabilidade alemã, ao qual também a nossa Sociedade Orpheus deve a sua existência. Portanto vamos, nesta festa cheia de

alegria, lembrar-nos dos velhos lutadores, e queremos também dizer o nosso mais cordial Muito Obrigado aos nossos conterrâneos de descendência brasileira que receberam de braços abertos nossos antepassados.

Vou passar, em seguida, meus senhores, a apresentar o relatório que prometi no início, e faço a observação de que também a Sociedade Orpheu já teve tempos críticos. Apesar de tudo isso o espírito de comunhão e a disposição para o sacrifício venceu as dificuldades surgidas. Por isso um agradecimento também a todos que neste sentido deram uma mão.

Fundação:

Nossa atual Sociedade Orpheus foi fundada em 20 de janeiro de 1858, na casa de Jacob Geyer, e recebeu o nome de “Coral Masculino Orpheus” (ou: “Coral de homens Orpheus”, n. do trad.).

Os seus fundadores foram os senhores

Dr. Albert Götze
 Christian Fleck
 Wilhelm Hofmann
 Alexander Herzog
 Wilhelm Härtel
 Carl Renk
 Luis Reichard e
 Luis Grünewald

Estes 8 senhores, porém, já formaram antes um quarteto duplo, cuja fundação aconteceu provavelmente já alguns anos antes.

Em 20 de janeiro de 1858 os mencionados senhores assinaram os estatutos de base. Estes também foram assinados pelos novos sócios que se associaram no decorrer do tempo. A finalidade principal que os fundadores perseguiram, era o cultivo do canto.

Nas minhas exposições a seguir, não vou me ater à ordem cronológica, mas aos assuntos e acontecimentos, para apresentá-los de maneira mais completa.

Canto:

Ao canto também foi prestada homenagem na festa de inauguração, em 24 de janeiro de 1858. Esta constituiu de uma

excursão ao Steinkopf. (Morro das Pedras, na Fazenda S. Borja, n. do trad.). O Sr. Luis Grünewald, primeiro regente do coral, deu o discurso festivo. Foi cantado o hino “Frei wie des Adlers mächtiges Gefieder”. (Livre como as poderosas asas da águia”, n. do trad.). Este senhor também foi o último sócio fundador que lamentavelmente veio a falecer há poucos anos atrás. A ele seguiram como regentes, os senhores Peter Rössler, Jacob Dillenburg, -infelizmente ausente hoje por motivos de doença, - que repetidas vezes ocupou este cargo; professor Krause, Wilh. Crusius e Frch. Günther Huhnfleisch.

1ª Festa de Cantores Ao primeiro regente, sr. Luis Grünewald, provavelmente devemos o fato de que o primeiro Festival Alemão de Cantores no Rio Grande do Sul, se realizou em São Leopoldo nos dias 31 de janeiro a 3 de fevereiro de 1863, e o segundo nos mesmos dias do ano de 1864, também em São Leopoldo.

Inauguração de bandeiras: Nesta 2ª festa foram inauguradas duas bandeiras de cantores, a saber, a da Sociedade de Cantores Harmonia, de Mundo Novo, e a nossa atual bandeira Orpheus, que tem nela escrito o nome “Gesellschaft Orpheus”. Quando este nome foi dado, as anotações não revelam. (O tradutor estranha o termo “Gesellschaft” = Sociedade, em vez de “Verein” = Sociedade. “Gesellschaft” normalmente se usa para “Sociedade Anônima”, e, também, cf. pesquisa, para uma Sociedade mais requintada, nota do trad.) A srª Luise Müller, a posterior sra. Jul. Dreher e atual sra. Schuler, deu um discurso poético que terminou com as palavras “Todos por um e um por todos”.

Participação do Primeiro Festival de Cantores No primeiro festival participaram Harmonia, de Mundo Novo, Arion e Eintracht, ambos de Hamburgo Velho; Social, de Bom Jardim, e ainda sociedades de cantores de Porto Alegre, mas que não constam nominalmente.

2º Festival Já um ano mais tarde aconteceu, como mencionado, o 2º Festival de Cantores. Neste a participação foi bem maior, pois compareceram 14 sociedades:

Sängerbund (União de Cantores) – Picada Baum

Arion e
 Eintracht (Concórdia) – Hamburgo Velho
 Deutscher Gesangverein (Sociedade Alemã de Cantores) –
 Porto Alegre
 Deutsche Liedertafel (Tábua de Hinos Alemães) – Pprto
 Alegre
 Germânia e Leopoldina – Porto Alegre
 Bruderbund (União Fraternal) e Social – Bom Jardim
 Eintracht (Concórdia) – Linha Nova
 Thalia e Harmonia – Mundo Novo
 Concórdia e Orpheus – São Leopoldo.

Superávit: A participação foi grande. Isto se conclui do fato, que o 2º Festival de Cantores rendeu um superávit de 74\$070.

Queixas sobre o canto: Já pouco tempo depois destas festas bonitas, os regentes se queixam da pouca participação no canto. Apesar de que a Sociedade Orpheus, e alguns sócios individualmente, se esforçaram bastante para salvar o canto, este maravilhoso dom, ele lentamente desapareceu e hoje, infelizmente, não resta mais nada dele.

O primeiro piano Talvez cabe aqui também a questão dos instrumentos musicais. E por isso quero mencionar, que o primeiro piano já foi adquirido em 5 de outubro de 1858 através de ações, e este também hoje carrega o seu destino silencioso com paciência ainda na sala de armas; este destino já teria iniciado no ano de 1875, se o velho Peter Karst não o tivesse levado para dar-lhe asilo em sua própria casa até 1901. Esperamos, que através da festa de hoje, os cantores se sintam novamente estimulados a erguer de novo as suas vozes e a se esforçar para que o canto e a finalidade que os fundadores se propuseram, receba de novo o seu devido direito.

Locais da Sociedade Dos locais, que a Sociedade Orpheus usou, seja mencionado, que em 30 de março de 1859 aconteceu a primeira mudança da casa Geyer à casa Rieth. Alguns bailes também foram realizados no prédio de “Georg Schreiner & A. Koch”.

- Prédio Novo:** Em 5 de junho de 1860, pela primeira vez foi sugerido construir uma sede própria, e os seguintes senhores foram eleitos para a comissão de construção: Heinrich Panitz, Mathias Daudt, Alfred Mabilde, Wilhelm Härtel e Wilhelm Hofmann. A estes senhores, em todo o caso, se deve, que já em 13 de outubro do mesmo ano foi lançada festivamente a pedra fundamental, e, em 16 de setembro de 1861 foi realizada a festa da cumieira do atual prédio de nossa Sociedade (tendo sido o sr. Peter Karst o carpinteiro). Na festa do lançamento da pedra fundamental parece que o martelo usado foi acionado com muita força, porque ele se despedaçou. O sr. Albert Schwertner o consertou para a festa de hoje, e nós o colocamos junto com os nossos outros troféus.
- Inauguração:** Em 21 de abril de 1862 realizou-se a inauguração. Os custos da construção somaram Rs. 14:860\$350 réis.
- Construção de uma varanda:** Depois de pouco tempo o espaço já foi insuficiente, porque já em 3 de março de 1863 se falou em aumentar o prédio com a construção de uma varanda, mas esta obra só foi concluída em 30 de junho de 1871. Os custos importaram em Rs. 4:538\$210 réis. A arcada para a varanda foi construída em 1877 por um custo de Rs.195\$160.
- Cancha de bolão:** Em 1883 foi ainda instalada na própria varanda uma cancha de bolão por Rs. 177\$800. Em 1902 foi construída uma nova cancha de bolão num prédio próprio, por Rs. 5:810\$000. O terreno correspondente já havia sido adquirido em 8 de julho de 1896, do sr. Leopoldo Krüger, pelo preço de Rs. 2:790\$200 réis.
- No porão debaixo do palco foi feito um trabalho de acabamento por Rs.4:975\$000 réis no ano de 1897.
- Valor total da construção:** Todos estes valores somados alcançam a cifra considerável de Rs.33:292\$720 réis. Que esta soma, porém, nem de longe foi suficiente, provam os muitos trabalhos de reparos que só em dois anos, 1878 e 1892, consumiram Rs. 2:624\$970 réis.
- Contribuições e jóia:** As contribuições aumentaram desde 1858 de 3 em 3 meses 2\$000 até hoje 2\$500 mensais. (Deve ser o seguinte: em 1858

pagava-se por trimestre 2\$000. Mas o preço foi subindo, e hoje, na época do cinqüentenário, paga-se 2\$500 mensais. N. do trad.). A jóia para se tornar sócio subiu no mesmo período de 5 para 50\$000.

Iluminação:

As anotações não mencionam como funcionou a iluminação até 1881, mas há indícios de que por ocasião de festas, as lâmpadas eram emprestadas pelos sócios. Naquela época foi colocado o primeiro lustre, que o sr. Wilhelm Hofmann mandou vir da Europa pelo preço de 137\$340 réis. Mais tarde foram adquiridas mais duas lâmpadas. Esta iluminação serviu, portanto, durante 26 anos. Os srs. Phil. Jac. Sperb e João Hch. Fischer doaram o seu trabalho como balconistas durante muito tempo em favor da assim chamada conta-lustre, que existiu até maio de 1897.

Em 2 de junho de 1906 foi resolvido instalar luz de acetileno, e em 6 de outubro ela entrou em funcionamento. Custos: Rs. 2:400\$000 réis.

Cadeiras:

As primeiras 6 cadeiras foram encomendadas em 24 de maio de 1858, outras 200 em setembro de 1883. No mais a gente se defendia com bancos e cadeiras emprestados. Hoje temos possibilidade de oferecer 400 assentos para damas. Infelizmente muitos destes assentos estão ocupados por elas durante os bailes.

Billard:

A primeira mesa de billard foi adquirida em 4 de outubro de 1871 e custou Rs.1.200\$000 réis. A liquidação desta dívida durou 18 anos.

Presentes:

Presentes ou doações a Sociedade Orpheus não tem muitas a registrar. Em 3 de junho de 1865 o sr. Alfons Mabilde doou os juros do seu capital aplicado no prédio da Sociedade à caixa de teatro. Em setembro de 1865 a viuva Heinrich Panitz doou uma bandeira brasileira. O sr. Ant. G. Huhnfleisch pagou a metade do preço da ponta de prata do porta-bandeira, e, finalmente, em 1906 o Menino Jesus se lembrou da Sociedade Orpheus e, na festa de Natal, lhe colocou um novo sininho debaixo da árvore de Natal.

Direção,

A direção da Sociedade Orpheus, desde a sua fundação, tem

Conselho
Administração
Diretoria:

de sido bastante dinástica, [grifo meu] e isto é compreensível, e foi e bom, porque somente acionistas podiam ser eleitos para o Conselho de Administração. As atas registram durante anos os mesmos nomes. Por isso menciono todos os membros da diretoria nominalmente só uma vez. Foram os seguintes senhores:

Dr. Albert Götze, Christian Fleck, Wilhelm Hofmann, Alexander Herzog, Philipp Uebel, Hch. Petersen, Jacob Crusius, Luis Veeck, Carl Hommrich, Wilh. Koetz, Ad. Englert, Jacob Petersen, Carl Panitz, Math. Daudt, Wilh. Härtel, G. Kriesche, Carl Ganns, Carl Grovermann, Peter Roessler, Phil. Helm, Herm. Grosskopf, Carl Lang, Frch. A. Engel, João C. Panitz, Wilh. Presser, Peter Karst, Luis Müller, Hch. Scheck, Joh. Müller, Carl Schüler, C. Burmeister, Carl Saffran, Jul. Fillmann, Herm. Ludwig, Hch. Wolffenbüttel, Paul M. Panitz, Jul. Dreher, Frch. Stabel, Luis Lor. Müller, Jacob Döernte, Phil. Leop. Matte [?], Phil Jacob Sperb, Jac. Uebel, João Hch. Fischer, [mais de uma linha apagada, ilegível] Henrich [?] Panitz, J. J. Lemmert, Chr. Steinhardt, Ant. Günther Huhnfleisch, Ferd. Presser, Alfons Rössler, Carl Theod. Fischer, Carl Dienstbach, Ludwig Kersting, Theodor Dienstbach, Frch. G. Huhnfleisch, Alfred Doernte, Fr. Herzog, Jacob Ebling, Jul. Fleck, Carl Fillmann, Carl Sxhäfer, Herm. Lang, Luis Lor. Stabel, Frch. Siegmann, Albert Dauber, Albert Panitz, Carl Gassmann, Frch. Renck, Carl Brack, Hch. Bohrer, Carl Weinmann, Gust. Härtel, Herm. Weinmann, Reinh. Müller, Frch. Franz Schmitt e Otto Mernak.

Também aqui se mostra a fidelidade dos sócios, [grifo meu] porque muitas vezes o filho seguia ao pai e até netos seguiam. A todos estes senhores seja expressa aqui a gratidão da Sociedade Orpheus. Cada um serviu em seu lugar com fidelidade.

Sócios de Honra:

A Sociedade Orpheus teve só dois sócios de honra: O sr. João C. Panitz, por causa de seus méritos em relação ao palco, e Vicente Malle, desde 1º de abril de 1862.

Sócios:

O número de sócios no ano de fundação era 33, em 1866 eram 93, e no ano de 1879 o número chegou a 102 sócios. Dali em diante houve uma queda que teve seu ponto mais baixo em 1885 com 75 sócios. Em, 1888 contava-se já de novo 97, e nos dois

anos seguintes 91 e 81 sócios. Em, 1892 ultrapassou-se o número 100, com 121 sócios. Dali em diante se atingiu o número mais alto em 1900 com 166 sócios. Hoje somos somente ainda 158.

E agora quero, antes de passar para o tópico festas, mencionar algumas particularidades que não são coerentes entre si, mas às vezes podem ser interessantes.

Pagamento de juros. As dívidas até o ano de 1877 eram taxadas em 8% de juros. O s. Hch. Mas estas foram reduzidas em 6 de agosto a 6%. O primeiro Wolffebüttel a partir requerimento para redução já fora feito em 2 de agosto de 1871. desta data deixou sua parcela por 6%:

Exclusão de sócios: Uma resolução de muito peso, que, como era de prever, provocou muitos protestos por parte dos sócios, foi votada em 3 de março de 1860. Ela não dizia nada menos do que “sócios que pertencem a outras sociedades, tem de se demitir”. Esta resolução, porém, foi revogada em 6 de agosto do mesmo ano, e nos mostra que naquele tempo também se cometiam erros como ainda hoje.

Livro de visitas: Em 4 de janeiro de 1885 iniciou-se com o primeiro livro de visitas. Temos a honra de registrar visitantes ilustres.

Visitas: Em 4 de janeiro de 1885 honrou-nos com sua visita Sua Alteza, a Princesa Real Izabella e o Príncipe Consorte Conde D’Eu, além dos dois príncipes que também jogaram bolão com seus visitantes. (visitantes: deve ser a comitiva, n. do trad.). Em 29 de agosto de 1896 honrou-nos com sua visita o embaixador do império Alemão, Sua Excia. Dr. Krueh; em 2 de julho de 1901 sua Excia. Barão von Freutler na mesma qualidade, e, em 3 de março de 1905, Sua excia. O Presidente do Estado, Dr. Antônio Aug. Borges de Medeiros.

Solenidades fúnebres: Desde 27 de abril de 1864 a Sociedade Orpheus participa da solenidade fúnebre de seus sócios e, conforme já ouviam da lista de diretoria anteriormente lida, já teve que prestar este serviço de honra muitas vezes, infelizmente.

- Café e cuca: Desde 1º de julho de 1865 é servido nos bailes café e cuca, e não mais, como até então, chá e doces.
- Dispensa da mensalidade para a Guarda Nacional: Uma resolução bonita foi tomada em 1º de agosto de 1865, que os sócios que tem que marchar com a guarda nacional contra o Paraguai são dispensados das mensalidades até a sua volta. Quantos foram e quantos voltaram infelizmente não consta nos registros. Mas prova, que também os nossos sócios lutaram voluntariamente pela nossa querida pátria.
- Caixeiro: O primeiro caixeiro (deve ser caixeiro = balconista, n. do trad. Ou, então, caixa = tesoureiro; nota da pesq.) foi empregado em fevereiro de 1869. A sociedade abria somente em certas noites. Mas desde julho de 1877 abre todas as noites.
- Viúvas dispensadas das mensalidades: Viúvas de sócios falecidos, desde 2 de dezembro de 1877 até hoje, estão livres de mensalidades durante o ano de luto.
Desde 1888 o prédio e o inventário estão segurados contra fogo.
- Bandeira Concórdia: Já desde 3 de novembro de 1888 temos a bandeira da Sociedade de Cantores “Concórdia”, de São Leopoldo, em nossa guarda, mas ela já se corroeu tanto com o passar do tempo, que restam apenas fragmentos.
- Freiphosphor: Em virtude dos impostos que são exigidos, o tão predileto Freiphosphor foi descontinuado. (N. do trad. Até agora não descobri o que é Freiphosphor. Poderia ser “fogos de artifício”, mas estes, em alemão, se chamam “Feuerwek”).
- Barulho de crianças: A reclamação sobre barulho de crianças por ocasião de apresentações de teatro, e referente a trazer junto empregados domésticos, é tão antiga como a própria Sociedade Orpheus, porque já em 1º de maio de 1860 foi estipulada uma multa de 2\$000. Esta multa, em benefício da caixa de teatro, certamente foi executada com moderação, mas também as reclamações não cessaram até hoje.

Cadeiras numeradas: Em 31 de julho foi resolvido introduzir cadeiras numeradas quando da apresentação de teatro. Houve 30 votos a favor e 6 contra; mas já em 6 de novembro esta resolução de novo foi derrubada por 26 votos contra 2.

Caixa de amadores: A caixa de amadores, em 3 de setembro de 1898, esteve em condições de colocar à disposição Rs. 311\$000 réis para a aquisição de um piano novo.

Estatutos: Os estatutos de base de 1858 foram renovados em novembro de 1866 e continham 10 parágrafos e permaneceram em vigor durante quase 30 anos. No decorrer deste longo período foram acrescentados com tantas resoluções, entre outras a de 7 de outubro de 1871, que concede à diretoria o voto aberto na questão de aceitação de sócios novos. A assembléia legislativa de 26 de agosto de 1899 nos brindou com 100 parágrafos novos. Em julho de 1897 o Conselho Administrativo de longos anos já tinha sido substituído por uma diretoria. Também estes estatutos já receberam adendos.

Gafanhotos: Também na área de utilidade Pública os sócios da sociedade Orpheus se engajaram. Em outubro de 1906, por ocasião da praga dos gafanhotos, foram coletados Rs. 315\$000 réis para destruição de ovos de gafanhotos. Por quilo de ovos de pagava 400 e 500 réis. Quando, de repente, os gafanhotos pararam de por ovos, sobrou um saldo de Rs. 146\$940 réis que, conforme resolução de 12 de janeiro de 1907, foi transferido para a caixa da Sociedade.

E agora chegamos às celebrações e festas e, com isso, já quase ao fim do meu discurso.

- Participação de Muitas vezes participamos também de festas realizadas por outras festas: Sociedades locais e de outros lugares. Quero citar apenas as mais importantes.
- Batalha de Leipzig: Pela passagem dos 50 anos da batalha de Leipzig, festejada aos 18 de outubro de 1863 em Porto Alegre, a Sociedade Orpheus compareceu "In corpore" com 41 membros. O sr. Peter Roessler, na ocasião, executou a música gratuitamente. Porta-bandeiras foram Luis Müller e C. Hommrich. Em todo o caso éramos mais de 50 pessoas, o que, em virtude das más condições de viagem da época, foi muito louvável.
- Festa de Schleswig-Holstein: Na festa de Schleswig-Holstein em Porto Alegre, a 22 de novembro de 1864, estivemos representados com bandeira de delegação. Da mesma forma em uma festa em 5 de maio de 1868.
- Festa popular: Na festa popular realizada pela Sociedade de Atiradores e Ginástica, em 6 de fevereiro de 1870, nós também participamos. Chama atenção, que os anos de 1870/71 não registram nenhuma festa popular ou de cantores.
- Inauguração do ginásio de tiro e de esportes: Para a inauguração do ginásio de tiro do Clube de tiro em 1º de abril de 1893, e do ginásio de esportes em 28 de maio de 1905, também comparecemos "in corpore".
- III. União do Tiro: Para a III. Festividade da União Alemã de Tiro, de 23 a 28 de novembro de 1893, na qual a Sociedade Orpheus também participou com grande número, ela também cedeu toda a sua sede gratuitamente para a realização destes festejos.
- Documento comemorativo: A União Alemã de Atiradores agradeceu presenteando a Sociedade Orpheus com um documento comemorativo. (Tiro ou Atiradores. Não sei, como a referida Sociedade chegou a chamar-se em português. Nota do trad.).
- Festas do Orpheus: Agora ainda quero mencionar brevemente as festas próprias. Bailes: Os bailes já existentes desde a fundação, bailes de Ano Novo,

- Páscoa, São João, Sete de Setembro (grifo meu) e mais tarde também de Carnaval e Quinze de Novembro,(grifo meu) este último muitas vezes substituído por uma excursão, decorreram sempre em ambiente alegre e de ótima harmonia. As apresentações de teatro sempre eram bem freqüentadas, mas também já nos primeiros anos há queixas sobre falta de colaboração. Esta queixa existe ainda hoje.
- Teatro:
- Noitadas de família: Desde agosto de 1899 estão à disposição do Diretor de Teatro Rs.1:000\$000 réis por ano para noitadas de teatro e de família.
- Festa de fundação: A fundação foi festejada, como já mencionado, em 24 de janeiro de 1858, com uma excursão ao Morro das Pedras (Steinkopf, no orig.)
- 1º aniversário de fundação: A festa do 1º aniversário teve que ser transferida, e, foi realizada 4 semanas mais tarde, i. é, em 25 de fevereiro de 1859, em dependências de A. Koch.
- Lançamento da pedra fundamental, etc.: A festa do lançamento da pedra fundamental, em 13 de outubro de 1860, terminou com um baile no salão de Jacob Geyer. A festa da cumieira em 16 de setembro de 1861, e a inauguração em 21 de abril foram realizadas festivamente.
- Festa de Schleswig-Holstein: Em 5 de fevereiro de 1865 houve comemoração da festa de Schleswig-Holstein na chácara de Wilh. Ruhmann, e de noite houve baile na Orpheus.
- Festa do 10º aniversário de fundação: Em 23 de janeiro de 1867 foi resolvido comemorar os 10 anos de existência [do Orpheu] em fevereiro de 68. Com a presença da sociedade Liedertafel, de Porto Alegre, esta festa durou 3 dias, com excursão ao Julien, baile e (ilegível, nota do trad.).
- Encontro familiar: Em 3 de outubro de 1873 foi resolvido realizar em cada primeira segunda-feira do mês um encontro familiar. Quantas vezes e durante quanto tempo isto foi feito, não é dito.

Festa de aniversário do Imperador Wilhelm I: Atendendo a um convite do Clube dos Atiradores, a nossa sociedade comemorou junto com eles, a 22 de março de 1877, o 80º aniversário do Imperador Wilhelm I.

Festa de aniversário do Imperador Pedro II. No mesmo ano comemoramos, a 2 de dezembro, o aniversário do Imperador Dom Pedro II, com excursão para Feitoria e à noite um baile na Orpheus.

400 anos de descobrimento da América em 1892, e descobrimento do Brasil em 1900: Os 400 anos de descobrimento da América foram comemorados em 12 de outubro de 1892, e os 400 anos de descobrimento do Brasil em 5 de maio de 1900.

Festa de Natal: A primeira festa de Natal foi preparada pelo então diretor de teatro, sr. Alfred Dörnte, no Natal de 1899.

Festa do cinqüentenário: do Já em 12 de outubro de 1907 se começou com os preparativos para a festa de hoje, cujo programa vocês têm em mãos.

Conclusão: Agradeço a vocês todos, caros presentes, e às Sociedades por vocês representadas, que atenderam tão gentilmente ao nosso convite para ajudar a abrilhantar o nosso Jubileu. Agradeço também por me terem escutado até aqui. Mesmo se coloquei a vossa paciência a dura prova, não pude ser mais breve diante do alvo que eu já tinha colocado, qual seja, o de relatar a vocês, como é costume em aniversários, o “curriculum vitae” de nossa Sociedade Orpheus. “Quem traz muita cousa, traz um pouco para cada um”. Para os idosos a lembrança, para os sócios jovens o passado.

Chamo agora a aniversariante, a nossa Sociedade Orpheus, e nós todos desejamos, que os nossos descendentes e também ainda muitos de nós mesmos, possamos, daqui a mais 50 anos, festejar o Jubileu do centenário.

A “Sociedade Orpheus”, ela viva, viva, viva durante longo tempo!

Lista de Sócios da Sociedade Orpheus, em 20 de janeiro de 1908

a. Sócios Ordinários

1. Luiz L. Müller	31. Albert Dauber
2. Carlos H. Panitz	32. Alberto Schwertner
3. Jacob Uebel	33. João Reinaldo Müller
4.	34.
5. Leopoldo Hofmann	35. Bernhard Thimm
6. (ilegível) Sperb	36. (ilegível)
7. Germano Steigleder	37. Hermann Lang
8. Frederico (ilegível)	38. João Carlos Panitz F.
9. Nicolau (ilegível)	39.
10.	40. (ilegível)
11. João Dienstmann	41. Germano Mohr
12. João Jorge Sperb	42. João G. Lang
13. Joaquim Foermges	43.
14. Carlos Brack F.	44. João Dienstmann F.
15.	45.
16. João Presser	46. Emil Schmidt
17.	47. João Alfredo Panitz
18. Hermann Weinmann	48.
19. Heinrich Bohrer	49.
20. Carlos Dienstbach	50.
21. Theodoro C. Dienstbach	51. Henrique C. Wolffenbüttel
22. Leopoldo J. Wolffenbüttel	52. Pedro Leopoldo Feldmann
23. Julius Merker	53.
24. Jacob Ebling	54. Carlos Gassmann
25.	55. Guilh. Alberto Panitz
26. João Silva	56. Carlos Weinmann
27.	57. Hermann Wilhelm Müller
28.	58. Jacob B. Fischer
29.	59.
30. Luiz Jacob Sperb	60. Luiz Wilhelm Müller
61. Max Richter	91. Otto Mernak
62.	92.
63.	93. Paul Pohl
64.	94. Adolpho Schiller
65. Carlos Schiehl	95. Arthur Schmidt
66.	96.
67. W. Rotermund Junior	97. F. Roberto Sperb
68. José Carlos Sperb	98. Friedrich Scherer
69. Jacob Frederico Rieth	99. João Luiz Sperb
70. Emilio Augusto Dexheimer	100.
71. Friedrich Siegmann	101. Frederico Bohrer
72.	102.
73. (ilegível)	103.
74. Luiz Hofmann	104.
75. Hugo Jung	105. Henrique (ilegível)
76.	106.

77.	107.
78.	108. Jacob Zorn
79. Balduin Jung	109. Alberto Schwertner
80. Pedro Cl. Blauth	110. Pedro Augusto Steigleder
81. Leopoldo Trein	111.
82. Pedro Luiz Benno Lang	112.
83.	113. João Baptista S. S. Souza
84.	114. Guilherme Moog
85	115.
86.	116. Leopoldo Hofmann Filho
87. Carlos Gaelzer	117. Luiz Francisco Weinmann
88. João Alberto Harz	118. Leopoldo Plenz
89	119. Alfredo Luiz Hofmann
90.	120. Felipe José dos Santos
	121.

b. Sócios Extraordinários

Viuvas

1. Joaquina R. Bier	7. Katharina Prass
2. Viuva Peter Blauth	8.
3.	9.
4. Vva. Carl Hofmann	10.
5.	11. Viuva Pedro Matte
6. (ilegível)	12. Viuva Carlos Ganns

c. membros Extraordinários

Passivos

1. Reinaldo (ilegível)	13. C. (ilegível)
2. Percio Laydner	14.
3. Carlos Kessler	15. Martinho W. Valle
4. Germano José Stumpf	16. Carlos Fillmann
5.	17. Carlos Ant. Wilkens F.
6.	18.
7. Emilio Boeckel	19.
8. João Augusto Lang	20. Frederico A. Moog
9.	21. Guilherme Weishand Filho

10. Fritz Kuhn	22. Edwino C. Jacobus
11. Germano Saar	23. B. J. F. Presser
12. Erwin Presser	

DiretoriaPresidente:

Hermann Weinmann

Secretário:

João Reinaldo Müller

Vice-presidente:

Felippe J. Sperb

Tesoureiro:Diretor de Teatro:1. Administrador de Buffet:2. Administrador de Buffet.

ANEXO 4

MEMBROS DA ANTIGA SOCIEDADE DE ATIRADORES DE SÃO LEOPOLDO²

1. Carlos H. Panitz – proprietário da olaria, nas terras entre São Leopoldo e a linha da Estrada de Ferro, junto ao Rio dos Sinos.
2. Leopoldo Hofmann – Antigo fabricante de sabão; neste quadro acha-se condecorado com a fita de presidente do Club.
3. Carlos Schiel – de profissão pedreiro.
4. Roberto J. Panitz – com a fita do rei, a sua frente o alvo, que se usava para este fim, cujo centro era desligado, quando acertado, e posto outro, para evitar dúvidas nos tiros, tinha direito de usar a fita durante o ano, no próximo ano entregava a mesma ao novo rei, deixando em lembrança uma medalha, colocada na fita.
5. Guilherme Hoechner – do alto comércio europeu.
6. Bernardo Thimig – europeu, antigo caldeireiro e com fundição cujas oficinas hoje formam a casa comercial de Oscar Stabel.
7. Carlos Plitt – europeu, muito conceituado guarda-livros da antiga firma Germano Weinmann.
8. Alfredo Seelig – europeu, com a farda do Club-Comandante.
9. João Alfredo Panitz – industrialista e proprietário da fábrica de louças.
10. Carlos Fillmann – fabricante de cerveja em São Leopoldo.
11. Germano Weinmann – fabricante de vinagres e licores.
12. Henrique Fischer – proprietário de serraria, hoje da firma Feldmann & Cia.

² Informações retiradas de uma fotografia publicada no Boletim Municipal da PM de São Leopoldo em 1946, no ano do Centenário da elevação de São Leopoldo à Vila. O informante é João Alfredo Panitz, que pertencia ao grupo dos Atiradores. Destacou-se, na foto, que as pessoas que ali estavam eram “[...] *peessoas marcantes, de distinção em nossa sociedade.*”

13. Guilherme Hofmann – europeu, um dos primeiros funileiros da São Leopoldo, fabricante de sabão.
14. Martinho Boeckel – mestre de música, cuja banda percorreu todo Estado do Rio Grande do Sul, levando ao povo gaúcho as melodias e operetas de além-mar.
15. Albert Schmidt – funileiro em geral e fabricante de artigos para Natal.
16. Bernardo Jaenisch – de profissão pedreiro.
17. Luiz Stabel – escriturário em várias repartições públicas.
18. Germano Mohr – alfaiate e progenitor de Arno Mohr.
19. Augusto Schaly – europeu, dos nossos ferreiros mais antigos, cuja oficina se achava em frente ao cinema Independência.
20. Guilherme Fetzer – europeu, do alto comércio, sócio da casa Hunfleisch, esquina do Banco da Província, negociava com os tropeiros da serra.
21. Germano Lang, fundador da casa comercial Germano Lang e Cia.
22. Carlos Stumpf – padeiro e progenitor de Djalmo Stumpf.
23. Jacob Hübel – do comércio, da esquina vis a vis da casa comercial Germano Lang.
24. Leopoldo Feldmann – A alma do cinema de São Leopoldo; deu as primeiras funções em um barracão em frete a oficina do mesmo, onde antes funcionava a Sociedade Ginástica.
25. Alberto Guilh. Panitz – sócio da fábrica de cerâmica.
26. Henrique Kersting – europeu, filho do primeiro gerente e técnico da fábrica de fósforos.
27. Henrique Bohrer – sapateiro de primeira, cuja loja e oficina estava instalada na esquina em frente ao Banco da Província.
28. Julio Fleck – escriturário da antiga casa João Gottlieb Lang.
29. Enrich Hopfer – europeu, proprietário de chácara cuja viúva e o filho Fritz hoje ainda a habitam.
30. Mathias Aendres – europeu, açougueiro à rua 1^o de Março.
31. Frederico Reupert – europeu, morador da rua João Alberto (Boqueirão) com tambo de leite.
32. Luiz Francisco Weinmann – europeu, fundador da fábrica de vinagre e licores, hoje Weinmann & Cia.
33. Henrique Adão Panitz – o porta-bandeira-auxiliar. Da fábrica Panitz, de licores, que fazia frente a rua D. João Becker, hoje ocupados pelo Instituto Comercial.

34. Paulo Pohl – europeu, dentista; sua clínica se achava nos aposentos do antigo e já demolido Hotel Koch (Brasil).
35. Carlos Presser – pertencia a uma das primeiras famílias de São Leopoldo.
36. Max Richter – europeu, antigo técnico das oficinas da viação férrea de São Leopoldo.
37. Luiz Crusius – ferreiro de arte, cujos filhos ainda continuam com o mesmo ramo profissional.
38. João Presser – de família já mencionada, junto com o outro irmão exploravam a indústria suína.

Fonte: MORAES, Carlos de Souza (redator). *Boletim Municipal : Legislação – História*. São Leopoldo, : Prefeitura Municipal de São Leopoldo, ano 1, nº 1, v. 1, jan.-jun.1946. p. 233-234.

ANEXO 5

LISTA DE SÓCIOS DA SOCIEDADE GINÁSTICA LEOPOLDENSE EM 1º DE SETEMBRO DE 1915 – 30º ANIVERSÁRIO

Sócios de Honra:

1. Viuva Franz Luís Weinmann,
2. Viuva Jacob Prass,
3. Wilhelm Süffert – Santa Cruz,
4. August Graeter – Porto Alegre,
5. Henrique Englert – Porto Alegre. “Patrono” da Sociedade.

Sócios Ordinários:

1. Carl Gassmann,
2. Hermann Weinmann,
3. João Luís Winck,
4. Viuva Philipp Mohr
5. Álberty Schmidt,
6. Viuva Leopold Hofmann
7. Albert Wildt,
8. Alfred Mohr,
9. Carl Novatzki,
10. Karl Plitt,
11. Hermann J. Stumpf,
12. Wilhelm Güntzel,
13. L. Schreiner,
14. Luiz Jacob Sperb,
15. Friedrich Lütke,
16. Oton Campani,
17. Carl Kessler,
18. Philipp Puper Filho,
19. Leopold Hofmann Filho,
20. Alban Prass,

21. Carl Wilkens Filho,
22. Lino Carvalho,
23. Maria Koch,
24. Emil Thurmann,
25. Frederico Carlos Bier,
26. Benno Lanz,
27. Wilhelm Weinmann Filho,
28. Oscar Lanz,
29. Robert Böckel,
30. Friedrich Kerber,
31. Hermann Lanz,
32. Narciso Cunha,
33. Carl Merker,
34. João Scherer,
35. Gustavo Peter,
36. Carl Kampf,
37. Wilhelm Ries,
38. Philipp L. Sperb Filho,
39. Leopold Wolfenbüttel,
40. Ernst Kerber,
41. João Petry,
42. Emil Schmidt,
43. Emil Dexheinmer,
44. Peter Regner,
45. Nicolau Ludvig,
46. Carl Dörnte,
47. Heinrich David,
48. Heinrich Wilhelm Wolff,
49. Theodor Merker,
50. Theobald Kruse,
51. Eugen Brodt,
52. Viuva Maria Wink,
53. Paul Bier,
54. Luiz Weber,
55. Luiz Correia da Silva,
56. Alfred Dörnte,
57. Lydio Batista de Souza Soares,
58. Ernst Hopfer,
59. Albert Schmidt Filho,
60. Carl Müller,
61. Carlos Frederico Bier,
62. Robert Seevald,

63. Robert Sperb,
64. Hans Rotermund,
65. Leopold P. Schmidt,
66. Carl Luiz Simon,
67. Carlos Roth
68. Jorge Eneas Sperb,
69. Friedrich Wilhelm Bier,
70. Alfred Ledur,
71. Carl Hennemann,
72. Wilhelm Peter,
73. Richard Adam,
74. Fritz Rotermund,
75. Wilhelm Weeck,
76. Leopold Dörnte,
77. Jacob Friedrich Roth,
78. Stefan Filüstreck,
79. Carl Gaelzer,
80. Oscar Dörnte,
81. Franz Bayer,
82. Heinrich Fillmann,
83. Viuva Philipp Schilling,
84. Edwin Weinmann,
85. Francisco Soares,
86. João Daudt,
87. Hugo Jung,
88. Carlos Octaviano de Paula,
89. Julius Merker,
90. Carlos Dienstbach Senior,
91. Carl Prätzel Filho,
92. Otto Schreiner,
93. Oscar Crusius,
94. Reynold C. Matte,
95. Carl Schäfer,
96. Octacilio L. de Paula,
97. Arthur Schmidt,
98. Wilimar Campani,
99. Edwin Müller,
100. Walter Köhler,
101. Demetrio Maciel,
102. Arnold Crusius,
103. Desidério Hoefel
104. Albert Helm,

105. Nicolau Petry,
106. Albin Dauber,
107. Carl Müller,
108. Arnold C. Fisch,
109. José Voltz,
110. Jacob Veeck,
111. Rubem Correia,
112. Bruno Saile,
113. Peter Leopold Feldmann,
114. José Luiz Sperb Filho,
115. Nicolau Güntzel,
116. Emil Georg,
117. Nestor Silva,
118. Anton Friedrich Müller,
119. Arthur Müller,
120. Waldomiro Britto,
121. João Lany,
122. João Carl Hofmann,
123. Carl Brusse,
124. Alcydes Rössler,
125. Marcus Peter,
126. Wilhelm Peter Herzer,
127. Emil Kruse,
128. Heinrich Bier,
129. Robert Conrad,
130. Joaquim Schneider,
131. Oscar Mahs,
132. Oscar Winter,
133. Rudolf Schilling,
134. Heinrich von Mengdin,
135. Alfons Seewald,
136. Viuva Carl Heinrich Wilfenbüttel,
137. Bruno Hofmann,
138. Frau Charlotte Koch,
139. Adolf von Essenwein,
140. José Carlos Sperb,
141. Antônio Lisboa,
142. Aloys Thiesen,
143. Reynald Müller,
144. Otto Dienstbach,
145. Alfred Kruse,
146. Viuva Paul Schmitt,

147. Dr. Arthur Ebling,
148. Carl Leonardt,
149. Ehrig Wipott,
150. Dr. Ernst Rotermund,
151. Alfred Dörnte Filho.

São Leopoldo, 17 de setembro de 1915

Leopoldo Hofmann Filho
Secretário

Fonte: Livro de Atas da Sociedade Ginástica São Leopoldo – nº 2. (Arquivo da SGSL).

ANEXO 6

OS FESTEJOS EM SÃO LEOPOLDO EM HONRA DO DR. GASPAR DA SILVEIRA MARTINS – “A”

[TEXTO 1]

Sobre este acontecimento o *Neue Zeit* diz: “... Dr. Gaspar da Silveira Martins recebeu com nítida satisfação o documento com assinaturas e fez (entre outras) uma reconhecida oratória cujos aplausos dos alemães e teuto-brasileiros, o encheram de satisfação, isso muito mais [porque falava] como se fossemos alemães a quem o Rio Grande do Sul agradece todo o seu desenvolvimento. Tais palavras vindas da boca de um grande estadista do País, são verdadeiramente apropriadas para elevar e justificar a consciência da força e da energia, assim como o sentimento do valor moral dos alemães e teuto-brasileiros. O Senhor Conselheiro Dr. Gaspar da Silveira Martins prometeu atender ao convite do comitê festivo [de São Leopoldo] e deixar o próximo sábado totalmente por conta dele, que começará o dia no qual os cidadãos leopoldenses esperam ter a honra de ver o generoso e enérgico tribuno em seu meio. É certo, pois, que o defensor do nosso direito mais sagrado, sem cuja enérgica defesa o verdadeiro progresso dessa Província teria sido totalmente impossível, chegará aqui no sábado à tarde.

O comitê festivo mandou convites para participação nas festividades de recepção às sociedades “Mannerbund” (Federação de Homens) na Lomba Grande, “Orpheus”, “Concórdia”, “Schützenclub” (Clube de Tiro), Sociedades de “Ginástica” e de “Canto das Damas”. É de se esperar que estas Sociedades estejam lá *in corpore* na hora marcada, assim também a participação das escolas convidadas.

Conforme nos é informado, o comitê ainda aceita inscrições para a participação no banquete a ser realizado no salão “Orpheus”.

NEUE ZEIT, nº 79. Porto Alegre, Sábado, 20 de setembro de 1879, p. 2.

Festejos em São Leopoldo em homenagem ao Dr. Gaspar da Silveira Martins – [TEXTO 2]

NEUE ZEIT - Esta folha recebeu o seguinte chamado, em posição privilegiada, no dia da chegada do Dr. Silveira Martins em São Leopoldo:

“Viva, Dr. Gaspar da Silveira Martins!

Hoje nós temos em nosso meio o magnânimo representante dos nossos direitos mais sagrados. O Dr. Silveira Martins chega às 3 horas da tarde com um trem especial e será recebido na estação de trem pela comissão festiva, todas as sociedades locais e escolas. Os preparativos para realizar uma brilhante recepção ao tribuno orgulham São Leopoldo e provarão diante do mundo que nós alemães e teuto-brasileiros pensamos assim como os nossos companheiros de origem de Porto Alegre, para os quais nós olhamos com alegria e satisfação. Na verdade, menor são em nós as relações, [porque] nós não dispomos de materiais tão significativos como nossos irmãos de origem, mas o mesmo espírito de dignidade e um verdadeiro orgulho que o nosso valor moral nos confere. [Estes], deixar-nos-ão acompanhar com entusiasmo o bonito chamado que se distingue do endereço porto-alegrense: “Viva a liberdade de consciência”.

Enfeita-te São Leopoldo, coloca tua roupagem festiva e profetiza antes de tudo diante dos lábios de teus filhos, que em ti reina verdadeira ambição alemã e espírito de progresso alemão. Siga o vôo da águia e deixe a coruja gramar nos buracos escuros. Um povo unido, fechado, que tem a

seu lado a justiça e a moral, sempre realiza os seus desejos, pois união e verdade produzem força.

As festividades em São Leopoldo e Novo Hamburgo – Nossos compatriotas de São Leopoldo e arredores cobriram-se de glória! Eles conseguiram coisas inacreditáveis na recepção do Dr. Silveira Martins e forneceram a brilhante prova de entusiasmo que os anima. Orgulho do povo teuto-brasileiro de São Leopoldo e arredores, [Gaspar da Silveira Martins] mostrou que a “liberdade de consciência” não é uma palavra vazia para ele, mas que ela entra com toda força e de alma cheia para este [homem, ser] supremo de bondade humana. Do *Neue Zeit* nós traduziremos a descrição com pormenores das festividades e por isso hoje limitar-nos-emos a relatar conforme as informações recebidas em geral.

Em companhia da comissão festiva sua Excelência foi para São Leopoldo às 12 horas no Sábado, num trem especial. Muitos sócios da comissão daqui, principalmente de teuto-brasileiros e muitos amigos políticos e pessoais acompanharam-no. A estação estava com enfeites maravilhosos; todos os alunos das escolas evangélicas e brasileiras formavam fileiras, também, assim moças vestidas de branco e dez sociedades com suas bandeiras. O senhor Müzell fez uma bonita oratória e terminou com um viva que foi acompanhado com um inacreditável entusiasmo, ao que o Dr. Martins respondeu com uma oratória maior, com sua própria eloqüência. Depois falou ainda o Senhor Franklin e uma aluna. Depois o grande cortejo foi em direção à cidade em constantes vivas. A cidade ofereceu uma vista excelentemente festiva. Todas as casas estavam enfeitadas, em todos os lugares acenavam bandeiras alemãs e brasileiras e toda a Rua do Passo estava coberta de arcos de triunfo de folhagens e flores. Em cada arco o grande político, esperança do Brasil e hoje o ídolo do povo teuto-brasileiro, foi cumprimentado com alocução por meninos. No hotel, até às 7 horas da noite, recebeu inúmeros presentes em gêneros, de todas as Picadas, assim como da Loja [maçônica] de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Às 7 horas da noite a comissão, acompanhada da população buscaram-no e acompanharam-no até o enfeitadíssimo Orpheus, onde um

verdadeiro e grandioso banquete de 200 *couverts* estava preparado. No banquete falaram primeiro o Sr. Müzell, Dr. Rotermond e Frankenberg que receberam muitos aplausos e Silveira Martins respondeu a cada um com a sua oratória eloqüente e arrebatadora, na qual, de momento em momento era interrompido por fortes aclamações. Muitas falas ainda foram realizadas, inúmeros vivas foram dados e o herói do dia foi festejado de forma inacreditavelmente entusiasmada até meia-noite. Então, o povo acompanhou o adorado estadista de volta ao hotel e também na manhã seguinte, quando ele foi para a estação, para ir a Novo Hamburgo, num trem expresso, quando foi acompanhado por uma grande população...”

NEUE ZEIT , nº 76. Porto Alegre, 4ª feira, 24 de setembro de 1879, p. 2.

As festas leopoldenses – festividades em homenagem ao Dr. Gaspar da Silveira Martins em São Leopoldo – [TEXTO 3]

Verdadeiramente brilhante foi a recepção que São Leopoldo fez pela causa do merecido estadista acatólico. Já cedo na manhã do dia 20 deste mês, as ruas que levam à estação de trem brilhavam em nobres enfeites festivos. A Rua do Passo, na qual nós também não vimos uma casa que não estivesse enfeitada com guirlandas, coroas e bandeiras, se destacou. Para ser justo, tem que se reconhecer que todos os moradores tentavam superar um ao outro, em enormes rivalidades. (...) O Hotel Koch também estava decorado tão adequadamente como de bom gosto: lá mesmo pode-se falar das casas dos senhores Heinrich Bier, João Jorge Schreiner, Julius Topp, A. Günther Huhnfleisch, Jacob Uebel, August Stöckel, Carl Ganns, Heinrich Schock, Christian Kepler, Philipp Hofmann e muitos outros.

Foram postos dois enormes arcos do triunfo, um em frente à casa do senhor Kepler, outro na esquina da Rua do Fogo. Ambos se destacaram pelo seu verdadeiro bom gosto. Sobre o grandioso arco estavam as palavras

“Bem-vindo” e “Salve o Tribuno!”. As ruas ofereciam uma vista maravilhosa e com verdadeira satisfação pode-se olhar para esta prova unânime de sentimento patriótico. (...) Vale provar que entre todos os moradores só é possível uma opinião, a saber, que o Conselheiro Estadual Dr. Gaspar da Silveira Martins merece todos os agradecimentos por sua posição cheia de caráter, no Parlamento da Nação. Na ininterrupta desordem festiva da rua mostrou-se, além disso, com uma só palavra, que só o alemão ou o teuto-brasileiro pôde ter construído casa lá, que aqui se pôde realizar um verdadeiro ser alemão de costumes alemães sem mistura, em nobre liberdade.

As duas horas da tarde, o cortejo festivo se ordenou na Rua do Passo. Na frente de todos estavam as escolas, meninos e meninas enfeitados com as cores alemãs e brasileiras e com bandeirolas nas mãos. A eles associaram-se as sociedades, Sociedade de Canto de Damas, Federação de Homens de Lomba Grande, Sociedade Ginástica, Concórdia, Orpheus e Clube de Tiro. Duas bandas de música acompanharam as várias centenas de pessoas do cortejo festivo, ao qual ainda se juntou um grande público inativo. Sob os sons da música, acompanhado do estouro dos foguetes, logo depois o cortejo festivo se colocou em movimento e logo chegou à estação de trem. Lá foi feita a colocação ordenada pela comissão e esperando a chegada do Dr. Gaspar da Silveira Martins. Mal o veemente político havia descido do vagão, soou um “hurra!” de mil vozes e um interminável “viva!” que mal se ouvia por causa do estrondo dos foguetes e do som da música. Sua Excelência foi cumprimentado no Perron, pelos integrantes do comitê festivo e pela senhorita Karolina Müller, que deu um bouquet ao tribuno homenageado, em nome de boas-vindas da Sociedade de Canto de Damas. Então o Sr. Ernst Müzell falou, por ordem do comitê festivo e como representante de todas as sociedades locais.(...)

O senhor Müzell destacou em sua oratória como uma conquista especial do Dr. Gaspar da Silveira Martins, sua verdadeira luta pela igualdade dos acatólicos com os demais cidadãos do Brasil e elogiou a firmeza de caráter do nobre tribuno e sua determinação [em conseguir esta

igualdade]. Apesar da vantagem de estar num posto influente, realizando sua justa ambição, sacrificou o título glorioso de cidadão. O Sr. Müzell terminou sua oratória com um viva ao representante dos nossos direitos e mil vozes entraram jubilisamente.

Depois disso, uma menina de 9 anos, Wilhelmine Clos, falou assim:

“Meu querido Dr. Gaspar da Silveira Martins. O senhor me permita que eu, uma fraca criança, dirija algumas poucas palavras ao senhor. Eu gostaria que nas mesmas se expressassem todas as honras que nós lhe prestamos, todos os sinceros agradecimentos que nós temos para com o senhor, todo o orgulho que nós temos em podermos contar com um homem como o senhor [entre] os nossos compatriotas. Glorioso seja o senhor, digno filho desta Província heróica e forte. Glorioso seja o senhor, pois o senhor se encontra no auge de um período de sua existência, no qual o senhor lutou de forma corajosa e intrépida pela liberdade de consciência, uma liberdade que é a justiça divina da pessoa, a estrela maior de uma causa e o desejo constante de um coração. Se nossos pais, a quem pertencem os mais nobres sentimentos de nossa alma, mostram justa admiração pelo senhor nesse dia, tanto maior, oh! digno defensor dos nossos mais valiosos direitos, deve ser o agradecimento que nós, como filhos desse lindo País, prestamos por causa de sua conduta varonil e desinteressada no Parlamento da Nação! Eu lhe cumprimento querido Dr. Gaspar da Silveira Martins, do fundo da minha alma e desejo, que a mesma energia e o mesmo talento que o senhor empregou contra o obscurantismo e contra as injustiças políticas, estejam a seu favor nas lutas que o futuro certamente abriga no seu seio, para que dessa forma, mais e mais, lhe seja possível construir a bonita obra do progresso brasileiro em bases sólidas”.

Depois dessa oratória articulada com muita sensibilidade e compreensão, o senhor Frankling de B. Ferreira tomou a palavra e deu um viva ao glorioso defensor da liberdade de consciência, que pensou nobre o suficiente para descer de um dos mais altos graus do poder ao nível do povo, só porque o seu caráter não se presta a consagrar, mediante acordo,

uma ruptura com o programa do Partido Liberal, posto em prática em seu período.

Um estrondoso “Hurrah”! fechou essa fala. Depois falou o senhor Silveira Martins com sua eloquência, com cada raio da mais bela inspiração e com um fogo e com uma ênfase que nós estamos acostumados a ver neste famoso orador popular. O Dr. Gaspar da Silveira Martins está visivelmente comovido com a calorosa e cordial recepção. Ele expressou à população reunida seu mais sincero agradecimento pelas provas brilhantes de afeição e gratidão e mostrou, a seguir, com eloquência, a grande influência e o forte significado do elemento germânico para o progresso do Brasil em geral e da Província do Rio Grande do Sul, em especial. As falas do elegante orador foram interrompidas várias vezes por aplausos. Mesmo assim elas atingiram o seu grau máximo quando ele falou das vantagens da raça alemã, que sempre teve que padecer da liberdade de consciência (...). Um entusiasmo sem igual, um verdadeiro delírio apoderou-se de todos os presentes, quando o Dr. Gaspar da Silveira Martins deu um viva a todos os alemães, teuto-brasileiros e em especial aos de São Leopoldo. Um “viva Silveira Martins” que não queria mais levar fim não abalou a alegria e muitos dos entusiasmados homens lançaram-se sobre as mãos do entusiasmado homem para apertá-las cordial e fortemente.

Mulheres derramavam flores sobre o homenageado e sob um verdadeiramente ensurdecedor chamado de viva e o estrondo dos foguetes, o cortejo chegou ao primeiro arco do triunfo. Ali, o visivelmente comovido visitante, diante de cujos olhos se abriu uma rua repleta de pessoas em todas as cores, recebeu as boas vindas de uma amável boca de criança. Do degrau do arco do triunfo, uma filhinha do senhor Epifânio Orlando de Paula Fogaça, com nome de Ottilia, falou as seguintes palavras:

“Silveira Martins”! Ouça por um momento essa fraca voz que parabeniza o ativo rio-grandense nesse ato festivo, que por seu grande talento se iguala ao de um Bismark, por sua virtude, seu amor à Pátria e pela defesa dos direitos de seus compatriotas atingiu um nome consagrado, que estará escrito nos anais da história da Patria.

Meus senhores! Eu lhes peço para concordarem comigo no entusiasmo chamado “viva o grande cidadão Gaspar da Silveira Martins”!

Se todo um povo lhe cumprimenta com desmedido júbilo, como o generoso defensor de sua liberdade, assim também, seja-me permitido, em nome de meus colegas de aula, agradecer-lhe pela forma enérgica e clara com que o senhor lutou pela preciosidade de todas as liberdades, pelo direito adquirido das pessoas, pela liberdade de pensamento, cuja fonte e motivo de origem é o bem estar de todos (...).

Depois dessa pequena fala seguiu-se outra que foi feita pelo redator desta folha, para o DR. Gaspar de Silveira Martins. Um viva múltiplo soou depois do expresso pelo redator. “Viva o cidadão Gaspar da Silveira Martins”, o homem do povo, da justiça e da verdade, calculada maior que as vantagens de uma posição importante.”

Após receber um valioso bouquet das mãos de uma dama e profundamente comovido com as torrenciais, incessantes provas de amizade do povo que o cercava em massa, só conseguiu agradecer com uma surda saudação e o cortejo seguiu adiante.

No segundo local de homenagem, o menono Eurípedes Mostardeiro cumprimentou o homenageado com uma poesia (...).

Depois disso todos foram para o Hotel Koch. A Loja [maçônica] local também fez homenagens ao convidado.

NEUE ZEIT, n°77. Porto Alegre, Sábado, dia 27 de setembro de 1879, p. 1 e 2, Editorial.

*Festividades Leopoldenses –: A fala do Dr. Gaspar da Silveira
Martins [TEXTO 4]*

Na seqüência, nós trazemos uma tradução da fala do Dr. Gaspar da Silveira Martins (...). O ex-Ministro disse “que ele, em consideração a esta manifestação que lhe foi feita, é quase grato aos seus ex-colegas pelo seu recuo, [porque] a realização da reforma representada por ele – a saber, deixar todos os cidadãos sem distinção de crença -, atrapalhou a participação de todos nas funções públicas. Se seus colegas tivessem concordado com ele, poderia parecer como se um Ministério Liberal tivesse concedido um direito de forma generosa aos cidadãos, do qual eles não são merecedores. Mas hoje, por lhes ser negado, os teuto-brasileiros acordam de seu sono, sentem a consciência de sua força e, com energia reclamam seus direitos que a natureza lhes dá, dos quais um lhes é roubado sob a influência do fanatismo das constituições escritas de épocas passadas.

O generoso zelo com que a raça rio-grandense latina acompanha seus compatriotas de origem germânica em suas reclamações de igualdade de direitos, comprova a fraternidade das raças, que une a linha sagrada do amor à Pátria.

Até hoje, a colônia alemã levou uma vida cheia de trabalho, cheia de aplicação industrial e concentração para atingir liberdade material e independência através da riqueza. Mas isso não é o suficiente, ela também tem que conquistar liberdade moral, através da educação, da aula, para que ela também possa agir mais direta e conscientemente não só através da aula elementar, na qual todos encaminham seus filhos conforme a lei, os costumes e as tradições de seus antepassados, na Europa, mas também através das aulas mais elevadas, para que eles também possam intervir de forma mais direta e consciente na direção do destino da Província e da Pátria em geral. Vocês gostariam que seus filhos estudassem Direito, Medicina, Matemática, principalmente, e não só visitassem a Escola Militar;

[porque] a defesa da Pátria é o direito primeiro do cidadão. Então sua influência deixar-se-á valer em todo lugar – no local, através do incomparável prestígio do médico, no Tribunal através dos saberes do advogado, nas construções e oficinas pelo talento do engenheiro, no exército pelas particularidades que sua raça sempre formou em duras guerras -, e eles poderão figurar no Parlamento e na Administração. Só assim nós conseguiremos ser um povo único – se os direitos não são só palavras no papel, mas uma realidade prática [...].

Na escola normal ele [Silveira Martins] instituiu uma cadeira de alemão, para que os professores brasileiros possam ensinar aos seus compatriotas na colônia a língua na qual são escritas as leis e a Constituição da Pátria de todos.

A partir do quinto ano, [disse Silveira Martins] seus filhos são educados em escolas alemãs para que eles, ao mesmo tempo em que aprendem a rica e extraordinária língua alemã, aprendam ginástica e a se movimentar, conforme cada ritmo ordena.

Às sete horas da noite, o comitê festivo, seguido de grande número de pessoas do povo e precedido da música, foi ao Hotel Koch para receber o homenageado representante popular para o banquete, que foi preparado no salão “Orpheus”.

O bonito salão estava enfeitado com o maior bom gosto, e brilhava num verdadeiro mar de luzes. Em quatro longas mesas estavam distribuídos em torno de 400 lugares. A mesa dava um aspecto convidativo e amigável, com sua rica assistência, as bonitas e cheirosas flores e com as garrafas de vinho brilhando no meio. O lugar de honra, do Dr. Silveira Martins, estava cercado com muitas flores.

Quando o Conselheiro Estadual entrou no salão, cercado pelos senhores do comitê festivo e seguido por visitantes convidados que vieram com ele de Porto Alegre, soou um estrondoso “hurrah”, cujo eco se espalhou até entre as massas que se espremiavam na rua.

Sob o som da música, o banquete teve seu início. Para nós, esta festa sempre será uma das melhores e mais bonitas recordações (...). O banquete

foi um grande encontro, pela presença de tantos homens distintos que já colheram muitos louros na vida parlamentar. Estavam presentes os senhores Dr. Correa da Silveira, Dr. Florêncio d'Abreu, Dr. Eleutério Camargo, r. Ribas, entre outros. Do Comitê Festivo de Porto Alegre apareceram os senhores H. Hasslocher, F. Schneider e Edm. Dreher.

O senhor Ernst Müzell fez a oratória festiva (...). O Dr. Silveira Martins, muito comovido com as bonitas e sentimentais palavras do orador, respondeu com uma longa e brilhante fala, da qual nós queremos citar os pontos mais importantes, do que a nossa memória nos permite:

- A entusiasmada recepção que lhe foi feita em Rio Grande, Porto Alegre e em especial São Leopoldo, que é o ponto central da vida germânica nesta província, lhe é uma prova concreta que a persistência, numa situação adversa, terá os melhores frutos, na questão da verdade e do direito [...].
- Adiante, disse que "... pareceu-me como uma injustiça que cidadãos trabalhadores, com costumes e que trazem proveitos ao Estado, tenham que ficar fora do usufruto do Estado, só porque se reconhecem de outra crença que aquela da maioria do povo, mesmo que só tenha pró-forma. Eu sou, sempre fui e serei até meus últimos momentos, um verdadeiro defensor da liberdade de consciência, sem a qual, todas as outras liberdades e direitos são ilusórias. Eu não quero que se continue vendo os imigrantes acatólicos somente como trabalhadores, que só sejam destinados à produção, e que sejam explorados inescrupulosamente. Para a minha Pátria eu quero cidadãos que sintam com ela, padeçam e saboreiem vitórias com ela. Mas, a injustiça política e religiosa, que rouba uma grande fração da população de seus direitos religiosos, entra em controvérsia se ela só é de natureza pacífica, prova um desligamento para o mal do todo e, de certa maneira, é um Estado no Estado. Nisso, a política clara une os diversos elementos por uma distribuição justa dos direitos. Além do mais, não é não é uma questão de nacionalidade ou de raça, como é

apresentado por alguns órgãos da imprensa, de forma pérfida, que atualmente se debate sobre se muitos milhares de cidadãos acatólicos devem ter uma pátria ou não. Só o cidadão livre tem uma Pátria. Para aquele que se rouba uma única partícula de seu direito político, não há Pátria” [...].

O Dr. Camargo e o Dr. Florêncio de Abreu deram seu grande talento à admiração, na ocasião, pois ambos falaram com fogo, energia, em brilhantes e sublimes palavras sobre a liberdade em geral e a liberdade de pensamento em especial. Dr. Correa d’ Oliveira elevou as vantagens da raça alemã, sua força de trabalho, sua resistência, sua calma e sua dureza [...]. Depois dele, falaram ainda os seguintes senhores: H. Hasslocher, Epifânio de Paula Fogaça, Frankling de B. Ferreira, Dr. Rotermund e o redator desta folha, [H. Falkenberg] [...]. [Mais tarde], Silveira Martins foi levado ao Hotel e, na manhã seguinte, partiu.

NEUE ZEIT, nº 78. Porto Alegre, 4ª feira, 1 de outubro de 1879, p. 1-2.

ANEXO 7

OS FESTEJOS DE SÃO LEOPOLDO EM HONRA DO DR. GASPAR DA SILVEIRA MARTINS – “B”

Verdadeiramente brilhante foi a recepção que São Leopoldo fez ao benemérito homem de Estado que, por tantos títulos tem direito ao reconhecimento dos acatólicos. Ao despontar do dia 20 do corrente ostentavam as ruas que conduzem à estação da estrada de ferro, os mais ricos zelos. Ante todas as outras, distinguia-se a rua do Passo, na qual não se divisava nenhuma só casa que não estivesse ricamente ativada com guirlandas, coroas e bandeiras. Para sermos justos, devemos confessar que todos os habitantes em nobre emulação tinham cada qual melhor, feito os mais louváveis esforços para se excederem uns aos outros. Difícil nos é, entre a grande multidão de casas especialmente bem adornadas, indicar algumas. O Hotel Koch apresentava-se adornado com gosto. O mesmo se pode dizer das casas dos senhores Henrique Bier, João Jorge Schreiner, Júlio Tapp, Antonio G. Huhnfleisch, Jacob Uebel, Augusto Stoeckel, Carlos Ganns, Henrique Scheck, Christiano Kessler, Felipe Hofmann, e muitos outros mais.

Dois arcos triunfais, de respeitáveis dimensões, um deles em frente à casa do sr. Kessler, o outro na esquina da rua do Fogo, primavam pelo bom gosto e os ricos enfeites. Sobre os vastos arcos, coroados de verde folhagem lia-se a inscrição “Benvindo”! e, “Salve Tribuno”! Toda rua oferecia um quadro encantador e, com verdadeira e íntima satisfação. Podia-se tomar nota dessa tácita manifestação patriótica. Certo era que Rio Grande, Pelotas

e Porto Alegre muito se distinguiram pelo ornamento das suas casas e mais disposição de seus festejos. A palma, porém, - não porque fosse a nossa humilde opinião senão o julgar pela de muitas pessoas que assistiram aos festejos daqueles lugares – [coube] à Cidade de São Leopoldo. Aqui foi o adorno festivo uma regra, um dever do qual ninguém quis excluir-se. Cumpria subministrar a prova de que entre todos os habitantes de São Leopoldo havia uma só opinião admissível, isto é, que o Sr. Dr. Gaspar da Silveira Martins merece o reconhecimento de todos pela sua digna atitude no Parlamento. A circunstância de não haver interrupção alguma na disposição festiva das casas, pois todas, absolutamente todas apresentavam-se com gala significativa, demonstrava que aqui quase não moravam senão alemães ou teuto-brasileiros, com uma palavra, que nesta localidade a essência germânica e os costumes alemães tinham podido conservar-se puros e fortes em nobre liberdade.

As duas horas da tarde formou-se um numeroso trem festivo na rua do Passo. A testa dele colocaram-se as escolas, meninas e meninos, ataviados com as cores alemãs e pátrios e, levando bandeirolas nas mãos. Seguiram-se as Sociedades: Damen- Gesangverein (Sociedade de canto de Damas), Männerbund, de Lomba Grande (União de Homens), Club Gymnástica, Concórdia, Orpheu e Club dos Atiradores. Duas bandas de música acompanharam o trem, que contava muitos centenaes de pessoas, sendo ainda aumentado por inúmero povo. Ao som da música e ao esturgir dos foguetes, pôs – se pouco depois em movimento, em direção à estrada de ferro. Tendo chegado ali, arranjou-se a sua colocação, conforme havia sido disposta pela comissão, para assim aguardar a chegada do Dr. Gaspar da Silveira Martins..

Seriam mais ou menos três horas e meia quando o trem nos trouxe o digníssimo homem do povo, por tanto tempo esperado. Foram ouvidos estrondosos e entusiásticos vivas que pareceram nunca acabar. Sua Excelência foi recebido pelos membros da comissão de festejos e pela Sra. D. Carolina Müller, que apresentou ao festejado Tribuno um ramalhete, em nome da Sociedade de Canto. Em seguida falou o Sr. Ernesto Müzell, em

sua qualidade de encarregado da comissão e representante de todas as sociedades ali presentes. O brilhante discurso do Sr. Müzell, que sentimos não poder reproduzir inteiro, achou o mais decidido acolhimento, principalmente quando o orador disse que a festiva recepção preparada pelos alemães e teuto-brasileiros ao intrépido tribuno era a simples e natural manifestação de leal gratidão que se devia ao homem que com natural firmeza de caráter sustentou a igualdade política dos acatólicos, sacrificando as vantagens de uma apressada e brilhante posição e antepondo o glorioso título de cidadão a todas as aquisições de justa ambição. O Sr. Müzell terminou o seu discurso, pedindo um “viva” para o digníssimo propugnador dos nossos direitos, ao que milhares de vozes corresponderam com júbilo. Depois falou a menina Guilhermina Closs, filhinha do nosso particular amigo, Sr. Guilherme Clos.

Após esta comovente saudação tomou a palavra o Sr. Franklim de V. Ferreira, pedindo um “viva” para o glorioso apóstolo da *liberdade de consciência*, quem nobremente preferiu descer dos mais elevados escalões do poder às fileiras do Povo porque o seu caráter não quis prestar-se a sancionar com seu consentimento a violação do programa liberal, que anteriormente tinha sido formulada. Um “hurrah” que atroou os ares, terminou esse belo discurso.

Em seguida falou o Dr. Gaspar da Silveira Martins com aquela eloquência, com aqueles raios de mais feliz inspiração e com a sua acostumada energia que todos lhe reconhecemos. O Dr. Gaspar da Silveira Martins estava visivelmente comovido pela recepção tão calorosa quanto cordial. Manifestou em belas palavras o seu sentido reconhecimento pelas brilhantes demonstrações de adesão, traçando em seguida em palavras claras e determinantes, a grande importância e poderosíssima influência do elemento germânico no progresso do Brasil em geral e para a Província do Rio Grande do Sul especialmente.

As deduções do hábil orador foram interrompidas por muitas demonstrações de apoio e chegaram ao seu ponto alto quando [o orador]

realçou os méritos da raça germânica que em todo o tempo soube sofrer e morrer pela mais santa das liberdades: *a liberdade de consciência*. Um entusiasmo sem igual, febril, um verdadeiro delírio apoderou-se de todos os assistentes, quando o Dr. Silveira Martins deu um “viva” aos alemães e teuto-brasileiros de São Leopoldo! “Viva Silveira Martins”, foi o brado unanime que respondeu ao magnífico discurso do ínclito parlamentar.

Seguiram-se manifestações de apreço, os foguetes, que subiam sem cessar, atroando o ar, um viva veio após o outro e, das fileiras da multidão inúmeras pessoas subiram para apertar a mão daquele que é para nós o vulto mais respeitável do país.

Depois de acalmar-se um pouco a agitação febril do povo, pôs-se o trem em movimento para a cidade. Por diante marcharam os alunos das escolas, levando a sua testa uma das bandas de música; depois seguiu-se o Sr. Conselheiro, cercado pelas senhoras que compõem a Sociedade de Canto e pela Comissão dos Festejos; por último vinham os Clubes com os seus magníficos estandartes. Em todo o trajeto desde a estação até a cidade, passando na frente de casas brilhantemente adornadas, ouvia-se um contínuo “viva Silveira Martins”. Cremos que todo São Leopoldo, com pouquíssimas exceções acudira, para manifestar ao generoso homem de Estado a homenagem que com justiça mereceu.

À entrada da cidade foi saudado o glorioso tribuno por uma filhinha do Sr. Pedro Machado que, com as suas mãozinhas entregou ao Dr. Gaspar da Silveira Martins um delicado mimo em forma de uma coroa, acompanhando-o com estas breves e, não obstante simples palavras – “ao Pai da Pátria”. Distintas damas cobriram o festejado hóspede com uma chuva de flores. Ao esturgir dos foguetes e aos incessantes brados de sincera adesão, chegou o trem ao primeiro arco triunfal. Ali, quando diante do ilustre parlamentar abria-se uma rua belissimamente adornada, foi ele saudado por uma filhinha do Sr. Major Epifânio Orlando de Paula Fogaça, que com muita graça, recitou as palavras seguintes:

Silveira Martins! Escutai por um momento a frágil voz que neste ato solene vem felicitar ao brioso Rio-Grandense que por seu elevado talento, qual um Bismarck, e que, por suas virtudes e amor à prática dos direitos de seus concidadãos conquistaste glorioso nome que ficará grande nos anais da história pátria. Meus senhores peço-vos um caloroso brado: viva o grande cidadão Gaspar da Silveira Martins!! Em seguida o menino Conrado von Franckenberg em nome de seus condiscípulos, pronunciou um pequeno discurso.

Seguiram-se a estas breves palavras um discurso pronunciado pelo redator desta Folha que pediu um voto público de gratidão para o cidadão Gaspar da Silveira Martins, para o homem do povo que amou mais a justiça e a verdade do que os encantos de uma brilhante posição. Estrondosas vivas ecoaram por todos os lados. Um entusiasmo incrível eletrizava o povo.

Depois de receber das mãos de muitas senhoras preciosos *bouquets*, o ilustre representante da Nação estava muito comovido com as inúmeras provas de veneração e respeito que recebia, sentindo-se impossibilitado de traduzir em palavras os seus agradecimentos. Continuou-se, pois, a caminhada.

Diante do segundo arco do triunfo o menino Eurípedes Mostardeiro saúda ao festejado Tribuno com uma magnífica poesia. Muitíssimos aplausos obteve o talentoso menino que nos seus versos tão belamente soube exprimir a convicção que abrigava um povo inteiro. Já eram mais de cinco horas quando o trem chegou ao Hotel Koch, onde o Dr. Gaspar da Silveira Martins hospedou-se. Ali recebeu a visita dos seus numerosos adictos e amigos, como também os cumprimentos de todas as sociedades e comissões. A Loja Maçônica “Estrela do Oriente” apresentou ao tão festejado Tribuno, pela condução de sua deputação, os sentimentos de veneração que lhe inspirava o digno e enérgico patriotismo do Dr. Silveira Martins.

Fonte : DIE NEUE ZEIT, n.º 25, Quarta-feira, 24 de setembro de 1879.

ANEXO 8

RECEPÇÃO A SS AA EM SÃO LEOPOLDO

A Deutsche Post debate sobre o assunto, como segue:

No sábado à tarde foi espalhada a notícia, S. Leopoldo, de que as autoridades imperiais visitariam a cidade no dia seguinte na viagem de regresso de Novo Hamburgo [...]. Os senhores da câmara moveram-se para tomar as providências necessárias: convidar as sociedades, providenciar a música, comunicar a polícia, preparar uma casa para a pousada, etc. No domingo à tarde por volta das 12 horas, as sociedades *Schützen Club*, *Freischütz* e *Orpheus* se dirigiram à estação de trem com suas bandeiras, acompanhadas por muitos moradores de S. Leopoldo e precedidas pela banda, para cumprimentarem as autoridades, em sua passagem pela estação de trem. Quando o trem parou e os primeiros vivas tinham-se dissipado, as autoridades imperiais surgiram na janela do carro e perguntaram ao comandante do Clube de Tiro, Sr. E. Piegel, que estava justamente na sua frente, pelas sociedades que lá estavam e conversaram com o mesmo de uma forma muito amável e normativa sobre seu nome, sua decoração, sobre o número de habitantes de S. Leopoldo e do município. A pedido de S. Alteza, o senhor Ed. Piegel chamou o presidente da Câmara,

apresentou-lhe o mesmo como também o senhor Delegado; o primeiro foi convidado a acompanhar a viagem até Novo Hamburgo. Depois desta curta parada, durante a qual o príncipe falou muito afavelmente em língua alemã, os senhores seguiram viagem acompanhados por todos os senhores vereadores da Câmara. Pelo príncipe ter prometido estarem de volta às 2h 30min, foram feitos os últimos preparativos. Alunos e alunas da *schule* (nova escola), marcharam com a Sociedade de Canto de Damas sob a bandeira da mesma, as Sociedades de Tiro e Orpheus colocaram-se no “Perrom” (sic) e esperaram o trem que chegou na hora combinada. Quando as autoridades imperiais haviam desembarcado, o Senhor Wilhelm Rotermund pediu a gentileza das autoridades para ouvirem os cumprimentos de boas vindas de uma aluna. As autoridades consentiram com a maior prontidão e a senhorita Olga Ganns declamou o seguinte poema:

*Bem-vindos à cidade de Leopoldina,
Da imperatriz, que, com gentileza outorgou
aos nossos antepassados uma pátria.
No desconhecido país, há mais de 60 anos
tornou-se a pátria de nossos companheiros de
procedência,
que agora fecharam a mata virgem da cultura.*

[...]

*Certamente não trouxe tesouros em ouro nem prata
Mas um braço forte, uma grande confiança
em Deus no céu, pai, espírito e filho*

E este respeito pelo trono imperial.

*Bem-vindo a riqueza do sul
 Não nos estranhe, nem dinastia,
 Não, a amada pátria que nos une
 a todos nós com uma corrente firme
 Como alguns dos antepassados nós mandamos,
 novamente, através dos senhores, ao imperador
 saudações e fidelidade alemã.*

Depois do término da mesma, o Dr. Wilhelm Rotermund deu um viva as autoridades imperiais e as autoridades reais. O imperador conversou primeiro com Olga Ganns, a quem ele agradeceu muito e dirigiu-se então ao Dr. Rotermund:

“O senhor certamente é o professor?”

“Professor e ao mesmo tempo o religioso evangélico, alteza.”

“AH!” – interrompeu aqui sua alteza ao orador, “O pastor Rotermund?”

“Às ordens alteza, este é o meu nome.

“Pois sim, Dr. Rotermund”- seguiu o príncipe – “eu li a respeito do senhor em Zöller. De onde o senhor vem?”

“Eu sou de Hamover.”

“Como se chama o lugar?”

“Eu nasci em Werden, perto de Bremen.”

“Ah, Bremen!” – e assim por diante.

(Com essas palavras podemos caracterizar a forma carinhosa com que sua alteza conversou e se interessou por assuntos particulares). Enquanto isso, a senhoria Olga Ganns deu um bonito buquê de flores à Princesa e ao lado de suas colegas foi honrada com muita gentileza pela altíssima senhora. Depois o senhor Major Epifânio Orlando de Paula Fogaça fez a seguinte oratória:

“Altíssima Princesa Imperial, autoridades Reais. Na surpresa que a visita causou, os moradores da cidade não puderam preparar um recepção digna das autoridades imperiais, como nós desejávamos. Mas nós viemos aqui para mostrar que em nossos corações há o amor e a veneração pela regência imperial, cuja sucessora será sua alteza real (...).

Viva a sua Majestade o Imperador! Viva a sua Majestade a Princesa!”

Os vivas foram dados e o príncipe estendeu a mão grato ao orador e deixou-se dizer o nome. Agora foi aberto um caminho por entre as pessoas espremidas, uma ao lado da outra, e a comitiva [...] pôde deixar o vagão e por último desembarcaram os senhores da Câmara.

Diante da estação de trem pararam várias carroças que agora foram afastadas pelos organizadores. A música foi a frente e as sociedades seguiram. Assim, o cortejo, acompanhado de um grande número de pessoas, passou vagorosamente por São Leopoldo, primeiro pela Intendência, Igreja católica onde ocorreram comemorações religiosas. As autoridades olharam, então, o instituto das irmãs e dos jesuítas. Depois disso, os hóspedes foram levados até a moradia preparada para eles. Foi a casa recém construída do senhor H. Bier, em que o senhor Dr. Castro queria

morar e já havia mobiliado. O senhor Dr. Castro adiou a sua mudança para que a casa pudesse acolher as autoridades imperiais. A Câmara deixou vinhos, cervejas e outras bebidas. Como também doces.

Tanto a Princesa Real quanto o Príncipe conversaram familiarmente com os presentes. Por quererem os príncipes levar lembranças na forma de pedras de ágata de São Leopoldo, o senhor Assmus deu-lhes uma pedra polida que o senhor H. Fischer recebera da herança do senhor Cel. Hillebrand com seu brasão e a esposa do Dr. Rotermund ofertou-lhes uma pedra bruta. A senhorita Olga Ganns ofereceu uma cópia do poema recitado, a pedido de Sua Alteza. O Príncipe apresentou-lhes mais uma vez a sua altíssima esposa e quando ele soube que seu pai veio de Kreuznach, ele contou que havia estado lá várias vezes e enfatizou ainda que sua mãe foi uma boa alemã da Saxônia e que sua recordação de criança da Alemanha nunca se apagará, mesmo que ultimamente ele desaprendera um pouco o alemão devido a falta de treino. Aliás, sua Alteza fala muito bem o alemão.

Depois que haviam tomado e elogiado as cervejas, foi feito um passeio pela cidade, no qual foram visitados a construção do novo prédio da Câmara, a ponte, o Orpheus e a igreja evangélica. *“Se vimos a igreja católica queremos, também, visitar a protestante”* - disse sua Alteza. Na entrada da igreja o pastor, Dr. Rotermund, tratou de falar com a diretoria e recebeu os altos governantes. Pediu licença para que o coro (misturado) cantasse um hino religioso. Infelizmente, na pressa não estavam todos os

cantores e cantoras. Depois de ter terminado o ato religioso (fez uma pequena oratória religiosa) foi rezado o Pai Nosso.

Na estação de trem o Dr. Rotemund recebeu a permissão do Conde D'Eu para dizer algumas palavras ao povo e às autoridades imperiais na despedida. (*“As autoridades devem ter certeza que os alemães sempre serão fiéis ao Brasil...”*). Foram dados vivas.

DEUTSCHE ZEITUNG, – Porto Alegre, Sábado – 10.01.1885, p.2.

ANEXO 9

VISITA DO GOVERNADOR EM SÃO LEOPOLDO

No domingo, com o trem da manhã o [anunciado há muito tempo], Presidente do Estado General Cândido Costa na companhia do chefe de polícia Dr. Antônio Antunes Ribas, Dr. Thompson Flores e Dr. Júlio de Castilhos, ao lado de dois oficiais e outras personalidades, chegaram aqui. Eles foram recebidos na estação de trem pela junta municipal e os cidadãos desta cidade. Ao desembarcar, o promotor público Epifânio Orlando de Paula Fogaça, cumprimentou-os com uma oratória em nome dos moradores deste município. Ele expressou sua gratidão pela honra que é prestada à cidade e enalteceu seu ato de trazer paz, que havia sido perturbada pelos acontecimentos de 13 de abril, por ter ordenado tudo para o bem deste Estado.

Então, o Governador respondeu que aceitou a nomeação a Governador deste Estado com a firme convicção de que lhe é possível ordenar tudo em paz, enquanto o povo no Rio Grande do Sul lhe seja notório e lhe dê muita confiança, pois sabe que o povo pede justiça.

Depois disso, dirigiram-se à Câmara Municipal. Lá, primeiro falou o Dr. Mathias de Campos Velho em nome do 'Clube Rio-Grandense' e realizou uma oratória muito boa. Em seguida, o Governador respondeu a esta fala, o Presidente da Junta Ernesto Silva se pronunciou apresentando-lhe todas as necessidades desta Cidade e deste Município, numa bem pensada oratória. Frisou que o Município é muito fraco para custear todas as necessidades reais, uma vez que só dispõe de 16 a 18 contos de arrecadação. Terminou com o pedido de que o Estado se preocupasse mais com as estradas de movimento e com a melhoria da viagem de embarcação até Mundo Novo.

Os cidadãos não poderiam, por assim dizer, ter esperanças nas promessas do Governo, pois depois de tantos anos nada foi feito por este Município, mas antes das eleições sempre se tem procurado iludir o povo para conseguir votos.

O Governador respondeu que isso tudo não lhe é estranho, mas que não é possível ao governo resolver todas as necessidades logo e eliminar todas as carências pois o Governo entrou na República com o caixa completamente vazio e que o Estado estaria endividado, mas que algo já foi feito pelo novo governo, e que dá sua palavra de honra que o mesmo promove as idéias voltadas à Pátria em relação aos meios de comunicação, promoção da indústria e que com certeza trabalhará em relação às receitas do Estado para que as maiores necessidades sejam sanadas. Por isso poderíamos ter a certeza de que a comissão encarregada já estaria trabalhando, só se deveria ter confiança, pois o governo fará sua missão com a qual cada comissão está confiada. Ele prometeu ainda, que a

iluminação da cidade será por conta do Estado, depois que a idéia já começou em todas as ruas principais e, logo o dinheiro que está destinado para a despoluição dos rios será empregado e, que a parte do dinheiro para o Rio dos Sinos será transferida para a Câmara de forma que as melhorias mais necessárias neste rio, que é de suma importância para as viagens de navio, possam ser feitas num instante.

Logo, o Governador foi convidado por uma comissão eleita do 'Clube Republicano' para visitar seu clube. Esta visita sucedeu-se então.

O Sr. Moraes, promotor público, desejou as boas vindas ao Governador e seus colaboradores em nome do Clube Republicano, ao mesmo tempo que lembrou transtornos desagradáveis [ocorridos quando] o mesmo tomou posse do cargo, que dirige com tanta cautela.

Depois, o Governador tomou a palavra. Expressou a alegria por estar no meio de um clube que é o portador do pensamento republicano neste importante Município. Que ele teria assumido seu cargo com a convicção de que os republicanos o apoiassem nisso, pois sem sua participação ele seria como um peixe fora d'água. Com relação às necessidades do Município, que lhe foram apresentadas na Câmara, ele não poderia prometer tudo o que é desejado, mas algo deve fazer ao Município que, aliás, em si mesmo tem a condição de desenvolvimento. Com relação às ruas, que reconhece como sendo de certa urgência, o começo estaria feito, pois a comissão que deve fazer os estudos já estaria trabalhando.

Depois dele, falou o Dr. Júlio de Castilhos. Ele disse que a região da Colônia seria a região do trabalho e o Regime Republicano seria o regime do trabalho e saberia avaliá-lo, pois o progresso só poderia vir do trabalho.

Infelizmente o regime não é compreendido e por causa das intrigas das oposições, que por si próprias não têm uma religião que não a da intriga, mas que cobrem seu trabalho opositor público e secreto com o manto da religiosidade e querem fazer o povo acreditar que o governo é inimigo da religião. Isso ele de modo algum é. A dignidade da religião estaria num clero civilizado e na independência da Igreja do Estado. Se a Constituição recebeu determinações que pareciam inimigas da religião, o Congresso estaria lá para mudá-las.

Então, falou ainda o Chefe de Polícia, Dr. Ribas. Ele ressaltou a importância do Clube Republicano e que seria desejável que ele fosse aumentado numericamente por aqueles que até agora guardam rancor. Ele mesmo teria lutado na coluna dos liberais, mas que depois do 15 de novembro teria reconhecido que a direção das questões públicas devem ser daqueles aos quais nós agradecemos a República e que seria tempo de que os partidos Liberal e Republicano recolhessem suas bandeiras.

Depois disso, os visitantes dirigiram-se ao espaço de sociabilidade do Hotel Koch para lá almoçarem.

De tarde, o Governador visitou os diversos colégios da Cidade e honrou também o 'Colégio Independência' bem como a Igreja Evangélica

com sua visita e deixou lembranças ao pastor da comunidade, infelizmente ausente.

À noite, o Clube Rio-Grandense ofereceu-lhe um baile que foi realizado na Câmara e transcorreu brilhantemente. Na Segunda-feira, os altos hóspedes deixaram a cidade com o trem da manhã. A Intendência e mais cidadãos os acompanharam até a estação de trem.

DEUTSCHE POST, Quarta-feira, 30 de julho de 1890. p.1.

ANEXO 10

COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADOR - 1887

Chamada!

Aos nossos co-cidadãos alemães em São Leopoldo:

Em 22 de março o círculo do herói Imperador da Alemanha festeja seu nonagésimo aniversário.

Em todos os lugares do mundo onde moram alemães, este dia é um dia festivo porque cada alemão vê no seu Imperador a restauração do poder alemão e da fama alemã também no exterior. Nós também não queremos ficar para trás; queremos mostrar que nós, mesmo cidadãos do império brasileiro, lembramos do nosso Imperador Alemão com veneração e orgulho. Um comitê se formou para realizar a festa que o dia merece e que aqui convida os moradores de São Leopoldo para participarem da festa. Será uma festa popular para a juventude escolar e para os adultos e que realizar-se-á no local do tiro (chácara do Sr. Panitz). Para a decoração do local, para a música e eventuais jogos, nós precisamos de algum dinheiro. Nós tomamos

a liberdade de pedir aos cidadãos que se interessam pela festa para contribuir com doações.

O comitê : Wilhelm Ghemann, Franz Luiz Weinmann, Wilhelm Eggers, Eduard Piegel, Peter Karst, Bernhard Thimmig.

19 de março de 1887, p.3.

Em homenagem ao 90º aniversário de Sua Majestade Imperador Alemão Wilhelm I, em 22 de março de 1887:

Programa:

1. Saída do comitê com música, da casa do senhor Eduard Piegel, pontualmente às treze horas.
2. Ir buscar as crianças da igreja evangélica nas sociedades 'Orpheus', 'Clube de Tiro', '1Quarto-Milhão', 'Tiro Livre' e 'Sociedade Ginástica'. Para o local da festa.
3. No local da festa, concerto, apresentação de cantos, jogos, etc.
4. Volta à cidade às dezesseis horas; acompanhamento das sociedades até seus locais.
5. À noite, a sociedade se reúne no 'Orpheus'.

A comissão pede aos moradores de São Leopoldo para que se façam presentes em grande número. Ao mesmo tempo, nós procuramos colocar as crianças que pretendem fazer parte do cortejo festivo às treze horas, em ponto.

DD

São Leopoldo, 23 de março de 1887.

Eu escrevo, ainda impressionado pelo dia de ontem, e mesmo que fisicamente cansado de todas as impressões, e lembro com grande entusiasmo transparente o dia da festa que uniu a nossa colônia alemã. Algo assim nós precisamos ter mais vezes; isso renova, desperta novos pensamentos e dirige a visão para objetivos grandes e sublimes. A honrosa comissão festiva que foi tão judiada esteja certa dos agradecimentos de todos os bons patriotas alemães.

Tiros morteiros e foguetes proclamaram o dia festivo, que de neblina saiu para um dia muito ensolarado. Foi uma idéia feliz começar este dia com um culto. O coração foi incitado a um caloroso agradecimento, e o ambiente festivo logo espalhou-se pela cidade toda e as enfeitadas roupas festivas cada vez eram mais numerosas. Às treze horas, todas as corporações encontravam-se em seus locais e quando a comissão festiva chegou com sua música, todos estavam prontos para virem: primeiro as crianças foram buscadas, e já esperavam ansiosamente com suas bandeiras. Então foram buscadas as seguintes sociedades, respectivamente: Orpheus, Sociedade de Tiro, Quarto Milhão (Millionen-Viertel), Tiro Livre (Freischütz), Ginástica e Sociedade de Canto de Damas. Foi um bonito e longo cortejo que marchou pela cidade até o local de tiro, sob bandeiras esvoaçantes e sons de música. Este local estava festivamente enfeitado com bandeiras, palmeiras, grinaldas e coroinhas; a foto do Imperador estava presa no palco de oratórias. Os bancos à disposição já haviam sido ocupados pelos presentes e os muitos

camaradas da festa que chegaram depois, aumentando a satisfação do comitê e também o seu trabalho. Todos estavam de bom humor, tanto jovens como velhos foram contagiados pela alegria da festa. Os cantos, bem ensaiados, entoados pela Sociedade de Canto de Damas, aumentaram o ambiente festivo juntamente com os hinos cantados pelas crianças: 'Cura-te no círculo da vitória' e 'Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo', tiveram agradável eco no peito. Para trazer mais consciência do dia a todos, quatro oradores apresentaram-se. O senhor Fr. Luiz Weinmann realizou a primeira oratória. Nós estamos na agradável condição de comunicar a seguir as palavras do mesmo:

"Honrados companheiros de festa!

Na Alemanha, hoje é dia de júbilo, e onde no mundo distante vivem alemães, lá soa o chamado: felicidade, Imperador Wilhelm! A ele foi possível unir a Alemanha, combater o inimigo herdeiro e reconquistar a coroa imperial.

Antes de 1870 era um desgosto do autor:

'Que onde eu pretendo vaguear no país,
Eu tenho de ouvir sobre a vergonha do nome alemão
E não posso dizer que falo mentiras
Se por desgosto o coração me faz esquecer.'

Depois de 1871, porém, o autor jubila:

'Deus contigo, Barbarossa,

Nesta época tu trazes
Novamente ao povo alemão
A maravilha alemã.
Honrados companheiros de raiz!

Aqui no sul distante nós sofremos junto, pela vergonha e desunião da Alemanha, e agora a águia alemã nos cobre com suas poderosas asas.

E a quem agradecemos por agora nos tornarmos uma posição tão observada? As vitórias que o Imperador herói da Alemanha lutou e conseguiu são também nossas vitórias, sua espada abriu um honroso caminho também para nós.

Por isso nós também aclamamos ao chamado de júbilo que hoje soa por toda a terra, de milhões de gargantas:

'O Imperador Wilhelm deve viver! Viva! Viva! Viva!' "

O senhor Ernst Müzell lembrou a pátria, em sua magistral sabedoria, que agradou a todos e também deve ser caro aos nossos filhos e levou a todos a um viva à Alemanha que foi feita tão maravilhosa, agora, por seu Imperador. O Dr. Rotermund lembrou, em acesas e aplaudidas palavras, as tarefas dos alemães desta província alemã, como se deve ter cautela pelas lutas de raças e também pelas misturas de raças. Nós devemos contribuir com a grande missão de bondade para o progresso da origem alemã. O senhor Piegel deu um viva à Província, à Nação brasileira e ao Imperador do Brasil e todos corresponderam com entusiasmo.

Deve ser ressaltado ainda, que muitos dos nossos cidadãos de origem lusitana, nos presentearam com sua presença e que, muitos agricultores das redondezas apareceram. As horas passaram rapidamente, o cortejo iniciou e cada sociedade foi levada para casa.

À noite, ainda ocorreu uma pequena reunião de famílias no salão do 'Orpheus'.

Em POA, as comemorações foram assim:

De manhã ocorreram cultos na igreja evangélica e na capela S. Joseph. O cortejo iniciou às quatorze horas e era composto pelas seguintes sociedades: 'Germania', 'Leopoldina', 'Escola Alemã', 'Ginástica', 'Concórdia', 'Orpheus', 'Musterreiter Club', 'Sociedade Beneficente' e 'Sociedade Alemã'.

Em São Leopoldo é de se ressaltar ainda, a participação de todos os ginastas na festa. Sua presença na mesma, seu canto, suas apresentações de ginástica contribuíram ainda mais para o embelezamento da festa, causando enorme alegria em todos e mostrando que é cultivada uma boa alma alemã nesta corporação.

DEUTSCHE POST, Quarta-feira, 19 de janeiro de 1887, p. 3.

ANEXO 11

COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADO ALEMÃO – 1916

DIA ALEMÃO

Esta nova comemoração no *Orpheus* tornou-se um novo acontecimento para São Leopoldo. Isso, cada um que participou desta festa extraordinária em atrações achou. Infelizmente todo o povo alemão da cidade não pode estar presente; para isso as dependências não teriam sido suficientes de forma alguma, assim o local já estava 'entupido'. Maravilhados, alguns devem ter ouvido um ou algum tom esquecido, quando a orquestra, sob a direção do maestro Bentler deu a ouvir a rica e suave música. Só essa nova música - e todo o transcorrer deste concerto com extraordinário entusiasmo mostrou sempre de novo - foi um acontecimento por si só. Acreditamos que outros virão. Depois que os sons do *Hindenburg Marcher* haviam passado o Dr. Jur. Ernst Rotermund cumprimentou os visitantes presentes em nome do presidente ausente Osvald Fränkel. Damas, representantes eclesiásticos e professores, as diretorias das sociedades alemãs locais, em especial a da Sociedade de Canto de Homens que no decorrer da noite deixou soar canções bonitas - e por último e bem em especial, a orquestra que se nos colocou à disposição.

A fala festiva do Sr. Arthur Ebling iluminou a figura do Imperador alemão em traços fortes; suas particularidades devem nos servir de exemplo e este nós devemos seguir. Tanto mais nos dias de hoje, quando a luta contra tudo o que se chama alemão está acesa em todo o mundo, nós

devemos mostrar que somos alemães, que pensamos e sentimos em alemão. Porém, isso não impede que sejamos bons brasileiros numa terra que através do nosso nascimento e do nosso trabalho se tornou nossa querida terra natal [lar, casa]. Sua homenagem ao Imperador alemão terminou com um viva a ele e o [canto do] Hino Alemão. Seguiram-se curtas palavras sobre nossa terra natal, Brasil, a terra onde o céu é tão azul, onde as estrelas brilham tão bonito, onde o sol sorri tão aureamente, onde os pássaros cantam tão amavelmente. Um viva ao Brasil e o Hino Nacional Brasileiro fecharam esta profunda fala. A Sociedade de Canto de Homens se fez presente na noite com a apresentação de canções muito bonitas. Que eles agradaram, os aplausos o comprovaram. Também os senhores Kerber e Jäger fizeram apresentações humorísticas e foram parabenizados com muita alegria. Os senhores Weinmann e Pastor Striter cumprimentaram os presentes à reunião no decorrer da noite. O primeiro deu ao imperador um Gut-Heil-Grup (cumprimento de Gut-Heil) da Sociedade Ginástica local e o último mostrou-nos a pessoa do Imperador *“como uma águia diante de uma pessoa e um verme diante de Deus”*. Mais adiante ele festejou o gênero artístico de hoje, que nos foi oferecido através da orquestra Porto-Alegrense, e terminou com um viva à mesma. Depois da pausa a orquestra *Urbachs* tocou *‘Wir müssen siegen!’* (nós precisamos vencer!), que foi acompanhado por todos os reunidos. A todos isso certamente agradou, como também toda a noite, que adentrou muito tempo e deixou agradáveis recordações.

Era uma vez um original, um justo 'Dia Alemão'.

DEUTSCHES VOLKSBLATT, nº 4662. Sexta-feira, 28 de janeiro de 1916.
p.1.

ANEXO 12

COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO IMPERADOR EM SÃO LEOPOLDO E NOVO HAMBURGO (1917)

*"Deutsch sein, heipt gut sein
Treu sein und echt,
Kämpfen für Freiheit
Wahrheit und Recht;
Deutsch sein, heipt stark sein,
Zähe und hart,
Gilts zu beschützen
Altdeutsche Art."*

"Ser alemão significa ser bom,
Ser fiel, ser original,
Lutar pela liberdade,
Verdade e justiça;
Ser alemão significa ser forte,
Tenaz (teimoso) e duro
Valendo para defender
A velha forma alemã."

Este [poema foi usado] como motivo para a comemoração do aniversário do Imperador no Orpheus - São Leopoldo e no Ginásio - Novo Hamburgo.

A festa de ontem nos deu novamente a prova de quão pouco adianta aos ingleses quando eles mentem através de jornais comprados e distribuídos entre nós.(...). A oratória terminou com um viva ao Brasil. A isso juntou-se o hino cantado em coro "O Brasil minha terra natal!". Então a orquestra tocou a marcha "Viva Imperador Wilhelm".

A comemoração do aniversário do imperador no 'Orpheu' foi muito grande, não só no grande salão, mas também nas dependências ao lado onde todas as mesas estavam cheias. A comissão da festa havia enfeitado o salão com grande bom gosto. No meio do palco, saía das palmeiras [para a frente] o busto do Imperador e em ambos os lados estavam ostentadas as bandeiras do reino Alemão e do Brasil. No salão estavam expostos muitos símbolos municipais enfeitados de flores e bonitos abanadores (leques) e outros verdes. Depois que o Dr. Arthur Ebling saudou os presentes à reunião e agradeceu à comissão pelo comparecimento de tantas damas e cavalheiros, entrou o primeiro hino cantado em coro: *Heil dir im Siegerkranz* (cura-te no círculo da vitória). Então o Sr. Friedrich Ostermayer realizou a oratória festiva, na qual ele ressaltou que justo neste período de guerra, o amor à Alemanha e a admiração de sua beleza e grandeza aumentou em todos os alemães e como a pessoa do Imperador, do poderoso príncipe da terra, enche nós alemães de orgulho, porque ele é o representante da forma alemã e do ser alemão. Depois de uma apresentação da Sociedade de Canto de Homens, o coadjutor da Paróquia, padre Félix Darup tomou a palavra e em brilhante oratória festejou a grandeza ética do Imperador alemão que aceitou a luta imposta, com forte crença em Deus e no sentimento de sua grande responsabilidade e a realizou na confiança de Deus estar ao seu lado e com grande unidade com a pessoa de cada guerreiro (com o lado humano de cada lutador). Essa grandeza ética se mostrou ainda mais clara, há pouco tempo quando ele, o vencedor ofereceu a paz aos inimigos, para colocar fim ao derramamento de sangue; justo o filho do inimigo dessa [____] de paz iluminou a figura do Imperador Wilhelm II para a glória e a ergueu gloriosamente sobre todos.

O resto da noite foi preenchido com apresentações da Orquestra. A banda do Sr. Bolz dirigiu magistralmente ambas as partes do programa Cavatine da Ópera Beatrice [____] Fendo e um dueto de Donizetti. O canto de Homens fez progressos visíveis sob a direção do senhor Filusztek. 'A minha terra natal' e a 'Canção da noite dos guerreiros' agradaram-me em especial.

O coro misto, igualmente, teve bom resultado no seu pouco tempo de existência. Também a *Sociedade de Canto Eintracht de Wilhelmslust* deu provas muito boas do que sabe, sob a direção ativa do senhor Heidrich. Antes do término, o Dr. Ebling tomou a palavra mais uma vez e agradeceu a todos os presentes e colaboradores que ajudaram de alguma forma para o bom resultado da festa. Ele juntou a isso a esperança de que o pensamento de realizar festas sociais alemãs mais vezes, se realize.

Com o coro do canto '*Ruge um chamado, como um trovão*' às 11 horas e 30 minutos terminou a parte oficial do programa. Com cantos e conversas alegres terminou, já tarde, o grandioso e brilhante transcorrido *Deutsche Tag* (dia alemão).

DEUTSCHES VOLKSBLATT, n. 4959. Domingo, 28 de janeiro de 1917, p. 1.

ANEXO 13

UMA PALAVRA PARA A ORIENTAÇÃO POLÍTICA SOBRE A PESSOA DO INTENDENTE WILHELM GAELZER

Vamos agora para outro tema - Como muitos leitores da "Deutsches Post" (ele que agora fez conhecer sua cor "conhecida") devem ter visto, a comissão de propaganda de Gaelzer (Sperb, Dexheimer, Feldman, Hofmann) se esforça de todas as formas que se possa imaginar para impor as suas coisas mais sagradas ao eleitorado assim como se o Sr. Gaelzer não fosse diretamente o candidato oficial ou, no mínimo, o preferido pelo Dr. Borges de Medeiros. Ali foi fortemente salientada numa conferência com o mesmo, um esclarecimento na "Federação", o órgão oficial do Partido, muito bem acentuada e etc., que é um gozo.

Muito bonito isto certamente é, mas não muda nada nos fatos irrevogáveis - que o Sr. Gaelzer e o Dr. Kroeff Neto são candidatos de igual valor nas próximas eleições para Intendente, porque bem este é o desejo expresso do nosso chefe do Partido Republicano Rio-grandense, Sr. Dr. Borges de Medeiros. O mesmo já tornou público duas vezes este seu desejo na "Federação", no dia 12 e 23 deste mês. Por que pela segunda vez? Simplesmente só por causa da pressão da comissão acima mencionada que gostaria de ver proclamado o Sr. Gaelzer como candidato oficial do Sr. Dr. Borges de Medeiros. Em vista disso, o chefe do Partido

Republicano do Estado deixou publicar dois esclarecimentos na “Federação”:

“Eleição para Intendente de São Leopoldo”

Reza uma proclamação da comissão central do Partido Republicano de São Leopoldo assinada por nossos correligionários Jorge F. E Sperb, Emílio Dexheimer, Joaquim Feldmann e Luís Hofmann e publicada em outros locais, que será candidato na eleição para Intendente, em 12 de agosto do corrente ano, o nosso amigo, Coronel Guilherme Gaelzer Netto. No entanto, um outro grupo de nossos amigos e partidários políticos lançaram o nome de nosso amigo Dr. Jakob Kroeff Netto. Devido a divergências de idéias será observada em São Leopoldo a mesma competente atitude que em outros municípios. O meritíssimo chefe do Partido Republicano, Dr. Borges de Medeiros, decidiu, como “A Federação” já havia decidido uma vez, a não intervir nas normas gerais e no princípio de representação mínima nas lutas pelas eleições municipais, permitindo às facções partidárias republicanas a lançar livremente os seus candidatos para a eleição para então, de acordo com o resultado obtido, definir a direção do Partido.

Em virtude dessa resolução os nossos estimados amigos, Coronel Guilherme Gaelzer Netto e Dr. Jakob Kroeff Netto brigarão pelas eleições para Intendente em São Leopoldo.”

Portanto, o Sr. Gaelzer é candidato único e somente de seus partidários. Será confirmado pelo Sr. Dr. Borges de Medeiros o que nós dissemos em nosso artigo em 13 de abril (então há mais de 2 ½ meses) neste jornal. Lá nós esclarecemos aos nossos estimados leitores que poderíamos afirmar com certeza que o Sr. Gaelzer não seria indicado desta vez pelo Governo Estadual nem para reeleição, nem para sua eleição, caso ele renunciasse três meses antes; que ninguém se deixasse enganar, etc.

Hoje nós retomamos: ninguém se deixe enganar; Dr. Borges já decidiu por duas vezes que o Sr. Gaelzer não é candidato oficial.

Nosso candidato é o Sr. Dr. Jakob Kroeff Netto. Sua eleição parece garantida, pois tem a maioria dos eleitores a seu lado.

Na próxima vez teremos algo mais divertido para os nossos eleitores do “Deutschen Volksblattes”, eventualmente, o que a nossa “Deutsche Post” escreveu sobre a administração do Vice-Intendente Stabel, em abril de 1913. Então cada um pode tirar sua conclusão pessoal sobre a integridade do caráter do diretor desta folha mercantil em relação a seu posicionamento na época em relação a Gaelzer.

DEUTSCHE VOLKSBLATT, Quarta-feira, 28/07/1916.
Acervo: IAP/UNISINOS

ANEXO 14

ACTA DA REUNIÃO PARA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE SÃO LEOPOLDO

Aos 21 dias de março de 1920, no prédio nº 83 da rua Independência, nesta cidade de S. Leopoldo, presentes os negociantes e industrialistas que este assignam, foi indicado para presidir a sessão o Sr. Carlos Octaviano de Paula, o qual expôs os fins da reunião e indicou para fazerem parte da directoria provisória que deve organizar o projecto de estatutos e designar o dia em que estes devem ser discutidos e aprovados: como presidente, J. Reinaldo Müller, como membros, Luiz Schmidt, F. Ostermayer e Leopoldo Hofmann Fº. Aceita essa indicação a directoria provisória fixou para aquela sessão, o dia 31 do corrente às 20 ½ horas (sic). E assim suspendeu-se a sessão em que ficou resolvida a fundação da Associação Comercial de S. Leopoldo, da qual serão considerados sócios fundadores os que esta assignam.

S. Leopoldo, 21 de março de 1920

Seguem assinaturas dos presentes:

João Reinaldo Müller

Leopoldo Hofmann Filho

F. Ostermayer & Cia
Luiz E. Schmidt
Carlos Octaviano de Paula
J. Edmundo Mohr
Emílio Maximiliano Müller
Schilling & Irmãos
Rotermund Co.
Saturnino B. Tavares
Luiz Correa da Silva
Alberto Schwertner
Carlos Müller
Alberto Steigleder
João C. Gehlen
Luiz G. Müller
J. C. Alberto Helm
Waldemar Seferin
Augusto Peter & Cia
Carlos Hennemann Filho
Roberto Seewald
H. J. Wolff
Germano Guilherme Müller
Jacob B. Fischer
Willymar L. Campani
Oscar Pedro Christmann
Thiesen & Regner
Novastki & Regner
Roberto Dörnt & Irmão
F. G. Schmidt & Cia
C. Foernges & Filhos
Adolpho Schiller
Oscar Satabel
Frederico G. Kessler

João Henning & Cia.

Fonte: Boletim Econômico. ACIS/SL 75 ANOS. São Leopoldo. Março/1995 nº 6. p. 4.

ANEXO 15

COMEMORAÇÕES OFICIAIS DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ – 20 a 23 de setembro de 1924

São Leopoldo - Desde as primeiras horas da manhã já reinava um ambiente de festa em nossa cidadezinha. O bom tempo contribuiu muito para isso. Já cedo da manhã o sol e o céu azul chamavam os moradores para as ruas que estavam ricamente enfeitadas de bandeirolas. Rostos de feriado, pessoas alegres em todos os lugares. Junto a isso enfeites maravilhosos nas ruas principais, da estação do trem até o local do monumento o senhor Dömte, que tantas vezes já se colocou à disposição na preparação de festas para que o exterior de nossas ruas e salões estivessem de acordo com o interno, fez uma grande parte, para qual, certamente, cada leopoldense deve estar grato. Os maravilhosos portões nas cores preto-branco-vermelho, verde-amarelo e verde-vermelho-amarelo com ricos enfeites de palmeiras eram o encanto dos espectadores. As ruas estavam infestadas de visitantes que, em parte, vinham de longe. Estima-se os visitantes que São Leopoldo recebeu nestes dias em redondamente dez mil.

À 1 hora da tarde, a música e os foguetes anunciavam que o Presidente do Estado, senhor Dr. Borges de Medeiros, passava por nossa cidade em direção a Novo Hamburgo. Enquanto o trem se demorava na estação, o senhor Dr. Borges de Medeiros foi cumprimentado por nossa

comissão de recepção a qual pertenciam os senhores chefe do partido Coronel João Corrêa da Silva, Intendente Oscar Stabel, vice-intendente Dr. Wolffenbüttel, Dr. Fischer da “Deutschen Post”, Edgar Hofmann e Germano Hauschild.

Pelas 4 horas da tarde a Companhia de Honra do 8º batalhão de Infantaria, as escolas, o seminário e as sociedades se dirigiram para estação de trem para formar uma fileira para o recebimento do Presidente Estadual que regressava de Novo Hamburgo. Dr. Borges de Medeiros foi recebido com altos júbilos. Sob a direção [ia na frente] da orquestra musical da Brigada Estadual, partiu-se a pé para o local do monumento. Na frente o Presidente do Estado que foi seguido pelo Comandante General Andrade Neves e do Bispo Dom João Becker, bem como por um número de cidadãos militares e civis. Então colocaram-se os inúmeros visitantes de honra, entre eles também o Cônsul italiano e a delegação da colônia italiana e os diferentes integrantes da comissão, depois deles as escolas, o seminário, no final as sociedades com suas bandeiras, mais de 50.

Chegados no monumento, o senhor Oliveira de Deos Vieira Filho, que até pouco tempo foi Promotor Público em nossa cidade, tomou a palavra para uma fala na qual atentou para o significado da imigração alemã há 100 anos. Ele foi respondido pelo Dr. Borges de Medeiros que pensou em palavras honrosas, nas conquistas do elemento alemão em nosso Estado e na fundação de nossa cidade. Após a fala do Presidente Estadual, o senhor Cônsul Dr. Daehnhard realizou uma pequena fala. Após isso os presentes se ordenaram novamente para acompanhar o Presidente Estadual à intendência, onde o Instituto Histórico e Geográfico fez uma exposição, sob a direção de seu diretor, Senhor Dr. Duarte, sobre a imigração alemã. O senhor Dr. Borges abriu esta exposição, sobre a qual nós ainda relataremos em especial. Depois que foi feito um refresco, o Presidente Estadual foi à estação de trem, de carro, para voltar para a capital.

Nós agradecemos ao senhor Presidente Estadual pela sua visita. Com isso ele mostrou um interesse especial pelo povo alemão no Estado.

À noite, ocorreram festividades sociais e saraus [festas] públicos na Praça da Redenção.

21 de setembro

Em certos aspectos, o domingo foi o ponto mais alto das festividades dos leopoldenses. Já no costumeiro despertar com o soar dos sinos da cidade e através dos tiros morteiros, as ruas da cidade começaram a viver já nas primeiras horas da manhã o fluxo dos visitantes de todos os distritos do nosso Estado. Eles vieram de Porto Alegre, Rio Grande, Cachoeira, Santa Cruz, New Württemberg e de quase todas as colônias maiores do Estado tinham representantes. Às 9 horas e 15 minutos, ocorreram cultos de gratidão em todas as igrejas nas quais foi lembrado o significado da imigração alemã.

À tarde, às 14 horas, reuniram-se incontáveis bandas na estação de trem para a recepção dos visitantes de Novo Hamburgo. Depois da chegada do trem, o imponente cortejo. Inúmeras sociedades estiveram presentes com as bandeiras. Entre outros nós pudemos comprovar: escola alemã – Cachoeira, Sociedade de Tiro - Picada 48, Männerquartett 1887 – Porto Alegre, Sociedade Leopoldina – Porto Alegre, sociedade de Tiro – linha 6-7 Norte, sociedade Ginástica – Estrela, Sociedade de Tiro Concórdia – Cachoeira, Clube Guarany – Porto Alegre, Concórdia – Porto Alegre, Clube de Navegação Almirante Barroso – Porto Alegre, Clube Regatas Guahyba (ex-Germânia) – Porto Alegre; Sociedade de Tiro Alemã – Bom Jardim, Sociedade de Canto Concordia – Wilhelmslust, sociedade de Tiro – Lomba Grande, sociedade Ginástica – Cachoeira, Frohsinn (Alegria) – Tocanos,

Federação de Ginástica – Porto Alegre, Sociedade de Jovens – Porto Alegre, Deutscher Mannerbund (Federação alemã de homens) – Cinco de Maio-Taquara, Esporte Clube Lomba Grande, Círculo de Canto (Sängerkrantz) – Linha Brochier, Liederkrantz (Círculo de Canções) Frankreich-Brochier, Círculo de Canções – Tamanduava – Lageado, Alegria – Novo Paris, Sociedade de Canto Concórdia – Picada Vinagre (Lageado), Sociedade de Canto Apolo – Novo Berlim Forqueta (Lageado), Sociedade Ginástica – São Leopoldo, Círculo de Canções – Estrela, Esporte Clube Voluntários – Passo do Pinhão, Joaneta Riograndense.

Sob o som da orquestra do 8º Batalhão de Caça e da Brigada Estadual, o cortejo foi da estação de trem para a praça 20 de Setembro, pelas ruas da cidade, para o lançamento da pedra fundamental do Hospital Centenário. O senhor Dr. Oliveira de Deos Vieira Filho e o senhor Dr. Steidle, como representantes da “Verbandes Deutscher Vereine” (União das Sociedades Alemãs) realizaram pronunciamentos impressionantes, em seguida o senhor Dr. Arthur Ebling leu a íntegra do documento da colocação da pedra fundamental que foi assinado e enterrado pelo Intendente em exercício, senhor Oscar Stabel e pelo novo eleito intendente, senhor Coronel João Corrêa Ferreira da Silva, pelo Cônsul alemão, senhor Dr. Daehnhardt, bem como por alguns outros participantes. Depois das costumeiras três batidas de martelo, que vieram acompanhadas de bons augúrios, o cortejo foi ao local do monumento no histórico “Passo”, lugar de chegada, onde há 100 anos, em 25 de Julho de 1824, os primeiros imigrantes deixaram o navio que os trouxe até aqui. Uma imensidão de pessoas se aglomerava no local, todos estavam ombro a ombro. Com muito empenho, conseguiu-se deixar um espaço livre para os corredores de estafeta que haviam apresentado a Corrida do Correio Expresso Porto Alegre – São Leopoldo, Santa Cruz – São Leopoldo [com outras corridas]. Uma foto colorida, as sociedades com suas bandeiras acenando, os alunos com seus rostos alegres, os seminaristas do Colégio dos Jesuítas em suas roupagens pretas sérias, os escoteiros, soldados, todos se apertavam em volta da tribuna. Repentinamente, ouviu-

se altos *hurras*, os corredores chegaram, dois fortes rapazes e passaram o documento para o senhor professor de ginástica Black de Porto Alegre que se postou na tribuna. O senhor Black deu, então, um pequeno relato da corrida de estafeta na qual 1.200 pessoas tomaram parte: em 11 horas e 17 minutos os corredores fizeram o trajeto Santa Cruz – São Leopoldo em 1 hora e 45 minutos 553/5 segundos o trajeto Porto Alegre – São Leopoldo. Esta conquista deve ser salientada. A corrida de estafeta mesmo provou um grau de disciplina tão grande que podemos dizer com as palavras do Cônsul alemão senhor Daehnhardt : “Feliz do povo que dispõe de uma juventude dessas”. o senhor Black passou a palavra para o senhor Cônsul [...] que a recebeu com grande alegria e a passou para a comissão central.

Por ordem desta, o senhor Dr. Ernst Rotermund cumprimentou em calorosas palavras os visitantes de honra que vieram e as sociedades, depois disso os corais das escolas da cidade cantaram o Hino Nacional e foram ouvidos pela despojada maioria presente. O senhor Dr. Rotermund passou a palavra para o representante do Reino Alemão. O senhor Cônsul [...] falou da história dos alemães aqui, suas dificuldades, suas conquistas. O senhor Cônsul ainda leu um telegrama do Ministro da Alemanha no Rio de Janeiro, senhor Conselheiro titular Plehn que pedia desculpas por não poder vir e desejava sorte a São Leopoldo [...].

Depois da fala do senhor Cônsul Dr. Daehnhardt, um coral em massa cantou sob a direção do senhor diretor-musical Fest o “ Festlied Zur Jahrhundertfeier” (Canto festivo para centenários) de K. H. Oberacker. Festivamente a canção soou sobre o lugar:

“Deixe-nos em clara união (Bruderuihen) formar fila de irmãos!
Do alemão sairá [correrá] eterno bem para o Brasil.”

Então o senhor Dr. Arthur Ebling – São Leopoldo subiu na tribuna e deu palestra mais longa sobre a colonização alemã. O orador lembrou então

em forma piedosa o Reino alemão como a velha pátria e deixou suas palavras soarem em um viva à Alemanha.

Depois do senhor Dr. Ebling, o Diretor do Instituto Histórico e Geográfico e do Arquivo Público, senhor Dr. E. Duarte – Porto Alegre falou sobre os imigrantes nas campanhas rio-grandenses ...].

A senhorita Hilda Weber cumprimentou os escoteiros que vieram para São Leopoldo como representantes de seus municípios para a comemoração do centenário[...].

À noite, ocorreu uma celebração festiva no ginásio da Sociedade Ginástica, na Sociedade Orpheu um baile e na Praça da Redenção, diversões de rua. A celebração festiva na Ginástica foi dirigida pelo presidente da sociedade Ginástica, senhor Leopold Hofmann Filho. O salão estava muito cheio. Depois das saudações aos muitos visitantes de honra, entre eles podiam ser vistos o guarda da ginástica riograndense senhor Aloys Friedrichs; o Intendente do município, senhor Oscar Stabel, senhor Benno Mentz, de Porto Alegre, entre outros, o senhor Dr. Martin Fischer realizou um pronunciamento festivo que terminou com um viva ao Brasil. Em seguida falou o senhor Major Stoll como representante do Intendente de Porto Alegre, senhor Dr. Montaury, para uma reunião festiva. Suas palavras soaram em um entusiasmado viva à Alemanha. Depois disso a turma do canto “Lyra” da “Sociedade Ginástica” introduziu duas bonitas e sonoras apresentações para ouvir. As velhas e bonitas canções alemãs “Num beb’wohl, du Kleine Gasse” (Agora vivas bem tu pequena viela) e “Im schönsten Wiesengrunde” (No mais bonito chão do prado) deve ter trazido à tona muitos sentimentos aos participantes da festa. Então aconteceu a apresentação do Niederhut’schen Jahrhundertfestspieles que recebeu muitos aplausos. Os participantes deste festival, que mostraram o melhor de si para o êxito do mesmo, sejam agora agradecidos. Nos entreatos foram

cantadas canções em conjunto. No final todos os presentes cantaram em pé “Alemanha, Alemanha acima de tudo.”

Depois do Hino da Alemanha, o senhor Carlos Octaviano de Paula fez a distribuição dos prêmios doados pelo Clube de bolão “Immerdruff” em prol do Hospital Centenário. O bonito troféu de prata o time da “Sociedade Ginástica Leopoldense” recebeu, por ser vitorioso no jogo de bolão. No jogo individual foram vitoriosos:

1. de Porto Alegre
2. João C. Hofmann – São Leopoldo
3. Willimar L. Campini – São Leopoldo
4. Fritz Stumpf – Porto Alegre
5. de Porto Alegre

A rifa do pau de jogar e das bolas rendeu 100\$000 à sociedade Ginástica. Às 11 horas da noite foram queimados grandes fogos de artifício no Rio dos Sinos atraindo muitos alegres espectadores.

22 de Setembro

A segunda-feira festiva uniu de manhã, às 9 horas na Praça da Redenção, um grande número de participantes para uma peregrinação ao cemitério para o túmulo do primeiro Diretor da Colônia de São Leopoldo, Coronel Dr. João Daniel Trangott Hillebrand. Chegados no túmulo, o senhor Aurélio Porto fez uma longa e calorosa exposição das conquistas do Dr. Hillebrand para São Leopoldo e para o Estado do Rio Grande do Sul e baseado numa profunda pesquisa traçou a vida do falecido. Depois dele, falou o senhor Pastor Schröder da Comunidade Evangélica. Também ele ressaltou as conquistas de Hillebrand, que acima de tudo foi uma pessoa muito boa...

À tarde, aconteceu a grande corrida do centenário, na quadra de correr, sobre a qual nós ainda relataremos em especial. À noite ocorreram programações na Praça da Redenção como cinema, música, etc. com as quais as festividades de três dias tiveram fim.

Numa retrospectiva, nós podemos dizer que o transcorrer da festa foi digno e sublime em todos os sentidos, uma generosa e imponente demonstração do povo alemão em nosso Estado. Não só nós descendentes alemães mesmo, também nossos cidadãos brasileiros de outras descendências devem ter-se convencido de que também a imigração alemã, que começou há 100 anos, trouxe prosperidade ao país. Que essa convicção venha para o bem de todos os brasileiros este é o nosso desejo na passagem do segundo século.

DEUTSCHE POST, nº 6448/333, Quarta-feira, 24/09/1924, p.1.

ANEXO 16

CELEBRAÇÃO DO 101º ANIVERSÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM SÃO LEOPOLDO EM 25 DE JULHO

A ENTREGA DO MONUMENTO

Foi um cortejo sumamente importante que se dirigiu às 20h30 min da noite do ginásio pelas ruas até a beira do Rio dos Sinos. Na frente, a orquestra municipal do 8º Batalhão de Caça que o Sr. Major Ildefonso Bastos Leite colocou gentilmente disposição de forma extremamente louvável. Atrás, as bandeiras das Sociedades acompanhadas pela brasileira e a velha preta, branca e vermelha alemã. Elas foram seguidas pelos representantes das autoridades municipais, estaduais e federais, os oficiais do 8º Batalhão de Caça, a diretoria das diferentes sociedades de São Leopoldo, Navegantes, Novo Hamburgo, *Wilhelmslust* (Arroio da Manteiga), *Steinkopf* (Morro das Pedras), e outros visitantes de honra, então os cantores e ginastas, ordenados em quatro. Atrás da Segunda orquestra marchavam um grande número de visitantes que vinham de todos os lugares e sócios da Sociedade Ginástica Leopoldense. Uma multidão, ombro a ombro, esperava o cortejo no local do monumento, no lugar historicamente inaugurado, onde os primeiros colocaram seus pés em terra. O monumento foi enfeitado com verdes por mãos amigas, bandeiras o cumprimentavam, mas em suas entranhas ardiam chamas em direção ao céu, pela terra adentro,

anunciando: “Assim São Leopoldo homenageia cada homem e cada mulher que por primeiro chegaram na terra e aqui colocaram a pedra fundamental para as colônias florescentes, abençoadas por Deus, que formam o orgulho do Rio Grande do Sul.”

Um coro composto pelas Sociedades de Canto Frohsin (Aliança) de Hamburgo Velho, Sociedade de Canto Navegantes, Frischauf, de Novo Hamburgo, Sociedade de Canto de Homens – Cabeça de Pedra, *Eintracht de Wilhelmslust* (Concórdia, do Arroio da Manteiga) e Turma de Canto Lyra da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, certamente mais de 100 pessoas entoaram a bonita canção alemã *Brüder reicht die Hand zum Bunde* (Irmãos, estendam as mãos para a Nação), sob a direção do Diretor musical Georg Sauer.

Terminado o hino, o redator principal da *Deutsche Post*, Dr. M. Fischer, subiu à enfeitada tribuna de oratórias. Em língua portuguesa ele cumprimentou, em nome da Sociedade Ginástica, que promoveu o evento, os representantes das autoridades civil e militar, em especial o Intendente em exercício, senhor Oscar Stabel, os representantes da imprensa, as delegações das diferentes sociedades, assim como os integrantes da comissão de construção, lamentando que o Intendente, senhor Coronel João Corrêa Ferreira da Silva, que mostrou interesse em especial na construção do monumento, não pôde estar presente nesta comemoração, pois está fora do Estado por causa de sua saúde. Então, em língua alemã, dirigiu-se à população alemã de São Leopoldo. O orador mostrou o significado deste dia, o como o trabalho alemão colaborou para fazer do Rio Grande do Sul um abastado e florescente Estado da América do Sul e que em honra a estes foi construído este monumento...

Seguiu-se a entrega oficial do monumento aos cuidados das autoridades municipais. Em língua portuguesa o senhor Dr. Fischer se dirigiu aos representantes oficiais do município com as seguintes palavras:

“Ilustríssimo Senhor Intendente em exercício! _____, ilustríssimo senhor edil. que, em nome da comissão construtora, vos entregue o

monumento e cometa ao cuidado das dignas autoridades municipais a sua guarda e conservação.

Os são leopoldenses de descendência teuta vos pedem para zelar sempre como homenagem prestada aos seus maiores, aos bravos pioneiros, que há 101 anos aqui saltaram para desbravar matas, cultivar terras e estabelecer um novo lar, como homenagem prestada aos excelsos fundadores e à benfazeja fundação de São Leopoldo, viveiro fertilíssimo de colonos esforçados, trabalhadores incansáveis, cidadãos dedicados, pacíficos e ordeiros, célula mater de uma obra formidável de cultura e progresso.

Representa o monumento uma dupla gratidão: gratidão ao solo, hospedeiro e bom, gratidão aos homens, aos quais esta cidade deve a sua origem, o seu progresso e o seu bem estar.

Queira o Altíssimo lançar a sua bênção sobre ela, conservando e desenvolvendo cada vez mais a obra dos fundadores, por bem do Estado e da terra brasileira.

Viva São Leopoldo!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o Brasil!"

Depois disso, o secretário do Intendente, senhor Dr. Júlio Casado subiu à tribuna como representante da autoridade municipal.

Depois da fala do Dr. Júlio Casado, o coro em massa apresentou o sonoro hino: " Es klingt in heller klang" [soa sem som claro]. Depois dele o cortejo se ordenou como na vinda, para seguirem novamente ao ginásio.

A SOLENIDADE DO GINÁSIO

Imponente foi o número de participantes nas solenidades promovidas pela Sociedade Ginástica Leopoldense em homenagem ao dia do teuto-

riograndense. O grande salão do ginásio mal comportou as massas que vinham [em correnteza], tanto que muitos não tiveram mais lugar.

Os visitantes convidados tomaram lugar no espaço de honra. Viam-se o Intendente em exercício, Oscar Stabel; o secretário da Intendência, Dr. Júlio Casado; o tesoureiro do Intendência, Emilio Bender; o Promotor Público, Dr. Melo Guimarães; o Coletor Federal Theodomiro Porto da Fonseca; os funcionários judiciais; os integrantes do corpo oficial do 8º Batalhão de Caça, o diretor da Escola Real Alemã (Colégio Centenário), Pastor G. Weidmann; Dr. Arthur Ebling, o representante do Diário de Notícias de Porto Alegre; o representante da *Deutsche Post*; os diretores das diversas outras sociedades e outros visitantes de honra.

A direção da solenidade estava nas mãos do vice-presidente da Sociedade Ginástica, Emil Thurmann.

Em nome da sociedade Ginástica, o senhor Dr. Arthur Ebling saudou, em língua portuguesa, aos visitantes e falou então em palavras sutis sobre o sentido do monumento, cujos cuidados foram entregues às autoridades municipais.

O monumento significa uma homenagem quádrupla: uma homenagem aos primeiros imigrantes alemães, que há cento e um anos chegaram ao Rio Grande do Sul; uma homenagem ao primeiro imperador do trono do Brasil, D. Pedro I, ao qual o Brasil agradece sua Independência e à sua esposa, a inesquecível imperatriz Dona Leopoldina; uma homenagem ao primeiro presidente da Província José Feliciano Fernandes Pinheiro, o honrado fundador de São Leopoldo, e, finalmente uma homenagem ao médico alemão, Coronel Dr. João Daniel Hillebrand, o grande amigo do povo, que tanto fez para São Leopoldo e seus habitantes.

Forte foi o Hino dos teuto-brasileiros – *Rein, wie hoch am Himmelsbogen unser Heirat Sterni stehn* (limpo como no arco do céu da nossa Pátria tem estrelas).

Então os ginastas de São Leopoldo mostraram em cavalo e barras que a forma alemã de ginástica continua conservada. As apresentações precisas receberam grandes aplausos.

O diretor do Colégio Centenário, senhor pastor Georg Weidmann, falou então, sobre o cultivo da ginástica e do canto e deu um viva a *Deutsche Art und deutsche Treue!* (forma alemã e fidelidade alemã!). Em pé, os participantes cantaram o velho hino *Alemanha, Alemanha acima de tudo*.

Depois que o presidente da sociedade Orpheu, senhor Alfredo Gerhardt lembrou o significado da imigração alemã, o coral *Frohsinn* (Aliança), de Novo Hamburgo cantou duas canções sob a direção de seu dirigente, S. Dietschi.

O senhor professor Ludwig Kruse falou sobre a mulher alemã, a mãe alemã.

Foram palavras profundas que o orador encontrou para as conquistas da mulher e mãe alemã no Rio Grande do Sul.

A sociedade de canto de homens de Steinkopf cantou; o professor Kruse falou novamente; o coral *Frischauf* de Novo Hamburgo cantou; a Sociedade de Canto Navegantes também.

Não se deve esquecer a turma de canto Lyra da Sociedade Ginástica Leopoldense que se distinguiu com a apresentação do canto de centenário: "Deixe-nos em clara união formar as filas" (*Lapt uns in heller Einigkeit nun fest die Reihen schliepen*). Depois que o Major A. D. Carvalho Lima, o Promotor Público Melo Guimarães, o Coletor Federal Theodomiro Porto manifestaram sua simpatia pela Alemanha em ternas palavras, o Dr. Fischer agradeceu, em poucas palavras, o construtor do monumento, arquiteto Walter Drechsler, em nome dos cidadãos alemães de São Leopoldo, por ter empregado todo o seu conhecimento e toda sua força para fazer esta nobre obra que forma uma sublime glória para todo o nosso Estado. A solenidade foi encerrada com um Viva ao Rio Grande do Sul.

Apesar de já ser tarde, os participantes ainda ficaram juntos por muito tempo, tanto que a manhã chegou e os últimos foram para casa.

DEUTSCHE POST, nº 6693. Segunda-feira, 27 de julho de 1925.

ANEXO 17

HISTÓRICO DO PASSO PARA DESTACAR OS 70 ANOS DA FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE ORPHEU

F. Ostermeyer

[TEXTO 1]

No dia 20 de janeiro do próximo ano, a Sociedade Orpheu em São Leopoldo comemorará seus 70º aniversário. Interessante darmos uma olhada nos primeiros anos do livro de atas da sociedade. Significa esta sociedade, como podemos concluir à partir de seu passado, um pedaço da história da germanidade Rio-Grandense. Assim como a colonização do Rio Grande do Sul se deu a partir de colonos alemães de São Leopoldo, assim podemos considerar com toda razão a Sociedade Orpheu a avó das sociedades coloniais alemãs. É admirável que no livro do centenário da germanidade do Rio Grande do Sul nem se fale nisso.

O bem estar material, que se desenvolveu enormemente nas colônias alemãs após a Guerra dos Farrapos, conduziu também à criação das sociedades. A Sociedade Germania de Porto Alegre já havia sido fundada em 1875. Também havia ali uma sociedade “Lumpazi”, e quais ~~dos~~ seus objetivos, deixamos seu próprio nome adivinhar.

Como fundadores do Orpheu constam no livro de atas: Christian Fleck, Wilhelm Hoffmann, Jacob Petersen, Jacob Crusius, Carlos Renk, Louis Reichard, Dr. Alberto Goetze, Alexander Herzog, Wilhelm Härtel, Heinrich Petersen, Josef Benkenstein, Luiz Grünwald (dirigente).

De 28 de janeiro de 1858 temos a seguinte carta na ata:

“A ilustre sociedade filarmônica de Porto Alegre”.

“Tenho a honra de fazer um anúncio: que o grande duplo quarteto sob o nome: Sociedade de Canto Orpheu transformou-se numa sociedade. Uma vez que, incumbido pela sociedade, de tornar pública esta informação, peço-lhes simultaneamente a estima da ilustre sociedade filarmônica, e subscrevo respeitosa e resignadamente.”

Secretário Goetze.

É um grande trabalho até que se tenha lido todas as folhas dos relatórios de reuniões, mas vale a pena. Ao lado de secretários com penetrantes escritas, há aqueles, cujos hieróglifos são de difícil decifração, que estão em pé de guerra com a correta escrita alemã, além daqueles que escrevem todos os substantivos em minúsculo, ao mesmo tempo que todos os adjetivos com letras grandes.³

Assim como já eram naqueles tempos decide a Assembléia Geral: *“A presidência está autorizada a fazer gastos para a música do baile, desde que não ultrapassem a quantia de R\$ 2.000.”*

³ Na língua alemã os substantivos são escritos sempre com letra maiúscula e os adjetivos com letra minúscula. Como escreve ele; *“Hoje a condição da colônia alemã é muito triste, uma vez que praticamente todos os jovens foram convocados para marchar na Guarda Nacional, de maneira que nem aqui é possível pensar numa Festa da Canção.”*

Um outro relatório afirma: A assembléia geral de 01 de outubro de 1861 foi aberta pelo secretário mediante leitura da ata. Foi decidido que a construção da sociedade seria encerrada nos dias seguintes. Então o Sr. Wilhelm Härtel propôs que a cerveja fosse vendida a R\$ 240, o que foi aprovada. Contudo, o Sr. Johannes Müller manifestou o desejo de ...[página seguinte encontra-se rasgada, não foi possível a leitura]

A disciplina era trunfo. Quem era sócio de outra sociedade não poderia ser sócio do Orpheu. Muitos abandonos da sociedade foram motivados por esta regra até que, finalmente, uma presidência sensata apaga o escrito.

Em 17 de dezembro de 1859 o Dr. Coronel João Daniel Hillebrand foi admitido como sócio inativo, em 24 de dezembro Sr. Aloys Mabilde, 12 de junho de 1860 Heinrich Bier e Sr. Heinrich Bastian. Em 07 de julho de 1859 a sociedade foi convidada para cantar na câmara municipal para abrilhantar a festa da Independência. ⁽²⁾ A noite foi realizada uma serenata para o presidente da câmara J. D. Hillebrand. Um convite para a Festa da Canção em Buenos Aires no ano de 1865, lamentavelmente não pode ser aceito pois,

As festas do Orpheu são sempre alegres. A maioria segue a cavalo para a ex-colônia Fahet em Feitoria, onde a laranjeira já se encontra preparada para a festa. Bebe-se, canta-se canções alemãs, declamam-se divertidas histórias em língua judaica e dialeto Hunsrück, corrida a cavalo e a pé, música e dança transcorrem em boa ordem, o dia passa como se fosse

uma hora, o que é lamentado por todos quando anoitece. Nosso anfitrião Sr. Benkenstein estava muito sociável e atencioso para com os convidados e sua alegria era grande.

Em 30 de outubro de 1860 foi a festa do lançamento da pedra fundamental da sociedade. O cronista nos relata a respeito.

“Já pela manhã cedo o comitê da festa, presidente e demais sócios da sociedade, estavam ocupados em embelezar o local com flores que foram trazidas de todas as partes e à tarde todo o lugar estava uma grinalda, assim como as muitas bandeirinhas, que foram doadas pelos capitães dos barcos; no andaime onde estava pendurada a pedra fundamental, estava a bandeira brasileira e perto a bandeira nacional alemã: preto, vermelho e ouro. Após as 16 horas o cortejo se pôs em movimento até o local da sociedade. Chegados ao local o Motet⁴ cantava ‘Preis und Anbtung’⁵, durante o qual ocorreu o lançamento da pedra fundamental. Nos três últimos compassos o Sr. Wilhelm Hoffmann dirigiu algumas palavras convenientes”. A noite havia baile no Sr. Jack Geier que foi praticamente até o raiar do dia.

Extraído do DEUTSCHES VOLKSBLATT, 31 de Agosto de 1927; p.01-02.

[TEXTO 2]

[...]

Vale a pena dar uma lida no que o atual cronista relata sobre a “1ª Festa do Canto em São Leopoldo” em 31 de janeiro de 1863.

⁴ Composição musical polifônica, de caráter religioso, a três vozes, cada um com um ritmo e texto próprios.

⁵ Louvor e adoração.

Os preparativos da festa para os quais nossos sócios contribuíram o quanto podiam para o sucesso da apresentação, estavam encerrados. Para a instalação dos convidados aguardados foram tomadas providências, de maneira que havia a possibilidade de se dirigir para a festa com alegre impaciência.

No sábado, 31 de janeiro de 1863, às 3 horas da tarde, foi nos comunicada a aproximação das sociedades de Mundo Novo. Próximo ao riacho Bentzen, o comitê da Festa deu as boas vindas ao festivo cortejo com um curto, porém cordial discurso, o qual foi retribuído com 3 vivas para a Sociedade "Orpheus". Então, com intensa música, aproximamo-nos da Vila e fomos recebidos pelos moradores com incontáveis vivas. Quando o cortejo se aproximou da sede social foram disparados foguetes e, frente à casa, foram dadas novamente as cordiais boas vindas à Sociedade Harmonia. No dia 1 de fevereiro, às 5 horas da manhã, 3 salvas convocaram os integrantes do comitê da festa para seus postos. Sempre mais animada ficava a Vila até que, finalmente, às 7 horas, longínquos tiros de canhão e fogos de artifício comunicaram a aproximação das Sociedades de Porto Alegre. Ao mesmo tempo, as sociedades de Hamburgo Velho (Arion e Eintracht) e de Bom Jardim (Social) manifestaram-se. A chegada destas sociedades, que ocorreram praticamente ao mesmo tempo, foram indiscutivelmente o ponto alto da festa. Os dois vapores de Porto Alegre, enfeitados com bandeiras, e que subiam o rio majestosamente, os ininterruptos hurras e vivas anteriores à chegada dos barcos, junto com as sociedades das picadas e os sócios todos a cavalo com bandeiras desfraldadas e a intensa música, eram um

iluminado instante e, em muitos rostos, pode-se ler uma profunda comoção: “Alemanha acima de tudo”, reverberou em peitos empertigados e em homens que, durante seus trinta anos de estada, praticamente esqueceram que são alemães e que acordam novamente de um a vez ao amor pela pátria. Na verdade não havia necessidade de grandes discursos, cada aperto de mão dizia melhor que as mais belas palavras. Depois que, sob música e disparo de foguetes, todas as bandeiras foram recolhidas na sede social, foi realizada mais uma pequena pausa para um ensaio geral da canção “O que é a pátria alemã”. Às 12 horas, três intensos tiros lembraram que era meio dia. Pouco antes das duas horas ocorreu a consagração das bandeiras das sociedades “Orpheus” e “Harmonia” e a senhorita Louise Müller realizou a seguinte alocução:

Em nome das esposas e filhas dos sócios do “Orpheus” somos incumbidas de entregar à prezada presidência esta bandeira alemã como uma prova de que conhecemos bem as aspirações da sociedade; com animado interesse tomamos parte no bem ou mal da sociedade; possamos porém ser um estímulo para mudanças contínuas e corajosas no caminho percorrido, despreocupados frente aos impecilhos e com forte desejo de vencê-los. Onde esta bandeira for desfraldada em vosso meio, tornem-se todos fiéis irmãos e um espírito anime-os: Um por todos e todos por um! Este é o vosso lema. Então levem convosco esta bandeira; as cores alemães preta, vermelha e dourada queiram vos lembrar constantemente que vocês serão verdadeiros alemães somente quando herdarem a virtude, moralidade e justiça alemãs; quando a simples palavra, canção ou aperto de

mão alemães valerem mais do que tudo; quando vocês perseverarem unidos na alegria e tristeza.

De fato a sociedade “Orpheus” não realizou a mudança de bandeira de 1871 com preto, branco e vermelho e, ainda hoje, desfralda-se em ocasiões sob seu telhado de estanho as velhas cores alemãs dos lutadores da liberdade de 1813, patriotas, que sob estas cores ambicionaram uma Alemanha livre em 1848; as cores dos homens da Federação Alemã e da Pauenskirche de Frankfurt e hoje novamente as cores da jovem República Alemã: preto, vermelho e dourado. Na consagração das bandeiras os sócios das diversas sociedades se reuniram e, às três horas, o cortejo festivo se movimentou pela Vila para o pavilhão de canto.

A bandeira brasileira, carregada por um oficial da Guarda Nacional a cavalo, abriu o cortejo acompanhado de dois membros do comitê da festa também a cavalo. Seguiu-a um coro de música, então as sociedades ordenadas em ordem alfabética, entre elas estavam distribuídos, em convenientes espaços, mais três coros de música. Durante o cortejo, os quatro coros se revezavam. Ao chegarem ao pavilhão de canto os coros cantaram suas canções e, finalmente, a canção de encerramento: “O que é a Pátria Alemã”, apresentada por todos os cantores e com intensa participação musical, o que ressoou bem em alguns corações:

“Sim, Deus no céu contempla.

E nos conceda autêntica coragem alemã,

Que nós possamos amá-la bem e fielmente.”

Às sete horas da noite, o cortejo se movimentou novamente para a sede social do “Orpheus”. A Vila também estava iluminada nesta noite e nunca São Leopoldo estava tão animada quanto nesta noite.

Por volta das nove horas, iniciou a janta para a qual as autoridades da Vila que compareceram estavam convidadas. Durante o primeiro brinde dedicado ao imperador levantaram-se as cortinas e, sob o palco decorado com bom gosto, estava o retrato do imperador D. Pedro II; o fogo vermelho e bengalês não deixou de embelezar o todo, durante o qual foi tocado o hino nacional brasileiro. Brindes sucederam-se uns após outros, canções sérias e engraçadas foram entoadas parte sobre o palco, parte no salão, também canções solo e declamações não faltaram e, somente mais tarde, após a meia noite, houveram as despedidas a fim de que todos pudessem se fortalecer com algumas horas de sono para o dia seguinte.

Extraído do DEUTSCHES VOLKSBLATT, Porto Alegre, Quinta-feira, 01/09/1927, p. 01-02.

[TEXTO 3]

Na segunda, 02 de fevereiro, as sociedades se reuniram novamente na sede da sociedade para o cortejo para Ruhmann e o Morro do Espelho. Se o dia de ontem estava lindo, mais ainda estava o de hoje; debaixo de intensa música e com bandeiras desfraldadas e enfeitadas com grinaldas, acampou-se como se pôde, pois as mesas foram rapidamente

ocupadas. Canta-se, fazem-se discursos e, naturalmente, não se esquece de prestar homenagem a Baco. De Ruhmann se vai para o Morro do Espelho, onde se confraterniza da mesma forma até que o sol se ponha. Aqui obtêm-se um brinde, especialmente levantado, que foi proposto por um sócio da harmonia de Novo Mundo, Sr. Peter Hagen, e que diz o seguinte:

Para os dois esteios da germanidade local, Sociedade Beneficiente Alemã (Hilfsverein) e o Jornal Alemão (Deutsche Zeitung).

Então, finalmente, o cortejo de retorno partiu. Todos os coros de música tocavam e foi, casualmente, tocada uma melodia conhecida por todos de maneira que todos cantaram juntos e as vozes estavam tão forte que a música dominava; son interminaveis hurra's e vivas dirigimo-nos para a Vila em direção ao local da sociedade, as bandeiras foram entregues e dispersamo-nos a fim de tomarmos banho para o baile que iria iniciar uma hora depois; também ali reinou a mais linda ordem e alegria geral, apesar do espaço local não conseguir abrigar os muitos convidados do baile. No início não houve a possibilidade de se pensar muito em dançar e somente após a meia noite os abrigados e os preocupados empoleirados participantes da festa puderam cautelosamente arriscar uma valsa, eles porém não ficaram para trás (em desvantagem)., pois o querido sol já estava no céu quando o último tom da última valsa entoou.

Bem constava no programa; Terça – De Manhã Cedo: *despedida das sociedades*. Porém, poucas sociedades de despediram pela manhã. Muitas sociedades permaneceram até a tarde. Os alegres cantores

ainda não podiam se separar de São Leopoldo e era um autêntico e alegre espetáculo ver os muitos rostos contentes. Tudo foi oferecido a fim de se aproveitar o dia de maneira divertida; fantasiemo-nos e fomos de casa em casa e, as muitas piadas fortes trouxeram muitos a risos. Tudo estava alegre, todos de bom humor, até que, finalmente, os vapores de Porto Alegre à tarde amargamente tomaram partida.

Para florescer as esperanças, aos que ambicionaram a 1ª Festa Alemã do Canto, que os alemães, através das sociedades, se mantenham sempre unidos, possa eles todos usufruir de empreendimentos que foram sempre conduzidos com bons exemplos, possam eles se amparar com conselhos e ações, então, e somente então, as sociedades preencherão seus objetivos; somente então elas poderão dizer: Foi uma linda primeira festa alemã do canto em São Leopoldo.

Hermann Großkopf, Secretário

Podemos ver que nossos velhos sabiam comemorar festas e tomar o tempo necessário para isso. Nenhum rádio, nenhum carro e nenhum telefone podia atrapalhar sua paz e comodidade.

Neste mesmo tempo, no ano de 1861, havia em São Leopoldo eruditos e relatores de viagens. B. Tschudi conta:

A Vila, que de todos os locais brasileiros causa diferentes impressões, constitui-se de algumas estradas regulares, que situadas às margens do Rio dos Sinos desembocam em um grande lugar. Muitos locais no mesmo ainda estão sem construção. Na estrada da Cruz (Kreutzstraße) as casas estão juntas penduradas em linha ininterrupta e há muitas grandes da

altura de dois andares e de até seis janelas de largura, contra as quais a maioria somente tem um piso de construção massiva, têm, contudo, cobertura de telhas, através das quais a localidade ganha uma aparência agradável. No todo entretanto, têm um aspecto rústico, sobretudo também a principal estrada, mesmo que todas as casas estejam equipadas com passeios; porém, sem calçamento, a mesma é e lembra, com suas estradas arenosas, suas casas baixas e todas as suas cercanias agradáveis, aos grandes povoados húngaros. Grandes construções notórias a localidade ainda não possui, contudo, mesmo assim é uma cidade, cujos planos ainda prometem torná-la uma construção considerável, as construções nos saúdam e são dos privados uma grande casa de teatro amador, casa de bailes, cassino, e etc. que estão sendo empreendidos. Casas de Deus a localidade possui agora somente uma simples capela católica (N. S. dos Passos) e uma casa de orações protestante. A população é de 1500 almas. Ela constitui-se em sua maioria de artesãos alemães, que a elevaram a uma das localidades mais industrializadas da província. Também o comércio da mesma é bastante considerável, pois a Vila constitui-se de local de depósito de produtos agrários das colônias alemãs do município e de colônias vizinhas, que são conduzidos através do navegável Rio dos Sinos para a capital da província, a qual a vila também permanece ligada mediante o tráfego regular de barcos. Contudo, este caminho fluvial é duas vezes maior que o caminho terrestre por causa das curvas. Também o ensino possui novidades (1861) em São Leopoldo, após ter permanecido durante muito tempo embaixo nível. Isso se deve principalmente aos esforços da comunidade de São Leopoldo através de solicitação ao Conselho Superior da Igreja de Berlim mediante o envio do pregador Dr. Borschhard, que despertou um empolgante interesse pelas escolas alemãs que se encontravam nas mãos indignas de pais alemães desleixados. Agradecemos a ele por ter convocado reuniões de professores e fundado bibliotecas para os professores. O mesmo também fundou uma escola alemã com um instituto para rapazes o qual foi conduzido significativamente por sua pessoa. (Um ano mais tarde foi aberto pelos jesuítas um novo estabelecimento de ensino que logo alcançou significativo número de alunos).

A Vila, que procura preservar toda sua câmara municipal constituída de membros alemães, também é sede de um magistrado. Embora os colonos alemães (Wappäus, Reino do Brasil 1824) já houvessem chegado em 1824, após a guerra civil Ter quase que praticamente arruinado esta colônia, teve de se iniciar de novo o trabalho colonizador. A partir daí, graças a força deste novo início, houve um crescimento do

desenvolvimento tão rápido que, hoje, passados 20 anos, São Leopoldo se constitui no mais rico, florescente e populoso município da província.

Os alemães em São Leopoldo, diz Tschudi, são na sua maioria independentes, pessoas conscientes, não somente máquinas de trabalho, que se permitem liderar por algum juiz local ou por um cego conselheiro provincial, nem se encontram aqui para encher os grandes buracos dos bolsos do Estado com exorbitantes impostos. Eles preservaram seus costumes e rituais alemães e, em grande parte, suprimiram o servilismo. A língua alemã transmite-se de pai para filho sem se deixar influenciar pelo elemento estranho. Esta sentença (Wappäus), com a qual este repórter concorda, também vale para as outras grandes colônias alemãs. Sim, o que diz respeito a preservação da língua alemã e alguns de seus dialetos e o distanciamento da vida nacional brasileira, estes não devem ser encarados de longe como teimosia, mas como uma particularidade alemã, pois estes alemães não conhecem fora de sua colônia nada do Estado que se tornou sua pátria. Por isso, se tornou verdadeiro estranho e um elemento político totalmente passivo (sic). Estes não podem, por não conhecerem nada das instituições políticas e leis do Estado e não saberem nada da língua, exercer seus direitos políticos.

Mais ainda diz Avé-Lallemant. Os alemães em São Leopoldo não podem, mesmo que todos possuam negócios de sucesso, desempenhar um cargo público, nunca podem ser deputados, nunca escolher um deputado provincial de seu meio, não podem em vida ou à negócios

atravessar o passo, assim como a Vila toda por causa do rio dos Sinos, como se chama a travessia aqui, sair para a sua própria província.

Muito do que os antigos escritores escrevem foi ultrapassado com o passar do tempo, mas muito também se permite constatar como uma amarga verdade ainda nos dias de hoje. Ainda hoje o elemento alemão é desinteressado pela política. Ainda hoje não mantêm no congresso estadual, silenciados a respeito da federação, a representação e influência de que *de* fato merece.

Com temos e hesitação ainda hoje, provavelmente, a maioria das pessoas se previne de uma união dos teuto-brasileiros que defendem seus próprios interesses como uma coisa que, sob determinadas circunstâncias, poderia contaminar os luso-brasileiros, que politicamente também hoje ao invés de nos considerar maduros não nos levam a sério. Que isso é assim é culpa deles mesmos, pois cada povo merece o governo que tem.

Correntes que animam a unidade e união teuro-brasileira já se encontram disponíveis hoje. A quais resultados conduzirá é de se aguardar e, quando decorrerem 50 ou 100 anos nesta terra, estes ficam reservados a outro cronista.

Extraído do DEUTSCHES VOLKSBLATT, Porto Alegre, Sexta-feira 02/09/1927, p. 01-02.

ANEXO 18

TÊNIS CLUBE SÃO LEOPOLDO

LIVRO DE ATAS Nº 1

Em 25 de setembro de 1912 teve lugar a Assembléia Geral Constituinte da T.C.S.L. Estavam presentes os srs. Oswald Fränkel, Paul Fritz, Dr. Ernst Rotermund, Fritz Rotermund, Artur Schmidt e Ernest Zumbruch. O Clube recebeu o nome de "Tennis Clube São Leopoldo" ou abreviado "T.C.S.L." A seguir foi decidido:

- I. Tornar perfeita a cancha, isto é, fechá-la com uma cerca de arame, que deverá receber duas portas.
- II. A sociedade comprará mais duas raquetes, além das duas já existentes.
- III. A contribuição mensal do Clube será de Rs 5.000 até Segunda ordem.
- IV. Cada sócio se compromete a pagar, dentro de 4 meses, 60.000Rs à Tesouraria da Sociedade. Essa soma será utilizada para amortização da dívida do Clube. A contribuição mensal está incluída nesses Rs 60.000.
- V. As senhoras não serão obrigadas a pagamento algum.
- VI. Não serão aceitos sócios adicionais.

VII. Cada sócio que se demitir do clube, perderá seus direitos ao patrimônio da Sociedade.

VIII. A cancha poderá ser alugada ao preço de Rs 1.000 por hora, nas épocas, em que nenhum sócio do Clube queira jogar.

IX. O clube se compõe dos seguintes sócios:

1. Presidente: Oswald Fränkel, nasc. 1 de agosto de 1886.
2. Tesoureiro: Dr. Jur. Ernst Rotermund, nasc. 16 de fevereiro de 1889.
3. Secretário: Ernst Zumbruch, nasc. 5 de junho de 1887.
4. Encarregado dos jogos: Arthur Schmidt, nasc. 16 de maio de 1878.
5. Vive-Presidente: Fritz Rotermund, nasc. 28 de setembro de 1885.
6. 2º Tesoureiro: Paul Fritz, nasc. 1 de agosto de 1888.

Pertencem ao Clube ainda:

Srta. Elsbeth Rotermund,

Srta. Lucie Ganno

X. Como data de fundação da Sociedade será considerado o dia 25 de setembro.

São Leopoldo, setembro de 1912.

O Secretário

Ass. Zumbruch

[As atas terminam em 17/10/1915 e reiniciam em 24/09/1937.]

ANEXO 19

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ESTATUTOS DO CLUBE RECREIO JUVENIL:

Plínio Kroeff,
Ney Câmara,
Mário Sperb,
Friedel Bieri.

DIRETORIA ELEITA PARA O ANO SOCIAL DE 1928/29

Presidente: Dr. Mário Sperb
Vice-Presidente: Plínio Kroeff
Conselho Fiscal: Edgar Coelho
Nelson Moog
Erwin Weinmann.

Fonte: ESTATUTO DO CLUB RECREIO JUVENIL. São Leopoldo, fevereiro de 1928. MHVSL.

ANEXO 20

HYMNO DO JUVENIL*

Juvenil!
Um jorro de luz raiado
Que brilhando passa
Atravez o espaço azulado.
Teu clarão ilumina
Tod'o vigor, toda a graça,
Tod'o valor de uma raça
Cujo amor varonil
Ante o teu nome culmina.

Grande symbolo sobranceiro
De nossos sonhos mil,
Por ti juramos com ardor
Daremos todo nosso amor
Para que te ergas altaneiro
De nossas almas de elite
E em nossos lábios com fervor
Sempre teu nome fremite.
Juvenil!

*Autores: Radamés Gnatalli e Carlos Octaviano de Paula Júnior

ANEXO 21

EVENTOS DO CLUBE RECREIO JUVENIL

QUADRO DE EVENTOS DE 1928/1929

	LOCAL	JAZZ	OBSERVAÇÃO
21/04	Soc. Orpheus	Carijós	Baile Inaugural
19/05	Club. Rio Grandense	Carijós	Reunião Dansante
09/06	Soc. Orpheus	Carijós	Hora da Arte – Danças
16/07	Soc. Orpheus	Zazá	Reunião Dansante
11/08	Soc. Orpheus	Royal	Baile Futurista Gala
27/12	Soc. Orpheus	2º Orchest.	Kerb 1ª Noite
28/12	Soc. Orpheus	1º Orchest.	Kerb 2ª Noite
15/12	Soc. Orpheus	8ºBC	Baile de Aniversário
09/02/1929	Soc. Gymnástica	8º BC	Carnaval 1ª Noite Coroação
11/02	Soc. Gymnástica	8º BC	Carnaval 2ª Noite Hom. À Rainha

QUADRO DE EVENTOS DE 1929

	LOCAL	JAZZ	OBSERVAÇÃO
20/04	Soc. Gymnástica	Carijós	Baile de Gala dedicado a Miss São Leopoldo
22/06	Club. Rio Grandense	Carijós	Hora da Arte dedicado aos Srs. Sócios Casados
03/08	Soc. Orpheus	Carijós	Grande Baile de Inverno
14/09	Soc. Orpheus	Carijós	Baile dedicado ao Cordão dos Silenciosos
15/09	Club. Rio Grandense	Carijós	Reunião Dansante
12/10	Soc. Gimnástica	B.L. Grande	Juvenil Kerb
13/10	Soc. Gimnástica	B.L. Grande	Juvenil Kerb
14/12	Soc. Orpheus	Royal	Baile de Gala Aniversário do Club
01/03/19 30	T. Independência	Imperial	Carnaval Baile de Entronização
02/03	T. Independência	Imperial	Carnaval Baile à Fantasia
03/03	T. Independência	Imperial	Carnaval Baile dedicado a nossa soberana Gilda I

Baile de Gala comemorativo ao 2º Aniversário do Club Recreio Juvenil

Eleição da Rainha de 1930

Comissão de Recepção

J. Otto Klein
Carlos O. Paula Jr.
Celso B. Weber
João G. Simon
Heitor E. Stumpf
Erwino Weinmann

Comissão de Baile

Dr. Mário Sperb
Victor O. Schmidt
Carlos Augusto Meier
Radamés Gnatalli
Plínio G. Koeff
Frederico G. Bieri

QUADRO DE EVENTOS DE 23/04/1930 A 14/04/1930

	LOCAL	JAZZ	OBSERVAÇÃO
17/05	CLUB. Rio Grandense	8º BC	Sarau Dansante
28/06	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Gala em hom. Miss São Leopoldo
12/08	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Gala em Hom. Miss Brasil ()
22/11	Soc. Orpheus	Independente	Baile dedicado à vitória da Revolução
13/12	Soc. Orpheus	Royal	Baile de Gala Aniversário em hom. a nossa soberana
14/12	Soc. Orpheus	Independente	Reunião Dansante

* Participação de Yolanda Pereira, Miss Brasil e, posteriormente Miss Universo.

Baile da Victoria (22/11/1930)⁶

Comissão:

Nelson Moog
Ivo Doernte
Olavo Moog
Dercio Haas
Elpídio Fialho

⁶ Informações retiradas do convite.

QUADRO DE EVENTOS DE 1931

	LOCAL	JAZZ	OBSERVAÇÃO
07/02	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Entronização
15/02	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Carnaval
17/02	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Carnaval
25/04	Soc. Orpheus	8º BC	Recepção (?)
13/06	Soc. Orpheus	8º BC	Baile Gala dos Gravatinhas
01/07	Soc. Orpheus	Carijós	Chá Dansante
12/09	Soc. Orpheus	Americano	Grande Baile das Nações
14/11	Soc. Orpheus	Diversos	Baile da Roça
19/12	Soc. Orpheus	8º BC	Baile de Aniversário em Hom. à Rainha

07/02 - Eli Bier eleita Eli I

12/09 – presença do Deputado Manfredo Chiastrì.

Grande Baile das Nações de 1931⁷

Homenagem ao corpo consular do Estado (12/09/1931)

HOMENAGEADOS

- S. Ex. o Snr Consul Geral da República da Alemanha
- S. Ex. o Snr Consul da República da Argentina
- S. Ex. o Snr Consul da República da Áustria
- S. Ex. o Snr Consul de S. M. Rei da Bélgica
- S. Ex. o Snr Consul da República do Chile
- S. Ex. o Snr Consul de S. M. Rei da Dinamarca
- S. Ex. o Snr Consul da República da Espanha
- S. Ex. o Snr Consul da República dos Estados Unidos da América do Norte
- S. Ex. o Snr Consul da República de França

⁷ Informações retiradas do Convite do Baile

S. Ex. o Snr Consul de S. M. Rei da Inglaterra
 S. Ex. o Snr Consul de S. M. Rei da Itália
 S. Ex. o Snr Consul de S. M. Rei dos Países Baixos
 S. Ex. o Snr Consul da República de Portugal
 S. Ex. o Snr Consul da República do Uruguai

Convidados de Honra

S. Ex. o Snr. General J. A. Flores da Cunha, Interventor Federal
 S. Ex. o Snr. Dr. Sinval Saldanha, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior.
 S. Ex. o Snr. Dr. Antunes da Cunha, Secretário do Gabinete do Governo do Estado.

Comissão de Recepção

Luiz E. Schmidt	João Henning
Emílio E. Muller	F.G. Schmidt
Cel. Nero Alvim Borges	Dr. Norberto V. de Vasconcelos
Germano Hauschild	Arno Nabinger
Lofaiete R. Pinto	Oscar Boeckel
Rubem Corrêa	Tte. Arquimínio A. de Azevedo
Dr. Júlio A. Villanova	Alberto Kappel
Dr. Manuel de Freitas Valle e Silva	Frederico Ostermayer

Comissão de Baile

Elpídio Fialho	João Simon
Verno Renner	Oswaldo Blauth

Comissão Organizadora

Othon Blessmann	Teodoro de Paula
Leo Kayser	Nei Camara
Otto Klein	Carlos de Paula Junior

Atrações da Noite:

Coroação da Rainha do Baile das Nações.

90 amadores apresentarão espetáculos de arte, cenas típicas das nações homenageadas.

Animação será realizada pelo Conjunto de Jazz Americano

* Solicita-se aos convidados que não se façam presentes acompanhados de crianças.

**RELATÓRIO DE 15/01/1933 a 15/01/1934
EVENTOS DE 1932**

DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
18/02	Soc. Orpheus	Grande Baile de Entronização de Luci I
26/02	Soc. Orpheus	Baile de Carnaval
28/02	Soc. Orpheus	Baile de Carnaval
27/04	Soc. Orpheus	Baile de Honra ao Juvenil Cesto Ból
08/07	Soc. Orpheus	Chá Dansante
26/08	Soc. Orpheus	Noite Verde – grande Baile de Gala
16/12	Soc. Orpheus	Grande Baile de Aniversário em hom. a S.M. Luci I